

FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEDALUS - Acervo - FAU



20200016203

Pátio do Colégio, o Centro Tradicional Paulistano

Luis Octavio de Faria e Silva

Orientador: Prof. Dr Sylvio Barros Sawaya

São Paulo - julho 2001



sysmo:
1228802

Pátio do Colégio,
o Centro Tradicional Paulistano

Luis Octavio de Faria e Silva

Dissertação apresentada à Faculdade de
Arquitetura e Urbanismo da Universidade de
São Paulo para obtenção de grau de Mestre.
Orientador: Prof. Dr Sylvio Barros Sawaya



São Paulo - julho 2001

Ao Pedro, meu filho, que tanto me faz rever posições em relação à vida,
À Malu, minha mulher, que muito acreditou no que eu precisava dizer,
À minha mãe, meu pai e meus irmãos,
queridos companheiros de tantos caminhos trilhados,
Ao Sylvio, mestre e amigo.

Agradecimentos

Ao Prof. Sylvio Barros Sawaya, inspirador de muitos movimentos que resultaram no trabalho.

À arquiteta Anália MMC Amorim, por tantas contribuições, livros e palavras de apoio.

Ao grupo de pesquisa associado ao Prof. Sylvio: Zezé, Nuno, Stella, Teresa H., Teresa R., Lurdinha, Denise, Adriano, Marta, Guile e Márcia. Também à arquiteta Adriana M. de Oliveira por sugestões e entusiasmo.

Ao arquiteto Benedito Assagra Ribas de Melo por tantos livros e sugestões.

Ao arquiteto e fotógrafo Marcos Freire, companheiro de passeios-reportagem pelo Centro e arredores.

À arquiteta Lúcia Hashizume pela ajuda na organização dos mapas.

Aos professores da FAUUSP, em especial ao Prof. Carlos Zibel Costa e Prof. Júlio Roberto Katinsky, por comentários e críticas que balizaram o processo.

Ao Frédéric Berthéléme e Mônica Schoenacker pelo delicado apoio na edição final do trabalho.

À FAPESP

À Universidade de Taubaté e seu Depto de Arquitetura e Urbanismo, pela acolhida sempre delicada e pelo apoio financeiro.

Aos funcionários das Bibliotecas da FAUUSP

À Joan Spencer pelo simpático apoio na tradução do resumo

À força que age independente da minha ilusória vontade.

Resumo

Reflexão sobre o Centro paulistano que leva em consideração seus aspectos simbólicos.

A partir da definição de Centro em uma Tradição regular ou ortodoxa - lugar diferenciado por ter sido teatro de revelação da Unidade primeira que tudo contém - o atual Pátio do Colégio, cujas características fazem pensar num sítio escolhido segundo procedimentos tradicionais, é considerado o Centro Tradicional paulistano. Ali, no século XVI, encontram-se as Tradições ameríndias e a Tradição cristã (que traz consigo aspectos das Tradições européias pré-cristãs).

Situado numa posição estratégica da Bacia do alto Tietê, o lugar central paulistano é examinado a partir da análise do processo de ocupação daquele compartimento do Planalto Atlântico, que se inicia com um olhar para a formação geológica e morfologia deste, procura entender sua ocupação pré-cabralina e em seguida as várias configurações que se realizaram efetivamente e como projetos no atualmente chamado Pátio do Colégio, que já foi o terreiro dos jesuítas, o adro da vila e o Largo do Palácio.

Simultaneamente, examina os simbolismos presentes nesse lugar central e apresenta um processo de projeto para a borda oriental da colina onde se estabeleceram no quinhentos os jesuítas com sua São Paulo de Piratininga e para seu entorno imediato como a antiga várzea do Carmo e arredores.

Estudo do lugar central paulistano que procura compreender até que ponto os aspectos simbólicos interferem na existência dinâmica e produção do espaço social da cidade e tem como conclusão que não se poderá fazer renascer o Centro de São Paulo sem considerar significados profundos expressos nos seus simbolismos.

Abstract

Reflection on São Paulo old urban Center that takes into consideration its symbolical aspects.

Following a definition of Center in a regular or orthodox Tradition – particular place for having been the state of a revelation of the prime Unity that comprises everything – the current Pátio do Colégio (Ancient Jesuits College Yard), whose characteristics make one think of it as a site chosen according to Traditional procedure, is considered the Traditional Center of São Paulo City. There, during the XVIth century, the American Indians Traditions met the Christian Tradition (bringing also some aspects of Pre-Christian European Traditions).

Located on a strategic position of the high Tietê river basin, the central site of São Paulo is here examined through the analysis of the occupation process of this area of the Atlantic Plateau. This investigation starts with a view of the geological formation and geomorphology of this piece of land, aiming also at understanding its human occupation before the arrival of the Europeans in the XVIth century, followed by various aspects that effectively took place or as urban projects on the area presently known as Pátio do Colégio, that once was the Yard of Jesuits, the main yard of the town and the square of the Governors Palace.

Simultaneously, this work examines the symbolisms present in this central place and shows the procedure of projects moving towards the oriental edge of the hill where the Jesuits settled in the XVIth century, naming it “São Paulo de Piratininga”, spreading to the nearby locations such as the ancient Carmo lea.

This is a study of São Paulo's central area that attempts to understand the extent to which the symbolic features interfere in the dynamic existence and the creation of social space. The conclusion being that it is not possible to revive the São Paulo Center without taking into consideration the deep meaning expressed in its symbolisms.

Sumário

1	<i>Introdução</i>	11
1.1	<i>O Centro Tradicional de São Paulo como objeto específico de estudo</i>	11
1.2	<i>Objetivo - compreender a relação entre a dinâmica existente na produção do espaço social da cidade e a questão do simbólico, do significado, tomando o antigo terreiro de Jesus paulistano, o Centro Tradicional de São Paulo, como referência.</i>	13
1.3	<i>Problemática - Até que ponto o simbólico vai participar da transformação do existente; até que ponto pode interferir nas tendências que essa existência dinâmica apresenta</i>	14
1.4	<i>Linhas de trabalho, que representam a maneira com que se defrontou com a problemática</i>	14
1.5	<i>Referências básicas</i>	16
2	<i>Centro Tradicional e Modernidade</i>	17
2.1	<i>Tradição</i>	17
2.2	<i>Centro numa Tradição regular ou ortodoxa</i>	17
2.3	<i>Tradições pré-cabralinas no Brasil</i>	19
2.4	<i>Mitologia (cosmologia) entre os tupi-guarani</i>	21

2.5	<i>Tradição cristã; os jesuítas</i>	24
2.6	<i>A Companhia de Jesus</i>	25
2.7	<i>A arte cristã</i>	26
2.8	<i>Tradição cristã na Bacia do alto Tietê</i>	29
2.9	<i>O Centro de São Paulo de Piratininga - em que medida o evento da fundação jesuítica de São Paulo, uma composição de estratégias de ocupação do território e de conversão em Cristo, atualiza desígnios imemoriais, ancestrais</i>	29
2.10	<i>Em que medida se mantém aspectos tradicionais na cidade atual - diante da revisão que se faz da modernidade, pesquisa de desígnios imemoriais vestidos com roupagem moderna; até que ponto somos modernos; o que é modernidade (Luc Ferry); modernidade do Brasil, sempre um projeto de futuro - o que é projeto hoje, depois da revisão pós-moderna - inteligência mundial Chardin vs oportunismo globalização</i>	31
2.11	<i>O Brasil como um projeto</i>	34
2.12	<i>A perspectiva de um Projeto simbólico para o Centro Paulistano</i>	38
3	<i>Análise do processo de ocupação do Centro paulistano, em especial do Pátio do Colégio.</i>	39
3.1	<i>A Bacia do alto Tietê pré-cabralina</i>	39
3.2	<i>Origem geológica da Bacia do Alto Tietê</i>	40
3.3	<i>Geomorfologia da Bacia do alto Tietê</i>	47
3.4	<i>Ocupação pré-cabralina da Bacia do alto Tietê</i>	52
3.5	<i>Dinâmica e ideologia sócio-cultural dos Tupi-Guarani</i>	56
3.6	<i>Período da Fundação Jesuítica</i>	57
3.7	<i>Índios aldeados; sistema de aldeamentos; desenho dos aldeamentos</i>	58
3.8	<i>Sob a égide dos jesuítas, descidas de índios; início da Vila; bandeirantes</i>	68
3.9	<i>Ciclo do Ouro; esvaziamento de São Paulo</i>	69

3.10	<i>Expulsão dos jesuítas; reestruturação de São Paulo a partir do fim do Setecentos iniciada com a transformação do edifício jesuítico em Palácio de Governo; o início do Oitocentos</i>	70
3.11	<i>O modesto Ciclo do açúcar em São Paulo</i>	74
3.12	<i>Ciclo do café; caminhos de ferro e núcleos coloniais; desencantamento de São Paulo (demolição de templos, procissões perdem adeptos, comércio marca o ritmo da cidade); importadoras de produtos europeus iniciam a industrialização local no sentido de substituir alguns bens ou componentes de difícil transporte; fim da taipa - projetos de transformação do Largo do Palácio e novo Palácio do Governo e Secretarias de Ramos de Azevedo; temporal faz ruir a igreja dos jesuítas</i>	75
3.13	<i>Demolição da Igreja dos jesuítas</i>	81
3.14	<i>Urbanismo modernizador em São Paulo e seus reflexos no Largo do Palácio</i>	81
3.15	<i>Prestes Maia; o perímetro de irradiação e o papel do Largo do Palácio</i>	86
3.16	<i>O metrô e a reestruturação do Pátio do Colégio - da idéia de construção de estacionamentos nas imediações do Pátio à construção de estacionamentos pouco criteriosos e projeto de transformação da colina em um grande estacionamento central - a cidade do automóvel em luta com a perspectiva de um transporte coletivo de massa; a pedestrianização das ruas do centro paulistano.</i>	88
3.17	<i>O que se quer retomar com projetos recentes: Projeto Artigas para o Anhangabaú; Novo desenho para o Anhangabaú Jorge Wilhelm e Rosa Kliass; Projeto Sé-Arouche; Prefeitura no Palácio das Indústrias e Projeto Parque D. Pedro II; novo terminal D. Pedro II; o Concurso para o Centro de 1996; o fura-fila; a proposta dita védica do edifício Maharishi SP Tower of Peace</i>	91
3.18	<i>A tentativa recente de retomada do Centro; arcabouço de baixa utilização com propostas de ocupação: luta entre a habitação popular chegando e uma utilização anterior que gostaria de se reestabelecer - o que deve existir no Centro tradicional</i>	96
3.19	<i>O 'Viva o Centro' e sua não relação com os aspectos simbólicos do Centro</i>	98
4	<i>Exercício hermenêutico sobre o Pátio do Colégio</i>	100
4.1	<i>A questão simbólica - o trabalho com os significados e sua aplicação direta</i>	100
4.2	<i>A linguagem do símbolo, única possível para determinadas verdades</i>	102
4.3	<i>Os regimes de imagem segundo Gilbert Durand</i>	103
4.4	<i>Símbolo, uma criação orgânica, ou seja, recriada continuamente pelo 'usuário'; práxis recupera o simbólico</i>	104

4.5	<i>O simbolismo do templo cristão</i>	104
4.6	<i>Paisagem simbólica do Centro Paulistano</i>	105
4.6.1	<i>Simbolismos no edifício existente no Pátio do Colégio</i>	105
4.6.1.1	<i>O Campanário com seus Sinos, uma torre: uma montanha simbólica</i>	106
4.6.1.2	<i>Pia de Água Benta, água, caos que antecede o cosmos</i>	106
4.6.1.3	<i>Porta, ritual de transposição</i>	107
4.6.1.4	<i>Altar</i>	108
4.6.2	<i>Simbolismos no espaço urbano envoltório ao Pátio do Colégio</i>	109
4.6.3	<i>As igrejas e os conventos no entorno do antigo Colégio jesuítico</i>	110
4.7	<i>O dia 25 de Janeiro - data da conversão de São Paulo - um projeto já que dia escolhido para fundação de um aldeamento que já existia operacionalmente</i>	113
5	<i>A construção do espaço social do Pátio do Colégio e simbolismos ali presentes</i>	114
5.1	<i>O ponto articulador de caminhos e como isso se marginalizou mas permanece. O projeto de recuperar as articulações em um outro nível</i>	115
5.2	<i>Análise do que permaneceu e do que se foi - a forma atual</i>	118
5.3	<i>O que se restaurou no atual Pátio do Colégio</i>	119
5.4	<i>Através do Colégio de Piratininga, seus edifícios existentes e em memória, pode-se perceber as transformações ocorridas nas atitudes em relação à cidade de São Paulo</i>	120
5.5	<i>A colina central na Bacia do alto Tietê, o Centro jesuítico, o Centro de Poder da Capitania, o Centro da Metrópole.</i>	122
5.6	<i>O Centro na metrópole, o Centro tradicional no Centro, o antigo terreiro dos jesuítas</i>	124
5.7	<i>A situação atual e suas potencialidades</i>	125

6	<i>Bases para um Projeto Simbólico do Centro paulistano</i>	127
6.1	<i>O processo de projeto empreendido, uma aproximação preliminar</i>	127
6.2	<i>Crítica ao processo de projeto empreendido</i>	134
6.3	<i>O significado da Cruz; totalização, conciliação dos contrários</i>	137
6.4	<i>O ato fundador do Colégio de São Paulo de Piratininga - a cruz foi uma forma de mediação</i>	141
6.5	<i>Templos e Mercadores</i>	142
6.6	<i>Um exemplo panteísta para os novos tempos - convocação para que as Religiões reassumam seu papel</i>	145
6.7	<i>A terra como material na reconstrução do Centro Tradicional de São Paulo</i>	147
7	<i>Conclusão</i>	157
7.1	<i>Projeto como exercício simbólico - há um simbólico criado para cada momento - a crítica ao exercício simbólico 'puro' - a perspectiva de um 'simbolismo laico'</i>	159
7.2	<i>Necessidade do projeto específico e local para se situar no mundo que ficou mais próximo - as especificidades face a esse projeto; a recuperação das Tradições.</i>	160
7.3	<i>Projeto como conhecimento ativo; Possibilidade vs. Atualidade</i>	161
7.4	<i>Proposição interpretativa do renascimento do Centro - o que é renascimento: só renasce o que é espiritual, os valores, as significações.</i>	163
	<i>Anexos</i>	164
	<i>Bibliografia</i>	170
	<i>Fonte das ilustrações</i>	173

Introdução

O Centro Tradicional de São Paulo como objeto específico de estudo

Nas páginas que se seguem, o que se procura é a compreensão do Centro Tradicional de São Paulo, o Pátio do Colégio, tanto no que ele possui de *visível*, ou seja, as formas ali presentes e captadas pela Iconografia, a maneira como ali, e nas suas imediações, ocorrem e ocorreram os movimentos (a circulação das pessoas), e os seus monumentos, que representam permanências de princípios que se deseja conservar, além de, através do projeto, no que há de *possibilidades* para aquele lugar.

Serão apresentadas definições de *Centro* e de

Tradição que são base para a afirmação de que o atualmente denominado Pátio do Colégio deve ser considerado o Centro Tradicional de São Paulo.

Para tanto, será necessário refletir sobre as maneiras de se definir Centro e sobre os símbolos presentes no Pátio do Colégio que indicam o que sedimentou naquela ocupação.

É bom lembrar que a denominação Pátio do Colégio foi assumida com vigor quando da decisão de, a partir da demolição do antigo Palácio do Governo, reconstruir o convento e igreja jesuítcos que iniciaram a ocupação paulistana, e trata-se, portanto, de algo que se dá a partir do final da década de 1940, início da década de 1950.



Igreja do Colégio a partir da rua Anchieta

Da primeira adaptação espacial, de origem européia, efetuada no sítio da fundação de São Paulo, através das cartas de jesuítas que a viram e habitaram¹, sabe-se que contava com uma pequena estrutura, ‘terá de comprido 14 passos e 10 de largo’², e que era possivelmente construída com materiais utilizados nas ocas dos povos que já habitavam a Bacia do alto Tietê. Poucos anos depois daquela primeira cabana, foi construída uma igreja em taipa de pilão que recebeu o altar que havia na pequena estrutura inicial. Discutiremos adiante algumas das características do templo que nos chegou aos dias de hoje, desenvolvido a partir daquela matriz, talvez a primeira obra jesuítica em taipa de pilão executada na região, a Igreja do Colégio de São Paulo, cuja construção foi encabeçada pelo Pde S.J. Afonso Brás que segundo Carlos Lemos, é a quem devemos ‘a divulgação e generalização daquela técnica que se tornou a “marca registrada” dos paulistas (...)’³.

Aos poucos, o complexo de edifícios que abrigava as atividades de ensino, pregação dos Evangelhos, repouso e serviços para a sobrevivência dos jesuítas foi sendo modificado, ampliado, atualizado, tendo sido seus interiores adaptados para diversas funções.

No fim do quinhentos, o vazio diante do Colégio⁴, assim denominava-se a casa jesuítica, era o adro da já vila de São Paulo. ‘(...) Os camaristas dispensavam, normalmente, a menção ao seu nome, pela desnecessidade do chamamento, o templo, ele mesmo, transformado no referencial básico:

Aos coatro dias do mês de abril de mil e quinhentos e setenta e cinco anos as portas da igreja desta villa de san paullo a sair da missa estando junto a mor parte do povo desta villa (Atas, I, 72; 4/4/1575);

(...) no adro desta villa e estando a frente da igreja (Atas, I, 165; 23/5/1580);

... nesta villa de são paulo ao pe da cruz que sta junto do adro da dita vila (Atas, I, 322; 24/8/1587);

junto da cruz que esta defronte da igreja do s^or são paulo (Atas, I, 467; 1/8/1593)’⁵

Desde a expulsão dos jesuítas no fim do setecentos, o terreiro jesuítico passou a ser chamado de Largo do Palácio já que o antigo Colégio havia sido ocupado pelo Governador da Capitania restaurada de S. Vicente, futura Província de São Paulo, que o fez tornar-se o Palácio do Governo. Mesmo no período em que oficialmente teve o



Pátio do Colégio visto do alto do edifício do Banco do Estado

1 enviadas a seus provinciais, companheiros em outros sítios e ao fundador da Companhia de Jesus, S. Inácio de Loyola

2 Anchieta, José de *Cartas, Informações, Fragmentos históricos e sermões* EDUSP São Paulo ED. Itatiaia B. Horizonte Pág. 83

3 Lemos, Carlos A C *Casa Paulista* Edusp São Paulo 1999 Pág. 23

4 Mais adiante, esclarecimentos no sentido de identificar quando efetivamente ali funcionou oficialmente um Colégio jesuítico e quando funcionou como Residência para os inacianos.

5 Dick, Maria Vicentina de Paula *A dinâmica dos nomes na cidade de São Paulo 1554-1897*

Annablume São Paulo Pág. 155-6; inclui citações das Atas da Câmara de São Paulo que a autora utiliza.

nome de Praça João Pessoa (1932-1954), quando já não estava mais ali a sede do governo estadual, o nome Largo do Palácio ainda se manteve como referência para os paulistanos.

Há, por vários séculos, uma persistência do adro do Colégio como o lugar central paulistano e, mesmo atualmente, o seu sítio é ainda lembrado como origem da ocupação na Bacia do alto Tietê. Veremos a seguir que Centro e Origem são, de certa forma, sinônimos numa Tradição e, portanto, há um potencial importante naquele aparentemente esmaecido vértice do Centro expandido de São Paulo.

Objetivo - compreender a relação entre a dinâmica existente na produção do espaço social da cidade e a questão do simbólico, do significado, tomando o antigo terreiro de Jesus paulistano, o Centro Tradicional de São Paulo, como referência.

O espaço social na cidade, espaço de convívio e troca, está em transformação contínua. Nesse turbilhão de transformações, no entanto, algo permanece como significado profundo. Na dinâmica das transformações, algo se está continuamente reafirmando. Atualiza-se, assim, com novas

roupagens, relações já sedimentadas.

O objetivo do presente estudo é deter-se na relação que se percebe entre a dinâmica existente na produção do espaço social da cidade e os significados profundos que são sua motivação essencial. A dinâmica das transformações na cidade se pretende verificar através da reconstituição de seus momentos principais e dos seus períodos de transição. Os significados profundos através de um exercício hermenêutico - um estudo que leva em consideração a questão simbólica.

Da necessidade de se estabelecer um foco para o estudo, sem o qual não se atingiria a profundidade desejada, o antigo terreiro de Jesus paulistano tornou-se a referência a partir da qual a cidade de São Paulo e seu Centro tem sido investigados. Ademais, trata-se do Centro Tradicional paulistano e, portanto, apesar de abafado pela modernidade, um lugar simbolicamente muito forte. Trata-se, portanto, de um estudo da dinâmica de produção do espaço social na cidade de São Paulo e mais detalhadamente no seu Centro Tradicional, antigo terreiro jesuítico, chamado Pátio do Colégio. A borda oriental da colina central paulistana onde se instalou o antigo Colégio jesuítico é claramente um sítio de domínio dos Campos de Piratininga, é



*Palais du gouvernement à St Paul
(Palácio do Governo em São Paulo) 1827
Jean Baptiste Debret*

portanto central na Bacia do alto Tietê e um ponto privilegiado para se acompanhar a aurora.

Ali foram erigidos símbolos de afirmação de certos preceitos que serão estudados no sentido de decifrar seus significados essenciais.

Problemática - Até que ponto o simbólico vai participar da transformação do existente; até que ponto pode interferir nas tendências que essa existência dinâmica apresenta

Todas as transformações promovidas pela Vontade humana referem-se a motivações essenciais da vida do Homem. Existindo, o ser humano modifica o ambiente e as transformações que promovemos são símbolos de nossas motivações profundas.

Linhas de trabalho, que representam a maneira com que se defrontou com a problemática:

A características geomorfológicas do sítio onde se encontra o Centro Tradicional; *B* processo de ocupação desde seus primórdios; *C* visão que a modernidade tem do processo de ocupação; *D* dimensão simbólica desse processo

A reflexão sobre o Centro Tradicional de São Paulo, esforço para perceber o pulsar que não está

sendo favorecido por uma ocupação recente, desconexa do sentido daquele lugar, foi enfrentada segundo as linhas de trabalho acima apontadas.

O estudo da Bacia do alto Tietê - os Campos de Piratininga⁶ - mostrou-se importante na medida em que grande parte de sua extensão é percebida a partir do sítio do antigo Colégio. Excetuando-se especialmente parte das várzeas junto ao Rio Pinheiros (antigo Geribatiba⁷), a superfície e grande parte dos limites da Bacia de São Paulo são claros para quem se situa na borda oriental da colina central.

Trata-se de um ponto central da Bacia e curiosamente acima de uma protuberância do embasamento cristalino que está muito abaixo da sua superfície atual já que coberto por sedimentos depositados nos períodos da formação geológica daquele compartimento do Planalto Atlântico.

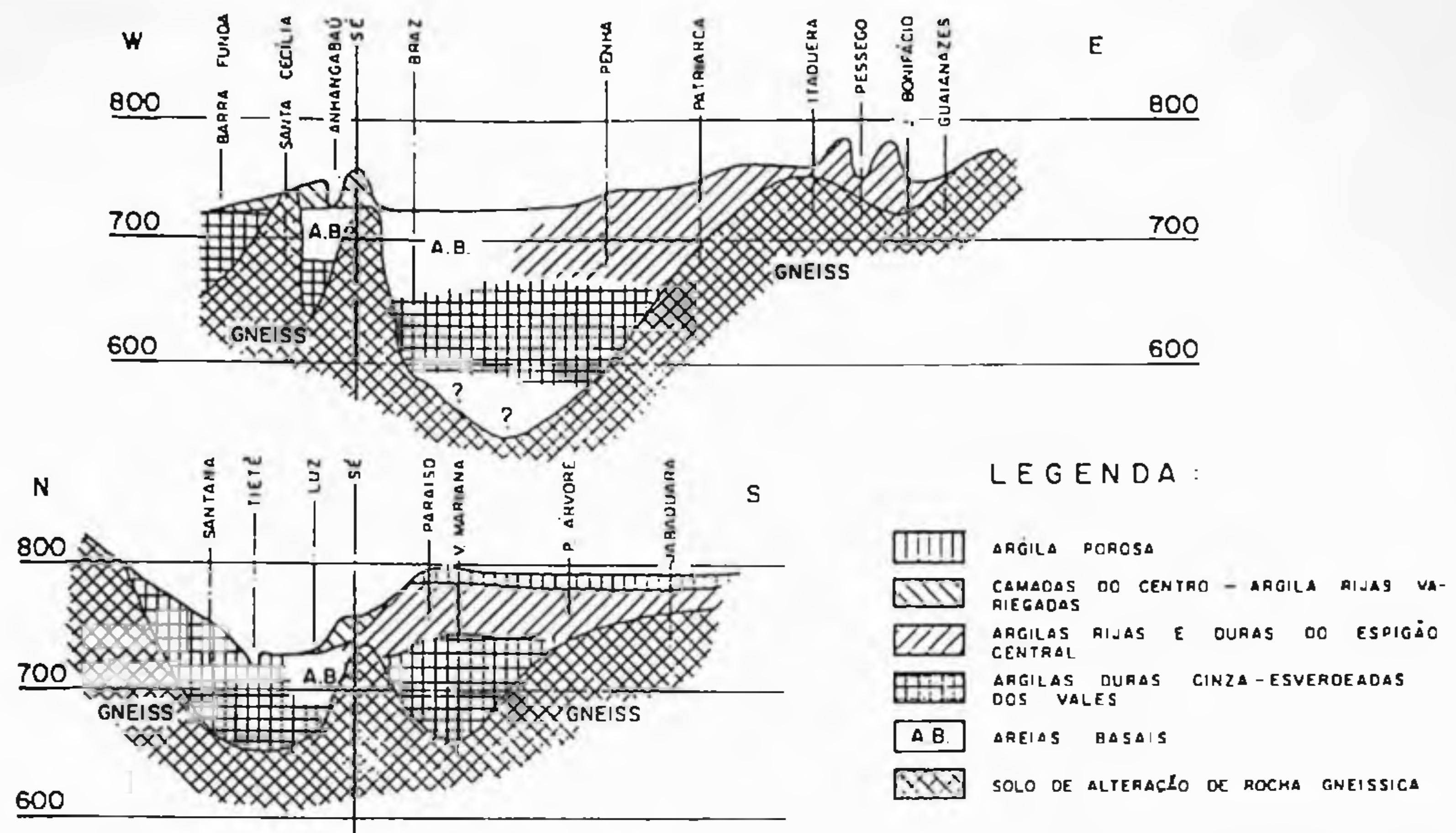
A suspeita de que a Bacia era compreendida como uma espécie de bússola geomorfológica, associando-se os movimentos dos astros (sol, lua etc) com a imagem de seus limites - o Jaraguá, o Itapeti, entre outros - e a posição estratégica em relação ao nascer do sol na borda da colina central onde se situa o Colégio promoveram uma reflexão sobre o compartimento do Planalto Atlântico em questão que contou com uma pesquisa sobre sua origem

6 Segundo Teodoro Sampaio em seu livro *O tupi na geografia nacional* brasileira Companhia editora nacional 1987 São Paulo pág.303, *Piratininga* significa 'o peixe a secar', ou 'o seca-peixe. Designa o rio que, por efeito dos transbordamentos, deixa o peixe fora e o deixa a seco, exposto ao sol.' É portanto possível que seja a designação do fenômeno, assim como *piracema*, saída do peixe, refere-se ao fenômeno da movimentação do cardume por ocasião da desova
7 *Ibid.*, pág.223, *gerivá*, uma corruptela de Yari-ibá, significa fruto que cai à toa, sendo *Geribatiba* o sítio onde há estes frutos em abundância.

geológica e sobre sua conformação atual. Tendo sido vislumbrada sua formação geológica e a posterior colonização por espécies vegetais (a vegetação no Planalto Atlântico, e conseqüentemente também no seu compartimento que abriga São Paulo, é estudada na história da mata atlântica apresentada no livro *A ferro e fogo* de Warren Dean⁸), dedicou-se então ao processo de ocupação humana na Bacia.

As informações são escassas sobre os habitantes anteriores às ondas migratórias tupi e guarani que atingiram a Bacia aproximadamente a partir do ano 1000 dC. Essa população anterior, genericamente chamada de protopovoadores era de Cultura paleolítica e, no caso dos habitantes da região em que se encontra a Bacia do alto Tietê, foi assumindo gradativamente a Cultura dos adventícios tupi e guarani, deixando de lado alguns aspectos de sua Cultura original.

Na Bacia do alto Tietê, os povos encontrados pelos ibéricos no início do quinhentos - primeiro por degredados como João Ramalho e, em seguida, por padres da Companhia de Jesus - eram tupi ou já sensibilizados pela Cultura tupi. A intenção de vislumbrar o entendimento que se teria da Bacia quando ainda não tocada pela conquista



Cortes geológicos esquemáticos E-W e N-S da Bacia de São Paulo (alto Tietê)

européia movimentou o trabalho de pesquisa sobre a população pré-cabralina no Brasil e seus reflexos junto ao alto Tietê.

O sistema de aldeamentos jesuíticos e a urbanização posterior na Bacia de São Paulo foram estudados para se compreender a ocupação que vemos atualmente. Nesse processo, uma perspectiva crítica da historiografia utilizada fez compreender um pouco da visão que a modernidade tem da ocupação na Bacia do alto Tietê e mais especifica-

⁸ Dean, Warren *A ferro e fogo* Companhia das Letras São Paulo 1996

mente junto ao antigo Colégio jesuítico.

Objetiva-se compreender a dimensão simbólica desse processo de ocupação já que, na vontade humana presente nas transformações do entorno do sítio inicial paulistano, houve a afirmação de certos símbolos e, portanto, de uma determinada cosmologia.

Referências básicas:

autores que despertaram as linhas de trabalho que, entrelaçadas, compõem a dissertação. No que se refere à *Busca do lugar central paulistano - base física*, ou seja, caracterização física do espaço, *processo de ocupação humana* e sua

interação com as características físicas e a *visão que a modernidade tem desse processo: história-geografia*: Aziz Ab'Saber, Pasquale Petrone, Ernani da Silva Bruno, Carlos Lemos, Warren Dean, Batista Pereira, Antônio Luís Dias de Andrade entre outros; *antropologia*: Egon Schaden, Darcy Ribeiro, Branislava Susnik, Carlos Fausto entre outros. Quanto ao imaginário coletivo gerado por essa ocupação tópica, ou seja, o olhar para a paisagem simbólica do Centro paulistano: *símbolos e religião face à modernidade*: Mircea Eliade, Teillard de Chardin, Titus Burckhardt, Luc Ferry, René Guénon, Gilbert Durand, Carl Gustav Jung, Giuseppe Tucci, Marshal Berman, Gadamer entre outros.



1821 aquarela A. J. Palière (detalhe)
Vistas do complexo de edifícios desenvolvidos a partir do Colégio jesuítico



1890 foto anônima (detalhe)



1999 foto Marcos Freire

Centro tradicional e Modernidade

Tradição

Tradição é a prática contínua de ritos e de concepções por parte de um grupo humano.

As Tradições têm um princípio fundamental de acordo com o qual devem estar todas as suas concepções, condição necessária e suficiente de sua ortodoxia⁹.

Todas as concepções ligadas a uma determinada Tradição, aí se incluem seus símbolos, são portanto como vestimentas de uma única e mesma Verdade.

Tudo isso fica claro '(...) quando se toma consciência da unidade essencial que se dissimula sob a diversidade de formas mais ou menos exteriores'¹⁰.

A Verdade Princípial (Princípio) reveste-se de uma multiplicidade de formas para comunicar-se na medida do possível.

'Cada coisa, procedendo essencialmente de um princípio metafísico de onde ela tira toda sua realidade, traduz ou exprime esse princípio de uma

maneira e segundo sua ordem de existência'.¹¹

O Princípio ou Fundamento das Tradições refere-se à perspectiva de uma Unidade que tudo contém. As Tradições, portanto, têm múltiplas concepções que, no fundo são como instâncias (de certa maneira ilusórias) de uma Unidade primeira.

Também as diversas Tradições são, no fundo, ilustrações de uma mesma Verdade. Entre os mestres das Tradições têm-se a consciência de que, no íntimo de nossas diferenças, todos falamos o mesmo.

Centro numa Tradição regular ou ortodoxa

Para se entender o que é *Centro* numa Tradição, é necessário inicialmente apresentar o que é uma *hierofania*, uma manifestação que se torna *revelação*. Revelações, a partir de certas contingências, da Unidade primeira acima referida, todas as hierofanias 'transfiguram o lugar que lhe serviu de teatro: de espaço profano que era até então, ele é

9 Guénon, René *O homem e seu devir segundo o Vedanta* cópia mimeografada pertencente ao Prof. Zibel Costa, tradução sob sua orientação pág. 08.

10 Id., *Le symbolisme de la croix* Guy Trédaniel éditeur, Paris 1996 pág. 08

11 Ibid., pág. 11

promovido a espaço sagrado'.¹²

'Toda paisagem é assim animada, seus mínimos detalhes têm uma significação, a Natureza é carregada de História humana'.¹³

A paisagem passa por uma transformação da qual sai carregada de mito: animados pelas hierofanias, os lugares passam a ser propícios para determinadas reflexões; seus mínimos detalhes passam a ter algum significado e, como consequência, a Natureza é carregada pelo *logos*, pela história humana.

Por outro lado, 'a 'revelação' não se produz necessariamente tendo como intermediárias as formas de hierofania direta (um *determinado* espaço, uma *determinada* fonte, árvore etc); ela se obtém por vezes a partir de uma técnica tradicional resultante de um sistema cosmológico e fundado sobre ele. A *orientatio* é um desses procedimentos empregados para 'descobrir' os lugares'¹⁴. A partir de uma vara fincada no chão, desenha-se um círculo de referência; o nascente e o poente marcam a direção E-W que é indicada no círculo inicial e assim começa a 'retirada dos véus' daquele lugar.

O lugar que, transfigurado, torna-se um Centro permanente de ligação entre a terra e o céu, é um centro de sacralidade. A continuidade das hiero-

fancias explicam a perenidade dos espaços consagrados, algo que faz existir, nas palavras de Mircea Eliade, uma espécie de 'solidariedade mística' com o território e com os ancestrais que tiveram as primeiras revelações e que iniciaram o sistema cosmológico.

'(...) os santuários não são os únicos a exigir a consagração de um lugar. A construção de uma casa implica numa análoga transfiguração do espaço profano. Mas, nos dois casos, o lugar é (...) [transfigurado], seja [por] uma hierofania fulgurante, seja pelos princípios fundados na orientação e na geomancia, ou mesmo sob uma forma mais simples, por um sinal carregado de hierofania, na maior parte das vezes referindo-se a um animal'¹⁵. O fato de certos animais ali serem abundantes em determinadas estações pode ser indicativo do significado daquele lugar, além das espécies vegetais mais presentes, dos heróis míticos que ali viveram, cerimônias celebradas periodicamente; enfim, as emoções suscitadas pelo conjunto. Sinais que qualificam um determinado lugar também se manifestam em sonhos e em qualquer coisa que 'não pertença a este mundo'.

O espaço transfigurado se isola do espaço profano que o rodeia. No *Centro* que surge ali há uma

12 Eliade, Mircea *Traité d'Histoire de Religion* Éditions Payot Paris 1991 pág. 310 (tradução minha)

13 Leenhardt, Notes d'archéologie néocalédonienne apud Eliade, Mircea *Traité d'Histoire de Religion* Éditions Payot Paris 1991 pág. 310 (tradução minha)

14 Eliade, Mircea op. cit., pág. 311 (tradução minha)

15 Ibid., pág. 312 (tradução minha)

comunicação direta com o sagrado. O contato com esse Centro pressupõe uma preparação para quem com o divino vai se encontrar. 'O sagrado é sempre perigoso para quem entra em contato com ele sem se preparar, sem haver passado pelos 'movimentos de aproximação' que requerem todas as religiões'¹⁶.

Tradições pré-cabralinas no Brasil

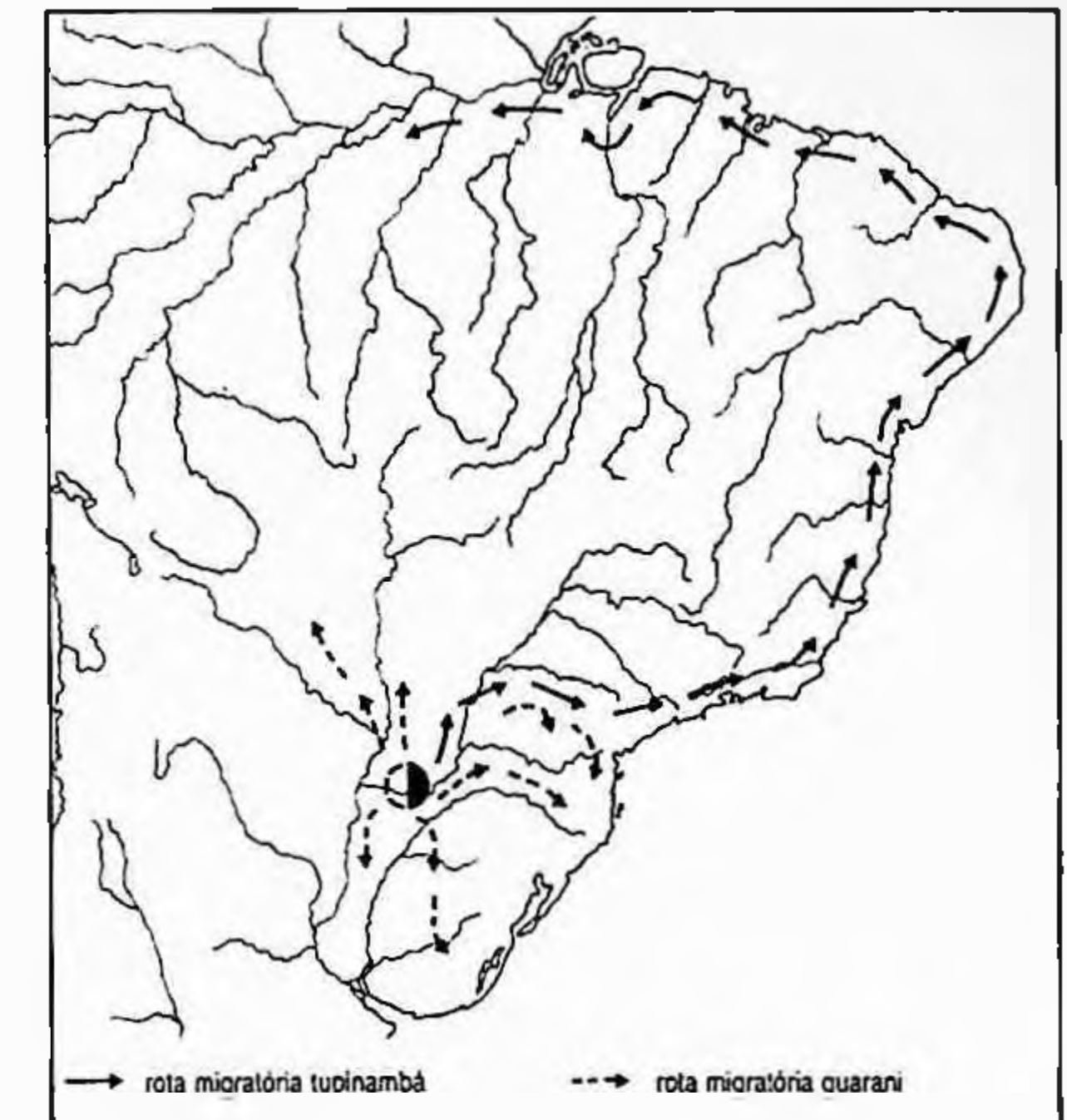
Eram povos tradicionais aqueles encontrados pelos europeus navegadores em terras americanas e que, muito antes do contato quinhentista, relacionavam-se direta ou indiretamente por todo o continente e cuja origem ainda hoje é controvertida.

Sabe-se, por exemplo, que no Planalto Central brasileiro viveram povos paleolíticos como o chamado Homem da Lagoa Santa e o Homem paleolítico do Piauí (São Raimundo Nonato). Eram possivelmente da mesma origem os povos dos sambaquis, habitantes da costa brasileira que vai do Estado de Santa Catarina ao litoral fluminense. Esses povos paleolíticos assistiram à chegada de ondas migratórias de povos originários das planícies venezuelanas e do oeste amazônico, neolíticos, que gradativamente vinham se deslocando Rio Amazonas abaixo desde aproximada-

mente 2.500 anos aC (Susnik). Ainda não é consenso entre os pesquisadores o caminho desses povos para o interior do continente. A hipótese mais corrente considera que o deslocamento fletiu para o sul e subiu os afluentes da margem direita do Amazonas, encontrando as nascentes dos Rios Paraguai e Paraná, a partir de onde teria alcançado a mesopotâmia paraguaia e daí, dirigindo-se para o leste, subindo Rios como o Iguçu, Tietê e Grande, encontrado a Serra do Mar e o litoral, teria subido a costa até aproximadamente Pernambuco e, já em época histórica, atingido o Ceará e o Maranhão. Outro caminho teria sido a descida do Rio Paraná e a entrada no Rio Uruguai e litoral sul-brasileiro. Os primeiros seriam os povos que resultaram naqueles que chamamos tupi enquanto os que caminharam para o sul nos guarani.

Outra hipótese, que tem sido cada vez mais adotada por teóricos como Carlos Fausto¹⁷, é a de que a separação entre os povos que resultariam nos tupi e nos guarani tenha se dado já a partir da Amazônia. Na altura dos atuais Estados de São Paulo e Paraná, os tupi, descendo a costa brasileira teriam encontrado os guarani que subiam os afluentes da margem esquerda do Paraná

Migrações tupinambá e guarani segundo Métraux (1927)



Migrações tupinambá e guarani segundo Brochado (1984)



16 Ibid., pág. 313 (tradução minha)

17 Fausto, Carlos - ver trabalhos recentes

como o Uruguai e o Iguçu.

As ondas migratórias desses tupi-guarani foram várias e sucessivas, tendo havido grandes transformações entre os primeiros povos de origem amazônica que atingiram o sudeste do continente e os chamados proto-tupi e proto-guarani que os sucederam. Destes últimos, inúmeras ondas com intervalo de poucas gerações entre si, foram se embaralhando com a população descendente dos povos paleolíticos e a partir de então com aqueles que já apresentavam uma certa síntese entre protopovoadores e adventícios tupi ou guarani.

Ao avançarem, as ondas migratórias promoviam mudanças importantes tanto nas populações encontradas como em si mesmas. É resultado dessa dinâmica a variação cultural existente em grupos aparentados e vizinhos de que temos notícia já nos primeiros contatos quinhentistas. Tupinambás (tamoios), tupiniquins, tupinaés, por exemplo, são todos tupi mas com certas diferenças culturais.

Os habitantes da Bacia do alto Tietê, no quinhentos, eram os guainás, os guarulhos e os tupiniquins - estes últimos a utilizavam como caminho para o mar (o Peabiru, caminho dos tupi entre o Paraguai e o mar, cruza a bacia em seu limite ocidental¹⁸).

Uma imagem possível da Bacia do alto Tietê

quando da chegada dos ibéricos é a de uma região tocada há vários séculos pelas ondas tupi que seguiam as rotas do Peabiru e, portanto, pousavam e habitavam os arredores de Carapicuíba, Embu, Itapeperica e, após cruzar a Bacia, seguiam até o vale atualmente ocupado pela estrada de ferro onde iniciavam a descida da Serra do Mar até o lagamar de Cubatão (caminho dos tupiniquins)¹⁹.

No interior da Bacia, os guaianás seriam tribos que mantinham certos traços da Cultura dos protopovoadores mas já eram em grande medida 'tupinizados'²⁰. Guardavam a entrada oriental da Bacia, a leste de Mogi, onde se entrava em contato com terras dos tamoiós, ou tupinambás. No nordeste da Bacia viviam os guarulhos que, mais aparentados aos protopovoadores, fazem pensar numa espécie de lenta retirada destes em direção às serras do norte.

Todos esses povos seguiam Tradições, tinham uma cosmologia e mitologia próprias, realizavam ritos e mantinham símbolos condizentes. Possivelmente estabeleciam Centros de ligação entre o nível físico da existência com algo que o transcende e como '(...) os centros dificilmente perdem seu prestígio e passam, como numa herança, de uma população a

18 Gonçalves, Daniel I. *O Peabiru: uma trilha indígena cruzando São Paulo* Cadernos de pesquisa do LAP no 24 FAUUSP São Paulo 1998

19 Ibid - O Peabiru tinha três grandes rotas, segundo Daniel I. Gonçalves. Chegavam em S.Vicente, Cananéia e Sta Catarina. Aquele que demandava S.Vicente, quando tocava a Bacia do alto Tietê, tornava-se um feixe de caminhos, entre os quais possivelmente esse que descrevemos. Maiores informações

20 Branislava Susnik em seu livro *Dispersión Tupi-Guarani - prehistórica ensayo analítico* Museo Etnográfico 'Andres Barbero' Asuncion Paraguay 1975 fala dos guaianá de Piratininga de que se tem notícia a partir de cartas jesuíticas e de Hans Staden como um grupo periférico ao avanço tupi, chamando-os de guaianá-Gê, maneira pouco correta de se referir a tribos já tupinizadas em grande medida mas que não deixa esquecer sua ligação cultural com os protopovoadores, raiz por assim dizer mais direta dos Gê atuais. Há notícias de que alguns viviam em covas (cavernas) mas não é certo se essa informação se referia aos guaianá ou aos guarulhos, sendo de qualquer maneira possível indicação na Bacia do alto Tietê de povos anteriores aos Tupi, possivelmente de Cultura Paleolítica.

outra - as rochas, as fontes, as grotas e as árvores veneradas na proto-história continuam, sob formas variáveis, a serem consideradas sagradas pelas populações cristãs de hoje'²¹, e a paisagem, que para os povos tradicionais passa a ter significado a partir de revelações - certos lugares são propícios a se procurar a chuva, outros são habitados por certos espíritos, outros ainda são uma lembrança fulgurante da eternidade, não me parece absurdo imaginar que os povos que habitavam a Bacia do alto Tietê, tradicionais que eram, tivessem uma compreensão da natureza em termos semelhantes e que de alguma maneira esta relação com a paisagem tenha se mantido na ocupação jesuítica e que esteja, por mais que velada, ainda presente, ao menos potencialmente. Mantiqueira - fonte da chuva; Itaquera - lugar das pedras; vale do Botujuru - boca por onde sopra o vento; são alguns exemplos da toponímia que chegou aos dias de hoje que, 'corroídos' que tenham sido pela modernidade, mostram uma paisagem cheia de significados.

Mitologia (cosmologia) entre os tupi-guarani

A leitura de Nimuendaju²² e de Metraux²³, respec-

tivamente descrevendo a mitologia dos apapocuva (guarani) e dos tupimambá (tupi) - este último tendo como base os escritos quinhentistas de Thevet - foram as fontes para a síntese rápida que se segue. Não se trata de um ensaio que pretenda esquecer as especificidades das interpretações dos grupos locais. O objetivo é entender uma possível estrutura geral da reflexão sobre a origem do mundo que foi encontrada pelos europeus já envolvidos pelo início do turbilhão da modernidade.

De maneira geral, Metraux nos fala de a metafísica tupi ser baseada na idéia de que seria possível superar a condição humana, já que a distância entre os homens e os deuses é ao mesmo tempo infinita e nula.

Segundo seu livro, assim falavam os tupinambás: a terra, de início, era plana e não era dividida pelos mares - era única, unificada. Produzia, então, tudo o que o homem necessitava. Os homens, numa existência tão fácil, acabaram por se desorganizar, passando a viver em tal loucura que começam a desprezar aquele que não tem começo nem fim, o Criador, que até então frequentava a terra e muito permanecia entre eles.

O Criador, *Monan*, vendo a ingratidão dos homens,

21 Eliade, Mircea op. cit., pág. 311 (tradução minha)
22 Nimuendaju Unkel, Curt *As lendas da criação e destruição do mundo* HUCITEC-EDUSP 1987 São Paulo

23 Metraux, Alfred *A religião dos Tupinambás* Brasiliana volume 267 Companhia Editorial Nacional 1979 São Paulo

afasta-se deles e faz descer o fogo do céu, que queima tudo o que havia na face da terra. Fogo que fez com que a terra se comprimisse e expandisse, criando os vales, as montanhas e as serras.

Apenas um entre os homens se salvou por seu comportamento fiel ao Criador. O sobrevivente (*Irin Magé*), transportado ao céu, ao ver a destruição, suspira que não terá mais sentido sua vida sem seus semelhantes e sem morada, já que parecia que também o céu e seus ornamentos seriam destruídos.

O Criador, por compaixão, fez chover abundantemente na terra. As águas, tendo apagado o fogo que consumia tudo, não conseguiram voltar para o alto, separando a terra antes unida sem interrupção, por mares.

Vendo a beleza do resultado, *Monan* incomoda-se de não haver cultivador na nova terra. Faz surgir uma mulher para o sobrevivente com o objetivo de que os dois povoem a terra com homens melhores que os primeiros habitantes.

Entre os filhos dessa mulher, um grande profeta, *Maire Monan*, passou a transformar as coisas, criou a diversidade nos seres e nas paisagens e transformou o homem em animal para puní-lo por sua maldade.

Os homens, duvidando da divindade do Profeta, fazem-no entrar em uma fogueira. Queimado, sua cabeça explode com um barulho que chega até o céu. O trovão que antecede o raio é a lembrança do fogo em que o Profeta foi queimado. Um descendente do Profeta teve dois filhos, gêmeos míticos, com papel quase tão importante quanto de seu antepassado transformador, o herói civilizador *Maire Monan*. Eles dão acabamento ao trabalho deste último: um é agricultor (*Tamendonare*) e o outro, guerreiro (*Aricoute*). Brigam, e dessa ruptura resulta um novo dilúvio, salvando-se apenas os gêmeos que protegeram-se das águas em árvores altas (palmeiras - *pindó*, em tupi)²⁴. Deles descendem os homens verdadeiros.

O texto acima sintetiza a mitologia dos tupinambá analisada por Métraux. A versão dos Apapocuvaguarani, descrita por Nimuendaju no início do séc. XX, e que já é possivelmente influenciada por séculos de contato com o cristianismo, apresenta o herói civilizador como um companheiro do Criador, sendo que este último afasta-se da criação e passa a ser guardado por animais fiéis. Junto a ele, vive a onça azul que irá destruir o mundo no final de seu ciclo. Esse criador, denominado *Nanderuvucu* (Nosso grande Pai), 'surge como

24 Trata-se da Formação da Segunda Terra, após a purificação empreendida - ver tese sobre os Guarani de Zibel Costa, indicada na bibliografia

primeiro, e o faz de modo verdadeiramente imponente: com uma luz resplandescente no peito, Ele se descobre sozinho em meio às trevas. (...) [Sobre um suporte em forma de cruz,] Ele dá à terra o seu princípio e a provê com água'²⁵. Então, o Criador 'acha' ao seu lado, de repente, o seu auxiliar, o seu lado transformador, *Nanderú Mbaecuaá* (Nosso Pai conhecedor das coisas). 'Achemos uma mulher! exige o Criador, e *Mbaecuaá* (...) pergunta: Como podemos achar uma Mulher? - Na panela! decide *Nanderuvuçu*. Ele faz uma panela, cobre-a, e passado algum tempo ordena *Mbaecuaá* que vá verificar. Este encontra de fato uma mulher e a traz consigo. Assim, há agora três pessoas na terra: *Nanderuvuçu*, *Nanderú Mbaecuaá* e a mulher *Nandecy* (Nossa Mãe)²⁶.

Mbecuaá deflora *Nandecy* por ordem do Criador. Ela é, no entanto, esposa de ambos e fica grávida de gêmeos. *Mbaecuaá* sai de cena para não mais voltar. *Nanderuvuçu* fica sozinho com *Nandecy* mas o convívio entre eles não é fácil e não dura muito. O Criador havia erguido sua casa no centro da terra e perto dali iniciou sua plantação. 'À medida em que *Nanderuvuçu* avançava, derrubando a mata, a roça atrás dele plantava-se sozinha, brotava, e quando Ele

retornou do trabalho, já havia milho verde. Ele mandou que *Nandecy* fosse buscar milho à roça, mas ela, não querendo crer que já houvesse frutos, e irritada por uma solicitação que lhe parecia insensata, acrescentou maldosamente: Não estou grávida de ti, mas de *Mbaecuaá*!

Aí *Nanderuvuçu* (...) não responde e muito menos castiga diretamente a desobediência; mas quando *Nandecy* afinal apanha o cesto e vai à roça, ele põe seu enfeite de penas, toma o maracá e a cruz e se vai, para nunca mais voltar de modo duradouro. Ali onde seu caminho para o céu se separa daquele que conduz à morada do Jaguar originário, finca no chão a cruz, torcendo os braços desta de modo a fechar o caminho que tomou e a deixar aberto o que leva ao Jaguar. [Outra versão provavelmente mais antiga fala de fechar a trilha com duas penas de arara fincadas à maneira da cruz de Sto André].

A mulher fica completamente à sua sorte, e quando procura seguir a pista do marido, é devorada pelos jaguares; os gêmeos, porém, são salvos (...): *Nanderyquey* (filho de *Nanderuvuçu*) e *Tyvyry* (filho de *Nanderú Mbaecuaá*)²⁷.

Os gêmeos são apresentados como protagonistas de muitas peripécias, entre as quais algumas

25 Nimuendaju Unkel, Curt op. cit., Pág. 47

26 Ibid., Pág. 47-48

27 Ibid., Pág. 48-49

malandragens com as almas sem pouso (*Anhanga*), vingança contra as onças (jaguares) e tantas outras. *Nanderyquey* cria a dança da pajelança para que seja possível comunicar-se com o Pai desaparecido. 'Este surge e leva consigo o filho. A pedido deste, o pai lhe entrega suas armas e os objetos de pajelança, e ao fazê-lo delega-lhe o cuidado da terra. Por este motivo *Nanderyquey* toma seu assento (...) no zênite'²⁸.

'*Nanderuvucu*, após reconstituir sua mulher *Nandecy*, faz *Tupã*, (...) [portanto seu filho caçula]. Quando *Nandecy* tem qualquer desejo, manda chamar seu filho predileto, e *Tupã* logo vem. (...) No extremo ocidente assenta-se *Tupã* sobre seu *Apycá*, parte central de um tronco de árvore, semelhante a um banco, com a concavidade voltada para cima'²⁹.

Tão logo ele recebe a mensagem de *Nandecy*, vira o seu assento, senta-se dentro da cavidade (...) [e segue] viagem tropejando pelo céu em direção ao leste [onde mora *Nandecy*]³⁰.

Metraux nos fala do *Tupã* dos tupinambá como o Pai das núvens, da água, do som, do fogo e da agricultura. É esta divindade que os jesuítas elegem como a melhor tradução do Deus cristão, sendo as almas sem pouso, *Anhanga*, identifi-

cadas com as trevas.

Segundo os Apapocuva, o Homem, ao nascer, tem o *Ayvucué* - alma boa - à qual acrescenta-se nos primeiros dias de vida, o *Acyiguá* - alma animal. As qualidades dos animais que contribuíram como *Acyiguá* para a formação da alma humana determinam o temperamento da pessoa. Após a morte, *Acyiguá* e *Ayvucué* se separam, fracionando-se a alma.

Tradição cristã; os jesuítas

Os símbolos e ritos nele adotados, mitos e cosmologia que fazem parte de sua prática, fazem do Cristianismo uma Tradição ortodoxa. Há 'heresias' históricas que redundaram em novas religiões também cristãs mas sem uma substancial revisão do que nele há de tradicional.

A Companhia de Jesus, fundada no início do quinhentos, era tradicional na sua constituição, apesar de sua posterior associação à empreitada das navegações e 'descobrimientos', tendo então tornado-se partícipe de um grande processo de 'desencantamento' do mundo, anúncio inicial do turbilhão da modernidade e suas ondas avassaladoras que desestabilizaram Tradições.

28 Ibid., Pág. 49

29 Ibid., Pág. 54

30 Ibid., Pág. 56

A Companhia de Jesus

Inácio, fidalgo criado como cavaleiro na corte espanhola, ferido em luta contra os franceses, volta para Loyola onde nascera para uma longa convalescença acompanhada da leitura da vida dos santos e de Cristo. Aos poucos, foi tomado pelo desejo de dedicar-se totalmente a Deus sem ainda ter claro o que isso significava.

Passando por várias provações, empreendeu uma viagem à Jerusalem disputada por cristãos e muçulmanos. Dos escritos que se haviam tornado um hábito constante em seu caminho, começou a organizar os *Exercícios Espirituais*, manual para 'ajudar os outros a guiarem as pessoas pela experiência da liberdade interior que leva ao serviço fiel dos outros, a serviço de Deus'³¹. Perseguido pela Inquisição que 'não se mostrava disposta a tolerar que [se] falasse de coisas espirituais sem [uma] devida preparação teológica'³², abandonou a Espanha e foi para a França, tornando-se estudante na Universidade de Paris. Ali começou a conquistar seguidores que gradualmente fizeram votos comuns, tornando-se uma ordem religiosa que o Papa Paulo III, tendo recebido os 'companheiros de Jesus' em Roma, aprova formalmente em 1540

como a *Companhia de Jesus*. Inácio, alguns meses depois, foi eleito seu primeiro Supervisor Geral.

'Muito embora todos os primeiros companheiros de Inácio fossem formados na Universidade de Paris, a finalidade original da Companhia não incluía instituições educacionais. Conforme a 'Fórmula' apresentada ao Papa Paulo III para sua aprovação, a Companhia de Jesus foi fundada 'para dedicar-se principalmente ao proveito das almas na vida e doutrina cristãs, e para a propagação da fé, por meio de pregações públicas, do ministério da palavra de Deus, dos Exercícios Espirituais e obras de caridade, e concretamente pela formação cristã das crianças e dos ignorantes, bem como por meio de confissões, buscando principalmente a consolação espiritual dos fiéis.'³³

Os colégios, no entanto, passaram a ser uma realidade cada vez mais presente na Companhia. 'Logo se tornaram evidentes os resultados que se poderia obter através da educação da juventude e não passou muito tempo sem que os jesuítas se dedicassem a este trabalho. Francisco Xavier, escrevendo de Goa, na Índia, em 1542, se mostrava entusiasmado com os resultados que estavam obtendo os jesuítas que lá ensinavam no Colégio de São Paulo. Inácio respondeu incentivando seu esforço.

31 *Características da Educação da Companhia de Jesus* Edições Loyola São Paulo 1991 pág. 87

32 *Ibid.*, pág. 89

33 *Ibid.*, pág. 92 com citação da 'Fórmula do Instituto', descrição original da Companhia escrita por Inácio, sendo uma aplicação básica de princípios dos Exercícios Espirituais.

Havia sido estabelecido um colégio em Gandia, na Espanha, para a formação dos que desejavam entrar na Companhia de Jesus. Em 1546, por insistência dos pais, começou a admitir também outros jovens da cidade. O primeiro 'Colégio da Companhia', no sentido de uma instituição voltada principalmente para leigos, foi fundado em Messina, na Sicília, apenas dois anos mais tarde. Quando se viu claro que a educação era, não só um meio apto para o desenvolvimento humano e espiritual, mas também um instrumento eficaz para a defesa da fé atacada pelos reformadores, o número dos colégios da Companhia começou a crescer rapidamente. Antes de sua morte em 1556, Inácio pessoalmente aprovou a fundação de 40 colégios³⁴. Os membros das ordens religiosas até então estudavam e desenvolviam a filosofia e a teologia; a nova ordem - a Companhia de Jesus - as ensinaria, através dos colégios, à humanidade.

A arte cristã

A arte sagrada é veículo do espírito santo, tendo o artista se guiado por protótipos de inspiração celeste e não por suas próprias inspirações. Este princípio é guia das manifestações artísticas tradi-

cionais, como aquelas empreendidas pelos jesuítas. Há, no panorama geral da arte sagrada, peculiaridades no que se refere à arte especificamente cristã e que são esclarecedoras da que podemos chamar Tradição cristã, algo sobre o que estamos refletindo:

'O Cristianismo revelou seus mistérios no seio de um mundo caótico e de caráter profano; 'brilhava no meio das trevas' e jamais pôde transformar inteiramente o ambiente onde surgiu. (...) Enquanto a arte das civilizações tradicionais do Oriente não se divide realmente entre arte sagrada e arte profana, - os modelos sagrados determinam mesmo a arte popular, - o mundo cristão sempre conheceu, ao lado de uma arte sagrada no sentido rigoroso do termo, uma arte religiosa de formas mais ou menos 'mundanas'³⁵. De um lado, a tradição dos 'ícones verdadeiros', de origem simultaneamente histórica e milagrosa, 'conforme a natureza particular do Cristianismo'³⁶: imagens do *Cristo* e da *Virgem* que, depois do período inicial em que preponderava uma tradição oral dada a influência do Judaísmo com sua reserva em relação à figuração e como uma reação ao paganismo antigo, desenvolveram-se no momento em que uma liberdade social foi conquistada, quando

34 Ibid., pág.92-3

35 Burckhardt, Titus *Principes et méthodes de l'art sacré* Éditions Dervy 1995 Paris pág 61-2 (tradução minha)

36 Ibid., pág 62 (tradução minha)

exigências da coletividade no sentido de representar as manifestações aconteceram com grande vigor espiritual. De outro lado, uma tradição artesanal de raízes pré-cristãs, que em suas atividades promovia uma reprodução da formação do cosmos a partir do caos, ainda se mantinha viva.

‘(...) a integração do simbolismo artesanal ao Cristianismo constituía uma necessidade vital, já que a Igreja precisava das artes plásticas para se revestir de formas visíveis, e não poderia se apropriar dos ofícios artísticos sem contar com as possibilidades espirituais que continham’³⁷.

Não mais o naturalismo greco-romano, nem mesmo a exaltação das glórias humanas; mesmo a ‘forma geral do templo cristão não perpetua a do templo greco-romano, mas as formas das basílicas com abside e dos edificios com cúpulas; estes só aparecem em Roma numa época relativamente tardia.

Em ordem cronológica, as plantas da Notre-Dame de Paris (1163-1235), Catedral de Milão (iniciada em 1386) e Santo Spirito em Florença (iniciada em 1436) - a planta em cruz é gradativamente assumida.

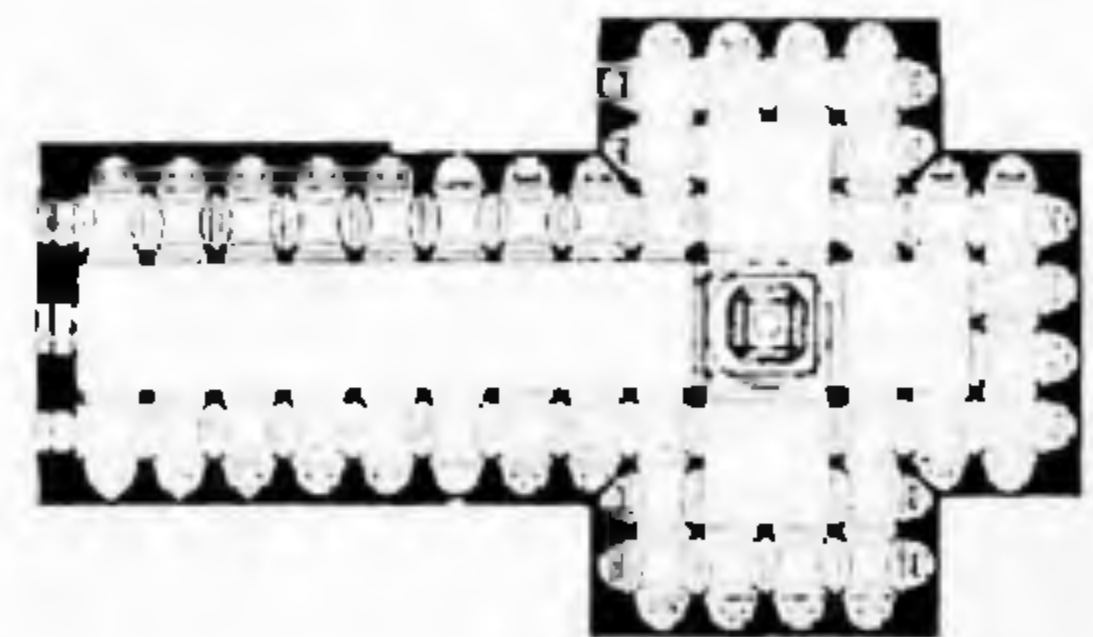
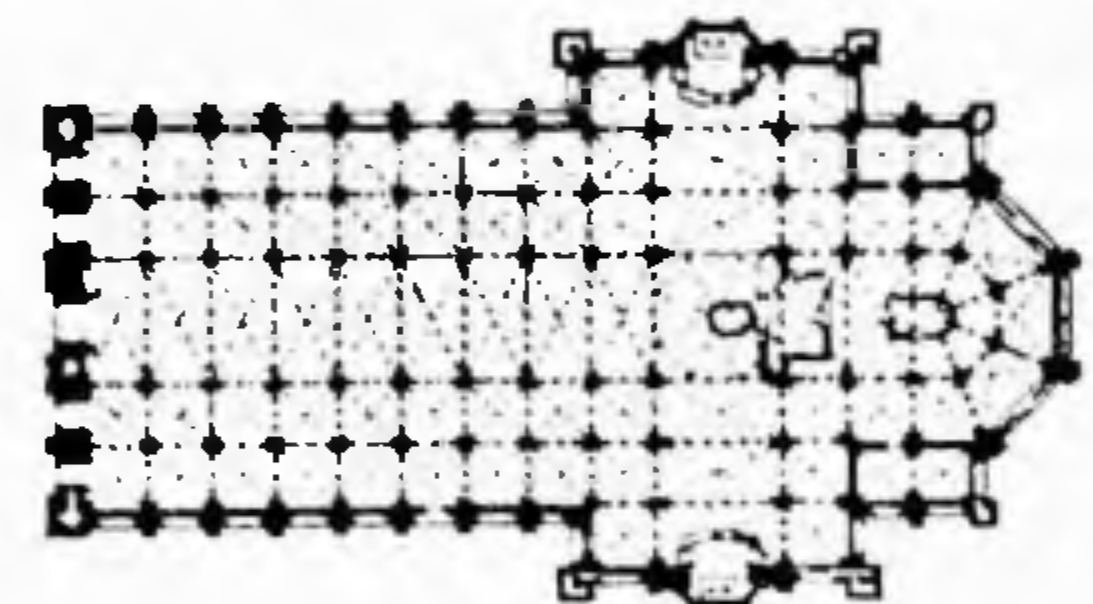
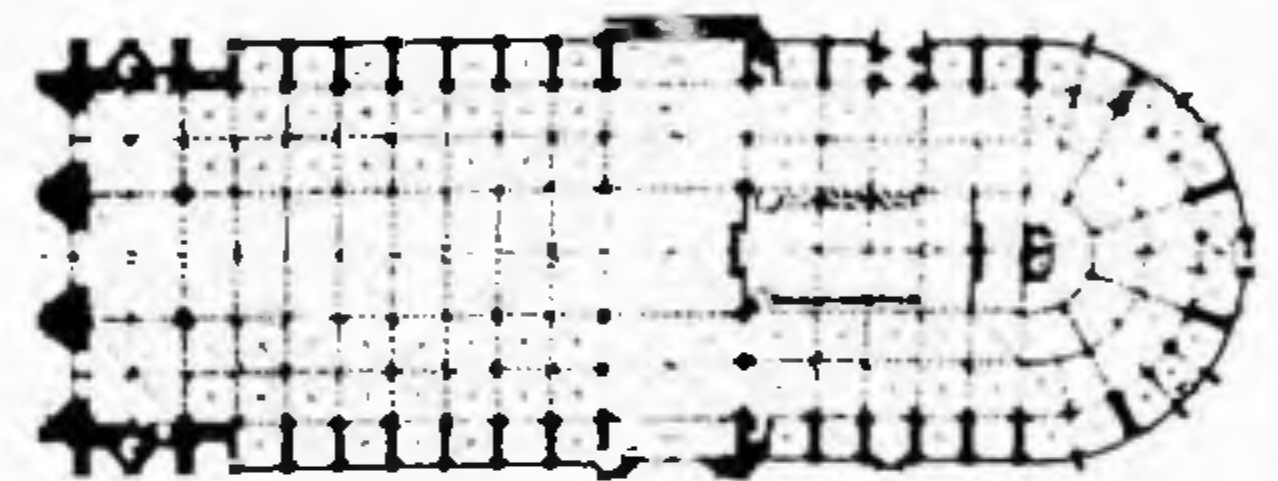
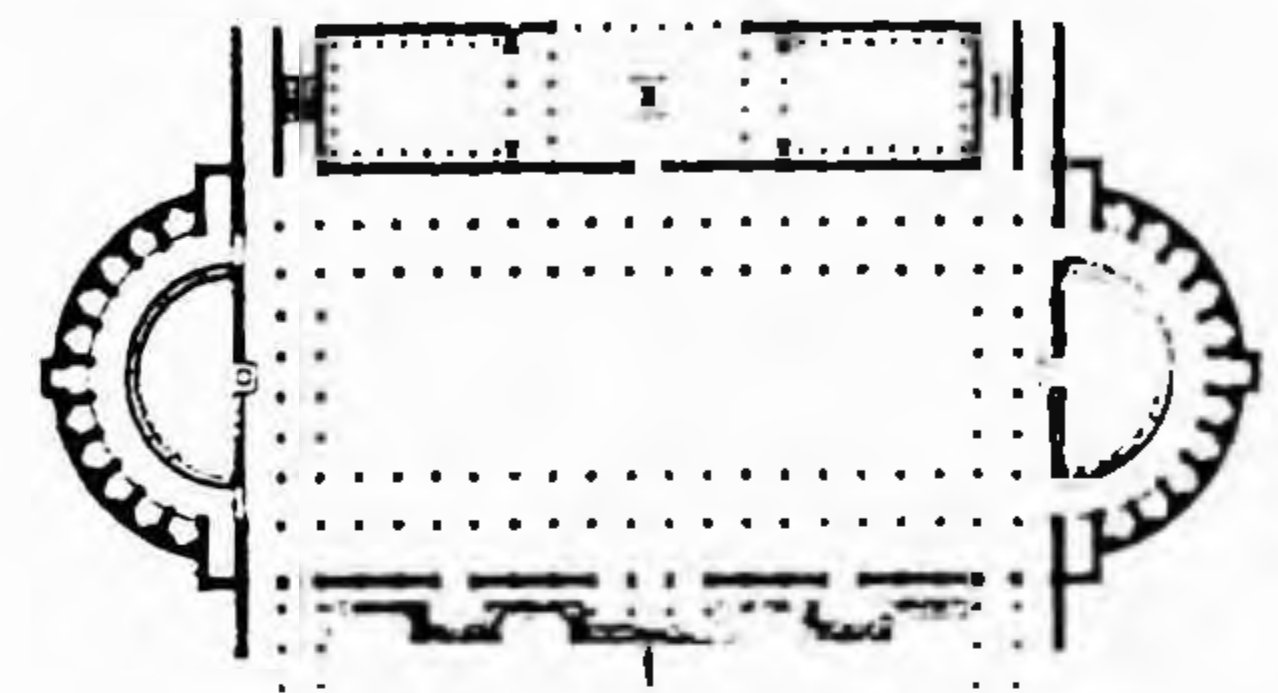
‘O simbolismo do templo cristão repousa sobre a analogia entre o templo e o corpo de Cristo (...)’

‘(...) o templo de Salomão, substituído, antes da

época de Cristo pelo templo de Zorobabel, era a morada da *Shekhina*, da Presença divina sobre a terra. Segundo a tradição judaica, essa Presença retirada da terra após a queda de Adão teria vindo habitar o corpo dos patriarcas. Mais tarde, Moisés lhe preparou uma habitação móvel no tabernáculo e, de uma maneira mais geral, no corpo purificado do povo de Israel’³⁸. Salomão construiu uma morada fixa para a Presença divina segundo o plano que havia sido revelado a seu pai Davi, que conhecemos como o *templo de Salomão*. Esse templo, na tradição cristã, foi substituído pelo corpo de Cristo. ‘Segundo os pais da Igreja, o edifício sagrado representa antes de tudo o Cristo como Divindade manifestada sobre a terra; ao mesmo tempo, representa o universo construído de substâncias visíveis e invisíveis, e enfim o homem e suas diversas ‘partes’³⁹.

O templo cristão e a assembléia que nele se reúne representa o corpo de Cristo. ‘Esta assimilação do templo a um homem estendido, com a cabeça no oriente, não é aliás particular do cristianismo, embora assumisse nele um desenvolvimento mais vasto que noutros lugares. Serve igualmente de ponto de partida para a construção do templo hindu: o homem estendido representa então o

Plantas em ordem cronológica de *Basilica Romana*, *Notre Dame de Paris*, *Catedral de Milão* e *Santo Spirito em Florença*



37 Ibid., pág 63 (tradução minha)

38 Ibid., pág 68-9 (tradução minha)

39 Ibid., pág 69-70 (tradução minha)

corpo de *Purusha* ou o Espírito universal que o ritual incorpora no edifício. Achamo-nos aqui perante uma tradição que remonta sem dúvida às próprias origens da Humanidade, tradição essa fundada numa verdade de ordem ontológica: o homem é um reflexo do universo, um microcosmo, reflexo do macrocosmo ao qual o unem mil laços tecidos de um a outro. É por esse motivo, por exemplo, que os Gregos tinham deduzido o valor do número *Cinco*, harmonia do universo, da própria harmonia do corpo humano⁴⁰.

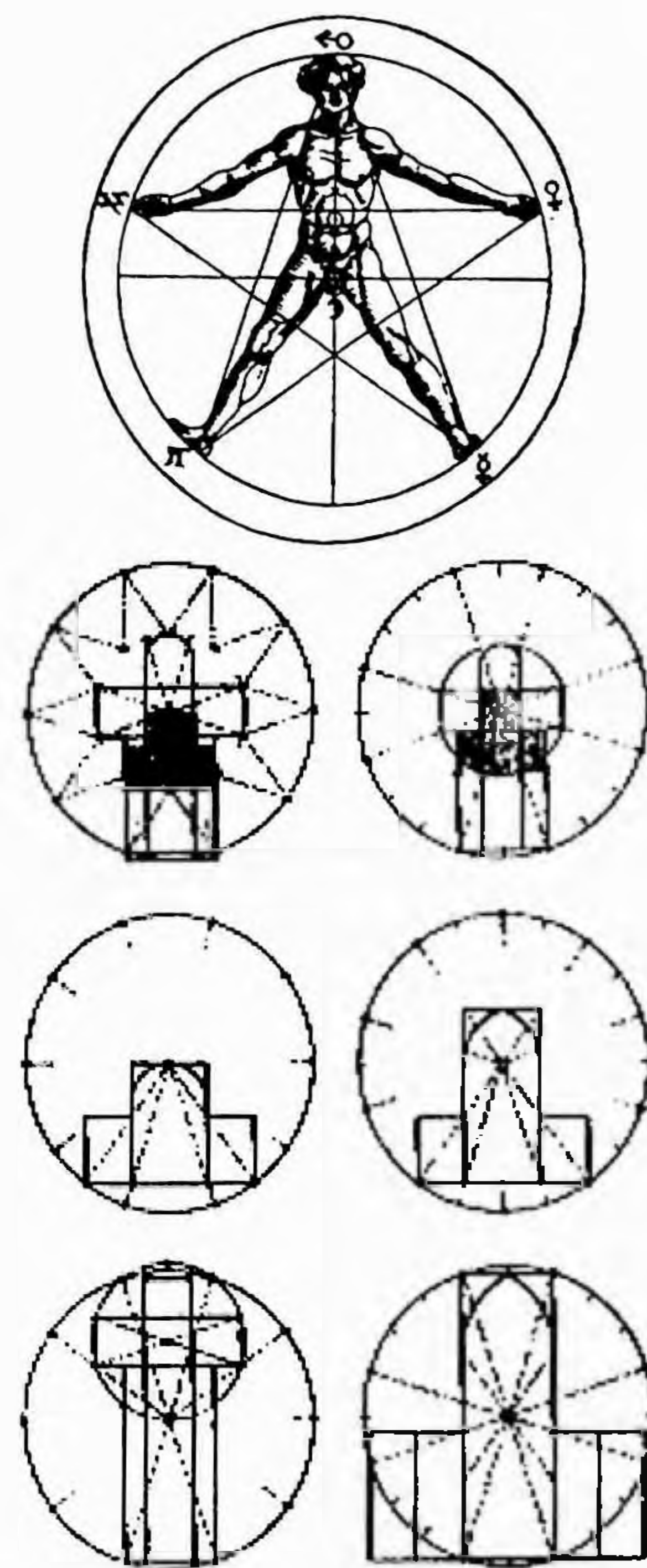
‘(...) as proporções de uma igreja resultavam geralmente da divisão harmoniosa de um grande círculo [que contém os eixos norte-sul e leste-oeste], ou seja, sua divisão por cinco ou por dez. Esse método pitagórico, que os construtores cristãos provavelmente herdaram dos *collegia fabrorum*, não era somente empregado no plano horizontal mas também segundo um plano vertical, de sorte que o edifício estava como que inscrito numa esfera imaginária; (...) o cristal do edifício sagrado se coagula assim fora da esfera indefinida do cosmos. Essa esfera é também a imagem da natureza universal do Verbo, do qual a forma concreta e terrestre será o templo⁴¹.

‘A divisão decimal não corresponde à natureza

puramente geométrica do círculo, já que o compasso o divide em seis ou doze; ela corresponde ao ciclo, do qual ela indica as fases sucessivamente decrescentes, segundo a fórmula $4+3+2+1=10$. Há portanto, nesse método de estabelecer as proporções de um edifício, alguma coisa da natureza do tempo, de sorte que não é errado dizer que as proporções de uma catedral da Idade Média refletem um ritmo cósmico. A proporção é para o espaço aquilo que o ritmo é para o tempo, e no que se refere a essa relação é significativo que a proporção harmoniosa provenha do círculo, a imagem mais direta do ciclo celeste; assim, a natureza indivisa do círculo se comunica de alguma maneira com a ordem arquitetural, cuja unidade será não-racional, inapreensível numa ordem puramente quantitativa.⁴²

O plano geométrico do edifício simboliza o Plano divino: é a *forma*, matéria lapidada pelo *logos*. Cada artesão que colaborava na construção do edifício sagrado podia conceber e interpretar, na medida de sua própria arte (ofício), a doutrina cristã, numa representação coletiva do edifício cósmico.

‘(...) o mestre-de-obras transferiu, por assim dizer, para a pedra a substância do mistério redentor, a metamorfose do homem carnal em homem espiritual (...)’⁴³.



Plantas de igrejas medievais mostrando relações de proporção a partir da divisão do círculo pelo número 5

40 Pennick, Nigel *Geometria Sagrada* Ed. Pensamento pág.56

41 Burckhardt, Titus, op. cit., pág 72-3 (tradução minha)

42 Ibid., pág 72-3 (tradução minha)

43 Hani, Jean *O simbolismo do templo cristão* edições 70 Lisboa pág. 58

'(...) cada homem é o templo de Deus (...) na medida em que realiza em si próprio a Presença Divina'⁴⁴. Se o papel do templo é o de ser 'a imagem do cosmos e do homem micro-cosmo, é porque este último, para realizar a sua vocação espiritual, efetuar o seu regresso a Deus, deve recapitular e integrar num 'lar' simbólico todos os elementos do mundo visível, 'sacrificando-os' a Deus, de modo que passe 'deste mundo ao Pai'. Como imagem matemática do universo e imagem do Corpo de Cristo, o templo é a fixação da presença espiritual num suporte material, simbolizando assim o processo da descida de Deus ao homem, a fixação da influência espiritual na consciência corporal'⁴⁵.

Tradição cristã na Bacia do alto Tietê

Para os jesuítas, tradicionais que também eram, a paisagem estava cheia de significado. Não desconheciam as técnicas de *orientatio* e não é mera coincidência a orientação tradicional oeste-leste na nave da igreja do Colégio. A escolha do sítio em que se encontra o Colégio é clara ao se posicionar de maneira privilegiada em relação ao nascer do sol.

A borda oriental da colina central paulistana é estratégica para se perceber os Campos de Piratininga numa ampla panorâmica e é também no sítio inicial jesuítico que, de manhã, tocam os primeiros raios solares. Subindo um pouco mais o sol, passam brilhar as águas da várzea e do Rio Tamanduateí, lugar povoado de tamanduás a contar pela toponímia.

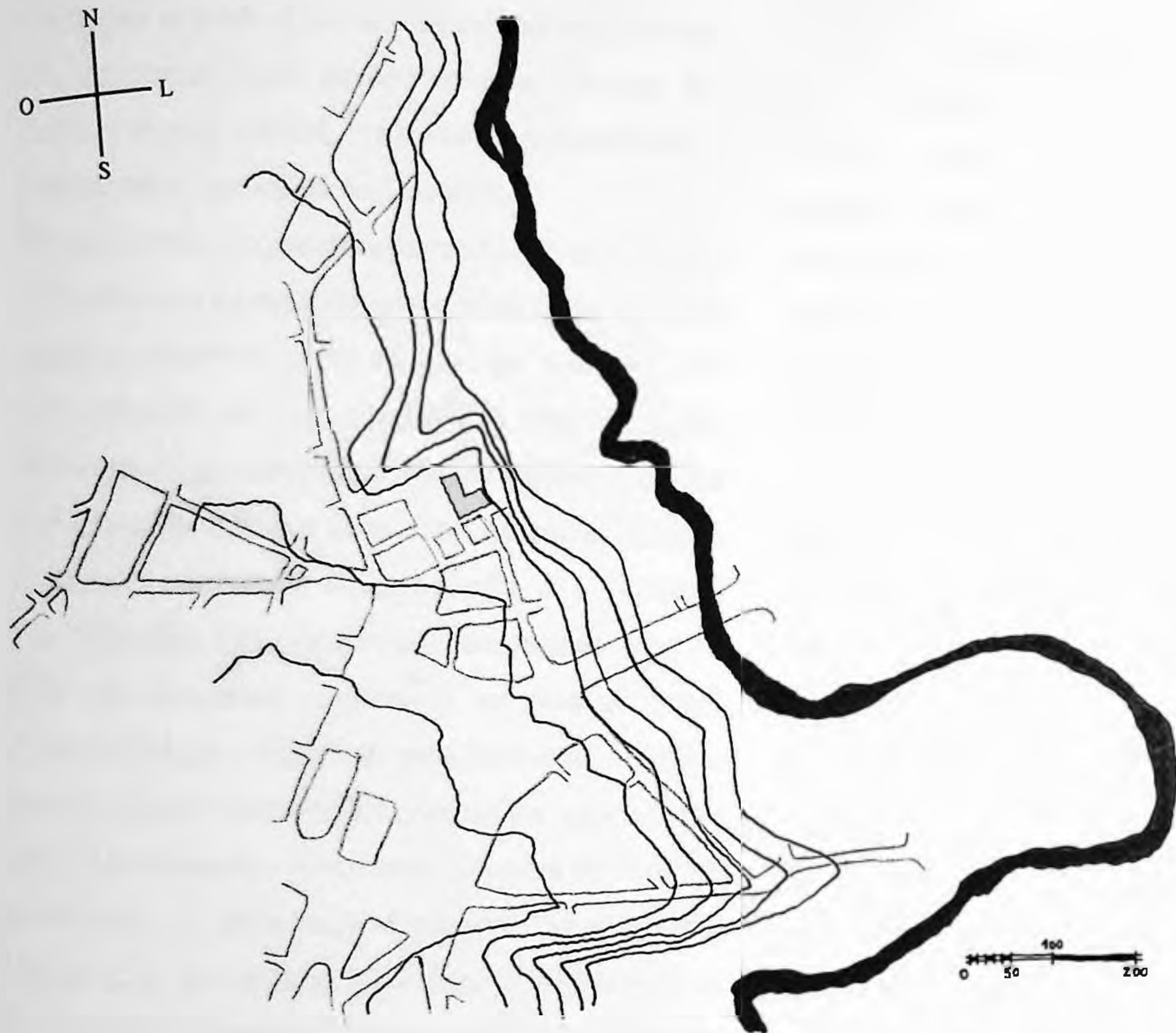
Junto à cabana e capela iniciais, uma grota deixa a suspeita de uma nascente que secou - nascente que olhava para o nascer do sol.

As indicações acima fazem pensar no sítio inicial paulistano como tendo sido escolhido segundo procedimentos tradicionais já que a relação com o nascente é recorrente em todas as tradições (Mircea Eliade).

O Centro de São Paulo de Piratininga - em que medida o evento da fundação jesuítica de São Paulo, uma composição de estratégias de ocupação do território e de conversão em Cristo, atualiza desígnios imemoriais, ancestrais

Como vimos acima, o nascer do sol é cheio de significado tanto para a Cultura dos tupi-guarani quanto para os cristãos e portanto para os jesuítas.

44 Burekhardt, Titus op. cit., pág 59 (tradução minha)
45Ibid., pág 68-9 (tradução minha)



Localização do edifício jesuítico inicial na borda oriental da colina central (aqui num desenho que simula a morfologia original do terreno) a cavaleiro do rio Tamanduateí hoje canalizado longe de seu leito original e algumas imagens atuais do mesmo sítio.

O mesmo se pode dizer de alguns símbolos como a Cruz, presente em ambos os casos, e que foi, desde o contato inicial, uma forma de mediação e diálogo entre ameríndios e jesuítas.

No quinhentos, os jesuítas perceberam os Campos de Piratininga a partir do uso que se fazia dele, da dinâmica presente na ocupação de seus sítios e provavelmente do seu significado para os habitantes que ali encontraram. Possivelmente a colina central paulistana, por suas características físicas, já contava com certa diferenciação e é possível que tenha sido local de antigos assentamentos.

Uma vez instalados os jesuítas no sítio do atual Pátio do Colégio, alguns grupos locais de ameríndios instalaram também ali suas tabas agora fixas e não mais nômades como antes. A taba de Caioby é instalada na área hoje chamada Tabatinguera ('lugar onde houve uma taba branca' em tupi) e a de Tibiriçá na ocasião já estava e ficou no sítio do atual mosteiro de São Bento.

Com atitudes tradicionais, os jesuítas ratificam o valor simbólico de um lugar que já contava com certa diferenciação. Definem, a partir de diversas contingências, o dia da Fundação por assim dizer oficial do aldeamento e Colégio que operacionalmente já existiam, e São Paulo, quase um sinôni-

mo de conversão - de inimigo feroz passa a defensor veemente, é o padroeiro invocado.

Houve forte adesão aos jesuítas por parte de alguns grupos ameríndios, algo que nos faz pensar na Fundação de São Paulo como também uma decisão local - decisão de um grupo para quem não era absurdo adotar aspectos de uma Cultura outra.

A Fundação de São Paulo de Piratininga aparenta a ratificação de um Centro pré-existente, atualizado por uma nova perspectiva mas possivelmente fiel a fundamentos primeiros.

Em que medida se mantêm aspectos tradicionais na cidade atual - diante da revisão que se faz da modernidade, pesquisa de desígnios imemoriais vestidos com roupagem moderna; até que ponto somos modernos; o que é modernidade (Luc Ferry); modernidade do Brasil, sempre um projeto de futuro - o que é projeto hoje, depois da revisão pós-moderna - inteligência mundial Chardin vs oportunismo globalização

O Ocidente tem empreendido uma revisão profunda da Modernidade que, segundo Luc Ferry, é um 'vasto processo de "subjetivação" do mundo cujo

modelo, num nível filosófico, é fornecido pelos três grandes momentos do método cartesiano. [tábula rasa da tradição, o indivíduo e o *cogito* - a subjetividade]⁴⁶. Essa Modernidade, processo que no entender de Marshall Berman se desenrola há pelo menos cinco séculos⁴⁷, tem sido desestabilizadora de Tradições que são deixadas de lado em favor do fortalecimento do indivíduo e sua perspectiva de subjetividade. Não há na Modernidade um único critério substancial e sim a valorização da reflexão individual. A partir da leitura de Ferry, podemos entender o pensamento de Nietzsche como paradigmático do momento em que a Modernidade se apresentou em sua plenitude e impregnada das contradições que a levariam à sua revisão. É quando o divino se retrai ao máximo e reina a multiplicidade de interpretações. ‘A famosa tese segundo a qual “não há fatos” mas somente “interpretações”, descreve perfeitamente os contornos dessa nova era do individualismo que é inaugurado, no âmbito da Filosofia, pelo pensamento de Nietzsche.’⁴⁸ Não há mais a verdade única mas somente ‘pontos de vista perfeitamente singulares’⁴⁹. Ao comentar seu livro *Crepúsculo dos ídolos*, Nietzsche nos diz que ‘um grande vento sopra entre as árvores, e por toda parte caem

por terra frutos - verdades. (...) Mas o que se acaba por colher nas mãos (...) são *decisões*’⁵⁰. No que se refere à Religião, pergunta-se ‘Por que ateísmo hoje? O “pai” em Deus está inteiramente refutado; assim também o “juiz”, o “recompensador”. Do mesmo modo o seu “livre arbítrio”: ele não ouve - e se ouvisse, não saberia como ajudar. O pior de tudo é: ele parece incapaz de se comunicar com clareza: será obscuro?’⁵¹. Ao mesmo tempo, imagina que aquele que respirar o ar de seus escritos estará respirando um ‘ar das alturas, um ar *forte*. (...) O gelo está perto, a solidão é imensa - mas que tranquilas estão todas as coisas na luz! , com que liberdade se respira!’⁵², uma imagem que muito faz lembrar uma revelação tradicional. Ainda que a leitura das obras de Nietzsche seja aqui rápida e inicial, podemos nele perceber o Sujeito moderno para quem não há Verdade absoluta e a relação atormentada com a Modernidade e seu ateísmo.

O turbilhão da Modernidade tem perdido sua potência já há algum tempo. A tentação do novo, seu combustível, não é a mesma do início do século XX. Ferry nos indica, inclusive, que ‘a pós-modernidade pode ser entendida como um verdadeiro “princípio de recusa do novo”’⁵³.

Com a ‘morte’ das vanguardas, contínuos anún-

46 Ferry, Luc *Homo Aestheticus* Éditions Grasset & Fasquelle, Paris 1990 pág. 28 (tradução minha)

47 Berman, Marshall *Tudo o que é sólido desmancha no ar* Companhia das Letras São Paulo 1986

48 Ferry, Luc op. cit., pág. 49 (tradução minha)

49 Ibid., pág. 49 (tradução minha)

50 Nietzsche, F. *Ecce homo* Alianza Editorial Madrid 1985 pág. 112 - *grifo meu* (tradução minha)

51 Id *Além do Bem e do Mal* Companhia das Letras São Paulo 1992 pág. 57

52 Id. *Ecce homo* Alianza Editorial Madrid 1985 pág. 16 (tradução minha)

53 Ferry, Luc op. cit., pág. 18 (tradução minha)

cios do novo, 'a inovação deixou de ser a regra de ouro e o retorno às tradições perdidas, o "revivalismo", adquire uma certa legitimidade'⁵⁴. Situada na América Latina, periférica em relação aos países centrais do capitalismo e fronteira entre o avanço da Modernidade e a sobrevivência de Culturas Tradicionais, uma metrópole como São Paulo é essencialmente um esforço de síntese e um palco do abandono das Culturas locais em nome de uma vida idealizada como autônoma, universal e portanto genérica: a vida moderna.

Há nessa metrópole um grande contingente de pessoas com um passado rural recente, provenientes portanto de um Brasil onde as Tradições ainda estão de algum modo mais presentes. Também no seio do que há de mais moderno na metrópole paulistana, há a ressurgência do interesse e valorização do específico e regional. Trata-se de uma nova forma de contato entre Tradição e avanço ou projeto moderno.

Gadamer, ao refletir sobre a condição humana, coloca que '(...) como seres finitos, estamos em tradições, independente de as conhecermos ou não, de sermos conscientes delas ou estarmos bastante ofuscados como para crer que estamos começando novamente (isso não altera em nada o poder que a

tradição exerce em nós).(...) a tradição não quer dizer mera conservação e sim transmissão. No entanto, a transmissão não implica em deixar o antigo intacto, limitando-se a conservá-lo, mas aprender a concebê-lo e dizê-lo de novo'⁵⁵. O autor define a Tradição como uma tradução contínua e nos leva a entender que somos mais tradicionais do que imaginamos. Com um ajuste de foco, veríamos que aspectos tradicionais se mantêm entre nós, apesar de roupagem aparentemente moderna.

No caso paulistano, a chamada cidade popular, por exemplo, ainda reverencia lugares tradicionalmente entendidos como centrais e é emblemático o caso do entorno do Pátio do Colégio onde é vibrante a apropriação dos espaços pelas pessoas, apesar de todas as dificuldades produzidas por esforços modernizadores. Reitera-se de maneira original a centralidade dos espaços junto ao antigo adro paulistano.

Teilhard de Chardin defende que a Humanidade avança, 'à maneira das coisas muito grandes, ou seja, quase insensivelmente'⁵⁶, numa 'ascensão para a Consciência. (...) Ela deve, portanto, culminar adiante em alguma Consciência suprema'⁵⁷. Há uma camada de consciência exercendo pressão sobre o porvir. 'Se a Vida pôde avançar foi porque,



Rua General Carneiro, acesso da várzea do Carmo ao Pátio do Colégio. Ao fundo a Rua 25 de Março.

54 Ibid., pág. 51 (tradução minha)

55 Gadamer, Hans-Georg La actualidad de lo bello Ediciones Paidós/ ICE-UAB 1996

56 Chardin, Teilhard de O fenômeno humano Ed. Cultrix São Paulo 1986 pág. 292

57 Ibid., pág. 294

à força de tentar, ela encontrou sucessivamente os pontos de menor resistência onde o Real cedia sob o seu esforço. Paralelamente, se a Pesquisa há de progredir amanhã, será em larga medida graças à localização de zonas centrais, zonas sensíveis, zonas vivas, cuja conquista assegurará sem esforço o domínio de todo o resto'⁵⁸.

A Modernidade percebida na Ciência - sua metáfora - com a promessa de liberdade que contém, seria um passo necessário para a conquista de uma Consciência plena. 'Após quase dois séculos de lutas apaixonadas, nem a Ciência nem a Fé conseguiram diminuir-se uma à outra: mas, muito pelo contrário, torna-se patente que não se poderiam desenvolver normalmente uma sem a outra: e isto pela simples razão de que uma mesma vida anima a ambas. Nem no seu elan, com efeito, nem em suas construções, pode a Ciência atingir os seus próprios limites sem se matizar de mística e sem se carregar de Fé.'⁵⁹ As Tradições, de acordo com essa linha de raciocínio, estão sendo recarregadas pelo turbilhão moderno. Não o oportunismo mercadológico da globalização, uma nova forma de Consciência global é aqui vislumbrada. Consciência que, paradoxalmente, transcende as diferenças sem que elas se anulem.

*O Brasil como um projeto*⁶⁰

Sempre no limite entre o projeto moderno e o saber local, o Brasil, 'braseiro', é palco a 500 anos de atormentado esforço de síntese de culturas e que já teve filhos originais e trágicos nos resistentes Palmares, Canudos com seus sertanejos, 'nossos rudes patrícios dos sertões do Norte (...). O abandono em que jazeram [esquecidos pela 'civilização'] teve função benéfica. Libertou-os da adaptação penosíssima a um estágio social superior [sic], e, simultaneamente, evitou que descambassem para as aberrações e vícios dos meios adiantados'⁶¹ (...) Esta 'raça surge autônoma e, de algum modo, original, transfigurando, pela própria combinação, todos os atributos herdados (...)'⁶². Também a cultura caipira que resiste à submissão que sempre foi 'muito precária, comparada à do negro, escravo ou ex-escravo, e mesmo à do colono europeu, fruto de uma sociedade rural rigidamente hierarquizada sobre os restos do senhorio e da servidão.'⁶³

As bandeiras, penosas nas primeiras investidas na Bahia, tornadas mamelucas, paulistas, explodem para a investigação da terra longe dos litorais tutelados pela metrópole portuguesa. No sul do Brasil,

58 Ibid. pág. 322

59 Ibid. pág. 324

60 Leitura entrelaçada de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha (Livraria Francisco Alves Editora, 36a ed., 1995), *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda (Livraria José Olympio Editora, 3a ed.) e *Parceiros do Rio Bonito*, de Antônio Cândido (Livraria Duas Cidades, 7a ed., 1987)

61 Cunha, Euclides da *Os Sertões* Livraria Francisco Alves Editora Rio de Janeiro 1995 Pág. 79

62 Ibid., Pág. 79

63 Cândido, Antônio *Parceiros do Rio Bonito* Livraria Duas Cidades São Paulo 1987 Pág.85

a correnteza dos rios empurra o homem para o interior, 'a terra atrai o homem; chama-o para o seio fecundo, encanta-o pelo aspecto formosíssimo; (...) Daí o traçado eloquentíssimo do Tietê, diretriz preponderante nesse domínio do solo. Enquanto no S. Francisco, no Parnaíba, no Amazonas, e em todos os cursos d'água da borda oriental, o acesso para o interior seguia ao arrepio das correntes, ou embatia nas cachoeiras que tombam dos socacos dos planaltos, ele levava os sertanistas, sem uma remada, para o rio Grande e daí ao Paraná e ao Parnaíba. Era a penetração em Minas, em Goiás, em Santa Catarina, no Rio Grande do Sul, no Mato Grosso, no Brasil inteiro. Segundo estas linhas de menor resistência, que definem os lineamentos mais claros da expansão colonial, não se opunham, como no norte, renteando o passo às bandeiras, a esterilidade da terra, a barreira intangível dos descampados brutos' ⁶⁴.

Dessa expansão geográfica, resulta um amortecimento da cultura ibérica, desdobrando-a 'numa variedade subcultural do tronco português, que se pode chamar de "cultura caipira"' ⁶⁵.

Cultura caipira que adapta os universos ali em choque, o entrelaçamento do monoteísmo jesuítico abraçado ao mercantilismo expansionista lusi-

tano com a mobilidade do indígena, seus conhecimentos tradicionais, seus espaços consagrados, sua alimentação. Os hábitos, dieta, formas de povoamento caipira são descritos como parte de 'vida de bandeirante atrofiado, sem miragens, concentrado em torno de problemas de manutenção dum equilíbrio mínimo entre o grupo social e o meio' ⁶⁶. Os povoamentos efetivos surgem com a *exploração* de minas; 'Este é porém, o tipo de povoamento concentrado, que estabelece os pontos de apoio da civilização; são centros de dominância em regiões mais ou menos amplas e de povoamento mais ou menos disperso. São o *comércio*, o lugar geralmente pouco habitado, a que vêm ter os moradores da cercania quando precisam de sal, religião ou justiça.' ⁶⁷

Nas grandes cidades brasileiras, no litoral da 'economia-mundo' ⁶⁸ europeia, pulsava viva e marginal, uma cultura importada, que certamente se adaptava a condições locais, os cruzamentos dos matizes africano, índio, europeu...

A religião deste turbilhão humano brasileiro é, 'como ele, mestiça' ⁶⁹; 'Considerando as agitações religiosas do sertão [um extremo] e os evangelizadores e messias singulares, que intermitentemente, o atravessam, ascetas mortificados de

64 Cunha, Euclides da, op. cit. Pág. 61

65 Cândido, Antônio, op. cit., Pág. 35

66 Ibid., Pág. 46

67 Ibid., Pág. 57

68 termo utilizado por Fernand Braudel em seu texto *Civilization matérielle, Economie e Capitalisme XVe - XVIIIe siècle* Librairie Armand Colin Paris 1979

69 Cunha, Euclides da, op. cit., Pág. 96 - O texto citado refere-se aos sertanejos; eu amplio este entendimento a todas as combinações de culturas que por aqui se deram.

fragílicos, encaçados sempre pelos sequazes numerosos, que fanatizam, que arrastam, que dominam, que endoudecem -, espontaneamente recordamos a fase mais crítica da alma portuguesa a partir do final do século XVI, quando, depois de haver por momentos centralizado a História, o mais interessante dos povos caiu, de súbito, em decomposição rápida, mal disfarçada pela corte oriental de D.Manuel'⁷⁰. Portugal misturou-se com o Oriente, com a África, com a América; capitaneava este grande Universo português, o Atlântico Sul... 'Os portugueses tinham em seu espírito de aventura, o elemento orquestrador da adaptação ao Brasil'⁷¹. Já o trabalho, pouco rotineiro, sem arado, e busca de novas terras - fazendas frequentemente mudavam de lugar - são herança indígena. 'Os portugueses americanizam-se ou africanizam-se conforme fosse preciso'⁷² - sua força: falta de orgulho de raça e Igreja católica mais atraente, barroca... O Brasil foi feitorizado - 'cuidavam menos em construir, planejar ou plantar alicerces, do que em feitorizar uma riqueza fácil e quase ao alcance da mão'.⁷³ A ascensão do fenômeno Canudos, analisado nos Sertões, é um confronto de *Mundos*, de *Tempos* diferentes... A República nascente,

ideário importado, civilização importada, deparou-se 'com grande resistência, demonstrando a inadaptabilidade do povo à legislação superior do sistema político recém inaugurado'⁷⁴. Os brasileiros republicanos fardados na Guerra do Paraguai, tinham 'um amor pronunciado pelas formas fixas e pelas leis genéricas que circunscrevem a realidade complexa e difícil dentro do âmbito dos nossos desejos (...) Essas construções de inteligência representam um repouso para a imaginação, comparável à exigência de regularidade a que o compasso musical convida o corpo do bailarino. O prestígio da palavra escrita, da frase lapidar, do pensamento inflexível, o horror ao vago, ao hesitante, ao fluido, que obrigam à colaboração ao esforço e, por conseguinte, a certa dependência e mesmo abdicação da personalidade têm determinado assiduamente nossa formação espiritual - sucesso do positivismo pelo repouso decorrente das definições irresistíveis e imperativos do sistema de Comte'.⁷⁵ Capacidade de resistir à fluidez... (p/ seus adeptos: "O mundo acabaria irrevogavelmente por aceitar as idéias positivistas"...)

No fundo, horror à realidade...

'Como os românticos, detestam o 'cárcere da

70 Ibid., Pág.96

71 Holanda, Sérgio Buarque de *Raízes do Brasil* Livraria José Olympio Editora Rio de Janeiro Pág. 40

72 Ibid., Pág. 73-4

73 Ibid., Pág. 125

74 Cunha, Euclides da, op. cit., Pág. 201

75 Holanda, Sérgio Buarque de, op. cit., Pág. 229-30

vida' (Machado de Assis foi a flor desta planta de estufa)'.⁷⁶

'O governo civil, iniciado em 1894 [(uma segunda etapa da República nascente)], não tivera a base essencial de uma opinião pública organizada. Encontrara o país dividido em vitoriosos e vencidos. E quedara na impotência de corrigir uma situação que não sendo francamente revolucionária e não sendo também normal, repelia por igual os recursos extremos da força e o influxo sereno das leis. Estava defronte de uma sociedade que progredindo em saltos, da máxima frouxidão ao rigorismo máximo, das conspirações incessantes aos estados de sítio repetidos, parecia espelhar incisivo contraste entre a sua organização intelectual imperfeita e a organização política incompreendida.

(...) no abater a indisciplina emergente de sucessivas sedições, agravara a instabilidade social e fora de algum modo contraproducente, violando flagrantemente um programa preestabelecido. Assim é que nascendo do revide triunfante contra um golpe de estado violador das garantias constitucionais, criara o processo da suspensão de garantias; abraçado tenazmente à Constituição, afogava-a (...)'⁷⁷

Algo alheio a esta batalha, o território brasileiro era ocupado por culturas mestiças, lutando pela

sobrevivência, interagindo com o *lugar*, com esta terra tão antiga, já emersa quando 'não existiam os Andes, e o Amazonas, largo canal entre as altiplanuras das Guianas e as do continente, separava-as, ilhadas. Para as bandas do sul o maciço de Goiás - o mais antigo do Mundo - (...), o de Minas e parte do planalto paulista, onde fulgurava, em plena atividade, o vulcão de Caldas (...). [Houve então], uma sublevação geral: as massas graníticas alteavam-se ao norte arrastando o conjunto geral das terras numa rotação vagarosa em torno de um eixo, imaginado por Emmanuel Liais entre os chapadões de Barbacena e a Bolívia. Simultaneamente, ao abrir-se a época terciária, se realiza o fato prodigioso do alevantamento dos Andes; novas terras afloram nas águas; tranca-se num extremo, o canal amazônico, transmudando-se no maior dos rios; ampliam-se os arquipélagos esparsos, e ganglionam-se em istmos, e fundem-se; arredondam-se, maiores, os contornos das costas; e integra-se, lentamente, a América.'⁷⁸

O planalto central do Brasil, o grande unificador da nova nacionalidade, começava a adquirir a configuração atual na qual 'quem o contorna, seguindo para o norte, observa notáveis mudanças de relevos: a princípio o traço contínuo e dominante

76 Ibid. Pág. 238

77 Cunha, Euclides da, op. cit., Pág. 201

78 Ibid., Pág. 16

das montanhas, precipitando-o, com destaque saliente, sobre a linha projetante das praias; depois, no segmento de orla marítima entre o Rio de Janeiro e o Espírito Santo, um aparelho litoral revolto, feito da envergadura desarticulada das serras, riçado de cumeadas e corroído de angras, e escancelando-se em baías, e repartindo-se em ilhas, e desagregando-se em recifes desnudos, à maneira de escombros do conflito secular que ali se trava entre os mares e a terra; em seguida, transposto o 15o paralelo, a atenuação de todos os acidentes - serranias que se arredondam e suavizam as linhas dos taludes, fracionadas em morros de encostas indistintas no horizonte que se amplia; até que em plena faixa costeira da Bahia, o olhar, livre dos anteparos de serras que até lá o repulsam e abreviam, se dilata em cheio para o ocidente, mergulhando no âmago da terra amplíssima lentamente emergindo num ondear longínquo de chapadas...⁷⁹

A perspectiva de um Projeto simbólico para o Centro Paulistano

Desde o início da investigação, nos ensaios propositivos para o entorno do Pátio do Colégio que têm sido geradores de muitas questões, traba-

lhamos com a idéia de Centro Tradicional, na perspectiva de o antigo terreiro jesuítico ter sido entendido como tal, coagulando de certa forma a Tradição cristã com as Tradições ameríndias. Somado a isso, a visão dos símbolos presentes no Centro paulistano e a sua compreensão como formas de afirmar certos ideais e, conseqüentemente, uma desorganização contraposta a eles, nos movimenta no sentido de imaginar um projeto para o Centro em que a perspectiva simbólica seja considerada. Não mais somente o Pátio do Colégio, mas o Centro da Metrópole. Essa necessidade de expandir o projeto para áreas além do Pátio do Colégio ficou clara desde os primeiros ensaios propositivos e o que o presente trabalho apresenta é um processo de projeto que parte do Centro Tradicional e procura encontrar a escala adequada para sua atualização e relação com a metrópole como um todo. O último estágio de projeto apresentado não é final, no sentido de ainda não ser adequada sua escala no que se refere à metrópole, mas nele há esboçada uma hipótese de caminho. Trata-se de um exercício que trabalha diretamente com os símbolos e pretende ser um apoio para um projeto coletivo a ser produzido para o Centro da metrópole paulistana.

79 Ibid., Pág. 5

Análise do processo de ocupação do Centro paulistano, em especial do Pátio do Colégio

momentos significativos no processo de ocupação histórica e inflexões; articulação do Pátio com os ciclos econômicos paulistas e brasileiros; os melhoramentos urbanos havidos.

A Bacia do alto Tietê pré-cabralina

Do Pátio do Colégio, tinha-se uma visão ampla da Bacia do alto Tietê, ou Bacia de São Paulo - algo que, apesar da verticalização das construções na colina central paulistana e no seu entorno imediato e distante, ainda se pode verificar. Ponto central, estratégico para a defesa no início da ocupação jesuítica, de onde se vê desde o Cambuci até a Cantareira, mais de 180 graus de visão privilegiada. Foi a partir da descoberta de que havia uma relação estreita entre o sítio do Pátio e a

Bacia que me debrucei com mais vigor sobre esse compartimento do Planalto Atlântico que abriga a metrópole de São Paulo.

Com relevo suave, um sistema de colinas com alguns espigões dominando uma planície sedimentar relativamente larga, com morros, condicionada pelas elevações da Cantareira ao norte, pela Soleira⁸⁰ do Arujá e Serra do Itapeti a leste, pelos contrafortes continentais da Serra do Mar a sul e sudeste - Maciço do Bonilha - e finalmente pelas elevações também da Serra do Mar que avançam a oeste (entre as quais está a Soleira de

80 *Soleira* é o termo que designa uma camada ou lâmina de rocha que se encontra na horizontal, paralela ao nível do solo, forçada entre outras camadas. A soleira ativa refere-se à placa que se movimenta e pode, por exemplo, soerguer-se tornando movimentado o relevo acima dela, algo que vemos nas chamadas Soleiras do Arujá e de Barueri.

Barueri), a Bacia de São Paulo é o grande anfiteatro onde se desenvolve a ocupação que se tornou uma das maiores concentrações humanas do planeta, extravasando inclusive os limites acima apontados. É onde, após a tentativa frustrada de fixação na altura de Itu⁸¹ - aldeamento de *Maniçoba* - os jesuítas constróem um sistema de aldeamentos que consegue se manter já a partir do quinhentos, tornando-se verdadeira *inauguração* da ocupação oficial permanente longe da costa atlântica por parte dos portugueses.⁸²

Origem geológica da Bacia do Alto Tietê

Um bloco continental formado pela América do Sul, África, Antártida, Austrália e Índia - o *Gondwana* - próximo ao pólo sul, assiste na altura do jurássico a abertura de uma fissura entre as geomassas africana e sul-americana, deslizando esta última para o norte rumo ao equador. No período terciário (Era Cenozóica), ocorrem frequentes mudanças na crosta terrestre dada a intensa atividade do núcleo central da Terra. Movimentos tectônicos e falhas contrárias a eles passam a esculpir as geomassas anteriores. É dessa época o surgimento de uma fenda alongada

junto à costa oriental da geomassa sul-americana, o chamado *Rift*⁸³ *Continental do Sudeste Brasileiro*. Em período mais recente, 'entre dois e quatro milhões de anos atrás, o continente sul-americano assumiu sua forma moderna. Ao longo de seu litoral ocidental uma linha tectônica rugosa abriu-se do mar e irrompeu, quando o continente colidia com a placa do Pacífico, para formar, totalmente de súbito, os elevados Andes.'⁸⁴ Ocorre contemporaneamente a união das geomassas sul e norte do atual continente, bloqueando o mar raso que irá dar lugar à Bacia Amazônica.

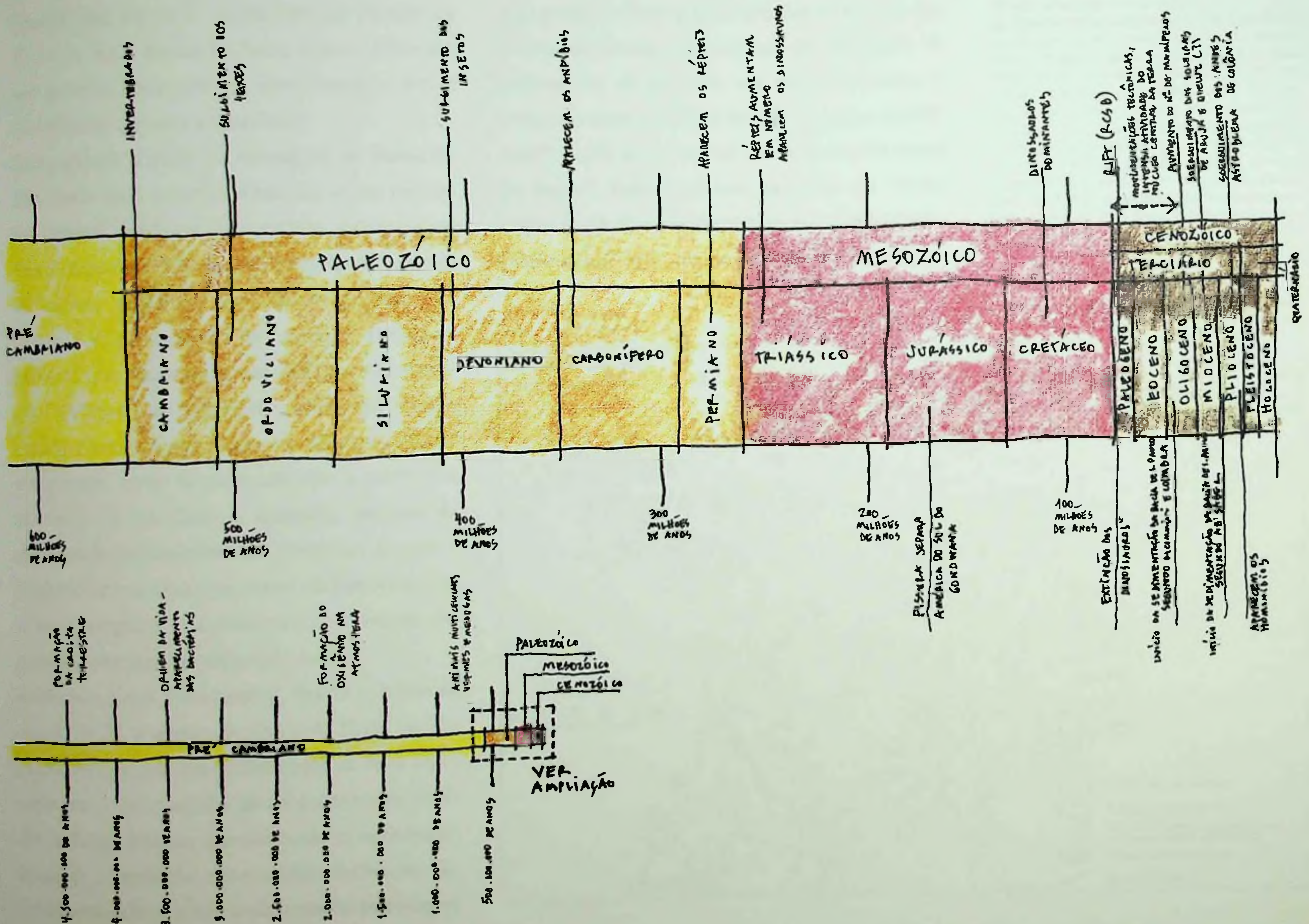
Movimentos tectônicos formadores do Rift Continental do Sudeste Brasileiro moldaram um vale-fenda que se estendia de São Paulo a Volta Redonda. A idéia de que a Bacia de São Paulo e de Taubaté (Bacia do médio Paraíba) estavam inicialmente unidas não é consenso entre os especialistas, mas de qualquer modo, uma vez formado o Rift acima apresentado, inicia-se um processo deposicional por descidas de lama que acontecem simultaneamente a novas movimentações tectônicas; é quando, na hipótese de a fenda inicial não apresentar subdivisões, soerguem-se algumas soleiras como a de Arujá, que separa a drenagem do Tietê da drenagem do Paraíba do Sul e a de

81 O rio Tietê, quando abandona o Planalto Paulista, saindo do relevo atormentado a jusante de Barueri, alcançando a chamada depressão periférica, apresenta uma queda d'água, um Salto - daí o nome *Itu* (Em tupi: Y-água; Tu- salto) - a partir de onde a vegetação originalmente não era tão fechada como no trecho do Planalto, sendo mais próxima do cerrado; onde, portanto, a movimentação era mais fácil e onde instalações humanas como eram os aldeamentos se encontravam mais desprotegidos de possíveis ataques. Após tentativa inicial de se instalar próximos ao salto do Tietê, os jesuítas acabaram por adotar a Bacia de São Paulo, lugar mais fácil para estabelecer um sistema defensável.

82 Batista Pereira em seu texto *A cidade de Anchieta*, publicado na revista do Arquivo Municipal de São Paulo em Maio de 1936, discorre sobre as hipóteses de ocupações lideradas por João Ramalho na Bacia do Alto Tietê, anteriores à fundação do Colégio de Piratininga. As primeiras ocupações permanentes oficiais, no entanto, tiveram os jesuítas como elemento orquestrador. A ocupação pré-cabralina na Bacia é objeto de estudo complementar no trabalho programado 'Índios -Ocupação e Movimentos populacionais pré-cabralinos na Bacia do Alto Tietê', também parte da reflexão por mim empreendida.

83 *Rift* é uma fenda resultante da resistência de falhas a uma movimentação da crosta terrestre. É uma fissura, uma abertura que se nos apresenta como um vale.

84 Dean, Warren op. cit., Pág. 35



Queluz, que separa o Médio Vale do Paraíba da Bacia de Volta Redonda. Essas placas (soleiras), sob pressões deformadoras, soerguem-se e fazem movimentar o relevo acima delas.

Estrangulada a saída da drenagem na Bacia de São Paulo dado o estreitamento do vale a jusante de Barueri, inicia-se um período deposicional flúvio-lacustre⁸⁵, responsável pelo entulhamento do relevo anterior, seguido da erosão que esculpiu os vários níveis de 'terraços' (topos de colinas) que são atualmente visíveis. Chamam-se 'terraços' as superfícies mais ou menos planas, limitadas por planos escarpados, que se comportam como degraus subindo a partir das planícies. O rio Tietê é, portanto, anterior às movimentações ocorridas no cenozóico e, com o bloqueio de sua drenagem, áreas da Bacia passam a estar alagadas constantemente; tornando-se, portanto, um lago ou uma série deles.

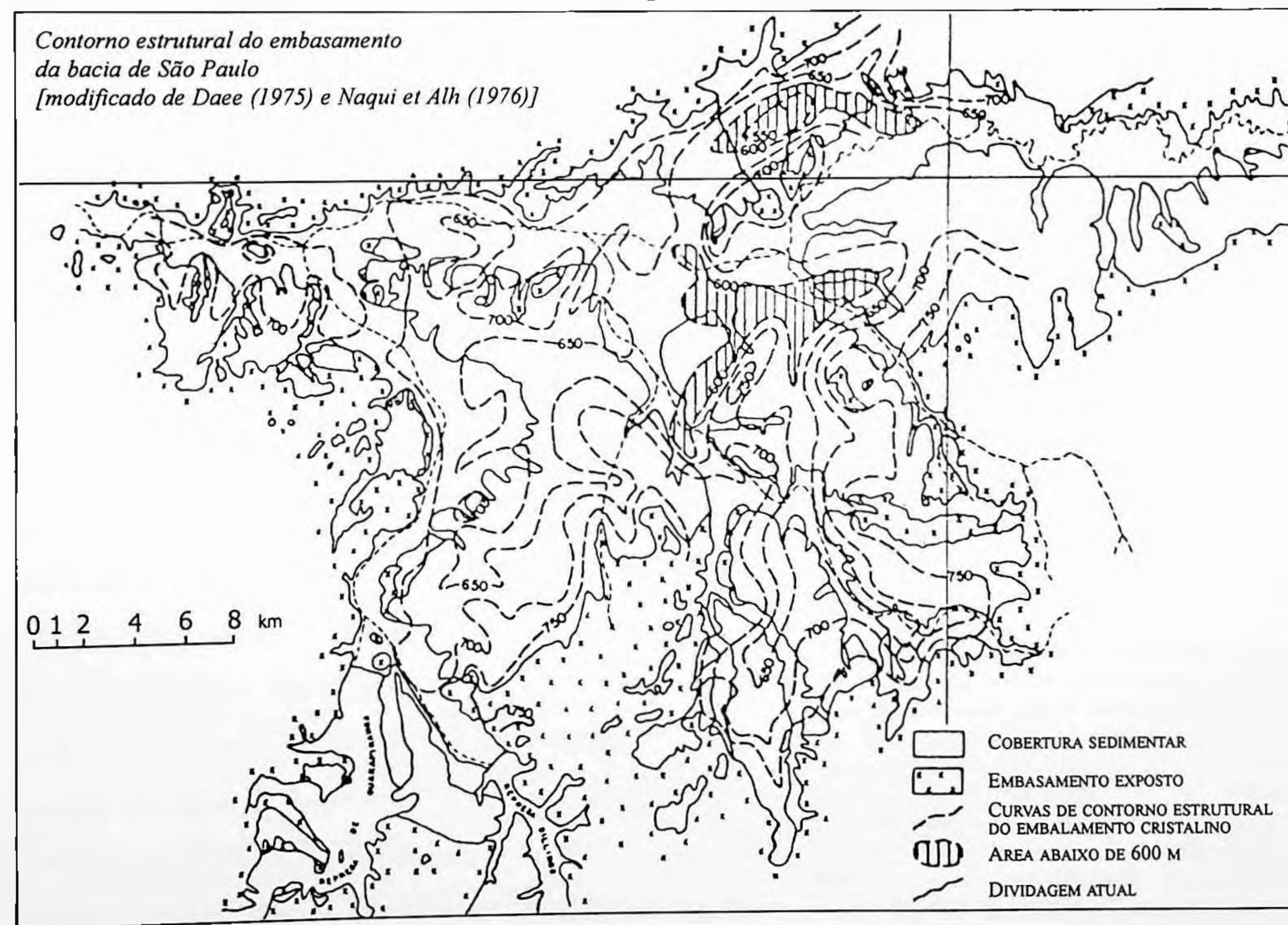
Admite-se como incontestável, desde o início da década de 70, a origem *tectônica* da Bacia de São Paulo, ou seja, que sua conformação se deve especialmente a deformações da crosta terrestre devidas às forças internas que sobre ela se exerceram. Formada a partir de movimentos tectônicos, foi modificada pela erosão e sedimentação posteriores

mas pode-se dizer que o vale que se formou inicialmente (*Paleovale*), apesar de entulhado de sedimentos, de ter sido seu relevo atenuado e, eventualmente, a direção de sua drenagem modificada⁸⁶, ainda se faz visível nas delimitações atuais da Bacia⁸⁷. Esta conclusão baseou-se na 'observação direta de contato entre as camadas terciárias [sedimentos] e o embasamento cristalino [pré-

85 ação combinada de rios e lagos

86 Hipótese ainda controversa baseada na morfologia da base estrutural sobre a qual se depositam os sedimentos que entulham a Bacia: nessa base, cotas inferiores são percebidas na região de Guarulhos, em relação a Barueri. A esse respeito, o prof. Ab'Saber entende que a 'região de São Paulo constitui um compartimento de planalto, estabelecido em maciços antigos policíclicos do extremo sudeste do Planalto Atlântico Brasileiro, devido à barragem moderna temporária das cabeceiras da drenagem de um rio antecedente, filiado à rede hidrográfica centripeta da Bacia do Paraná. Desta forma, comporta-se a região, a um tempo como bacia sedimentar flúvio-lacustre moderna e superfície de erosão local, relativamente

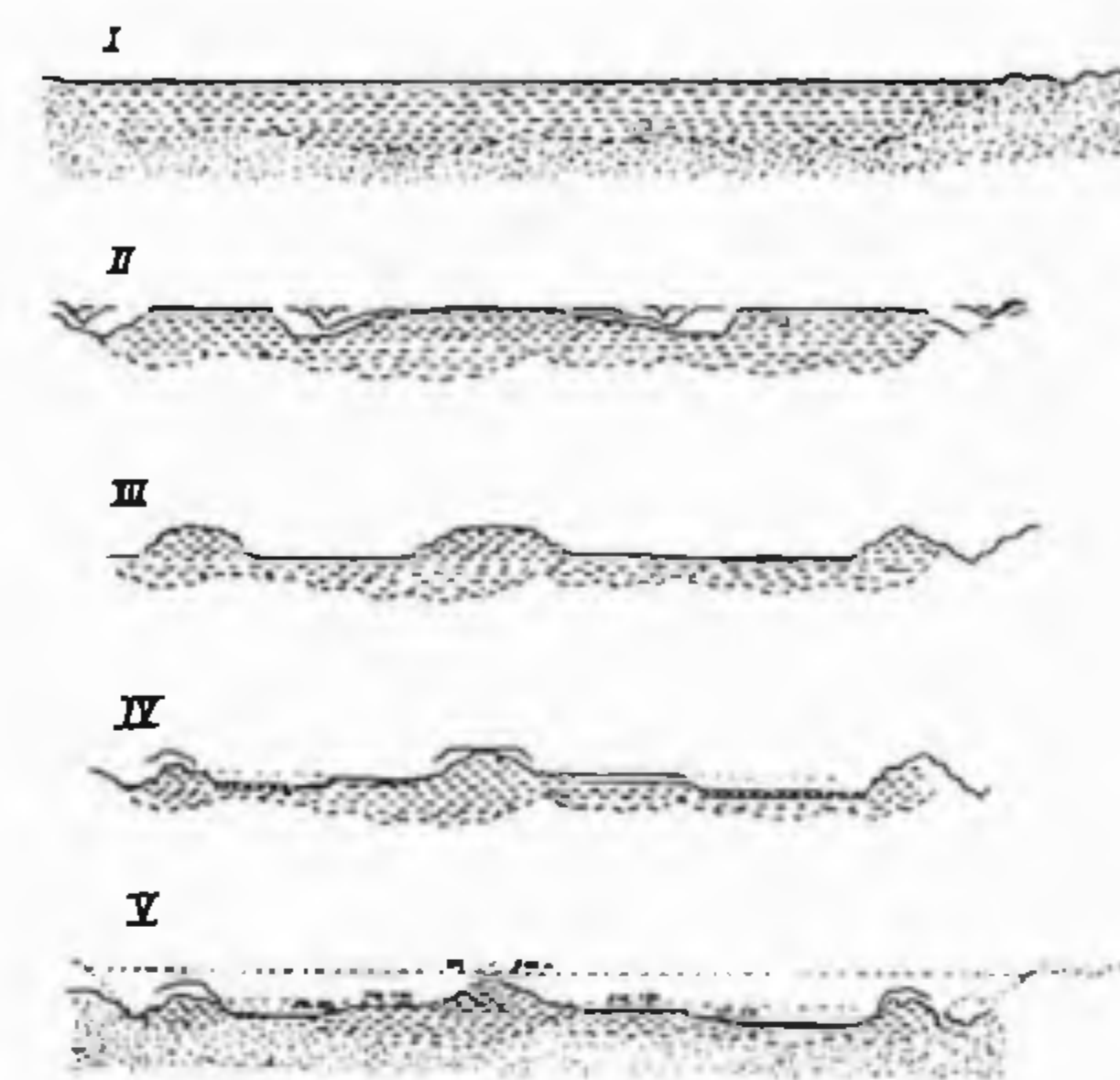
Imagem que corresponde aproximadamente ao Paleovale acima referido.



cambriano]⁸⁸. Conclui-se, com isso, que a Bacia formou-se fundamentalmente pela movimentação tectônica de sua base já que podemos admitir, inclusive, que os seus contornos são quase os mesmos da movimentação tectônica inicial (cenozóica). O embasamento cristalino possui, em alguns locais, falhas tectônicas nas quais se nota que 'é nítida a contemporaneidade entre falhamento e deposição'⁸⁹. Movimentos tectônicos, portanto, continuaram a acontecer simultaneamente ao processo deposicional e de erosão.

Outra conclusão, acima introduzida, que tem sido reafirmada sistematicamente é a 'origem fluvial e restritamente lacustriva [da Bacia], ligada a uma rede de drenagem e escoamento dificultado'⁹⁰, que promove seu entulhamento, percebido na espessura das camadas de sedimentação. Movimentações tectônicas afunilaram a drenagem na Bacia, o que permitiu a formação de lagos em alguns locais, ou possivelmente um único lago de maior extensão, e a conseqüente deposição de sedimentos lacustres. O prof. Ab'Saber já se referia ao bloqueio na drenagem da Bacia: 'Desde que a drenagem gondwânica⁹¹ do Brasil Sudeste foi rearranjada por interferências tectônicas, após o soerguimento e a fragmentação da chamada *superfície*

das cristas médias (1100-1300m), o Alto Tietê e o Alto Paraíba se definiram como drenagens independentes (Ab'Saber 1954). (...) quando o Tietê foi barrado por complexas interferências tectônicas, de caráter bem mais moderado que as anteriores, iniciou-se a sedimentação flúvio-lacustre⁹² a montante das soleiras ativas, afundando-se alguns blocos de assoalho cristalino (...), que foram os principais responsáveis por um espessamento local dos sedimentos lacústres e flúvio-lacústres. O tectonismo criador da depressão que deu origem à Bacia de São Paulo deve ter se ligado a um sistema local de pequenas falhas, *geomorfologicamente contrárias*, que a despeito de diferenças de intensidade e velocidade, se fizeram ativas durante todo o período deposicional controlando a barragem (...) na região. Terminados os esforços tectônicos capazes de ocasionar a extensão local da antiga planície flúvio-lacustre, o rio retomou seu roteiro habitual na direção do noroeste, passando a erodir um pouco os depósitos que ele mesmo ajudara a empilhar localmente (...). Iniciou-se, aí, o entulhamento da Bacia, através de sucessivos estímulos de uma epirogênese [movimentação vertical das massas continentais, ou seja, todo um continente que se levanta ou abaixa, flutuando sobre o



Fases do entulhamento da Bacia do alto Tietê a partir do Paleolago entulhado, segundo Ab'Saber.

recente, embutida em largos desvãos da antigas superfícies de aplainamento rejuvenescidas'. Pág. 303 *Geomorfologia do sítio urbano de São Paulo*.
 87 Vargas, Milton 'Evolução dos conhecimentos' in *Solos da Cidade de São Paulo* Pág. 17
 88 Ibid., Pág. 17
 89 Ibid., Pág. 17
 90 Vargas, Milton 'Evolução dos conhecimentos' in *Solos da Cidade de São Paulo* Pág. 17
 91 referente ao antigo continente *Gondwana* já citado anteriormente.
 92 nota original do autor: "Preferimos utilizar sempre a designação faciológica *flúvio-lacustre* para designar as camadas de São Paulo, afim de salientar o caráter predominantemente fluvial dos sedimentos e a eventual existência de horizontes flúvio lacústres e até mesmo lacustres, alhures apontados para pequenas sequências de estratos da Bacia. Em face dos princípios do *atualismo* (*princípio geológico básico de Van Hoff, segundo o qual os processos geológicos do passado se deram com a mesma intensidade dos atuais*)*, pensamos que a sedimentação regional deve ter sido elaborada por demorados espaços de tempo, debaixo de condições topográficas e hidrográficas que lembrariam as do Pantanal Matogrossense, em escala um tanto reduzida. Os estudos sedimentológicos do Prof. Viktor Leinz na Bacia (...) provam, por outro lado, que houve também verdadeiras fases lacústres na história da sedi-

magma inferior] cíclica.⁹³ O autor nos informa que a sedimentação na Bacia de São Paulo ocorreu a montante de uma soleira ativa na altura de Barueri, onde se afunilou a drenagem do Tietê; com o soerguimento da soleira de Arujá o escoamento fica ainda mais volumoso e dificultado.

'A Bacia de São Paulo é uma das unidades integrantes do denominado *Rift Continental do Sudeste do Brasil (RCSB)* (...). Esta feição tectônica de idade cenozóica, anteriormente denominada *Sistema de Rifts Continentais da Serra do Mar* (...), engloba ainda, de sudoeste para nordeste, as Bacias de Curitiba, *Graben*⁹⁴ de Sete Barras e Bacia de Taubaté, Bacias de Resende e Volta Redonda, *Graben* da Guanabara e Bacia de Itaboraí. Recentemente foram incorporados ao RCSB o *Graben* de Barra de São João (RJ) e o *Graben* de Guaraqueçaba (PR). Dispõe-se, portanto, como uma estreita faixa, alongada e deprimida (...) desenvolvida entre as cidades de Curitiba (PR) e Barra de São João (RJ), numa extensão de quase 900 km. O *rift* segue aproximadamente a linha da costa atual, da qual dista em média cerca de 70 km, alcançando o Oceano Atlântico na sua terminação nordeste e dele se aproximando a sudoeste.⁹⁵

O *rift* em questão, que teria se formado em função de pressão de movimentos verticais opostos - a descida lenta da Bacia de Santos simultaneamente ao soerguimento da região costeira adjacente 'está recortado por um denso sistema de falhamentos (...) (zonas de cisalhamento) (...) ativos até o final do Ciclo Brasileiro, no Cambro-Ordoviciano (...), cujas reativações posteriores deixaram registros nos sedimentos cenozóicos.'⁹⁶ São falhamentos a

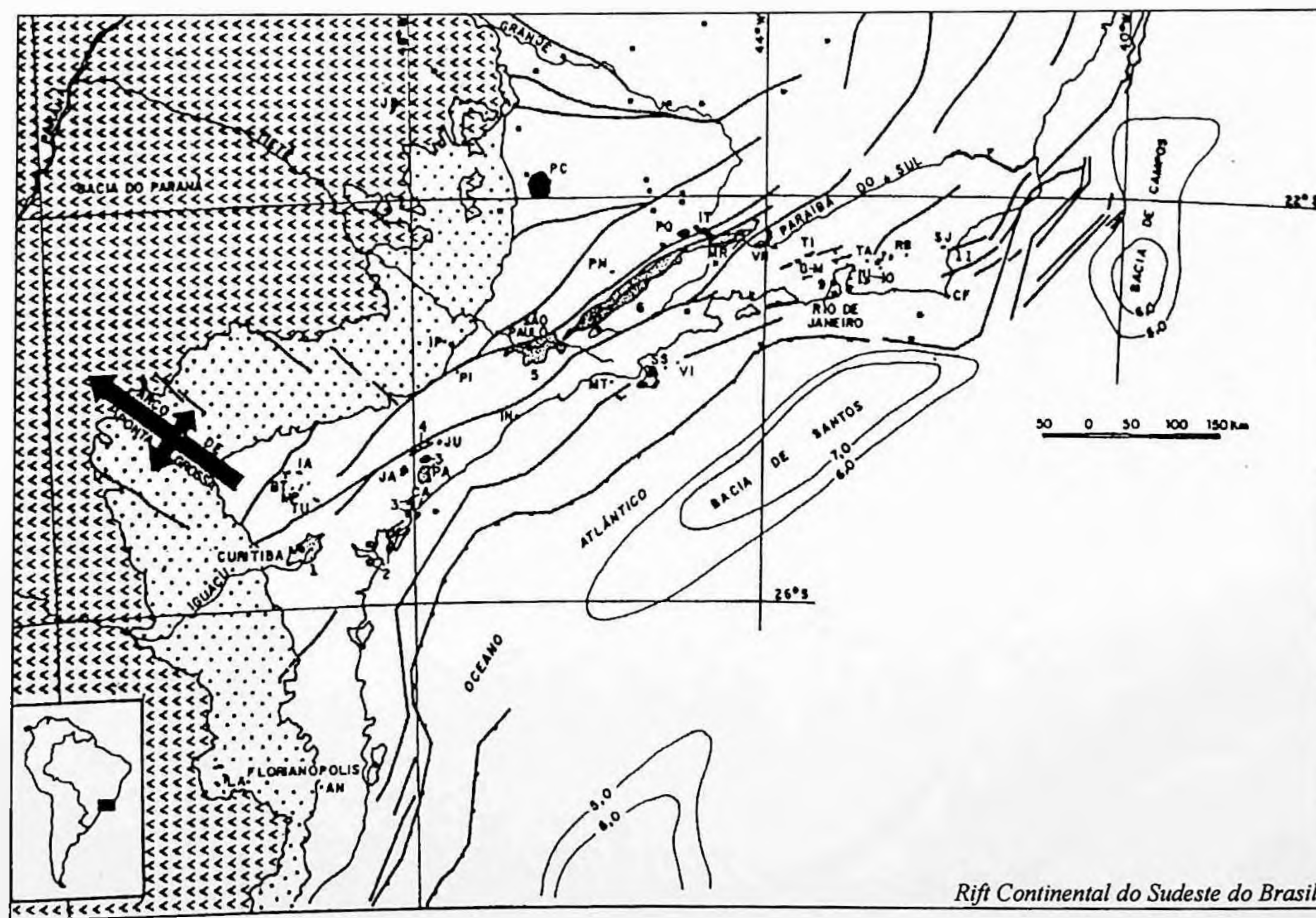
mentação regional, o que não é nada de se estranhar, já que no momento em que as falhas geomorfológicamente contrárias foram mais intensas que a velocidade da sedimentação fluvial, a barragem tectônica resultante foi capaz de dar origem a verdadeiros lagos na região". Ab'Saber, Aziz *Geomorfologia do sítio urbano de São Paulo*

93 Ab'Saber, Aziz op. cit., Págs 203-5

94 *Graben* é o mesmo que fossa tectônica, depressão de forma alongada, enquadrada por uma série de degraus produzidos por falhas paralelas.

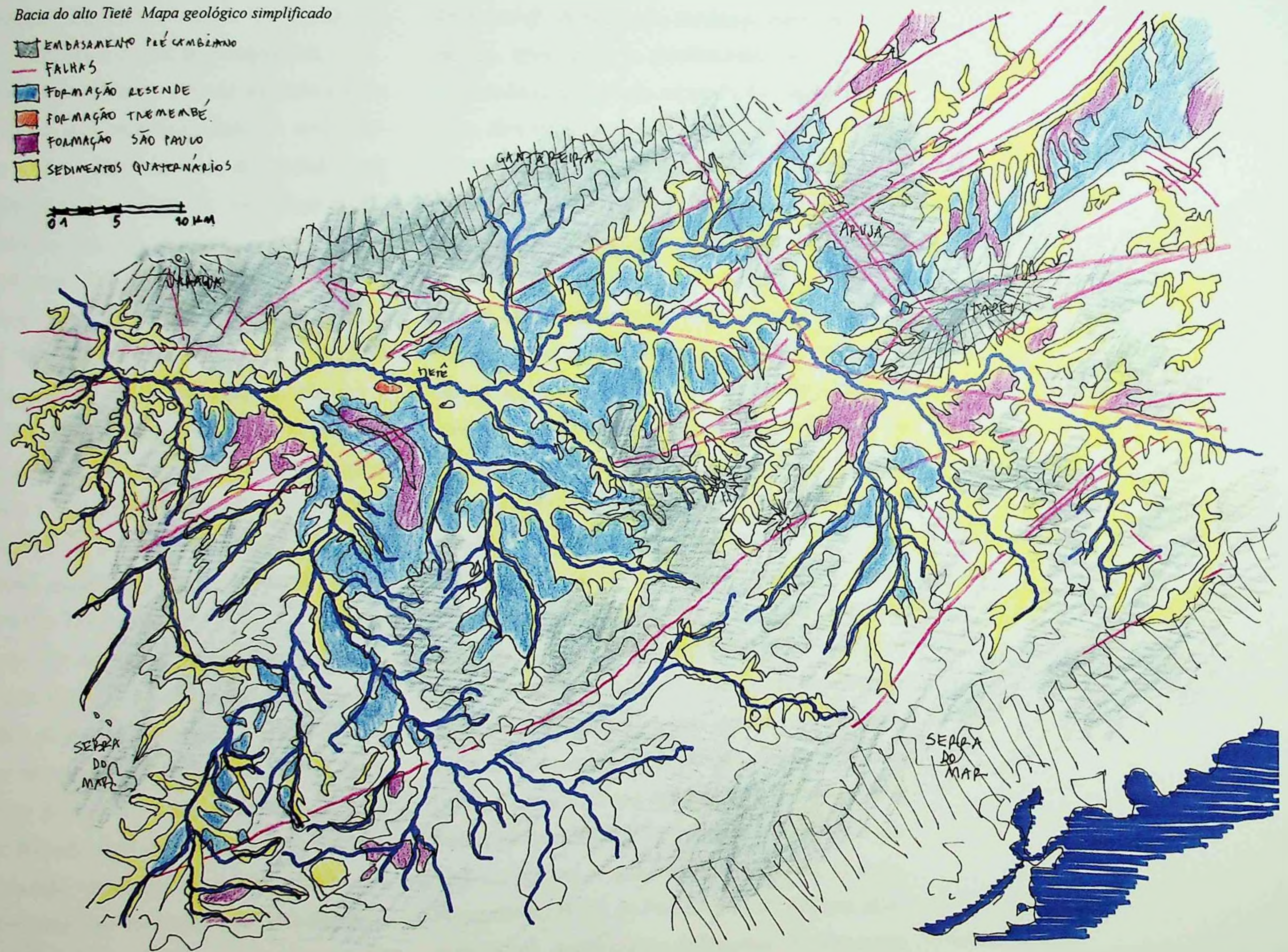
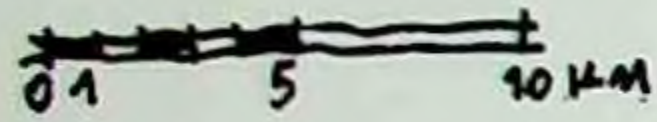
95 Riccomini, C e Coimbra, A M. 'Geologia da bacia sedimentar' in *Solos da Cidade de São Paulo* Pág. 38

96 *Ibid.*, Pág. 38



Bacia do alto Tietê Mapa geológico simplificado

- EMBASAMENTO PRÉ-CAMBRIANO
- FALHAS
- FORMAÇÃO RESENDE
- FORMAÇÃO TRÊS MEMBRES
- FORMAÇÃO SÃO PAULO
- SEDIMENTOS QUATERNÁRIOS



linha Taxaquara-Jaguari ao norte da Bacia e a linha que acompanha o vale do Pirajussara.

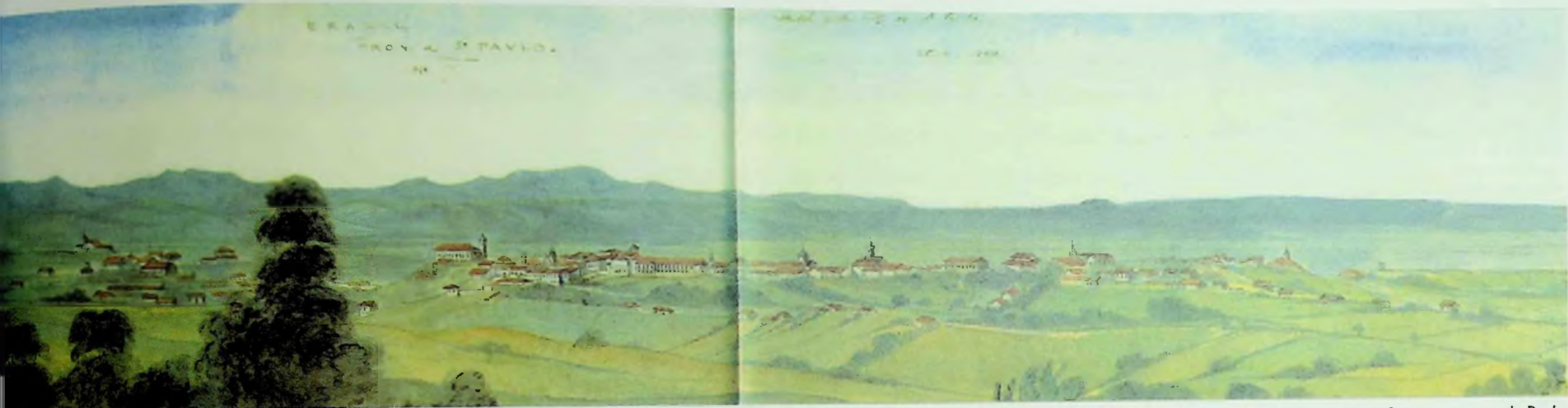
Admite-se que as Bacias que se encontram no RCSB tiveram sua principal fase de sedimentação no Oligoceno, apesar de atualmente serem disponíveis algumas indicações de idades mais antigas.

Dentre as bacias do RCSB, interessa ao presente trabalho uma investigação mais detalhada sobre a Bacia de São Paulo, localizada no Planalto Paulistano, cujo relevo suavizado, de morros e espigões de colinas relativamente baixos, se situa entre 715 a 900m de altitude, 'com a drenagem fluindo para o Rio Tietê e seus afluentes a montante da Soleira de Barueri, na Serra de Itaqui'⁹⁷. Os principais afluentes do Alto Tietê são o Rio Pinheiros e Rio Tamanduateí.

Inicialmente sob um clima semi-árido, contando com cones de dejeção em cujo eixo existiam rios entrelaçados (*formação Resende*), a Bacia de São Paulo teve sua drenagem bloqueada com o soerguimento da Soleira de Arujá e estrangulada na Soleira de Barueri, algo que ocasionou seu represamento, ou seja, transformou-se em um lago cujo lodo, decorrente de sedimentação calma, promoveu seu gradual entulhamento (*formação*

Tremembé). A partir da mudança para um clima úmido, teve início o entalhamento da superfície aplainada resultante da secagem do lodo do antigo lago. Houve uma movimentação intensa da camada superficial seguida da erosão que esculpiu os terraços e vales atuais - (*formação São Paulo*). Após a sedimentação no paleolago, inicia-se um período de pequenos represamentos, formação de barras que funcionavam como diques, algo que movimentou e modificou a superfície resultante do entulhamento da bacia. A maior umidade fez com que os rios transbordassem com frequência, destruindo antigos diques, formando novos meandros, esculpindo o terreno em degraus escalonados (terraços): os espigões como o da Paulista são resquícios do nível da superfície quando do início do intenso entalhamento. Os sedimentos do paleolago foram quase totalmente lixiviados e aqueles que restaram foram recobertos pelos sedimentos quaternários; é devido a isso que os solos superficiais relacionados à formação Tremembé são raros. Os sedimentos referentes à formação São Paulo também foram intensamente erodidos e são visíveis apenas nos topos dos espigões. O entalhamento da Bacia de São Paulo fez com que aflorassem os sedimentos referentes à formação

97 Ibid., Pág. 40



Vista de São Paulo e da Bacia do alto Tietê com seu limite setentrional (Serra da Cantareira), o Itapeti e o morro da Penha
Sketch of the city of St Pauls
(Panorama de São Paulo), 1823
Edmund Pink

Resende, fundo do antigo lago e reminiscências dos leques de dejeção com rios entrelaçados.

Geomorfologia da Bacia do alto Tietê

Podemos compreender a Bacia de São Paulo como um sistema de colinas num compartimento do Planalto Paulistano, entalhado a partir de uma Bacia sedimentar flúvio-lacústre. Desse entalhamento resultou uma relativamente larga planície central por onde correm os principais rios da região. As bordas dessa Bacia são formadas por rochas cristalinas aplainadas, lembrança desgastada da movimentação tectônica do cenozóico que

bloqueou o compartimento que compõe a drenagem do alto Tietê.

O entalhamento da Bacia sedimentar ocorreu por meio da implantação dos vales principais (Tietê e Pinheiros) e subsequentes (Tamanduateí, Aricanduva, Pirajussara e outros), que foram esculpidos em várias fases que se diferenciam pelas condições climáticas sob as quais ocorreram. O resultado são terraços nos topos de colinas, em diversas alturas, rasgados por vales de ribeirões menores que se assemelham a cochos; há maior número de patamares na margem esquerda do Tietê e direita do Pinheiros, em grande parte devido ao movimento de afastamen-

to progressivo dos principais rios em direção às bordas da bacia, como um leque se abrindo em relação ao eixo representado pelos altos dorsos do espigão da Paulista,

Durante o holoceno, junto a esses terraços esculpidos pelas águas, formaram-se novos terraços a partir de sedimentos que, trazidos pelos rios, 'enclavam' junto a cascalheiros: são os terraços colúvio-fluviais, também chamados baixos terraços.

'Fugindo das várzeas a princípio, a cidade posteriormente ocupou os baixos terraços mais enxutos, incorporando, finalmente, as várzeas secundárias dos afluentes do Tietê aos espaços urbanos de seu grande parque industrial. Essa conquista das planícies aluviais que permaneciam desprezadas na forma de terrenos malsãos e baldios por entre blocos de colinas urbanizadas, fez-se em pleno século XX, sendo dos últimos dois decênios a recuperação das grandes planícies submersíveis do Tietê e Pinheiros.'⁹⁸ (O texto, de 1957, refere-se às décadas de 40 e 50 como o período de ocupação das várzeas)

A região de São Paulo é percebida por Ab'Saber como um sistema de terraços fluviais escalonados que testemunham o caráter epicíclico da

elaboração do relevo. 'Enquanto a epirogênese, cíclica ou não-cíclica, parece ter sido constantemente positiva, após o fecho da sedimentação na Bacia de São Paulo, forçando o rejuvenescimento da região, as variações no regime hidrológico ditadas por flutuações climáticas, parecem ter sido as responsáveis mais diretas pelo terraceamento que hoje se observa ao longo dos vales regionais.'⁹⁹ O que se nota atualmente são 'grandes planícies aluviais de soleira, a 718-720 m de altitude, por entre tratos das colinas terciárias retalhadas e terraceadas.'¹⁰⁰

'No sistema de colinas paulistanas, esculpidas na bacia sedimentar (...), destaca-se o Espigão Central de 810-830m, situado no *divortium aquarium* Tietê-Anhangabaú e Pinheiros. Tal espigão divisor é a mais importante plataforma interfluvial da Bacia de São Paulo, tendo restado a escapo de fragmentação por erosão a despeito da maturidade geral que caracteriza a atual fase de dissecação fluvial da bacia. Embora preservando bem, em sua topografia, o nível altimétrico da plataforma interfluvial original, o Espigão Central demonstra, por diversos fatos, que foi rebaixado extensivamente de alguns metros, e até mesmo de uma



vista, a partir da colina central, da várzea alagável do Tamanduateí
foto de Militão de Azevedo c.1850

98 Ab'Saber, Aziz, op. cit., Pág. 307

99 Ibid., Pág. 308

100 Ibid., Pág. 304

escalonados dos flancos do espigão central, colinas do nível intermediário (como a colina da ocupação inicial em São Paulo), baixas colinas terraceadas, terraços fluviais de baixadas relativamente enxutas, planícies de inundação sujeitas a inundações periódicas e planícies de inundação sujeitas a enchentes anuais.

Vimos nos períodos deposicionais a que se referem os sedimentos da Bacia de São Paulo que sua *drenagem* se deu inicialmente em rios entrelaçados, um feixe de canais com separações de barras e ilhas, no nível mais baixo de um leque de dejeção de descidas de lama, verdadeiro meio funil para onde convergiam tanto a água como os terrenos que deslizavam das maiores altitudes; após o represamento da Bacia, sua transformação em lago e sedimentação de lodo numa fase de clima semi-árido, as águas começaram a esculpir o lago seco entulhado com uma drenagem lenta pois a superfície tinha um declive suave; como houve uma mudança para um clima úmido, o volume das águas aumentou expressivamente e os rios passaram a apresentar muitos meandros, situação equivalente à que ainda se vê nos lugares onde o Tietê não foi canalizado e no Paraíba do Sul. Nesse tipo de drenagem, meandros são sistemati-

camente abandonados, transformando-se em lagoas que por vezes são novamente ligadas aos rios devido ao rompimento dos diques naturais que haviam se formado quando novos meandros tornavam-se preferenciais.

‘A drenagem do Alto Tietê, na região de São Paulo, apresenta uma tendência bem marcada para concentração, exatamente à altura da bacia sedimentar paulistana. Das fraldas meridionais da Serra da Cantareira até as fraldas setentrionais do maciço do Bonilha, através de uma faixa de 30 a 35 km, os cursos d’água controlados pelo Tietê são grosseiramente centrípetos à porção central da Bacia de São Paulo (...). Apenas ao norte da Cantareira e ao sul do Bonilha, encontram-se traçados hidrográficos que antecederam o ciclo deposicional regional e, por essa razão mesma, possuidores de cursos mais diretamente relacionados com a estrutura dos maciços antigos rejuvenescidos da região.’¹⁰⁵

O Tietê, Ty eté, *água verdadeira* em tupi, espinha dorsal das águas da Bacia de São Paulo, curso d’água central, brota e vai ser alimentado em fontes dos contrafortes continentais da Serra do Mar. Próximo a ele também nasce o Paraíba, cujas águas próximas à nascente (o alto Paraíba), segun-



vista parcial da Bacia do alto Tietê (ao fundo, o Jaraguá) a partir de Itapecerica

105 Ibid., Pág. 70-1

do algumas teorias, foram como que furtadas de águas que originalmente corriam para o Tietê.

A partir de sua nascente, corre para sudoeste e, no pé do Itapeti, na altura de Mogi das Cruzes, o Tietê passa a ter meandros pronunciados numa várzea cada vez mais larga e sujeita a cheias intermitentes.

A várzea serpenteia com o rio e, próximo à desembocadura do Tamanduateí no Tietê, alarga e forma uma planície ampla. Outros sítios há onde a Bacia do alto Tietê apresenta amplas superfícies de várzea, dentre os quais se destaca o vale do Pinheiros.

Na altura de Barueri, contrariando a expectativa em função do relevo, as águas do Tietê fazem uma curva abrupta em direção ao norte e encaixam num terreno movimentado por morros e montanhas, de onde apenas sairão, em queda, na altura de Itu (Y-tu, *queda d'água em tupi*), a partir de onde passam

a correr sem muitos obstáculos para o rio Paraná. Atualmente, os principais rios da Bacia foram canalizados. Eram vistos, até recentemente, meandros e lagoas de antigos meandros abandonados. O rio Tamanduateí, na altura do Parque D. Pedro II, dividia-se, até o início do século XX, em varios

Várzea do Pinheiros
A view near St. Pauls
(Uma vista dos arredores de São Paulo) c. 1820
Henry Chamberlain



canais, algo equivalente aos rios entrelaçados da drenagem do período deposicional inicial da Bacia. 'Os padrões de drenagem da região de São Paulo demonstram uma variedade apreciável de tipos, devido à presença da Bacia sedimentar ao lado de maciços antigos circundantes, litológica e estruturalmente variados. É possível reconhecer drenagem *dendrítico-paralelas* nas proções centrais da bacia sedimentar regional; uma drenagem *dendrítica* ou *dendrítica-retangular* dominante, nas regiões cristalinas que envolvem a bacia; e, finalmente, padrões de drenagem labiríntica simples nas grandes planícies aluviais do Tietê, Pinheiros e Tamanduateí (incluindo meandros divagantes, lagoas de meandros e ligeiras anastomoses¹⁰⁶ nos canais fluviais).'¹⁰⁷

Ocupação pré-cabralina da Bacia do alto Tietê

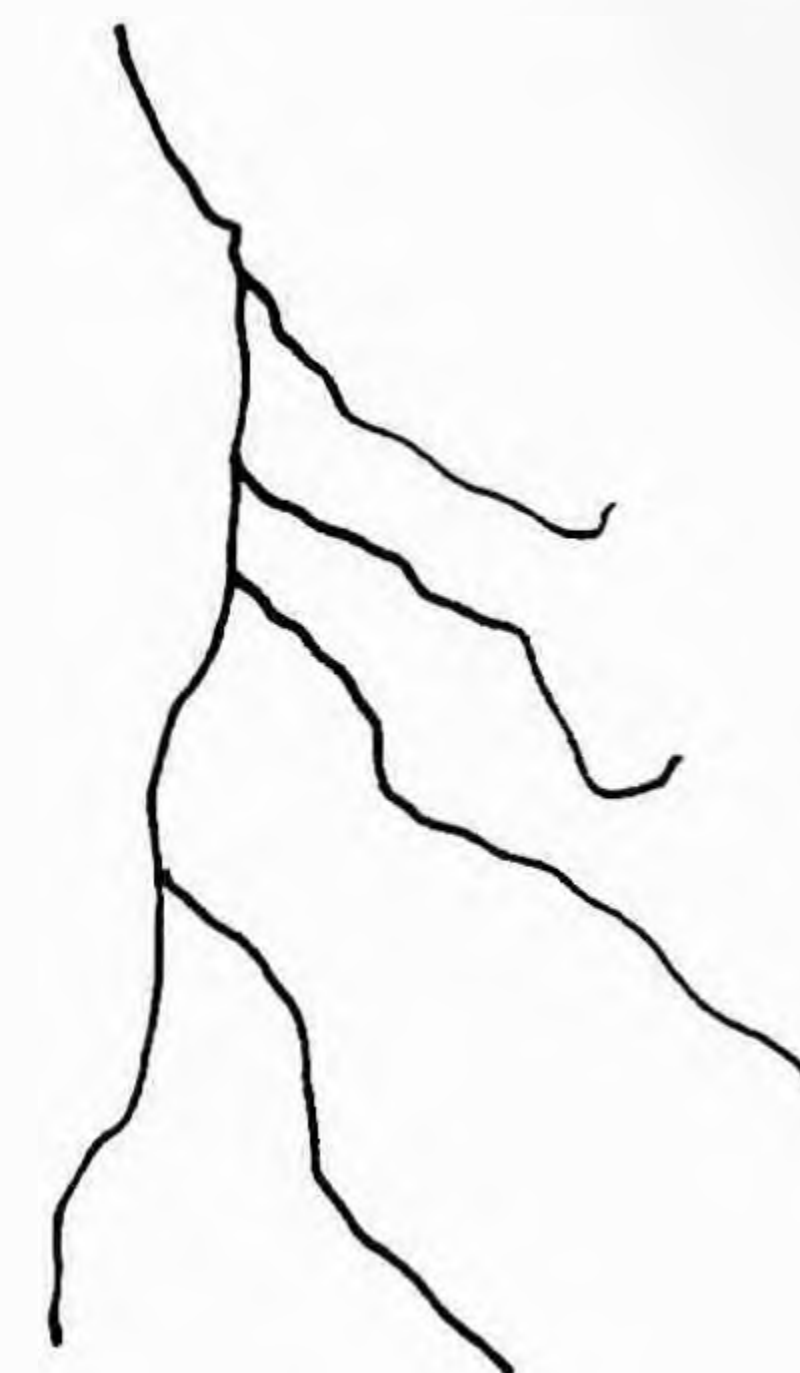
Muito pouco podemos afirmar no que se refere à ocupação da Bacia do alto Tietê anterior à conquista européia, mas há suspeitas de que os locais escolhidos pelos índios para acampamentos tivessem a função de centros, no sentido tradicional descrito no capítulo anterior. Para investi-

Tipos de drenagem junto à Bacia do alto Tietê:

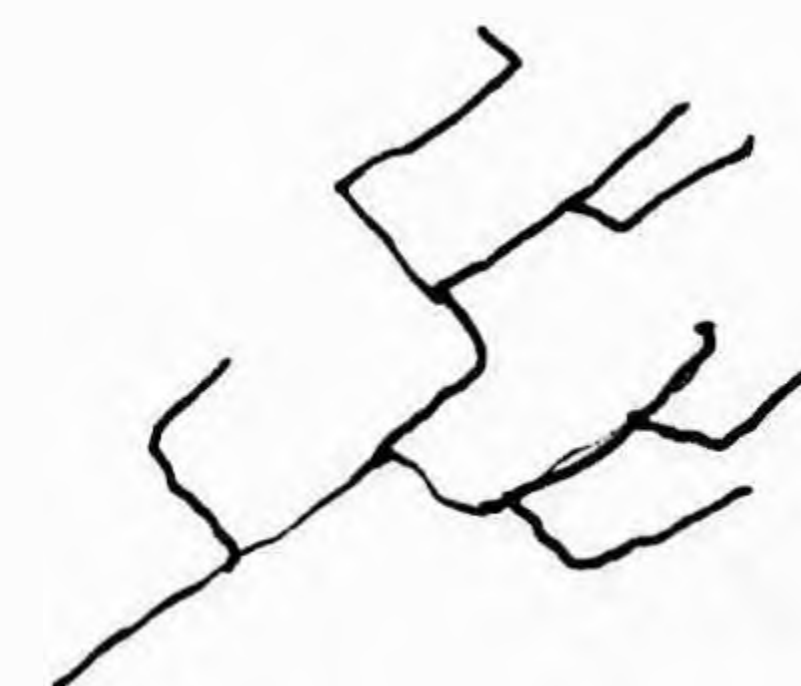


labiríntica simples na disposição geral dos principais rios da Bacia

gar sobre a Centralidade de certos sítios entre os antigos habitantes da Bacia, baseamo-nos nos estudos das tribos sobreviventes atualmente do tronco tupi-guarani e também em outras populações ameríndias. Sabe-se que as tribos do tronco tupi-guarani que habitavam a costa brasileira no quinhentos, na sua maioria, abandonavam suas instalações e saíam em direção a um novo sítio a cada ciclo de 5 - 6 anos¹⁰⁸. Nesse processo, a queimada, que necessariamente antecedia a construção das ocas e, portanto, da taba, possuía



dendrítico paralelas, como nos afluentes do Pinheiros



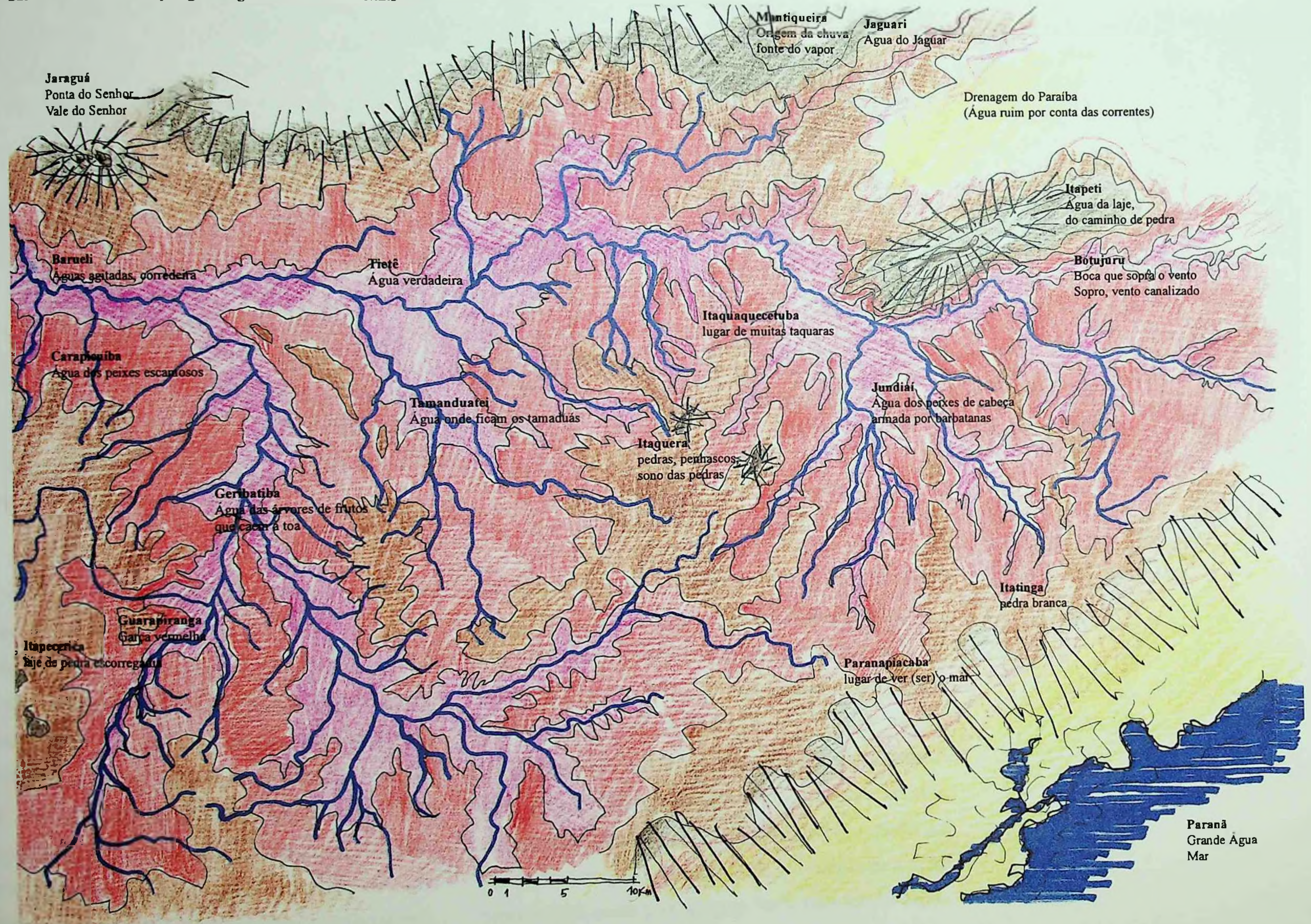
dendrítico retangulares, em alguns rios presentes nos limites da Bacia como Cantareira e Maciço do Bonilha

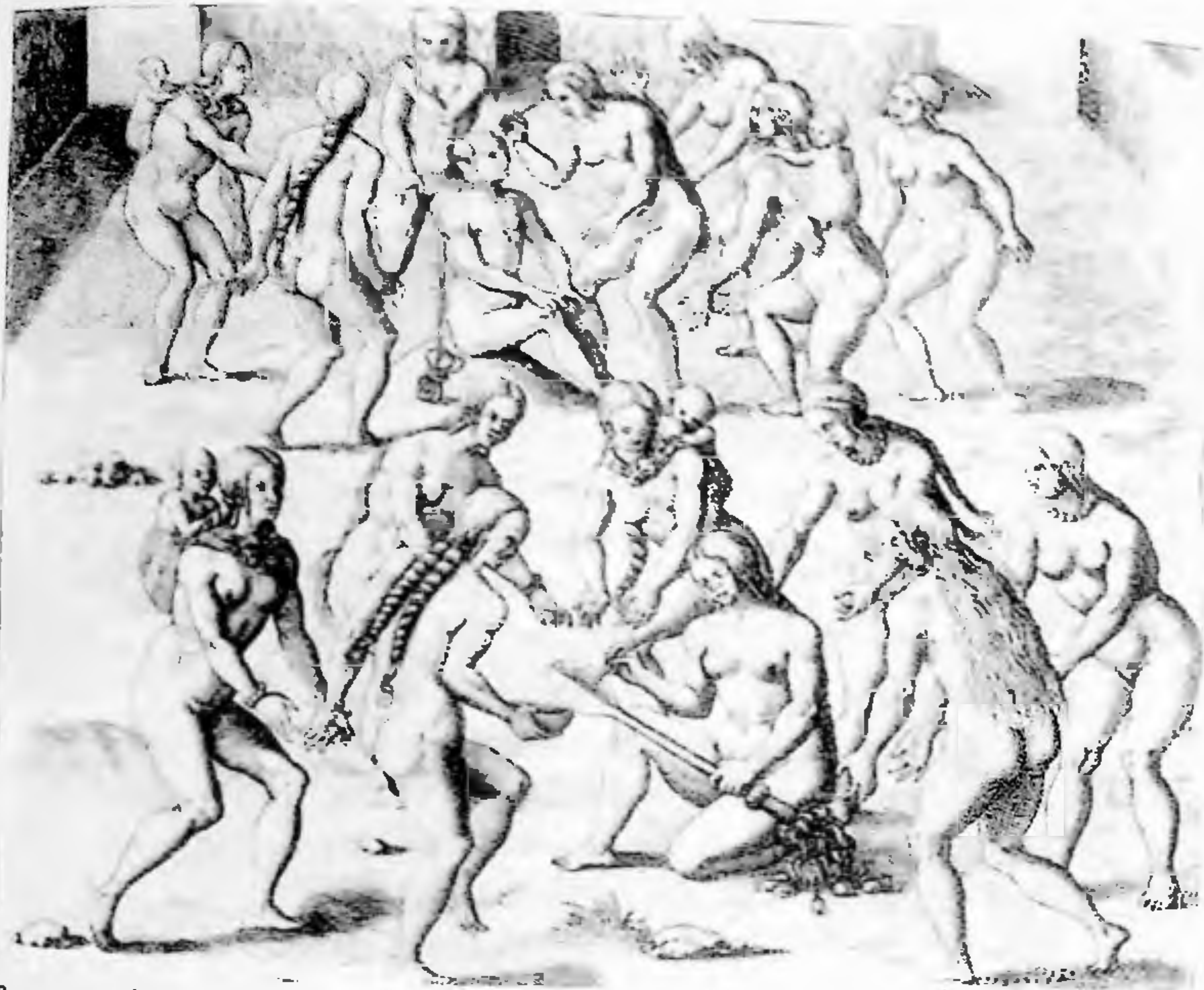
106 sucessivas ramificações devido ao grande volume de cargas, formando ilhas assimétricas e barras arenosas; pode-se ter como exemplo dessa situação a área do atual Parque D. Pedro II, onde antigamente, vários canais se formavam paralelamente na várzea durante algumas estações úmidas.

107 Ab'Saber, Aziz, op. cit., Pág. 305

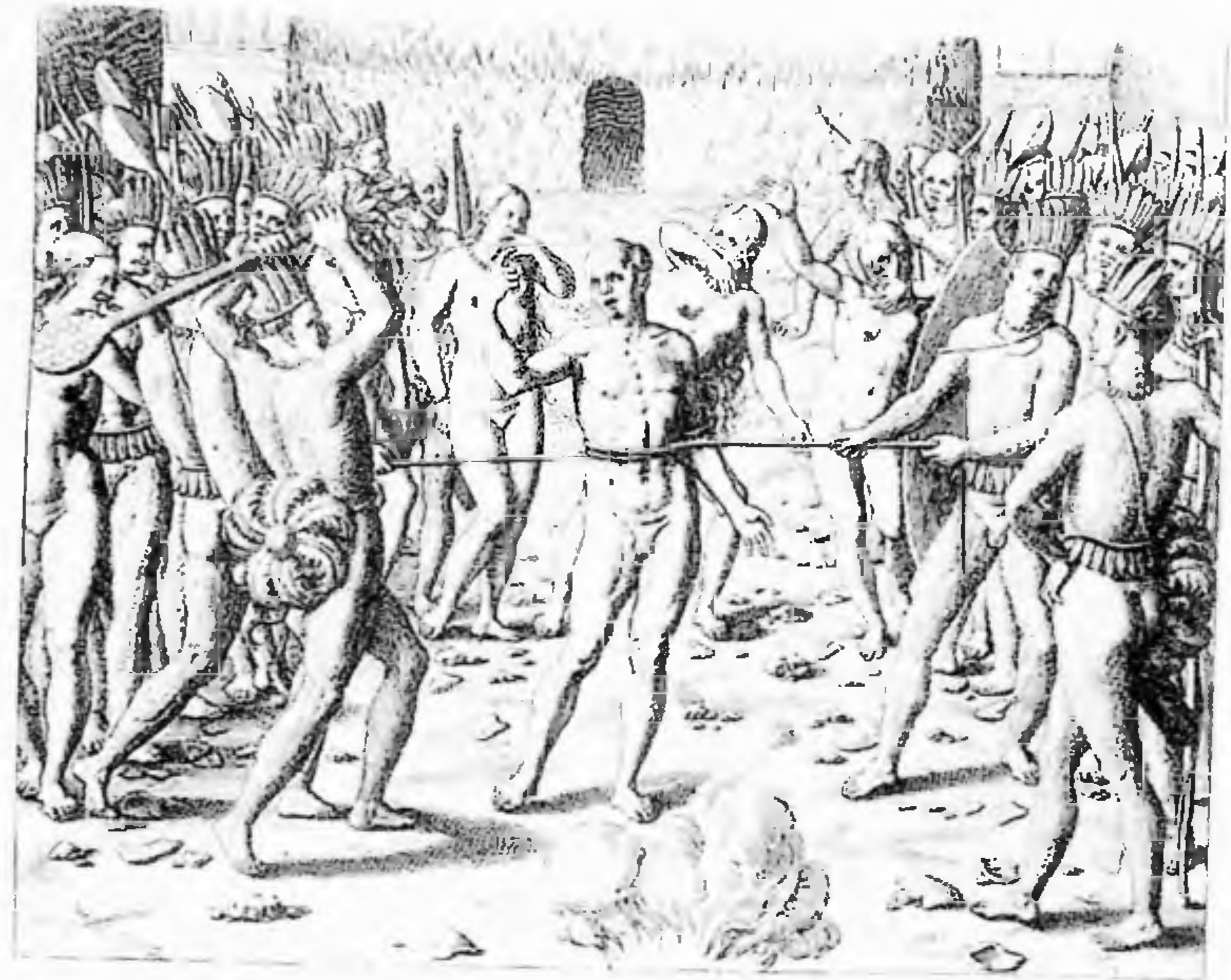
108 média das informações apresentadas por Branislava Susnik, comparadas a informações de Carlos Fausto.

Bacia do alto Tietê - Morfologia e alguns nomes tradicionais





Preparação do sacrificio entre os Tupi



Momento do Sacrificio

provavelmente um sentido equivalente aos ritos de fundação de outros povos.

O centro das tabas era onde acontecia a vida social tupi. Lá realizavam-se os sacrificios, as pajelanças e suas danças. Um centro que, apesar de variar a vizinhança, era coletivamente entendido como tal, como um Centro no sentido tradicional. Não imagino possível que esses centros fossem totalmente alheios às condições geomorfológicas onde as tabas estavam instaladas: ao menos as posições

do nascente e do poente deveriam ser consideradas. Nestes pontos, segundo vimos na mitologia guarani e provavelmente também a tupi, habitam figuras mitológicas importantes, assim como também no zênite.

Outra hipótese que me invade é a possibilidade de os locais de assentamento terem sido reocupados sistematicamente: a Bacia do alto Tietê, quando do início da conquista européia, já era habitada a pelo menos 500 anos por grupos tupi, não tendo estes



Imagem que acompanha o conhecido texto de Hans Staden sobre os tupinambá e mostra o sacrifício e antropofagia.

últimos encontrado uma região vazia, mas sim ocupada a vários séculos - difícil não imaginar a existência de certos sítios considerados privilegiados. Imaginemos algumas tribos ocupando a bacia, mudando de sítio constantemente e explorando a caça no entorno de seus assentamentos: mesmo com uma densidade demográfica relativamente baixa (se tomarmos como base a média de aldeias montadas a cada 30 quilômetros¹⁰⁹ e a

descrição de Anchieta no que se refere à população que ali vivia¹¹⁰, teríamos provavelmente em torno de 10 grupos vivendo na bacia) e a região toda deveria já ser bastante conhecida após tantos anos de ocupação. Sítios privilegiados no que se refere à obtenção de água e proximidade de caça talvez fossem procurados repetidas vezes; possivelmente as condições geomorfológicas e de orientação solar se apresentando como respostas à existência das condições favoráveis e como estímulo à reflexão sobre a existência. Não é impossível imaginar que ciclos maiores existissem

na reocupação de certos *lugares* (sítios somados a significações contidas).

Talvez os sítios utilizados pelos tupi sejam os mesmos locais de assentamentos dos povos paleolíticos anteriores e possivelmente esses mesmos sítios tenham sido aqueles escolhidos pelos jesuítas para os aldeamentos já em época histórica - são estas algumas hipóteses que permeiam as considerações a seguir.

109 Base para esse cálculo abaixo em *Dinâmica e Ideologia sócio-cultural*
 110 Anchieta, José de *Cartas, Informações, Fragmentos históricos e sermões*
 EDUSP São Paulo Ed. Itatiaia B. Horizonte 1988 Pág. 193

mente de 4 a 8 casas comunais de 55 a 140m de comprimento cada (20 a 30 famílias em cada uma) e, portanto, do mesmo número de *tevy* e ali reinava o mecanismo social da poligamia. A densidade da aldeia era reflexo das condições de sobrevivência. Em média, 200 indivíduos moravam em cada maloca, e as aldeias tinham de 800 a 1000 habitantes. Em média, encontravam-se 5 léguas de distância umas das outras (em torno de 30km). Os assentamentos mantinham-se por 5 a 6 anos¹¹⁴.

Quando diferentes grupos participavam de um *oguatá* migratório, chegando a assentar-se em uma área conveniente, ocorriam separações internas, em geral tendo como pretexto o rapto de mulheres, que provocavam desequilíbrio sócio-biológico.

Período da Fundação Jesuítica

‘A percepção da homogeneidade cultural dos tupi da costa, que em muito facilitou a Conquista, fez-se acompanhar, desde o início, da percepção de sua divisão em ‘bandos’, ‘gerações’, ‘castas’, ‘nações’ inimigas. Ao longo do século XVI, os europeus estabeleceram relações diferenciais, hostis ou pacíficas, com esses conjuntos: os laços de aliança eram tecidos pelo próprio escambo,

mas também pela participação comum em atividades guerreiras e pelo casamento de mulheres tupi com brancos’¹¹⁵.

‘(...) as guerras interétnicas forneciam uma ocasião privilegiada - no caso dos portugueses - para a escravização de índios: primeiro pela compra às ‘nações’ amigas de cativos de guerra, em seguida por expedições militares conjuntas’¹¹⁶.

Surtos messiânicos eram familiares à cosmologia tupi-guarani e a Conquista foi percebida como confirmação de profecias. Padres jesuítas, com suas pregações e suas curas, concorrem com os pajés, chefes no plano metafísico que se complementava com a autoridade no plano físico, o morubixaba.

‘O discurso sobre a guerra não se distinguia daquele sobre a imortalidade e a abundância - (...) a função guerreira era a forma individual de uma escatologia coletiva’¹¹⁷

Os fundamentos da sociedade tupi eram a guerra e a vingança, pregadas pelos xamãs (pajés).

‘A estrutura da chefia era tão difusa quanto a das unidades sociais. Cada maloca dentro de uma aldeia tinha um ‘principal’, que era alguém que conseguira reunir em torno de si uma grande parentela’¹¹⁸.

Havia um grande desinteresse material dos tupi; a vingança e a honra eram os únicos motores de sua

114 médias das informações apresentadas por Branislava Susnik, comparadas a informações de Carlos Fausto

115 Fausto, Carlos *Fragments de História e Cultura Tupinambá in História dos Índios no Brasil* org. Manuela Carneiro da Cunha pág. 385

116 Ibid., pág. 385

117 Ibid., pág. 387

118 Ibid., pág. 389

sociedade. Vingança essa que era socializada. 'A execução de um prisioneiro permitia articular, portanto, os grupos locais em unidades maiores - 'conjuntos multicomunitários' -, reafirmando a aliança ou a inimizade'¹¹⁹.

'Matar publicamente um inimigo era o evento central da vida social tupinambá'¹²⁰. A guerra produzia a vida da sociedade, condicionava o destino escatológico e a realização terrena do indivíduo. O ritual de comer o inimigo não suprimia a sede de vingança, ao contrário, instigando-a ainda mais.

'O estômago do inimigo era a sepultura ideal, (...) que abria caminho à imortalidade, já sem o peso do corpo putrescível'¹²¹.

Índios aldeados; sistema de aldeamentos; desenho dos aldeamentos

Antes da tentativa, por parte do governo português, de criação de uma colônia de exportação de produtos agrícolas, esforço de repetir e ampliar a experiência comercialmente interessante das plantações de cana de açúcar nas ilhas do Atlântico, São Vicente era um porto de tráfico de escravos indígenas. 'O produto objeto de comércio em São Vicente pré-afonsino deve ter sido o próprio indí-

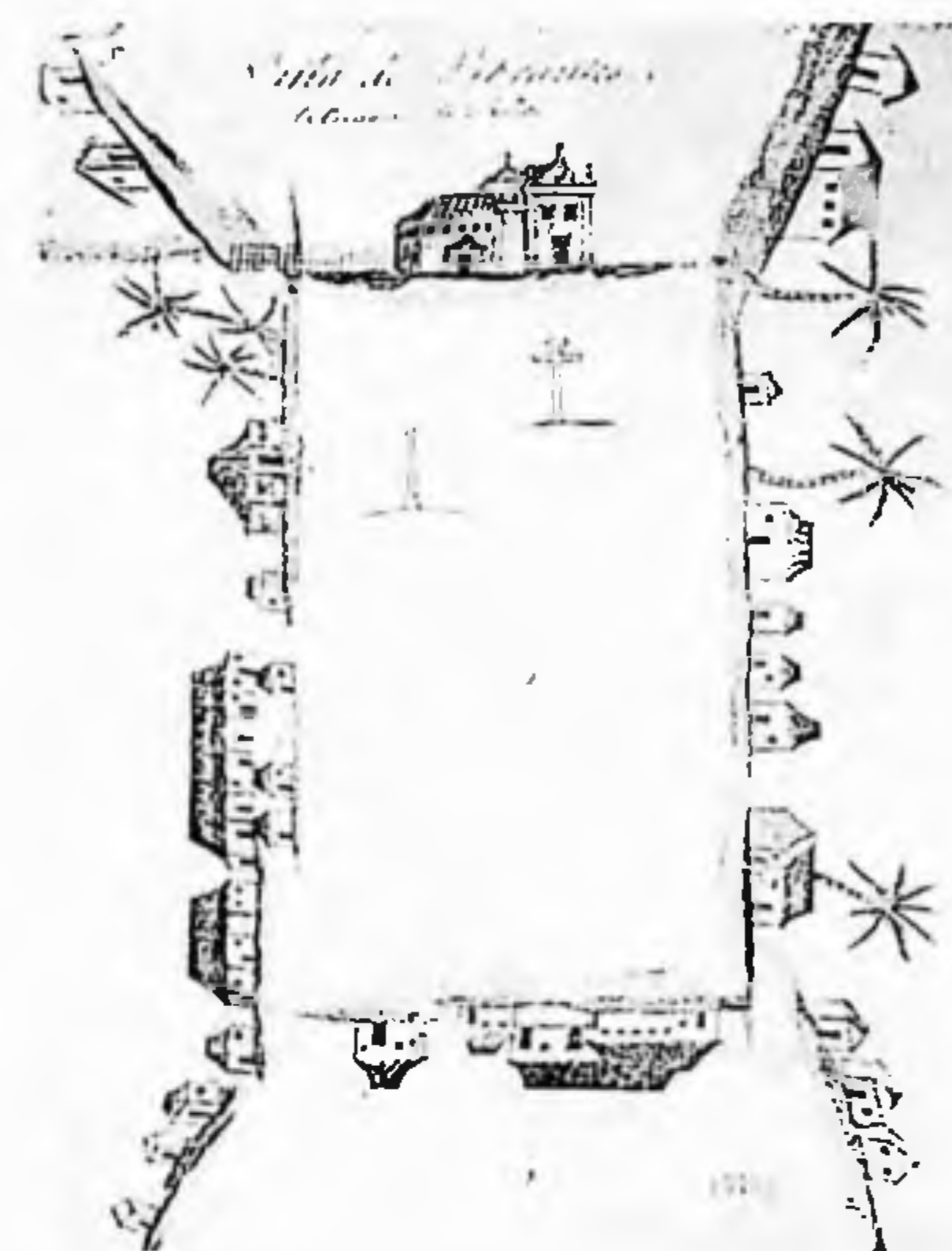
gena e São Vicente deveria ser, portanto, uma feitoria de escravos. Seria uma versão americana, modesta embora, de uma situação que se tornaria comum nas costas do continente africano'¹²².

Os jesuítas, chegando à região, logo têm notícias do Planalto - dos Campos do Piratininga - que passa a ser visto como um 'viveiro de catecúmenos'¹²³.

A esperança de penetrar no âmago do continente fez com que estrategistas como o padre Manoel da Nóbrega insistissem na implantação de aldeamentos fixos sob orientação de padres da Companhia de Jesus que, além de dar início ao processo de catequização, seriam passos firmes em direção à área de concentração demográfica das mais significativas de toda a América pré-conquista, verdadeiro centro da Cultura dos tupi-guarani, a mesopotâmia paraguaia.

Essas instalações jesuíticas se alternavam com algumas aglomerações de colonos. Ataques de índios a ambas eram comuns. Vilas e aldeamentos eram verdadeiras ilhas institucionais num imenso oceano de matas habitadas pelos nativos e propriedades rurais.

A posição relativamente protegida da Bacia do alto Tietê fez com que vários aldeamentos ali fossem criados com índios 'descidos' dos sertões



*Aldeamento jesuítico no Espírito Santo
O Terreiro retangular está provavelmente presente
desde as primeiras instalações jesuíticas*

119 Ibid., pág. 391

120 Ibid., pág. 391

121 Ibid., pág. 393

122 Petrone, Pasquale *Aldeamentos Paulistas*

EDUSP 1995 São Paulo Pág. 22

123 Ibid., Pág. 41

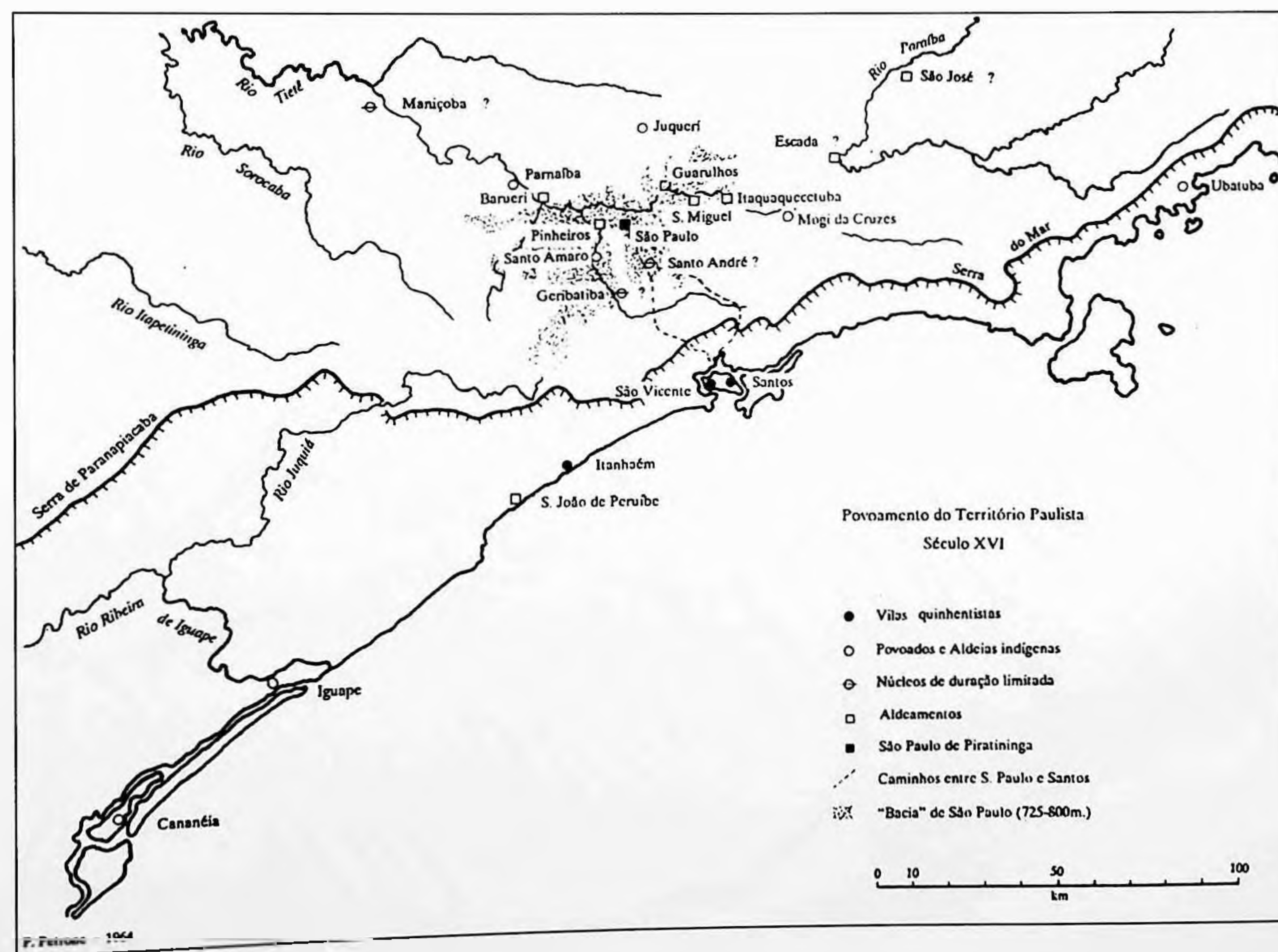
pelos jesuítas. Descer os índios significava convencê-los a deixar a vida nômade em troca de um estabelecimento perene, sob orientação religiosa cristã. O antigo caminho de ligação entre a mesopotâmia paraguaia e a Bacia do alto Tietê - o *Peabiru* - foi por onde 'vazou' um enorme contingente de índios descidos para os aldeamentos dos campos do Piratininga.

Mais tarde, a luta pela tutela dos índios foi perdida pelos jesuítas com sua expulsão da Colônia sob o governo do Marques de Pombal. Outras ordens religiosas passaram a administrar os aldeamentos, alguns dos quais foram abandonados tendo dispersado seus antigos moradores, e os grandes vencedores foram aqueles que viam os índios como mão de obra necessária para tarefas difíceis e perigosas. Os índios aldeados eram, na verdade, vistos como escravos da comunidade, sendo sistematicamente solicitados pelos governantes para serviços públicos e por particulares para tarefas como transporte de carga, abertura de roças entre outras.

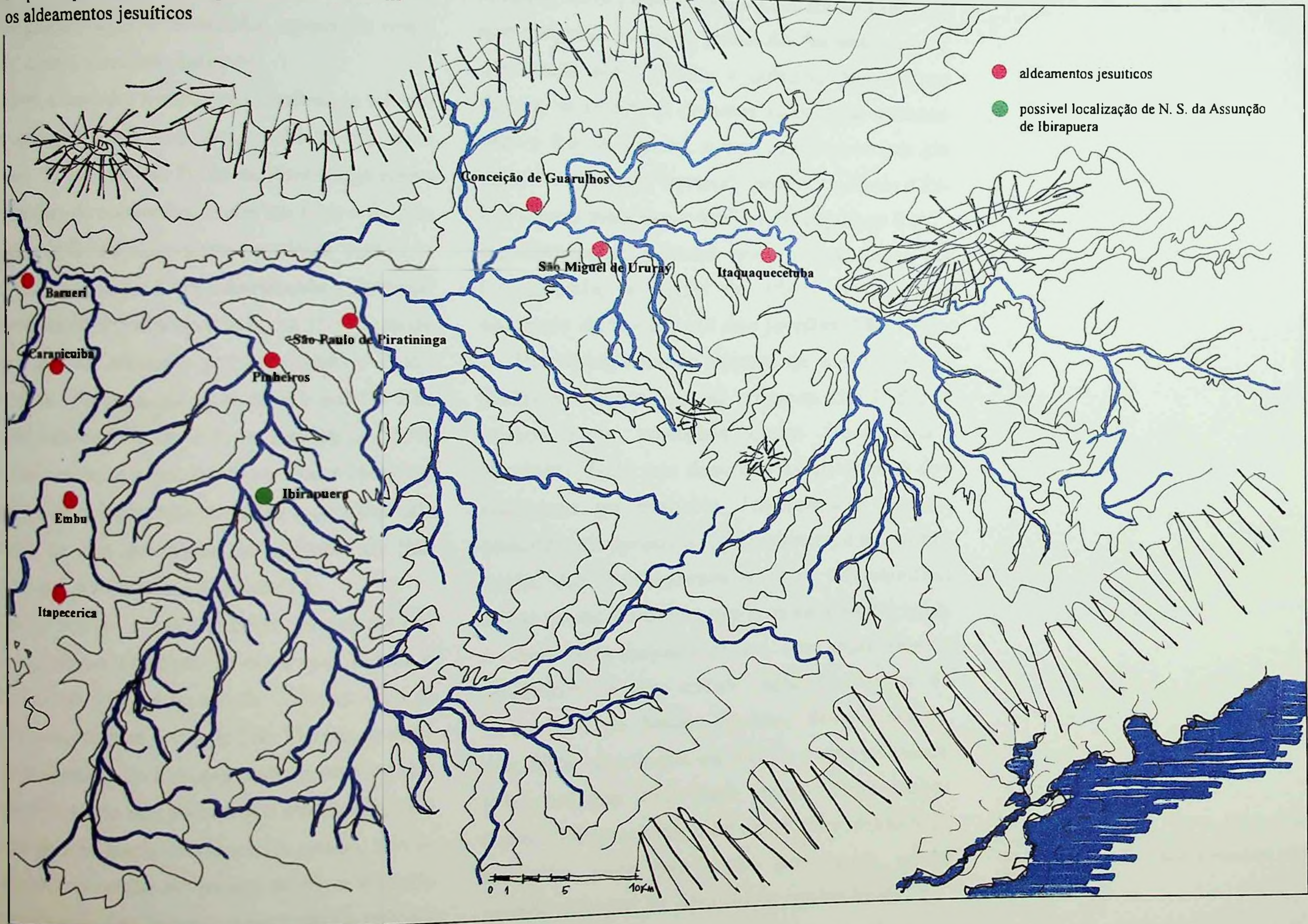
Os aldeamentos na Bacia do alto Tietê formavam um sistema único, encabeçado pelo Colégio e para o qual também funcionavam como postos avançados de defesa contra ataques de toda ordem. O mapa reproduzido a seguir mostra os aldeamentos

existentes na bacia do alto Tietê e imediações: eram eles Embu, Carapicuíba, São Miguel, Guarulhos, Barueri, Pinheiros Itaquaquetuba, Itapecerica, Pinheiros e Ibirapuera. Nas imediações da bacia, Escada, São José (posterior) e Peruíbe.¹²⁴ Os índios aldeados não eram etnicamente homogêneos: aos contingentes originais, habitantes da Bacia do alto Tietê, juntaram-se outros

124 Alguns autores chamam Carapicuíba e São José de fazendas jesuíticas, mostrando uma diferenciação, ou seja, uma hierarquia entre as instalações jesuíticas.



Mapa simplificado da drenagem do alto Tietê com os aldeamentos jesuíticos



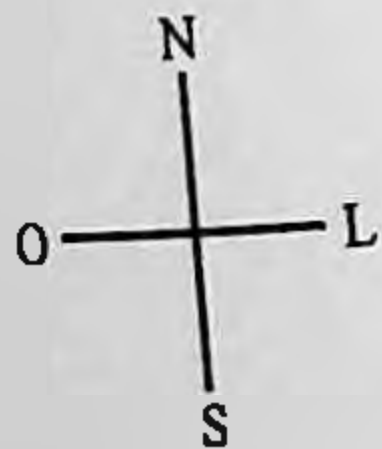
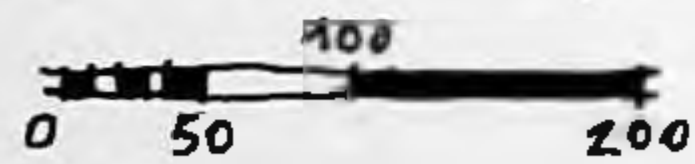
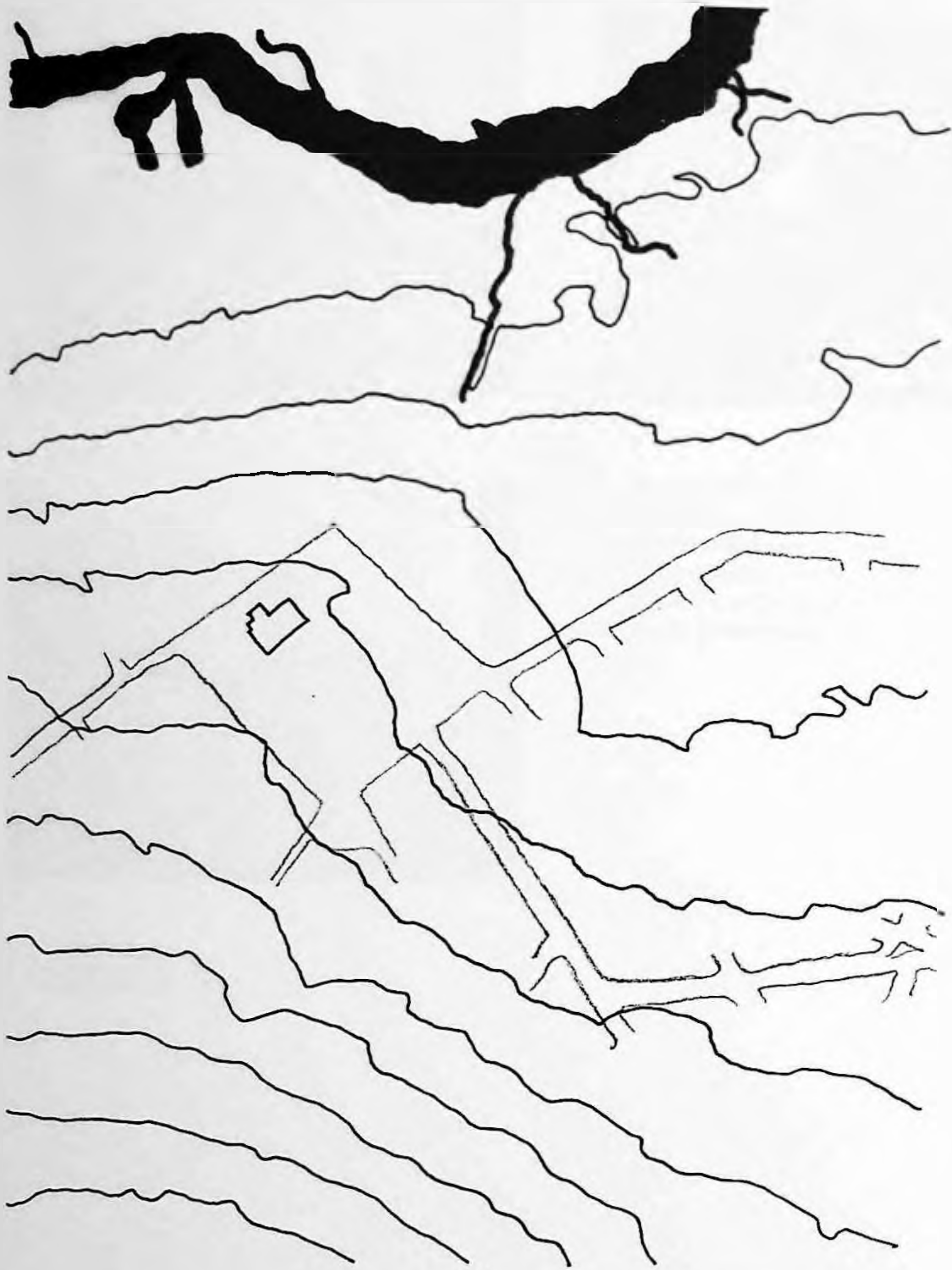
grupos de vários pontos da Colônia. A mestiçagem gradativa contava também, apesar de combatida, com o elemento europeu.

Em 1556, a casa dos jesuítas em Piratininga foi tornada colégio como nos diz Anchieta em seus escritos: 'A casa de São Paulo de Piratininga como foi princípio de conversão, assim também o foi dos Colégios do Brasil. Esteve esta província creio que até o ano de 1554 ou 1555 subordinada a Portugal [a província do Brasil seria criada em 1553] e neste mesmo ano foi nomeado por Provincial o Padre Manuel da Nóbrega, no qual tempo indo a São Vicente o Padre Luiz da Grã, em Janeiro de 1556, com seu parecer e conselho fez o Padre Nóbrega daquela casa colégio, aplicando-lhe toda a fazenda movel e de raiz que havia na capitania de São Vicente que pertencesse à Companhia.

Ali houve sempre estudo de latim para os irmãos da Companhia e uma lição de casos que lhes lia o Padre Luiz da Grã até ao ano de 1561, no qual se mudou o estudo para a vila de São Vicente, porque havia já lá moços de fóra que podiam estudar, dos quaes se juntaram uns poucos que estudaram; mas com as guerras que sobrevieram do gentio, não se pôde continuar senão até ao ano de 62, e contudo ficou a casa de São Vicente com título de colégio

mudado de S. Paulo para ali até a era de 1566, em que chegou lá o Padre Inácio de Azevedo, martir, que vinha por Visitador e ordenou que dali por deante, se houvesse de haver colegio, se mudasse para o Rio de Janeiro, o qual se esperava que iria cada vez em maior aumento, por ser capitania d'El-Rei e terra mais rica e fertil como depois se fez'¹²⁵. Relativamente poucos anos um Colégio da Companhia, a partir de 1561 passa a ser chamado de residência dos jesuítas, São Paulo de Piratininga nunca deixou de abrigar atividades de ensino para as crianças. Em 1585, já vários anos passados como 'residência', Anchieta da lá nos descreve as atividades dos inacianos no Planalto: 'confessar e pregar, ensinar os meninos a ler e escrever, e são como curas dos Portugueses e lhes administram todos os sacramentos, são mui amados de todos e como pais daquela gente. Têm duas aldeias de Indios a seu cargo: uma intitulada da Conceição de Nossa Senhora dos Pinheiros, que dista uma legua da vila, e outra intitulada S.Miguel que dista duas leguas. Entre ambas terão 1.000 pessoas, e há nesta terra muito bom aparelho para conversão por haver ainda grande número de gentio não muito longe'¹²⁶.

125 Anchieta, José de *Cartas, Informações, Fragmentos históricos e sermões*
EDUSP São Paulo Ed. Itatiaia B.Horizonte 1988
Pág. 332-3
126 Ibid., Pág. 432



À esquerda, localização da igreja de São Miguel junto ao rio Tietê. Abaixo, vistas lateral e frontal da igreja alpendrada de São Miguel. À direita, imagem de Cristo na mesma igreja.



São Miguel



*Acima à esquerda, fachada da matriz de Guarulhos, provavelmente construída a partir da igreja do aldeamento jesuítico.
Acima à direita, interior da mesma igreja
À esquerda, o Colégio atrás da igreja, atualmente parte da Universidade de Guarulhos*



Guarulhos

Itaquaquecetuba



Vistas da igreja e da praça (antigo terreiro) do antigo aldeamento de Itaquaquecetuba





*Acima à esquerda, igreja de Pinheiros, possivelmente onde estava a igreja do antigo aldeamento
Acima à direita, arredores da igreja
À esquerda, interior da mesma igreja*



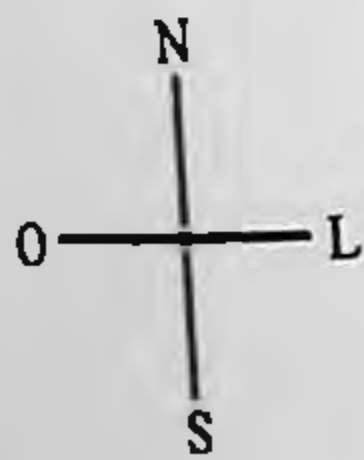
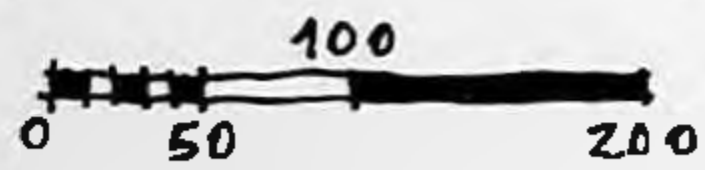
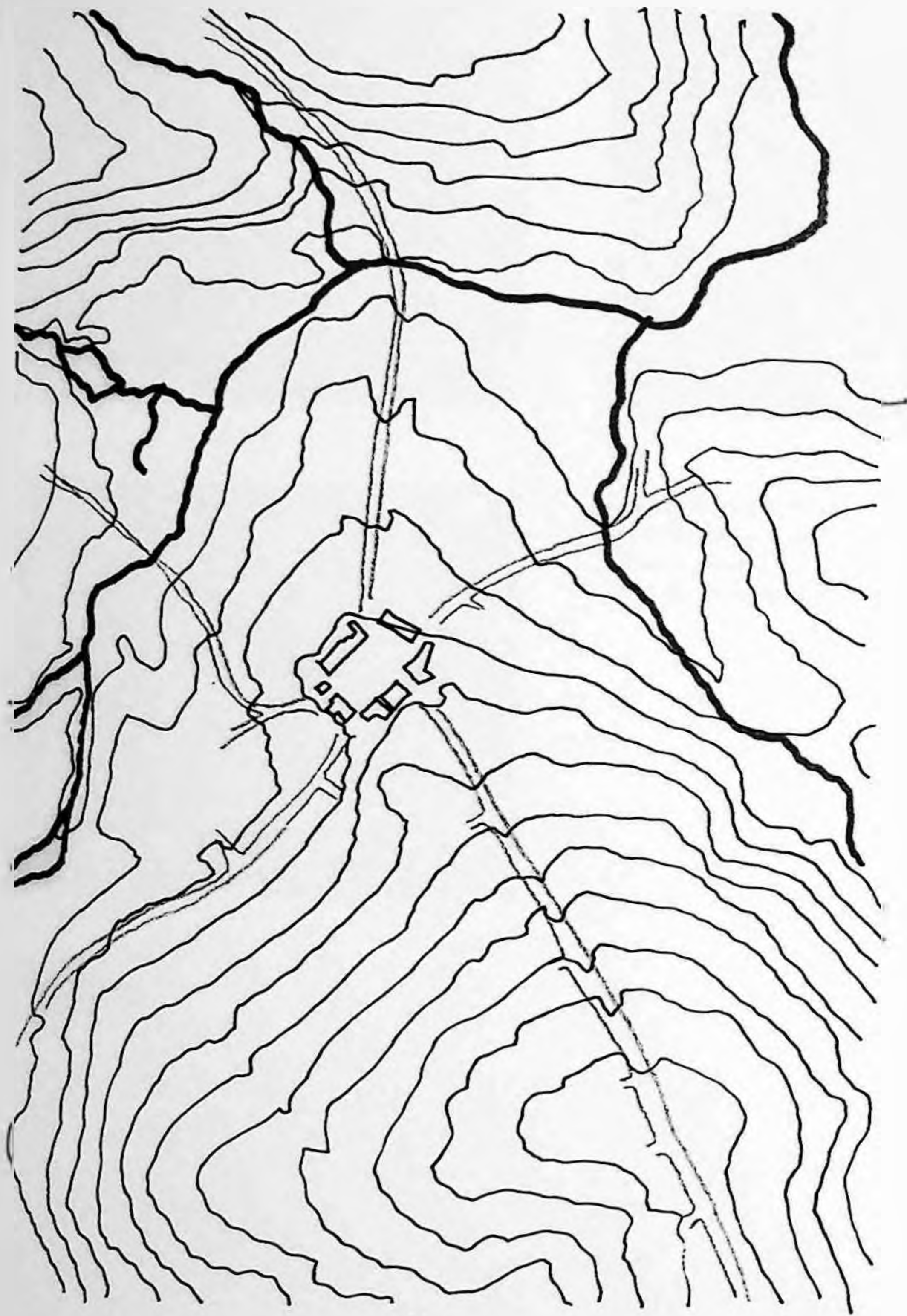
Pinheiros

Embu



*À direita e abaixo, vistas da construção jesuítica restaurada no Embu
Abaixo à direita, arredores da igreja do Embu*





Carapicuíba

*À esquerda, implantação do aldeamento de Carapicuíba
À direita e abaixo, fachada e interior da igreja
Abaixo à direita, vista parcial do terreiro.*





*Vistas da igreja do antigo aldeamento de Barueri,
fachada acima à esquerda e a partir do rio Barueri
acima à direita
Vista do terreiro, atual praça, à esquerda*



Barueri

Itapecenica



*À direita, imagem de Cristo na igreja de Itapecenica
Abaixo, arredores da igreja de Itapecenica*





Vistas da igreja e entorno do Largo 13, possivelmente sítio do antigo aldeamento de Ibirapuera



St Amaro

Escada



Vistas do terreiro e igreja da Escada, não mais no alto Tietê mas nas imediações.



Sob a égide dos jesuítas, descidas de índios; início da Vila; bandeirantes

Iniciado como um centro de conversão, logo São Paulo de Piratininga passa a ser visto como boca de sertão, como ponto de entrada para o interior do continente. A Casa de São Paulo, dos padres de Jesus, erigida numa colina que, segundo a inspiração de Saint Hilaire, procurava a elevação do pensamento ao Criador, foi se transformando lentamente em um entreposto comercial. O estabelecimento dos padres da Companhia foi fator bastante decisivo na fixação dos colonos, algo que toma impulso quando a população de Santo André é para lá transferida por motivos estratégicos - diminuir o poder de João Ramalho e maior facilidade de defesa no caso dos frequentes assaltos por parte dos índios não aldeados, já que do sítio em que se encontrava a Casa de São Paulo tinha-se uma visão privilegiada da Bacia do Alto Tietê, então chamada Campos de Piratininga.

O núcleo inicial da vila de São Paulo se originou, pois, numa Casa (Colégio e depois Residência) de padres da Companhia de Jesus que congregava algumas aldeias de índios e que foi, aos poucos, incorporando povoadores brancos e, em quanti-

dade maior, mamelucos. O entreposto comercial em que se foi transformando não se assemelhava às feitorias do litoral pois era, além de um sítio de defesa e de trocas, um centro de catequese e conversão. Pouco a pouco, outras ordens religiosas vieram se juntar aos jesuítas na tarefa de conduzir a vida espiritual da população que ali vivia: beneditinos, carmelitas e franciscanos erigiram seus conventos nas proximidades da Casa jesuítica. 'A verdade é que, com sua gente bastante mestiçada ostentando essas roupas pobres e antiquadas - em relação à metrópole ou às outras povoações litorâneas - movimentando-se em ruas estreitas e tortuosas, cercadas de casas de taipa de abas enormes e um ou outro edifício conventual esparramado nos pontos extremos da elevação, com os fundos dando para as barrocas [barrancos] São Paulo do Campo devia ter nessa época e por longos anos ainda, aos olhos dos que chegavam da Europa ou mesmo do litoral do Brasil, alguma coisa assim de uma pequena localidade hindu edificada no alto das montanhas'¹²⁷ - assim reflete Ernani da Silva Bruno sobre o primeiro século paulistano.

Tornou-se, dada a sua condição de boca do sertão, o 'quartel general' das entradas e num centro de

127 Bruno, Ernani da Silva *História e Tradições da Cidade de São Paulo* Livraria José Olympio Editora Rio de Janeiro 1954, pág. 78

preparação de bandeiras. Dali partiam os traficantes de escravos índios e para ali voltavam, onde mantinham residência. Chegou a ser proposta sua destruição pelo vice-rei do Peru em 1632 por conta das expedições que dela saíam e destruíam missões de padres espanhóis para escravizar os índios aldeados.

Com a saída das bandeiras, praticamente se despovoava: a longa permanência de seus moradores no sertão enfraquecia a vila a ponto de, no fim do seiscentos, Itu, Parnaíba e Sorocaba, vilas mais recentes, já disputarem com São Paulo a primazia no 'país dos paulistas'.

Ciclo do Ouro; esvaziamento de São Paulo

A descoberta do ouro nas Minas foi um golpe ainda maior já que as poucas atividades existentes na vila foram paralisadas e houve um despovoamento de toda a capitania que viu seus habitantes se dirigirem às catas em busca de fortunas rápidas. A mudança na vila foi de tal ordem que 'o próprio espírito de liberdade e de aventura de seus moradores cedia lugar - no ocaso dessa primeira fase sertanista - a um período de vida sedentária e ao gosto pelo conforto'¹²⁸. Antes conhecido como

senhor dos sertões e de seus perigos, o paulista passou a ser visto como circunspecto, reservado. Muitos habitantes da vila de São Paulo dessa época do ouro nas Minas nada mais conheciam além da Bacia do alto Tietê. Após ter se expandido de maneira fantástica e espalhado sua população pelo continente, a vila de São Paulo, centro de todo esse processo, perde a força, esmorece. Acaba se fechando em si mesmo. As mulheres se cobrem de mantilhas, não são vistas. Os moradores olham o mundo através das rótulas e dos muxarabis.

O ouro das Minas promove o deslocamento do eixo econômico da Colônia para o sul, sendo a capital transferida para o Rio de Janeiro em 1763. Um pouco antes, 1758, o Marquês de Pombal promulga a liberdade dos escravos índios e, num esforço de restauração de um poder central forte, expulsa os jesuítas do Brasil, defensores que eram das particularidades locais. Em 1765, depois de quase duas décadas sob o comando do Capitão do Rio de Janeiro, tendo sido seu antigo território desintegrado em várias Capitanias - Goiazes, Matto Grosso, Minas - a Capitania de São Paulo, antes conhecida como Capitania de São Vicente, é restaurada e sua capital, uma 'vila rural' cuja produção sofreu certa



agitação para o abastecimento da população das Minas, recebe o governador Morgado de Mateus, com a incumbência de fortalecer o território que se entendia como um 'tampão' de proteção da região do ouro contra os espanhóis.

Expulsão dos jesuítas; reestruturação de São Paulo a partir do fim do Setecentos iniciada com a transformação do edifício jesuítico em Palácio de Governo; o início do Oitocentos

Com a chegada do Morgado de Mateus, o casarão do antigo convento dos jesuítas é convertido em Palácio dos Governadores. O pátio à sua frente, que alguns anos antes, a partir de 1726, era lugar de feira de verduras¹²⁹ - transferida da rua do



Comércio - tornou-se conhecido como largo do Palácio. Começaram a ser construídas as 'casinhas', depósitos de víveres, na ladeira do Carmo, para abrigar os produtos da agricultura local, não ocorrendo mais esse comércio no largo em que se instalava o governador. A reforma da antiga casa

Acima à esquerda
St. Paul von karmeliter Kloster aus gezeichnet
 (Vista de São Paulo do convento do Carmo), 1817
 Thomas Ender
 Acima à direita
Anich von St. Paul von oer strasse von Rio de Janeiro
 (Vista de São Paulo da estrada para o Rio de Janeiro), 1817
 Thomas Ender
 Abaixo
St. Paul von pulvermagazin gezeichnet
 (São Paulo vista da casa da pólvora), 1817
 Thomas Ender

dos jesuítas em 1765 ali instalava um hospital para os soldados, clara evidência do sentido de militarização do governo do Morgado de Mateus, e também para os negros.

A grande agitação da vila de então era a passagem das tropas de muares. O largo do Piques era o ponto de parada das tropas mais próximo: era uma verdadeira estação ao redor da qual um pequeno comércio ligado aos tropeiros se desenvolvia. Junto ao Piques, estavam algumas invernadas muito boas, sempre alimentadas pelas águas do, no dizer de Ernani da Silva Bruno, misterioso riacho Saracura, em cujas margens escravos fugitivos se escondiam.

No fim do setecentos, algumas novas agitações se ensaiam na vila: na frente do Palácio dos Governadores, uma construção é adaptada para tornar-se o Teatro da Ópera, ou Casa da Ópera - havia lugar para 350 pessoas distribuídas em 28 camarotes e platéia. Peças européias e inclusive algumas composições locais ali eram apresentadas. A várzea do Carmo, até recentemente um passeio muito apreciado pelos habitantes de São Paulo e cenário de um dos grandes divertimentos locais, os banhos nus herdados dos índios, passa a ser pantanosa devido a muitos regos que

se abriam para abastecer de água as chácaras vizinhas. Começa a ser considerada insalubre no início do oitocentos. Os banhos passam a ser alvo de uma série de proibições até sumirem completamente. Grades colocadas em suas margens e policiamento proibitivo de início ainda não eram obstáculo suficiente para os banhistas que se refugiavam no meio do rio e dele saíam nadando rio abaixo, mas aos poucos o costume foi sendo abandonado. Em 1849, também vai desaparecer completamente a navegação no Tamanduateí por conta da retificação segundo o projeto Bresser. Era o fim o Porto Geral e das canoas transportando produtos das redondezas. O complexo de edifícios que se desenvolveu a partir da matriz jesuítica - a igreja e o edifício contíguo do colégio-residência - acrescida de alas utilizadas como Palácio do Governador da Capitania e depois Província de São Paulo, sucessivamente modificados, reformados, foram palco do surgimento de inúmeras atividades: ali se iniciaram as aulas de latim que removidas para o antigo convento franciscano, podem ser vistas

*Koenigl Residenz zu St Paul
(Palácio do Governo em São Paulo), 1817
Thomas Ender*



como o gérmen da Academia que revolucionou a vila com seus inquietos estudantes de Direito. Também houve ali um teatro que, muito utilizado pelos estudantes do curso jurídico, foi espécie de complemento nas atividades teatrais paulistanas encabeçadas pelo Teatro de Ópera, no outro lado do largo - era o teatrinho do Palácio, ou teatro Harmonia Paulistana. Além disso, como vimos acima, algumas de suas dependências serviram de hospital, tendo sido ali iniciado, inclusive, um curso de cirurgia - primeiro do gênero em São Paulo, e o hall do Palácio do Governador era onde os médicos atendiam na vacinação contra a varíola¹³⁰. O Gabinete de Topografia foi ali instituído e, por menos que tenha durado na sua primeira fase, faz daqueles edifícios o berço dos três suportes da futura Universidade de São Paulo, que se fundou quando da organização dos cursos existentes - Direito, Medicina e Engenharia - somados a cursos novos e capitaneados pela nova Faculdade de Filosofia, que se pretendia cabeça da nova instituição. Entre 1855-59, houve uma tipografia no pavimento térreo do Palácio do Governo: a 'Dois de Dezembro' de Antônio Lousada Antunes, que foi depois para a rua das Flores, 35.

A aula de latim foi transferida do Palácio para o

antigo convento franciscano com a instalação da Academia de São Paulo em 1828. Era uma verdadeira revolução na modorrenta São Paulo de então, cuja Câmara preocupava-se sobretudo com as populações rurais espalhadas pelos arredores. É desse mesmo ano o início dos primeiros ensaios de iluminação nas ruas e largos da cidade. Melhoramentos urbanos começam a ser discutidos: em 1856, 'já se pensava no plano de uma grande praça nos fundos do quintal do Palácio do Governo, que fosse terminar nas margens do Tamanduateí - plano de que deveria ser encarregado o engenheiro Carlos Rath'¹³¹. Já em 1855 se havia requerido 'que se mandasse fazer por um engenheiro inglês (sinal decerto da importância que se dava ao empreendimento), o nivelamento dos largos da Sé e do Palácio (Pátio do Colégio), os mais importantes da cidade'¹³². 1869 é o ano da aprovação da arborização de várias praças e largos incluindo o do Palácio.

'(...) o funcionamento do Curso Jurídico, direta ou indiretamente, concorreu para que outros estabelecimentos de ensino se fundassem na cidade, como o 'curso anexo' (seção da Academia com aulas de Geografia, História, Línguas modernas, Matemática, Geometria e Filosofia), o Gabinete

130 Ibid., pág. 347

131 Ibid., pág. 530

132 Ibid., pág. 529



"CARTA DA CAPITAL DE SÃO PAULO" José Jacques da Costa Durique - 1842

Topográfico (iniciado no Palácio dos Governadores em 1836, durando até 1838 e novamente entre 1842 a 1849) para a formação de engenheiros de estradas, a Escola Normal, o Seminário Episcopal e uma porção de Liceus, Colégios e escolas particulares¹³³.

Em 1870 inaugura-se, no cruzamento da rua 25 de Março com a rua General Carneiro, um mercado que finalmente substituiria as 'casinhas' da ladeira do Carmo fazendo migrarem para a várzea os seus vendedores e também os típicos tabuleiros dos largos paulistanos. Nesse mesmo ano, é demolido o antigo Teatro da Ópera. É nessa época que se inicia uma nova fase para São Paulo que vai se tornando um pivô central das comunicações ferroviárias. Terminava o 'ciclo dos trovadores', dos estudantes que inundaram a cidade a pouco menos de quarenta anos, para começar o 'ciclo das indústrias': o estudante é deposto pelo caixeiro viajante. O burburinho do início do oitocentos era suplantado pela grande agitação do final do mesmo século, uma nova vida se instalava, gradativamente deixando para trás os pousos de tropeiros, abrindo-se para os hotéis que, em 1854, ainda exibiam cartas de recomendação aos hóspedes, 'entre os quais o Hotel do Comércio, de Hilário Magno,

na Rua da Fundação - Floriano Peixoto - esquina do Pátio do Colégio, pegado ao Teatro de Ópera e o melhor de todos, do francês Lefebre, também no Pátio do Colégio, onde começaram a se fazer ceias alegres de aristocratas¹³⁴, algo impensável até recentemente numa São Paulo que tinha desconfiança de ceias servidas fora de casa, sinônimo de certa devassidão.

'Caíam as rótulas, as mantilhas, arruavam-se o campo do Chá, o Bexiga, o Zunega; entravam no alinhamento o Brás, a Mooca, a Ponte Grande. A Penha perdia o encanto, uma vez servida pelas locomotivas, pelo bonde e pelo gás corrente¹³⁵.

O modesto Ciclo do açúcar em São Paulo

A restauração da Capitania com a chegada do Morgado de Mateus confunde-se com o modesto ciclo do açúcar paulista já que a agricultura foi estimulada por esse fidalgo como estratégia para fortalecer as terras de São Paulo entendidas como um 'tampão' para segurança das Minas, afastando-as dos espanhóis.

O antigo edifício conventual dos jesuítas é ocupado pela nova administração que faz dele seu Palácio e inicia uma série de adaptações e melho-

133 Ibid., pág. 808

134 Ibid., pág.

135 Nogueira, Almeida apud Bruno, Emani da Silva *História e Tradições da Cidade de São Paulo*

Livraria José Olympio Editora Rio de Janeiro 1954 pág. 907

rias. Nos dez anos em que administrou a Capitania, o Morgado de Mateus fez vários censos para avaliar a população paulista, construiu novas cidades para aglutinar os sitiante dispersos e sua administração teve um claro sentido militar de defesa de limites fronteiriços e mapeamento de possíveis exércitos com que se poderia contar no caso de guerra contra os espanhóis.

'(...) grandíssima parte das velhas casas das cidades bandeiristas foram derrubadas ou reformuladas a partir do último quartel do século XVIII. Em São Paulo, uma nova economia mudou a paisagem urbana. Reflexos do enriquecimento do quadrilátero do açúcar, cuja produção passava pela cidade; repercussões do comércio das tropas vindas do rio Grande e negociadas na feira de Sorocaba, onde altos impostos e comissões eram cobrados e, mais ainda, todos os bons dividendos advindos do tráfico de mantimentos em geral destinados a Minas por parte de uma nova classe paulistana, a dos mercadores portugueses recém-chegados e logo casados com mulheres das famílias tradicionais, e também o numerário oficial propiciaram ampla reforma do quadro da arquitetura naqueles anos. Também contribuiu para isso a presença dos engenheiros militares

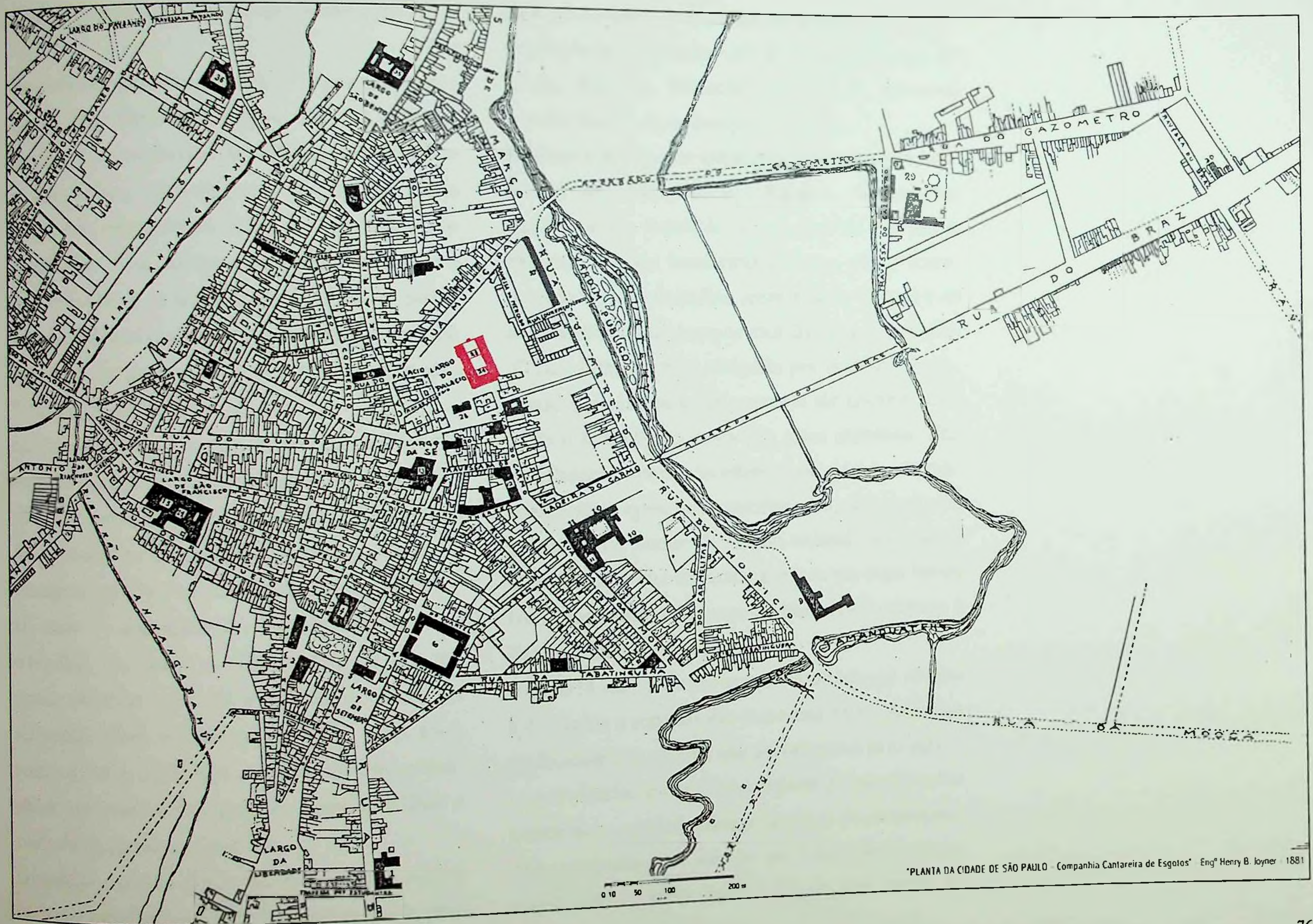
trazidos pelos sucessivos governadores-gerais. João da Costa Ferreira foi o principal deles.'¹³⁶

'(...) a cidade de São Paulo, a partir do final do século XVIII, sofreu um processo de cosmetização - não só a sua trama viária foi alterada, principalmente com o alargamento de vielas transformadas em ruas largas, mas o casario térreo sofreu acréscimos, transformando-se em sobrados agora providos de envazaduras com vergas curvas (...). A casa em que moraram o Brigadeiro Tobias e a marquesa de Santos, na rua do Carmo, hoje restaurada pela prefeitura, é exemplo significativo desse aproveitamento de velhas casas da cidade mediante reformas e acréscimos da moda dita pombalina'¹³⁷. É essa a cidade que recebe os inquietos estudantes de Direito.

Ciclo do café; caminhos de ferro e núcleos coloniais; desencantamento de São Paulo (demolição de templos, procissões perdem adeptos, comércio marca o ritmo da cidade); importadoras de produtos europeus iniciam a industrialização local no sentido de substituir alguns bens ou componentes de difícil transporte; fim da taipa - projetos de transformação do Largo do Palácio e novo Palácio do Governo e Secretarias de Ramos de

136 Lemos, Carlos A C *Casa Paulista: história das moradias anteriores ao eclétismo trazido pelo café* EDUSP São Paulo 1999 pág.116-7

137 *Ibid.*, pág. 118



"PLANTA DA CIDADE DE SÃO PAULO - Companhia Cantareira de Esgotos" Eng^o Henry B. Joyner 1881

Azevedo; temporal faz ruir a igreja dos jesuítas

Em 1878 desaparecem os antigos 'passos' das procissões que por tanto tempo haviam sido os grandes acontecimentos sociais da cidade. É o grande fôlego anti-religioso da modernidade avançando: os ritmos não mais são marcados pelo badalar dos sinos das igrejas e pelos dias santos e de procissão; é o comércio que dita as novas regras. Vão acabando muitas das antigas procissões e vai chegando o cinema... As romarias para Pirapora vão perdendo adeptos.

Igrejas antigas desaparecem para serem edificados templos em estilos 'universalmente consagrados': são refeitos o mosteiro de São Bento, a Catedral da Sé - a Sé original é demolida em 1912 e a nova Sé planejada em 1913 - e a igreja de Santa Ifigênia.

O trem é sinônimo de novas mercadorias européias, das quais a cidade passa a ser um grande depósito. O café é o grande motor da economia. Entre os bairros do Brás e do Pari, instala-se uma Alfândega seca, verdadeira extensão do porto de Santos serra acima para facilitar o controle do produto exportado.

O prefeito Antônio Prado encabeça a luta contra os 'traços caipiras': palacetes, vilinos e chalés pas-

sam a contrastar com a casa da tradição portuguesa adaptada regionalmente. É a época em que se inicia, segundo Monteiro Lobato, o 'carnaval arquitetônico' do ecletismo.

Núcleos coloniais de estrangeiros (basicamente italianos) são formados em Santana, Glória, São Caetano e São Bernardo. O processo de europeização das cidades brasileiras está em pleno curso, ficando visível o conflito entre a nova Cultura e as reminiscências dos tempos idos do passado colonial.

O largo do Rosário, alargado por Antônio Prado, o que lhe rendeu a homenagem de nomear mais tarde o logradouro, começou a ser chamado 'Ilha dos Prontos', com seu intenso movimento de pessoas e suas apreciadas confeitarias; ali cruzavam as linhas de bonde de tração animal (mais tarde eletrificadas) que inicialmente iam em duas linhas (uma passando pelo largo do Palácio) do Carmo à Estação da Luz.

Em 1874 são definitivamente proibidas as rótulas e é exigida a retirada das remanescentes. Aspectos tradicionais da cidade são substituídos pelo aspecto provisório, incompleto, sujeito a remodelações contínuas - a cidade inaugura seu ar de inconclusa. São gradeados 'o jardim do Pátio do Colégio, construído quando foi derrubado um corpo do

antigo convento dos jesuítas, e que em 1886 teve também a sua cascata, além de um pórtico ornado com quatro medalhões representando os rios principais da Província; e o do largo de São Bento, que ficou pronto em 1887, com dois portões gigantescos que se abriam de manhã e se fechavam na boca da noite'¹³⁸.

Havia, no jardim do Palácio, 'aléias sombrias sob as palmeiras e os fetos, dispostos em formas fantásticas e misturados com os cactos. Foi em um de seus bancos, ouvindo o canto dos passarinhos, o ruído dos carros, o pregão dos quitandeiros, em um domingo de sol, que o viajante Forrest (Archibald Forrest 'A tour through South America') sentiu o que escreveu em seu livro de 1912: 'Seria difícil imaginar cidade e povo mais felizes'¹³⁹.

Tocatas (musicais) eram levadas às quintas feiras no jardim do Palácio.

Mais tarde, por influência norte americana, abriram-se os jardins, foram retirados os gradis.

Bairros surgem nas antigas chácaras sem articulação entre si e desordenadamente se distribui a população da cidade de São Paulo. Algumas igrejas desaparecem para sempre como a da Misericórdia e a do Rosário - derrubada em 1904 - do largo do mesmo nome. Velhas igrejas e velhos

conventos passam por toda a sorte de reformas.

Arquitetos e empreiteiros italianos chegam com os primeiros imigrantes.

'Em 1908 começou a se demolir a parte dos fundos do antigo convento jesuítico, para no seu local ser edificado o novo Palácio do Governo, segundo planta do arquiteto Ramos de Azevedo. Essa parte dos fundos - que havia sido reconstruída em 1882-1884 - era o que restava do convento contemporâneo da fundação de São Paulo (segundo Antônio Egídio Martins). A igreja da Misericórdia e a de São Pedro (...) foram derrubadas. Em 1896 - na noite de 13 de Março - um vendaval rachou as paredes de terra socada da igrejinha do Colégio - que já destoava um pouco, pela sua extrema singularidade, observou Raffard (Henrique Raffard, viajante que escreveu anotações sobre a São Paulo de então), no meio de tantas construções modernas e relativamente grandiosas - abatendo seu madeiramento o seu telhado, impondo-se em seguida a sua demolição'¹⁴⁰.

Ainda no fim do oitocentos, 'o toque de recolher, dado pela igrejinha velha do Colégio às nove horas da noite - no verão às dez - mandava que se fizesse silêncio e que se fechassem as casas. Todos obedeciam. Como nas cidades medievais da



Largo do Palácio na década de 1880



138 Bruno, Ermani da Silva, op. cit., pág. 992
139 Ibid., pág. 306
140 Ibid., pág. 938

Europa, os campanários paulistanos tinham um papel importante na sincronização da vida dos moradores do Planalto. Mas tudo isso tendia a decair, não acompanhando o desenvolvimento da cidade e as orientações dominantes de sua existência em outros sentidos. A própria igreja do Colégio, na última parte do oitocentismo, perdia algo da importância que tivera antes, quando atraía quase a metade da

população da cidade (...) (segundo Ernani, um exagero de Pessanha Póvoa em seu livro *Anos Acadêmicos*) à sua 'missa dos preguiçosos'. Era a missa do meio-dia - a 'missa chique' - assistida pela aristocracia paulistana e também pelo presidente da Província e sua família, de uma tribuna que comunicava com o Palácio¹⁴¹.

Entre 1910 e 1914, inicia-se um vasto plano de trans-



formações do centro urbano e dos arredores mais importantes da cidade, em que se previam alargamentos, prolongamentos e melhor pavimentação de determinadas vias públicas. As pedras irregulares são deixadas de lado - é a época dos paralelepípedos. Uma galeria ligava a rua XV, antiga rua do Rosário e da Imperatriz, com a rua Boa Vista, a galeria Werberdoefer, que segundo Jules Martin,

141 *Ibid.*, pág. 1217-18

Plano para a construção de uma série de galerias no Centro paulistano - 1890



GALERIAS DE CRYSTAL - S. PAULO
projeto de Jules Martin

era a única do Brasil na época¹⁴². Esse tipógrafo francês que se instalara na cidade propunha projetos modernizadores para o antigo traçado urbano: foi o grande defensor do Viaduto do Chá e projetou as Galerias de Cristal, que teriam dado outro aspecto ao antigo triângulo central paulistano.

'(...) nesse tempo, a necessidade de ampliação do largo do Palácio já era apontada como problema imposto pelo engrandecimento de São Paulo e seu centro comercial'¹⁴³.

O viaduto Boa Vista já consta do plano para o centro da cidade desenvolvida pelo arquiteto Bouvard. Para a sua construção já no novecentos, foi demolido o teatro Santana, em outra época Teatro Provisório Paulistano. Na rua Boa Vista também estava o teatro Apolo (antes Minerva) e na travessa da Boa Vista estava o teatro das Variedades Paulistanas.

Em 1911, inaugura-se o Teatro Municipal, quase em frente ao novo teatro São José que substituíra o antigo São José incendiado em 1898 (que ficava defronte à igreja de São Gonçalo). No edifício do novo São José, mais tarde instalou-se a Light; demolido deu lugar ao atual Edifício Mackenzie, construído por essa Companhia. Era cada vez mais europeu o aspecto do vale do Anhangabaú, o

grande cenário da burguesia do café.

O início do novecentos viu surgirem muitos daqueles que passariam ser modalidade presente na paisagem central paulistana: os viadutos, que venciam os inúmeros vales em forma de cocho que serpenteavam pelo entorno do sítio inicial da cidade.

Começa a pressão por arranha-céus de tipo norte-americano.

O café é o grande motor da industrialização de São Paulo, acima de tudo por proporcionar uma economia monetária. 'Por volta do fim do século XIX, o mercado do café entrou a expandir-se mais depressa. A procura nos Estados Unidos e na Europa crescia à medida que a industrialização aumentava a produtividade; o café do Brasil, de qualidade inferior, se apropriava ao consumo das massas. O transporte tornou-se mais barato e mais seguro à proporção que os vapores de casco de ferro passaram a seguir as rotas marítimas do Atlântico Sul. O sistema comercial foi se tornando mais eficiente e mais amplo à medida que se estendiam os cabos submarinos, se fundavam as casas importadoras e se iniciavam as operações bancárias ultramarinas'¹⁴⁴. A difusão do uso do dinheiro com o fim da escravatura e crescimento da população nas cidades também incentivou o

142 Ibid., pág. 979

143 Ibid., pág. 1004-7

144 Dean Warren *A industrialização de São Paulo* ed. Bertrand Rio de Janeiro 1991 pág. 9

sistema bancário. Num primeiro estágio, a industrialização em São Paulo era 'totalmente marginal dentro da economia destinada à exportação'¹⁴⁵. Somente aos poucos a industrialização que se iniciara com produtos de difícil transporte e associados diretamente com a produção agrícola (embalagens e acessórios) foi se diversificando e, segundo Warren Dean, por não ser de início tão atraente em termos mundiais, cresceu espantosamente em São Paulo. Seria diferente se o mercado local fosse, segundo Dean, interessante a ponto de atrair os grandes grupos capitalistas do mundo de então.

Demolição da Igreja dos jesuítas

O corpo principal do antigo colégio havia sido transformado em Palácio em 1766 quando da restauração da Capitania de São Vicente. Desde aí (...) até praticamente os dias da República, abrigava a totalidade das secretarias e repartições da administração. É claro que, aos poucos, foi sendo ampliado e recebendo anexos e puxados devido ao crescente aumento do funcionalismo e das atribuições administrativas.¹⁴⁶

O antigo edifício do Colégio, com a ampliação do conjunto, passou a ser uma ala do Palácio. 'Essa

ala do Palácio (...) ficava contígua à velha igreja dos jesuítas, que estava praticamente sem uso devido a uma demanda que o bispo estava tocando contra o Estado, o vizinho desejoso de demoli-la por estar necessitando urgentemente de terreno para ampliações necessárias à administração pública. A pendência judicial demorou o suficiente para fazer com que o templo abandonado tivesse seu telhado desabado numa noite de temporal. Foi isso em 13 de março de 1896. Aí, a igreja foi erradicada. É claro que o litígio continuou - agora brigava-se pela posse do chão livre e, depois de um ano, o governo indenizou à Cúria a quantia de 350 contos de réis. Assim, o presidente do Estado Campos Salles ganhou a oportunidade de construir a segunda ala do Palácio, agora fazendo uma deflexão em direção ao alinhamento da Rua do Carmo, onde Ramos já estava construindo a Secretaria da Justiça e a Central de Polícia.'¹⁴⁷

Urbanismo modernizador em São Paulo e seus reflexos no Largo do Palácio

Em seu livro sobre Prestes Maia¹⁴⁸, Benedito Lima de Toledo recupera a idéia defendida pelo célebre urbanista paulistano segundo a qual teriam havido



Última imagem da igreja do Colégio antes da demolição

145 Ibid., pág. 16

146 Lemos, Carlos A C *Ramos de Azevedo e seu escritório* Pini São Paulo 1993 pág. 29

147 Ibid., pág. 31-2

148 Toledo, Benedito Lima de *Prestes Maia e as origens do Urbanismo Moderno em São Paulo* Empresa das Artes São Paulo 1996

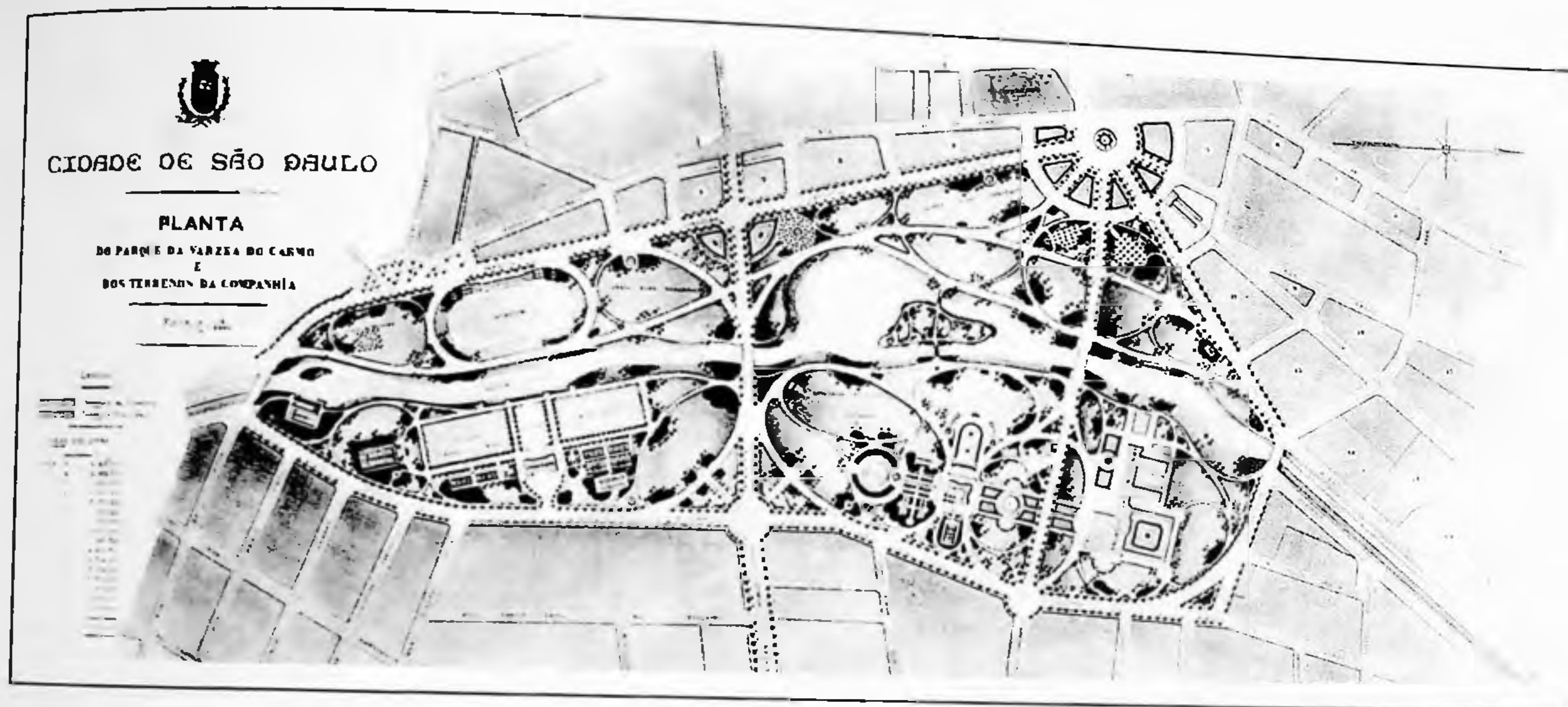
quatro surtos urbanísticos na cidade de São Paulo até a década de 1950.

O primeiro surto tendo sido na administração de João Theodoro (1872-1875), período em que são instalados os primeiros caminhos de ferro na Bacia do alto Tietê. Nesses anos, são realizados melhoramentos na várzea do Carmo que tornara-se um charco devido aos inúmeros regos nela rasgados e é quando, a partir dos trabalhos para aprimoramento da sua drenagem e canalização do rio Tamanduateí, surge um passeio no pé da colina histórica que contava com a afamada 'ilha dos amores'. O calçamento da rua Municipal (atual General Carneiro), o aterrado do gasômetro, nova ligação com o Brás, e a estabilização do caminho para a Mooca, somados à via que passou a correr sobre o antigo leito do Tamanduateí e novas vias na região da Luz promoveram na cidade uma clara 'ligação pelas cotas mais baixas, contornando a colina histórica e margeando o Tamanduateí, e bem articulada com as ligações com o Brás e a Mooca'¹⁴⁹. São também dessa época os acertos de contenção e embelezamento das escarpas da colina junto ao convento do Carmo.

Nesse tempo ainda Palácio do Governo, dos fundos do muito alterado edifício jesuítico inicial passou a

se descortinar uma paisagem diferente já que a antiga várzea cedia gradativamente lugar às vias de circulação. Também o antigo adro da vila, o Largo do Palácio teve seu calçamento substituído por paralelepípedos e passou a contar com iluminação a gás. '(...) todos gabavam a maravilhosa vista que se descortinava das salas detrás do palácio. Assim, a partir de 1874, o governo passou seriamente a resolver os problemas do atravancamento das repartições ali sediadas, repartições, inclusive, ligadas à governança da corte. Para isso, o presidente da Província, João Teodoro Xavier, providenciou a construção de nosso primeiro edifício público mandando desapropriar quatro residências situadas nas proximidades do Palácio, na tradicional rua das Casinhas, hoje rua do Tesouro, (...) lote onde presentemente está o edifício-sede da Caixa Econômica Estadual. Nessa nova construção, pretendia-se instalar no térreo um mercado destinado a substituir as "casinhas", que nada mais eram que barracas de sitiantes vendedores de produtos da roça, à semelhança de nossas atuais feiras livres e o pavimento superior seria ocupado pelas repartições responsáveis pelo ensino público e pela Escola Normal. (...) [Em 1877] foram alteradas as atribuições da construção: o

149 Ibid., pág. 28



Proposta de reurbanização da várzea do Carmo de Bouvard - 1911

mercado foi transferido para a Rua São João, no pavimento térreo ficou a Escola Normal, todo o piso superior ficou para o Tesouro Provincial e, assim, o Palácio ficou desafogado¹⁵⁰.

O segundo surto urbanístico teria sido durante a administração do já citado acima Antônio da Silva Prado (1889-1911). Durante essa longa administração, novamente a várzea do Tamanduateí e a região da Luz foram alvo de novos trabalhos de drenagem e abertura de novas vias. Muitas ruas da cidade, como por exemplo a rua Floriano Peixoto (junto do largo do Palácio), foram alinhadas.

O viaduto de Santa Ifigênia é montado e os estu-

dos para a criação do Parque no Anhangabaú começam a sair do papel. Desde essa época já se vê a polarização das idéias no que se refere ao vale do Anhangabaú: de um lado a idéia de um parque central, de outro uma grande avenida nos moldes haussmanianos.

Fora ajustes nos calçamentos e alinhamentos de vias no entorno imediato do Largo, inicia-se a construção das novas secretarias a cargo do arquiteto Ramos de Azevedo que viriam compor com o edifício do Tesouro Nacional, do mesmo arquiteto. 'Em 1881, foi imaginada outra construção pública no Largo do Palácio, com a função de abrigar as

150 Lemos, Carlos A C, op. cit., pág. 30



Secretarias e ala nova do Palácio a partir de Projeto de Ramos Azevedo: o vazio que se vê é onde estava a igreja do Colégio

atividades do governo imperial em São Paulo, principalmente a Tesouraria da Fazenda que, com a República, passou a se chamar Delegacia Fiscal do Tesouro Federal. (...) Para tanto, foram demolidas velhas construções do quarteirão que separava a Praça da Sé do Largo do Palácio. (...) Essa obra se arrastou nos primeiros anos por motivos que desconhecemos. O fato é que, em 1886, o então presidente Conde de Parnaíba chama Ramos de Azevedo para enfrentar esse trabalho importante. (...) Após a inauguração da sede da Tesouraria da

Fazenda, ao seu lado, em 1891, é dado o início às obras da Secretaria da Agricultura (...)’¹⁵¹. ‘Os aludidos edifícios ditos “das secretarias de Estado” e sua área envoltória, compromissada, inclusive, com a Praça da Sé, merecem nossa atenção porque ali Ramos de Azevedo teve o privilégio único de expressar-se com toda a autonomia, com a possibilidade de materializar plenamente o seu ideário estético reformulando um espaço urbano destinado à concentração de

edifícios da administração pública. Era o coração da cidade. O velho e caipira Pátio do Colégio, vindo dos tempos dos jesuítas, foi ampliado com a demolição da igreja conventual, transformando-se numa praça cívica, o Largo do Palácio, definido só por edifícios neo-renascentistas, todos na mesma escala e harmônicos nas relações entre volumes e espaços abertos. Foi o precursor de nossos centros administrativos, mas a idéia original não foi de Ramos porque, quando ele chegou, as obras já estavam programadas. A seu



Vistas do Palácio após reformulações segundo projeto de Ramos de Azevedo



151 Ibid., pág. 30

cargo ficou a solução formal final¹⁵².

O terceiro surto urbanístico, ainda segundo Prestes Maia, foi sob a administração do Barão de Duprat (1911-1914). É desse período o projeto para o viaduto Boa Vista que vai modificar significativamente o aspecto do antigo adro da vila. Relativamente contemporâneas, a demolição da antiga catedral e da São Pedro dos clérigos para aumentar a Praça da Sé e a abertura da Praça Patriarca transformaram profundamente os espaços públicos paulistanos.

Prestes Maia; o perímetro de irradiação e o papel do Largo do Palácio

Ficava cada vez mais clara a necessidade de desafogar o trânsito no centro de São Paulo, cidade cuja população e área urbanizada aumentavam num ritmo galopante. Novas ruas como a antiga São José (atual Líbero Badaró) já procuravam fazer com que o trânsito desviasse das ruas centrais. Seguindo adiante essa lógica, toma força a idéia de um perímetro de irradiação do trânsito da área central. Após alguns projetos de avenidas, a cidade viu surgir uma hipótese de Ulhoa Cintra que previa uma série de avenidas

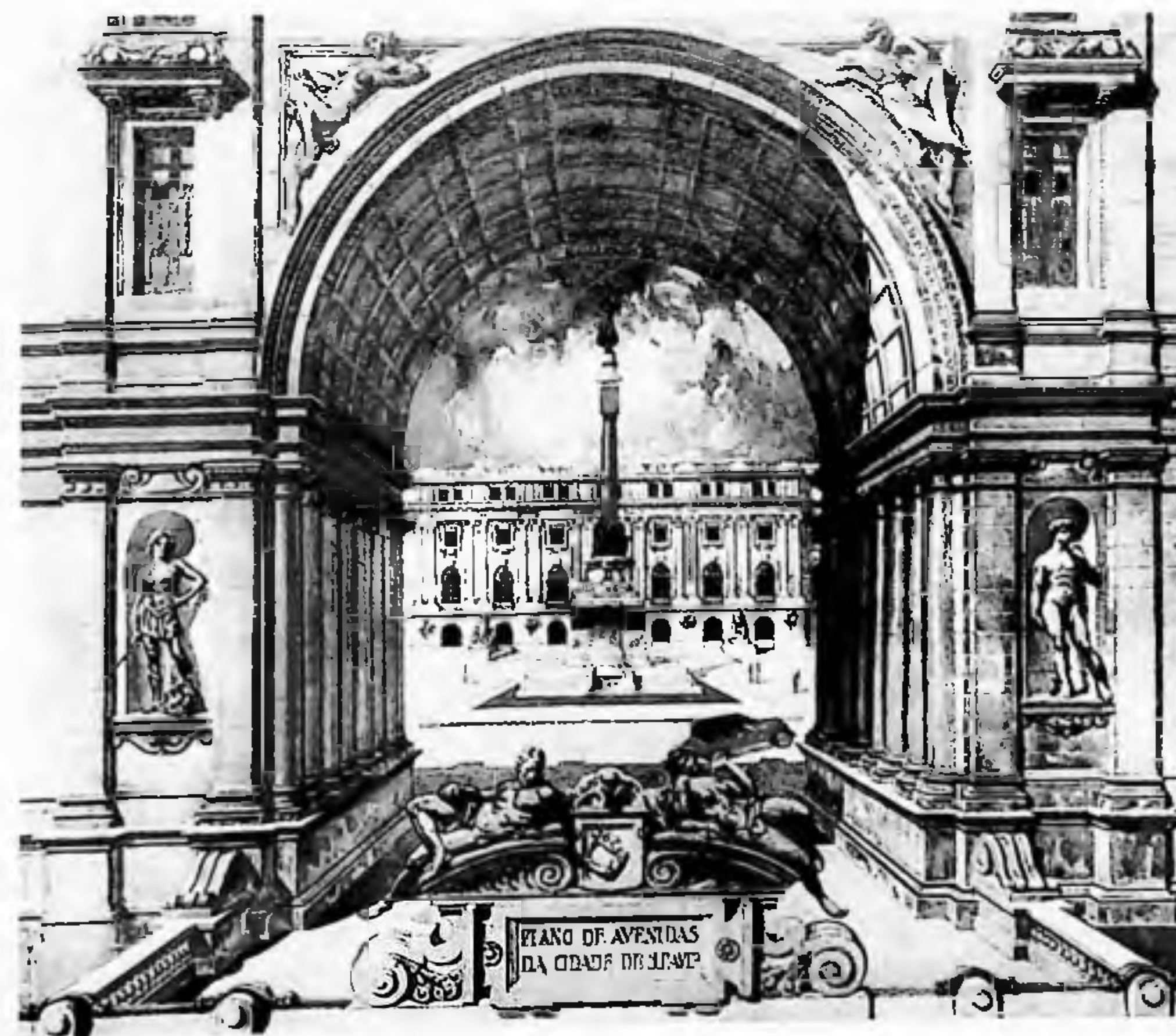
que, interligadas numa circular, possibilitariam um contorno rápido e claro do Centro paulistano. Nessa hipótese, uma avenida passaria defronte à nova Sé e, portanto, tangenciaria o Largo do Palácio - possivelmente ocasionando uma grande transformação no seu entorno.

Novos estudos afastaram o anel viário para atrás da Sé, cruzando a Praça João Mendes. Uma terceira versão desse anel com algumas modificações e particularidades mas no fundo uma síntese dos estudos anteriores foi proposta por Prestes Maia, que iniciou sua implantação quan-

do na Prefeitura a partir de 1938. Era o quarto surto urbanístico que defendia ter acontecido até então na cidade de São Paulo. Relacionados com as novas avenidas, os planos para o Largo do Palácio eram de uma remodelação completa. Nem mesmo as antigas secretarias de Ramos de Azevedo se manteriam nesse novo Largo do Palácio, que

152 Ibid., pág. 29

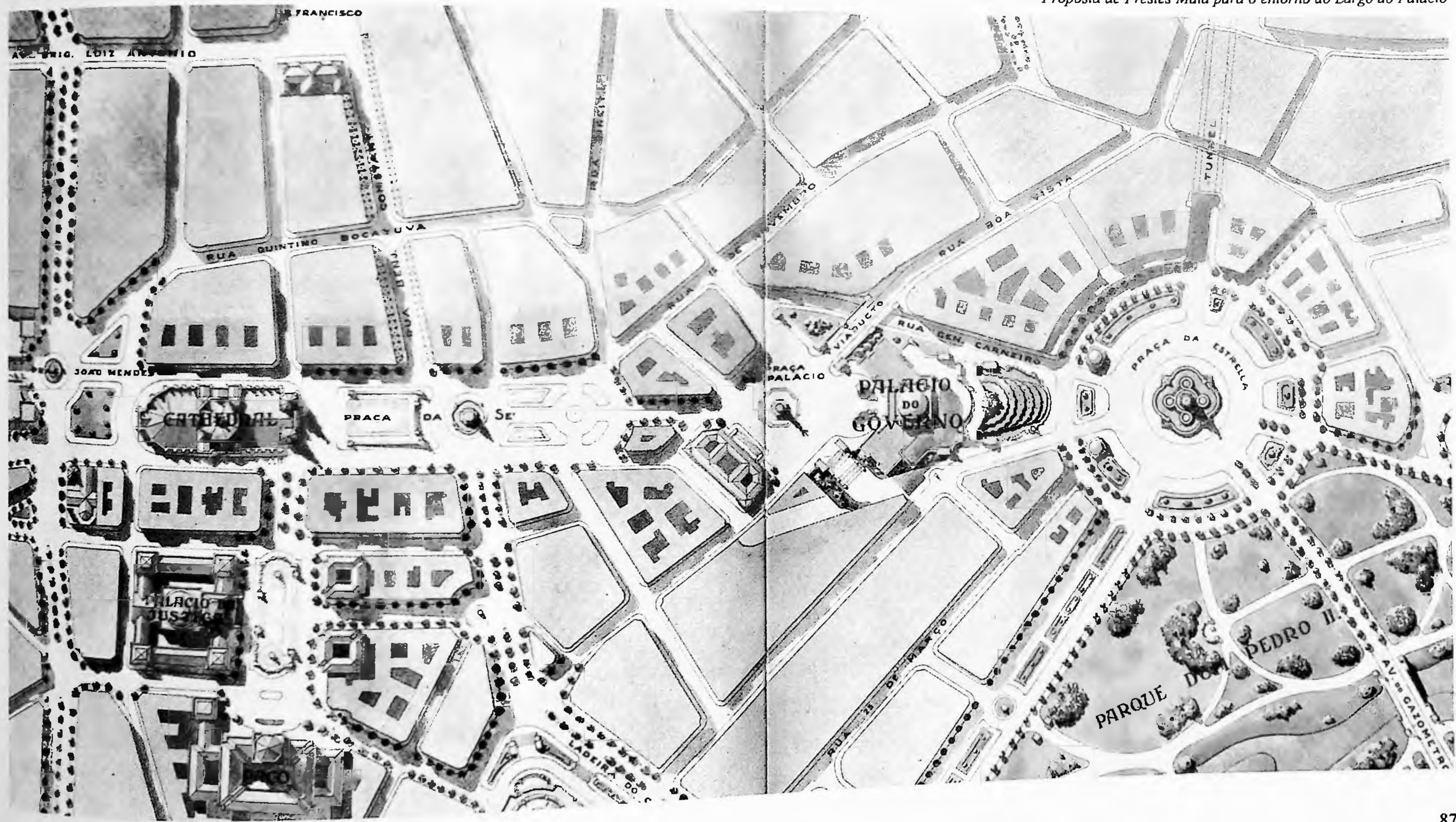
Perspectiva da proposta de novo edifício para o Palácio do Governo - projeto de Prestes Maia



contaria com um novo edifício exatamente defronte à fachada frontal da nova Sé, formando com ela um eixo claro. O desnível da colina

ao fundo do Palácio seria vencido com uma fonte de vários níveis de espelhos d'água e cascatas. Ao pé da colina, uma 'étoile' paulistana.

Proposta de Prestes Maia para o entorno do Largo do Palácio



O metrô e a reestruturação do Pátio do Colégio - da idéia de construção de estacionamentos nas imediações do Pátio à construção de estacionamentos pouco criteriosos e projeto de transformação da colina em um grande estacionamento central - a cidade do automóvel em luta com a perspectiva de um transporte coletivo de massa; a pedestrianização das ruas do centro paulistano.

As obras do metrô foram responsáveis por uma grande transformação nos principais largos e praças do 'triângulo'. Muitos antigos quarteirões foram demolidos e a Praça da Sé foi unida à Praça Clóvis Bevilacqua, tornando-se uma grande esplanada com acessos à estação da Sé (primeiro cruzamento de linhas do metrô paulistano), espelhos d'água e esculturas modernistas. O largo de São Bento passou a ser de certa maneira a cobertura da estação de metrô que também tem acesso pelo vale do Anhangabaú. Através de uma grande abertura no piso do largo de São Bento, pode-se perceber o movimento no pátio interno da estação logo abaixo. Alguns edifícios que delimitavam o antigo largo foram demolidos - torres de respiração do metrô passaram a fazer parte do cenário e uma empena cega que está diante do antigo

mosteiro recebeu um painel do artista Maurício Nogueira Lima.

O largo de São Francisco não tem uma estação mas, por conta do traçado da linha que vai para a praça da República, teve seus limites redefinidos pela demolição de alguns edifícios e a implantação de torres de respiração do sistema do metrô - torres de certa maneira padronizadas que estão presentes em várias de suas estações.

O Pátio do Colégio tampouco possui uma estação. Foi, no entanto, totalmente escavado já que a linha Norte-Sul acompanha a rua Boa Vista entre a Sé e São Bento. A reconstrução do hipotético edifício jesuítico original já se iniciara - não estando concluída ainda a igreja - quando as escavações do metrô estavam em curso.

Há, então, um projeto de 'remanejamento da área do Pátio do Colégio'¹⁵³. Com esse projeto realizado por uma equipe encabeçada por Jorge Wilhelm para a COGEP (Coordenadoria Geral de Planejamento)¹⁵⁴ com a Emurb (Empresa Metropolitana de Urbanização) durante a prefeitura de Miguel Colasuonno (entre 1974 e 1975), pressentiu-se a possibilidade de ligação entre o nível da várzea e o topo da colina central que existia no Pátio do Colégio. Pretendia-se 'reconquistar para



Ao fundo, torre de respiração do metrô no largo de São Bento

153 COGEP PMSB PR 071 Pátio do Colégio - projeto de renovação do Pátio do Colégio coordenação do projeto de Jorge Wilhelm pref. Miguel Colasuonno. Pág. 3
154 depois Secretaria de Planejamento

os cidadãos, o espaço do talude que define o Pátio do Colégio, devolvendo-lhe a dignidade adequada que se objetivara, limpando seu entorno de edificações precárias. Em outros termos: procurou-se “não construir” e sim liberar o espaço.’¹⁵⁵

Uma série de escadas rolantes subiriam a antiga colina que, pedestrianizado o entorno do Pátio do Colégio, teria sua borda oriental transformada pela separação clara entre pedestres e veículos, ‘locais para pontos de encontro, comércio e serviços’¹⁵⁶. Seria refeita a praça que surgiu no lugar do antigo mercado (Fernando Costa) com ‘uma esplanada sob a qual se propõe uma garagem pública em 2 pisos, com capacidade de até 900 carros’¹⁵⁷.

O automóvel individual começa a ser um imperativo. As vias para sua circulação não respeitam antigos lugares públicos e locais para estacionamento começam a surgir a partir da demolição de edifícios algumas vezes significativos.

O projeto COGEP/EMURB é reflexo dessa situação. Trata-se de tornar o Pátio do Colégio um acesso para o centro paulistano onde se deixa-riam os automóveis para ingressar numa área pedestrianizada.

O projeto não foi realizado completamente. Apenas a remodelação do talude e o tratamento dos pisos no nível do Pátio do Colégio foram

levados a cabo.

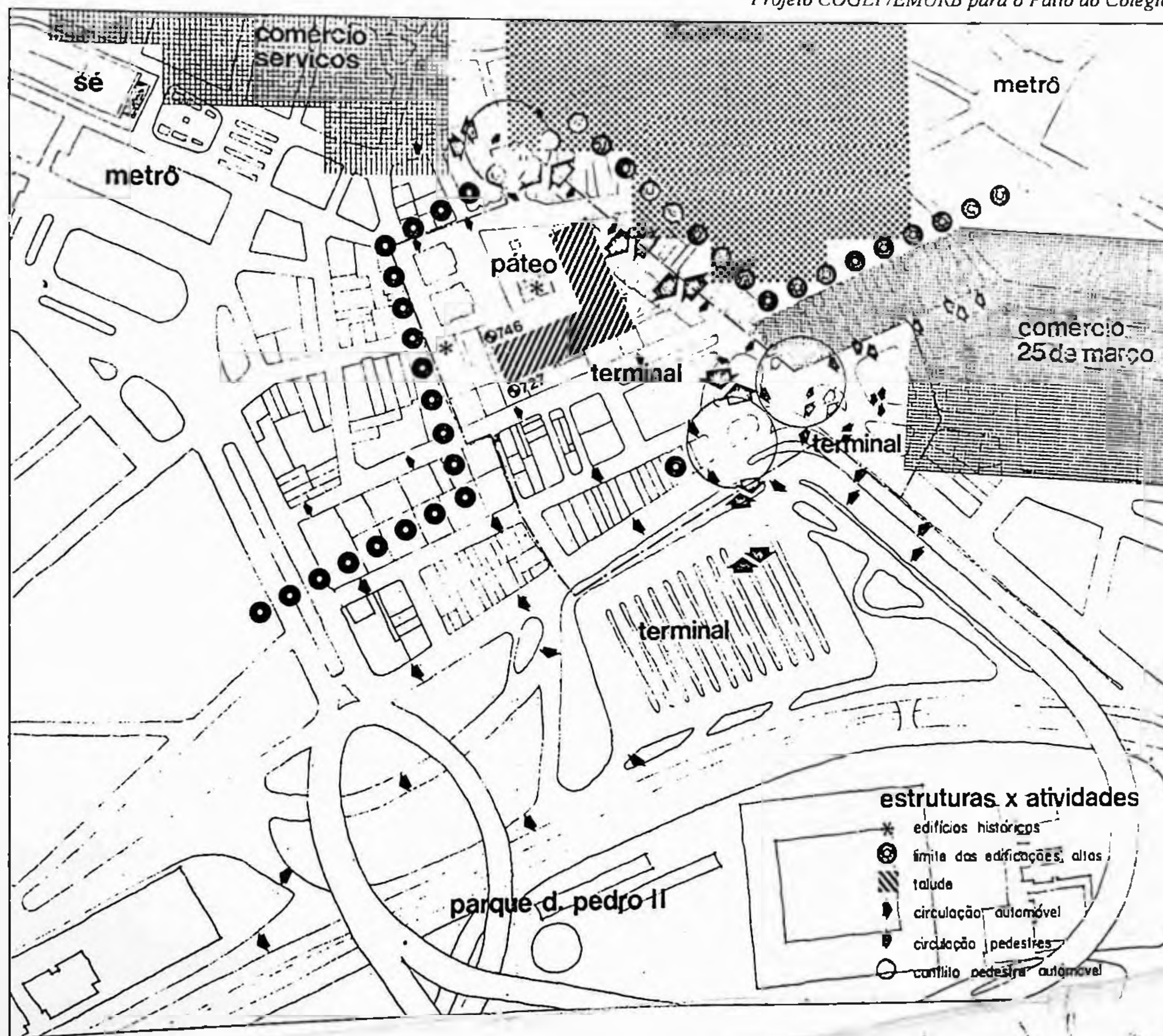
Na mesma década (1970) em que o metrô estabeleceu suas estações centrais, muitas das ruas do centro paulistano foram pedestrianizadas (em 1976 a Emurb entrega o sistemas de ruas de pedestres).

155 COGEP PMSP PR 071, op. cit., Pág. 3

156 Ibid., Pág. 4

157 Ibid., Pág. 4

Projeto COGEP/EMURB para o Pátio do Colégio



O que se quer retomar com os projetos recentes: Projeto Artigas para o Anhangabaú; Novo desenho para o Anhangabaú Jorge Wilhelm e Rosa Kliass; Projeto Sé-Arouche; Prefeitura no Palácio das Indústrias e Projeto Parque D. Pedro II; novo terminal D. Pedro II, o Concurso para o Centro de 1996; o fura-fila; a proposta dita védica do edifício Maharishi SP Tower of Peace

O Centro de São Paulo, como vimos acima, tem sido modificado com a perspectiva modernizante desde o fim do século XIX e, entre as décadas de 1930 e 1950, foi alvo de uma violenta e paradigmática transformação que ainda é de certa maneira sua estrutura básica - a proposta que tem em Prestes Maia seu principal coordenador. Desde a implantação das grandes avenidas e do sistema Y, o Centro paulistano passou a contar com projetos para alguns logradouros específicos mas o momento em que a discussão se ampliou novamente para a cidade como um todo foi quando se iniciaram proposições de novo desenho para o vale do Anhangabaú, contemporâneas das discussões iniciadas com o metrô e a pedestrianização das ruas centrais.



O projeto de 1974 da equipe do arquiteto João Vilanova Artigas para o referido vale pode ser visto como inaugural de uma forma nova de se pensar o espaço urbano na cidade de São Paulo. Não era apenas um plano 'embelezador', havia nele a preocupação de explicitar e recuperar ligações rompidas e seguir adiante no sentido de relacionar os dois lados do vale. É um projeto que procura o significado do antigo vale burguês paulistano, contra-posição esmaecida do vale, ou melhor dizendo, da várzea popular e operária do Tamanduateí.

Imagens da proposta de Vilanova Artigas para o Anhangabaú - sistema de passarela e passeios de pedestres sobre a grande avenida.



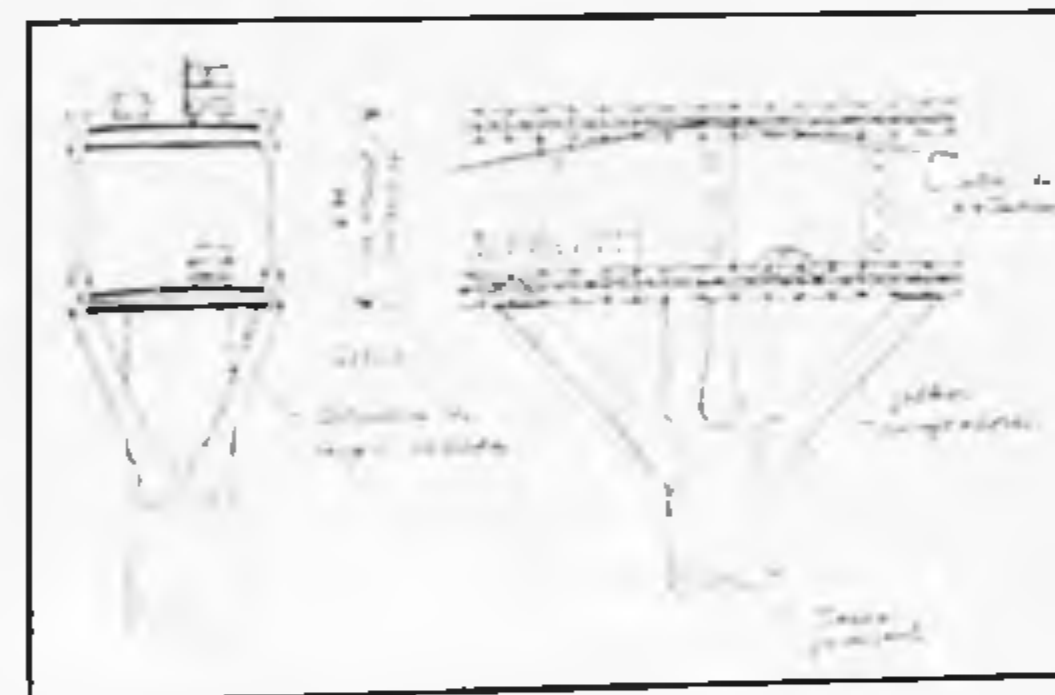
Vencedor de concurso realizado em 1981, o projeto de Jorge Wilhelm e Rosa Kliass para o mesmo Anhangabaú manteve o caráter de avenida que aquele vale tinha desde a implantação do sistema Y de Prestes Maia. Apesar de enterrado o leito carroçável e da praça que surgiu na sua superfície, algo parece desligado naquela imensa esplanada em cujo centro alguns rapazes com skates e desavisados perambulam e vêm passar intermitentes os carros de polícia autorizados a circular por ali. É acanhado o resultado apesar da qualidade do detalhamento e do mobiliário urbano.

Outro projeto que marcou os que acompanharam o concurso para o Anhangabaú foi o da equipe da arquiteta Lina Bo Bardi que propôs uma mata no vale em questão e um viaduto que garantiria a circulação do sistema Y e, de tão alto, estaria como que sobrevoando aquela pequena floresta enclausurada por grandes edifícios - recuperação da idéia de jardim já presente no projeto de Bouvard para o vale com caminhos sinuosos sob aléias onde, por vezes, haveria que se aguardar a passagem de algum automóvel importado.

O que parece prevalecer na seleção do premiado no concurso de 1981 para o vale do Anhangabaú é a ênfase na solução para o sistema viário -

afundamento das vias - e a utilização das tecnologias dominadas pelas construtoras recém órfãs dos projetos monumentais do 'Brasil Grande', do 'milagre brasileiro' [sic]. Não é visível um esforço de entender relações existentes no Centro e sim um desenho de certa maneira protocolar que diminui o constrangimento de se ver o trânsito caótico mas resulta num lugar sem vida. A grande laje que repousa atualmente no vale do Anhangabaú é um lugar ainda em busca de interpretação.

Projeto Lina Bo Bardi para o Anhangabaú



Vista do Anhangabaú redesenhado pelo projeto Wilhelm/Kliass

O projeto Sé-Arouche, nos anos da Prefeita Luíza Erundina, acontece num momento em que se pretende fazer fluir a cidade popular. Alguns projetos são desenvolvidos para logradouros no percurso entre a praça da Sé o largo do Arouche, que passam por remodelações sutis propiciadoras de uma maior limpeza visual e conseqüente possibilidade de se circular sem ofuscar-se com a miríade de letras, fachadas de alumínio, faixas, esculturas entulhadas e desconforto dos usuários. É extremamente interessante reforçar a ligação entre a Sé popular e o Arouche ainda frequentado pela burguesia, sendo clara a intenção pretendida, e novamente se coloca a necessidade de ligação entre os dois lados do vale do Anhangabaú.

Relativamente encadeada com o projeto Sé-Arouche, continuando a reflexão sobre o Centro paulistano, há, então, uma atitude renovadora: o Palácio das Indústrias, esquecido nos canteiros centrais da Avenida do Estado, é reformado e torna-se a sede da Prefeitura de São Paulo. O eixo político da cidade é recolocado junto da maioria de sua população. Ali estão as grandes estações de transporte coletivo e uma concentração importante de comércio popular formal e informal. A população que vive nas imediações do Parque D. Pedro



Conjunto Habitacional no Brás



IAPI (Cambuci)



Terminal D. Pedro II

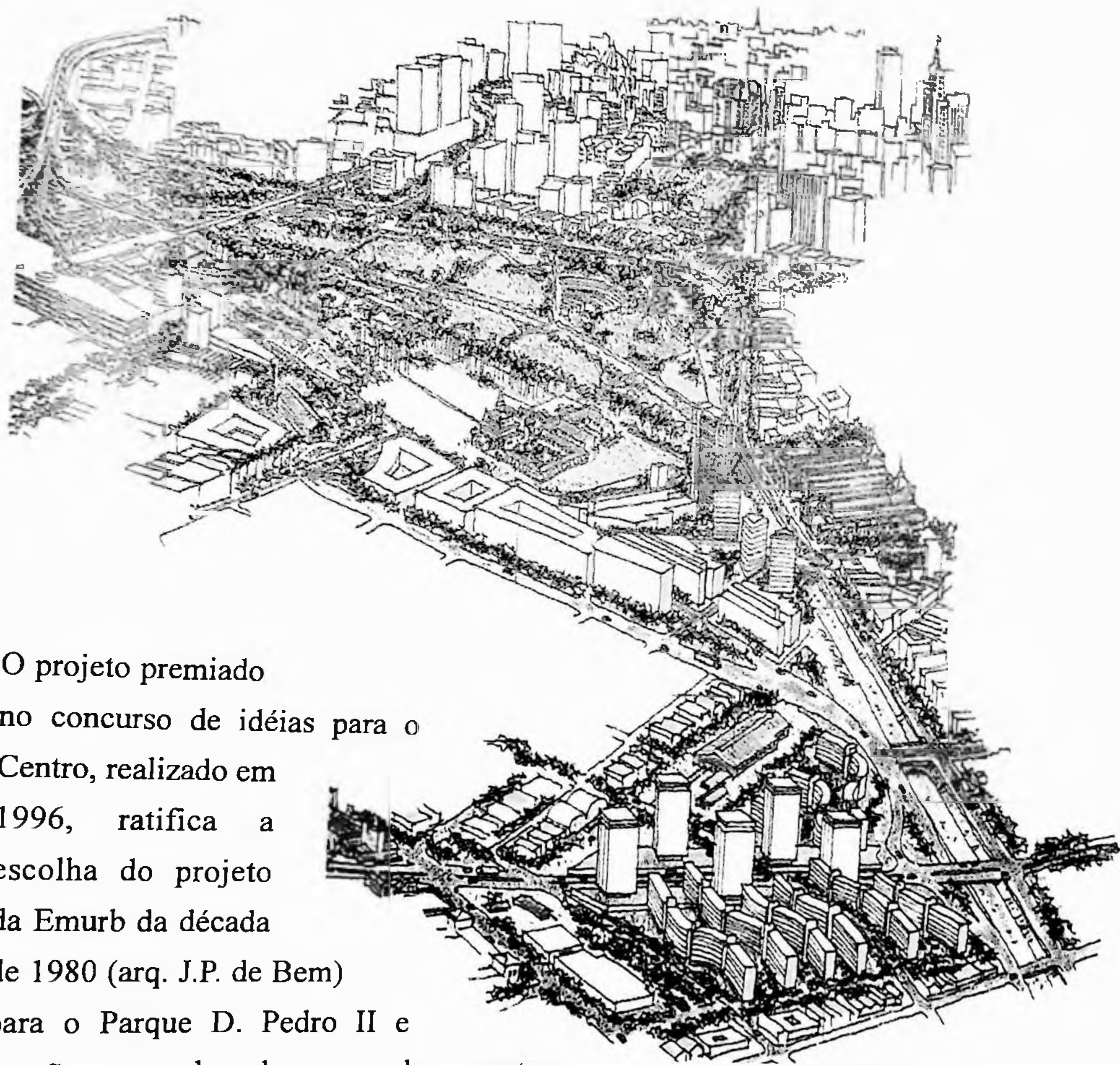
II, onde está o Palácio das Indústrias, habita nos conjuntos habitacionais do Brás, do Cambuci (IAPI) e na antiga Vila Economizadora. Também está nos cortiços da Zona Cerealista e nas pequenas residências e edifícios de apartamentos incrustados no Brás do comércio das madeiras, borracha, plásticos, couros, máquinas etc. Vive também em edifícios altos que têm fama de cortiços verticais já que a pouca manutenção resulta em elevadores quebrados e aspecto deplorável da construção, sem falar na violência e, por vezes, prostituição explícita nas suas circulações internas. Também vive nas ruas e sob viadutos.

É, portanto, a cidade popular que, com a transferência da Prefeitura, aproxima-se do Centro de decisões políticas. Há um projeto de reformulação do Parque D. Pedro II, complementar à reforma do Palácio das Indústrias, que procura recuperar um pouco do antigo desenho de Bouvard que o inaugurou. Esse projeto, realizado junto à Emurb pela equipe do arquiteto João Paulo de Bem, não se viabilizou e a antiga várzea do Tamanduateí, ou do Carmo, continua sem uma devida interpretação. O novo terminal D. Pedro II é de uma arquitetura refinada no que diz respeito às formas e utilização dos materiais. Não houve ali, entretanto, a possi-



Implantação

bilidade de se reestabelecer ligações perdidas entre a colina onde repousou o antigo Colégio e o Parque D. Pedro II, nem mesmo com o comércio circundante e menos ainda com o esquecido rio Tamanduateí. É mais uma vez a presença sempre brilhante do arquiteto Paulo Mendes da Rocha - também a correta e delicada transformação do antigo Gasômetro devemos a esse generoso professor - mas a várzea do Tamanduateí se mantém cindida: maldita para uns, único recurso, passagem, escola, igreja e mercado para outros.



O projeto premiado no concurso de idéias para o Centro, realizado em 1996, ratifica a escolha do projeto da Emurb da década de 1980 (arq. J.P. de Bem) para o Parque D. Pedro II e propõe novos desenhos para alguns outros importantes logradouros do Centro paulistano em que se percebe uma intenção 'embelezadora' próxima das premissas da 'City beautiful'. Há, de

Proposta premiada no concurso de idéias para o Centro de 1996 - equipe do arq. J. B. Martinez Corrêa

maneira geral - como na proposta para o Anhangabaú, uma ênfase na solução para o sistema viário. Túneis gigantescos são propostos e estariam furando a antiga colina do triângulo aproximadamente abaixo da rua Libero Badaró desde o início da Av. 23 de Maio até o largo de São Bento, quando então atravessariam para baixo da rua Brigadeiro Tobias e, na altura do edifício da Secretaria da Fazenda, alinhariam com a Av. Prestes Mais e Tirandentes, emergindo ao norte do Convento da Luz. Um novo fôlego, por assim dizer, para o sistema Y de Prestes Maia.

O atual túnel do Anhangabaú receberia as paradas de ônibus trasladadas da Praça da Bandeira, tornando-se uma estação central. O projeto procura reestabelecer no Anhangabaú um dinamismo perdido já que a volta da circulação local de automóveis sobre a grande laje do projeto de Wilhelm e KLIASS estaria recuperando o suposto sentido de circulação e movimento daquele lugar. Grandes edifícios de uso misto seriam construídos no Pátio de manobras do Pari, verticalização presente em todas as propostas premiadas do concurso e que é de certa maneira levada ao extremo na hiperverticalização proposta pela Maharishi SP Tower of Peace¹⁵⁸.

Esta proposta dita védica tem na torre de 500 metros de altura a principal componente - sua forma piramidal, algumas relações espaciais internas e símbolos nela presentes seriam potencializadores da harmonia do conjunto e entre os usuários.

Um grande parque seria criado a partir do arrasamento dos quarteirões que hoje formam a zona cerealista, qual um jardim cultivado na área da devastação de um cogumelo atômico. Nesse parque criado, uma linha circular de mon trilho ligaria estações e bairros no seu entorno. Alguns edifícios-ponte idealizados pela equipe do arquiteto Cândido Malta Campos seriam convocados para amenizar a presença da torre e propiciar algumas ligações no tecido urbano.

A torre Maharishi evidencia o pressentimento do Centro Tradicional ainda que sendo visto como presa fácil e tratar-se de uma atitude de oportunismo simbólico.

A localização do fura-fila, sistema de transporte coletivo sobre rodas com calhas independentes, junto ao Tamanduateí tem razões técnicas - há um número importante de passageiros potenciais - mas é também uma atitude política de estar junto à cidade popular, ainda que sem um projeto de integração com os sítios por onde passa e sem a



*Imagem do anúncio da torre Maharishi
SP Tower of Peace*



*Vista do Parque D. Pedro II
a partir do edifício do Banco do Estado
em azul, estrutura da futura estação do fura-fila.*

158 Empreendimento Maharishi SP Tower of Peace com um edifício de 500m de altura que se pretendeu implantar no chamado pátio de manobras ferroviárias do Pari - ver revista Caramelo FAUUSP 1999 especial sobre a torre Maharishi.



perspectiva de um desenho urbano requalificador no entorno de suas estações e passagens. É um veículo melhor adaptado aos usuários e poderia ser uma alternativa para os ônibus que não passam de caminhões reformados para o transporte de passageiros. O seu traçado, no entanto, isola ainda mais os fragmentos já desarticulados da antiga várzea do Tamanduateí e adia a realização plena daquele lugar.

A tentativa recente de retomada do Centro; arcabouço de baixa utilização com propostas de ocupação: luta entre a habitação popular chegando e uma utilização anterior que gostaria de se reestabelecer - o que deve existir no Centro tradicional

Só podemos perceber a dinâmica do Centro velho de São Paulo quando nos voltamos para o seu entorno e conseqüentemente suas áreas tributárias. Vemos que áreas como o Cambuci, o Brás e a parte da Luz próxima ao Tamanduateí são habitadas por um importante contingente de pessoas. O mesmo se pode dizer de Santa Cecília, Campos Elíseos e Bexiga.

Aproximando-nos do Centro Tradicional paulistano, a ocupação residencial torna-se mais rarefeita e também notamos a existência de inúmeros edifícios vazios onde funcionaram escritórios até recentemente.

Há um movimento de invasão e ocupação de alguns desses edifícios que conta com o apoio de técnicos defensores da idéia de cooperativas habitacionais geridas no sentido de requalificar prédios existentes com propostas de infra-estrutura e módulos habitacionais discutidos com os futuros moradores, na perspectiva de uma arquitetura participativa.

De outro lado, temos incentivos fiscais que apontam para a preservação das fachadas dos antigos edifícios e propõem sua revitalização com usos relacionados a manifestações culturais da metrópole sem um vínculo necessário com a população que vem frequentando o Centro nos últimos tempos. Há, pois, uma espé-

Imagens de edifícios ocupados por sem-teto no Centro paulistano. Abaixo, edifício recentemente invadido próximo ao Pátio do Colégio



Levantamento de uso do solo no entorno do Pátio do Colégio realizado em 1997



cie de luta entre a cidade burguesa e a cidade popular que podemos identificar nesses movimentos.

O Centro tem condições de representar um entrelaçamento dos dois movimentos acima descritos.

O 'Viva o Centro' e sua não relação com os aspectos simbólicos do Centro

O *Viva o Centro* tem se alinhado com o movimento de recuperação do Centro para a burguesia que fugiu para o vale do Pinheiros. Trata-se de um movimento unilateral que não parece consciente dos aspectos simbólicos do Centro paulistano. Os símbolos, como veremos a seguir, são recriados

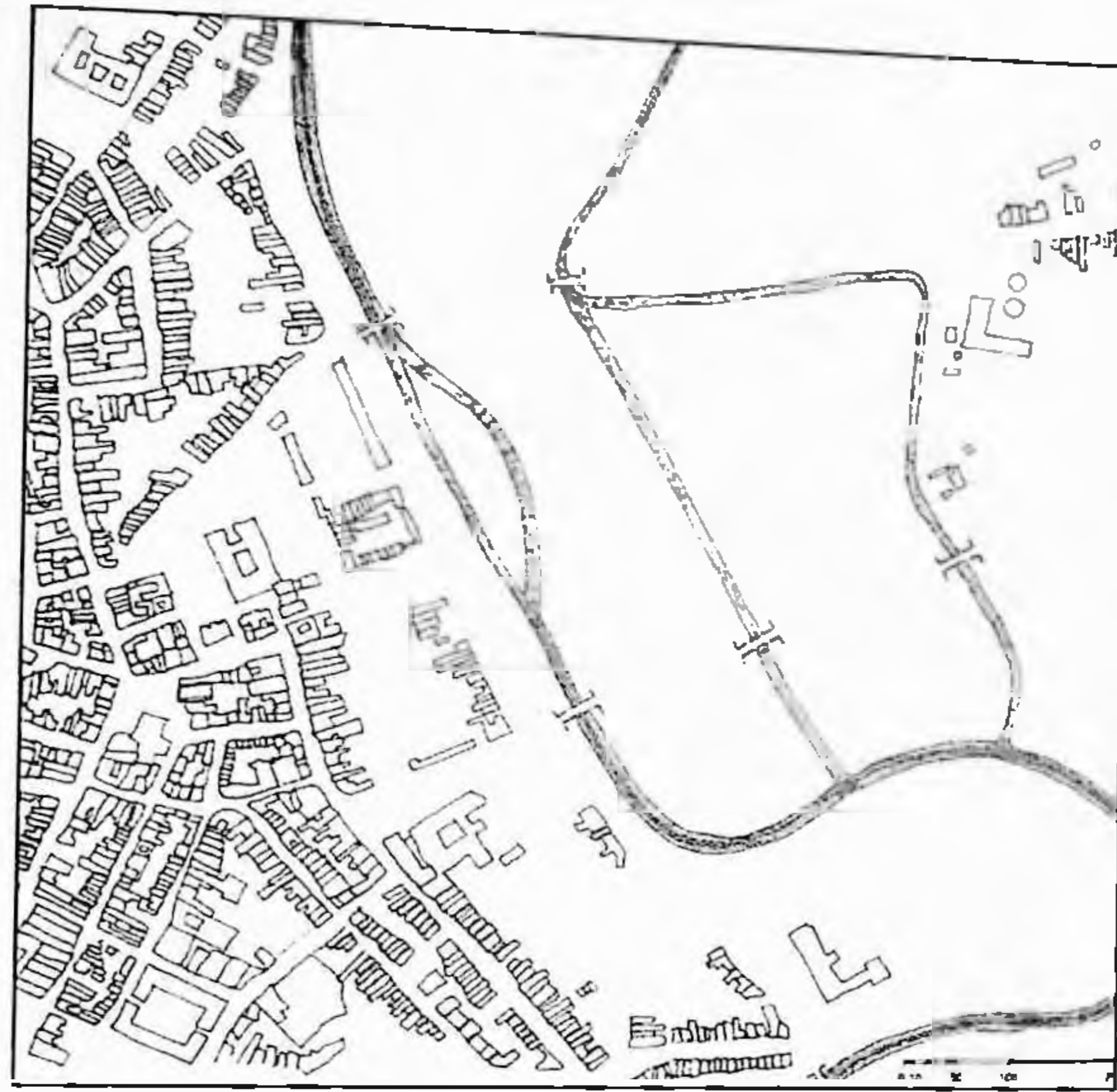
continuamente por seus 'usuários' e há significados presentes atualmente no Centro que não estão sendo considerados como, por exemplo, o fato de se tratar de um centro religioso e popular vibrante que estaria sendo abafado por uma proposta de apropriação anódina apesar de contar com projetos bem acabados mas que não chegam a ser espaços de convívio com a realidade que se apresenta no local. O presente trabalho ambiciona contribuir para que os inegáveis esforços do *Viva o Centro* sejam redimensionados no sentido de olhar o Centro paulistano com uma perspectiva que leve em consideração seus aspectos simbólicos num esforço de síntese com as forças econômicas que o pretendem recuperar.

São Paulo from the road to Rio (São Paulo do caminho do Rio), 1827 William Burchell

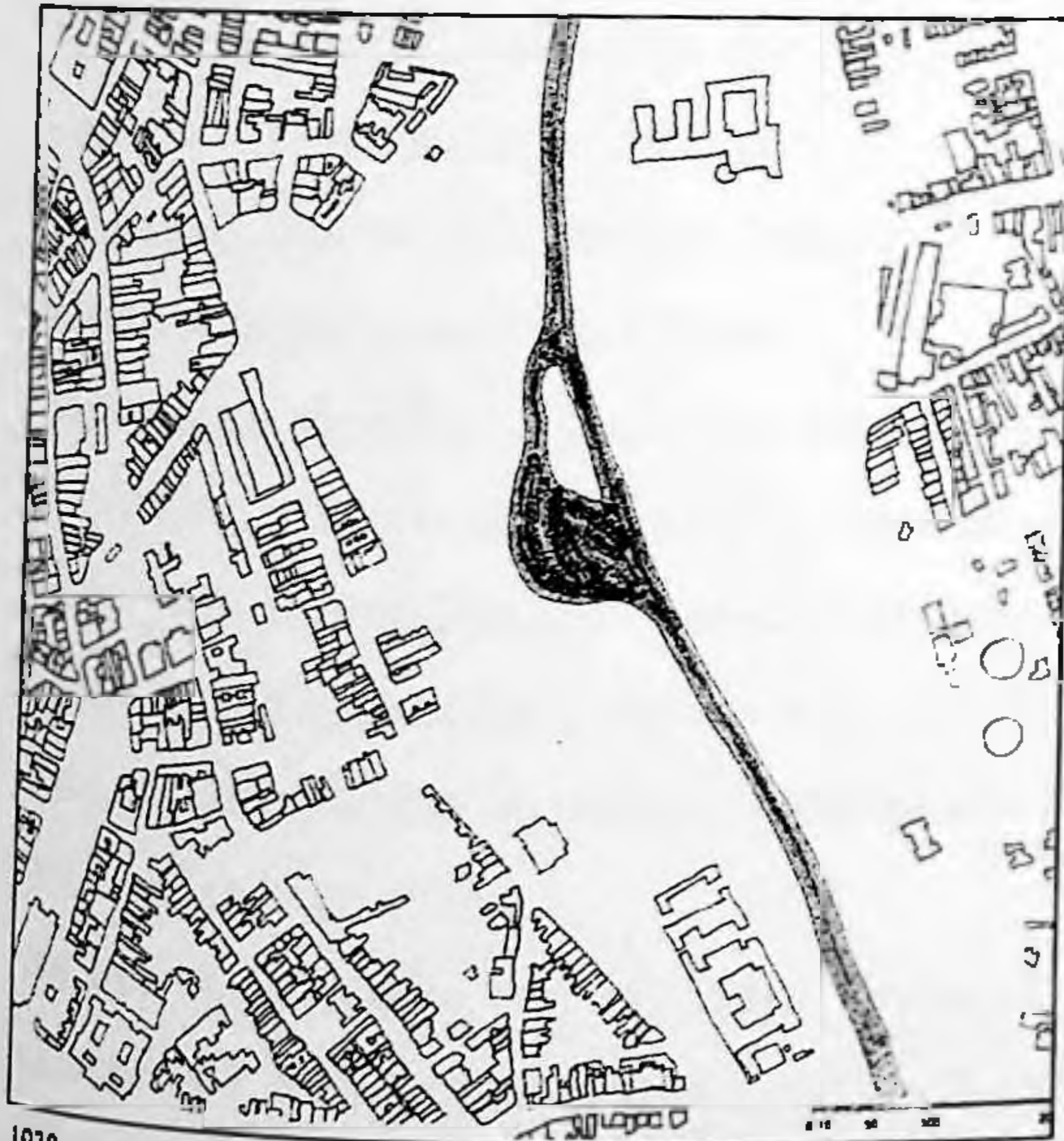




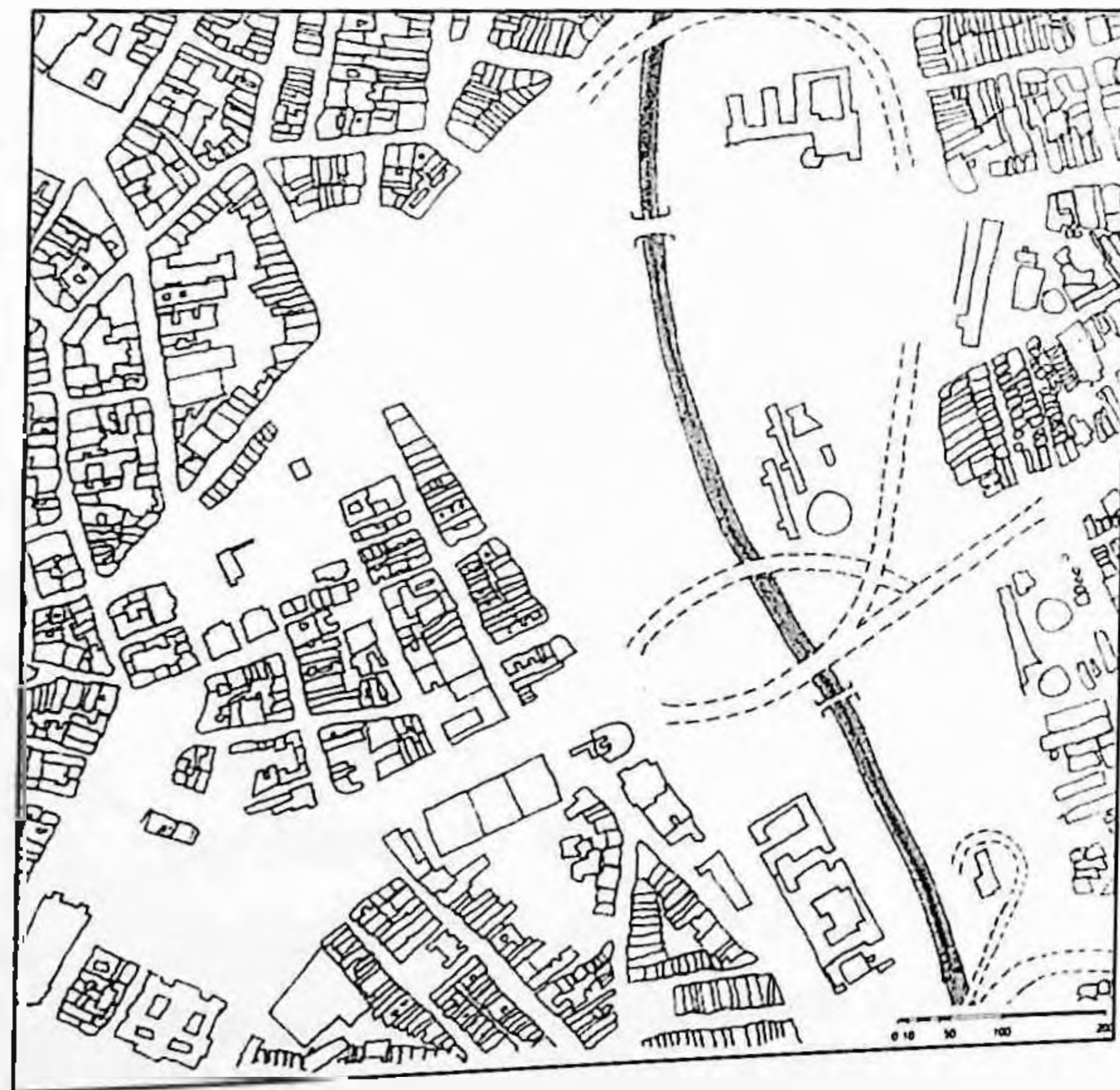
1840



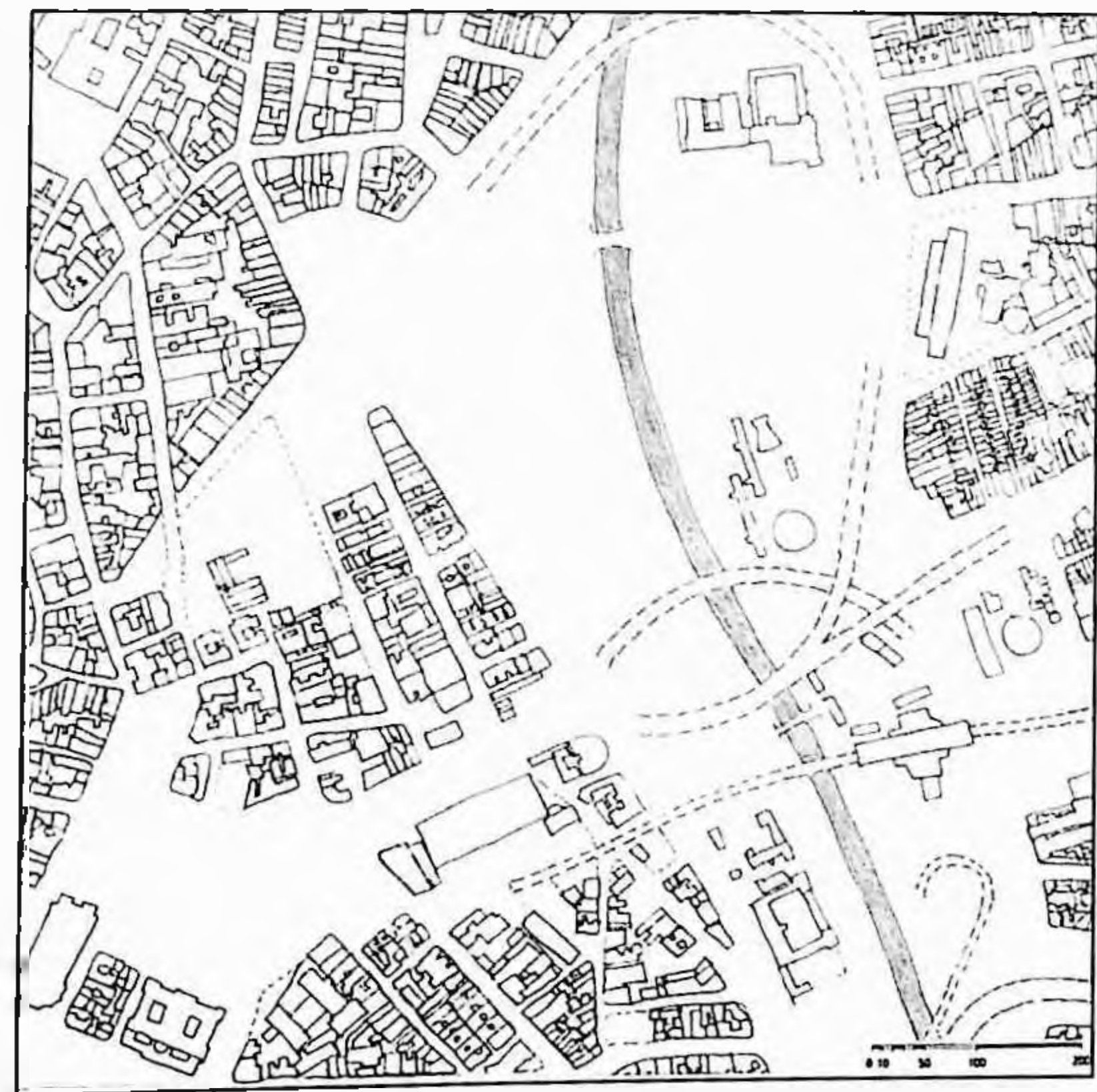
1881



1930



1972



1996

Transformações no entorno do Pátio do Colégio a partir de mapas históricos - atentar para a retificação do rio Tamanduatei e modificações no edifício do antigo Colégio jesuítico.

Exercício hermenêutico sobre o Pátio do Colégio

A questão simbólica - o trabalho com os significados e sua aplicação direta

O presente estudo tem sido a procura do significado profundo do sítio da Fundação de São Paulo - o seu Centro Tradicional - chamado atualmente de Pátio do Colégio. Trata-se de um esforço no sentido de se desvencilhar do olhar distraído que nos propõe a vida moderna e perceber o que há de vivo, ainda que eventualmente latente mas não patente, no lugar central paulistano.

A procura do significado tem sido uma constante nos diversos campos do saber que, varridos que foram pela especialização excessiva, vêm-se diante de uma ignorância geral de suas bases efetivas, de suas palavras de ordem fundamentais, de seu significado primeiro.

No que diz respeito ao binômio arquitetura-cidade, vale lembrar os textos 'Arquitetura da cidade' de Aldo Rossi¹⁵⁹ em que a alma da cidade

é investigada e o termo *arquitetura* é utilizado no sentido de *estrutura essencial*, os textos de Jane Jacobs ('Morte e vida de grandes cidades')¹⁶⁰, Hassan Fathy ('Arquitetura para os pobres')¹⁶¹ e Robert Venturi ('Complexidade e contradição em Arquitetura')¹⁶², todos da década de 1960, em que há uma revisão do pensamento urbanístico que se estabelecera desde o racionalismo e a proposta de um olhar mais cuidadoso para a realidade com a qual os arquitetos ou promotores de transformações espaciais na cidade vão se defrontar. Há que se identificar significados nas realidades existentes e não mais impor fórmulas desenvolvidas 'em laboratório', ainda que extremamente atraentes e igualitárias. A realidade, entendida até então pelos técnicos como uma aberração, passa a ser objeto de maiores cuidados: há significados profundos para as realidades que se apresentam. No que se refere à paisagem e ao espaço, é dessa procura a recuperação da idéia de *genius loci* - o



*foto anônima do Pátio do Colégio.
À direita, edifício que abrigou a Casa da Ópera.*

- 159 Rossi, Aldo *A arquitetura da cidade* Martins Fontes São Paulo 1998
160 Jacobs, Jane *Morte e vida de grandes cidades* Martins Fontes São Paulo 2000
161 Fathy, Hassan *Construindo com o povo* Forense Universitária Rio de Janeiro 1982
162 Venturi, Robert *Complexidade e Contradição em Arquitetura* Martins Fontes São Paulo 1995

espírito do lugar - essência animadora de um determinado sítio ou contexto. Referindo-se à relação entre o lugar e as construções que nele se encontram, Aldo Rossi nos diz que 'a escolha do lugar tanto para uma construção como para uma cidade tinha um valor preeminente no mundo clássico: a "situação", o sítio, era governado pelo "genius loci", pela divindade local, uma divindade de tipo intermediário que presidia tudo o que ocorria naquele lugar'¹⁶³. 'Quando se constata uma paisagem habitada, espaço, forma e figura manifestam-se em ação recíproca e formam a identidade do lugar, o *genius loci*. A conjugação das identidades dos lugares vista no tempo possibilita a tradição. Se cada lugar tem seu *genius loci*, está implícita uma identidade que deve ser mantida'¹⁶⁴ lembra-nos Frank Svensson em seu livro sobre a arquitetura como visão de mundo.

Quando falamos de busca da essência de um contexto, tocamos no campo da Hermenêutica, estudo dos significados que se pretende consciente da perspectiva de *leitura* que é qualquer interpretação.

A busca do significado é sempre uma busca de ressonâncias entre o leitor e a leitura, ou seja, entre o intérprete e o objeto de estudos e é o que se pode

denominar de questão simbólica já que, como veremos a seguir, os símbolos são a forma possível de representação do que chamamos arquétipos, as motivações essenciais de tudo o que nos cerca. A busca destas motivações, dos significados profundos, a partir dos símbolos que nos cercam é uma questão simbólica que se coloca.

O sentido da instalação quinhentista européia na face oriental de uma colina da Bacia do alto Tietê, possivelmente contando com a compreensão que já então se tinha deste território - é consenso a participação do chefe guaianá Tibiriçá na escolha do sítio para aquela instalação - é aquilo que se procura com o presente estudo.

O conhecimento simbólico é pressuposto para os mestres de todas as Tradições. Um chefe espiritual ameríndio como o guaianá Tibiriçá possivelmente era consciente dos simbolismos, assim como o eram os chefes espirituais e seculares jesuítas que participaram da formação da Província jesuítica do Brasil. Não era simplesmente estratégica a atitude de um Padre Manoel da Nóbrega ou de um Padre Luis da Grã. Havia a perspectiva de uma luta santa e de uma revelação a se divulgar. Revelação coberta de símbolos e com significados profundos.

163 Rossi, Aldo, op. cit., pág.147

164 Svensson, Frank *Visão de Mundo Arquitetura*
Edições ALVA Brasília 2001

A presença forte do sítio inicial paulistano até o século XX, tendo passado de centro espiritual e conversão para centro de poder e decisões - no fundo, uma secularização da idéia de Centro - mas mantendo sua carga simbólica, é indicativa de algo inicial que não se deixou escapar, ao menos até a migração do poder para junto da concentração burguesa iniciada com a trasladação do Palácio para os Campos Elíseos (no palacete afrancesado de Elias Chaves) e depois para o Morumbi (Palácio dos Bandeirantes). A partir de então continua presente o significado do Centro jesuítico e político mas agora velado e abafado pela visão desencantadora da modernidade.

O projeto é um instrumento que identifica desejos latentes. É o *desenho* como nos falou Vilanova Artigas - é o *desígnio*. Trata-se de um trabalho que, pressentindo movimentos, está aberto a significados profundos.

A arquitetura se realiza quando vai ao encontro com esses significados profundos. Atitudes outras são ensaios mais ou menos felizes de se encontrar esses significados profundos dos lugares.

O projeto é, portanto, um trabalho com os significados e parte integrante da questão simbólica que aqui se coloca.

A linguagem do símbolo, única possível para determinadas verdades

Símbolos são como ilustrações concretas dos arquétipos. São uma forma possível de representar algo não objetivo, não racionalizável: o inconsciente. Arquétipo, segundo Jung, é um conceito que 'deriva da observação reiterada de que os mitos e os contos da literatura universal encerram temas bem definidos que reaparecem sempre e por toda parte. Encontramos esses mesmos temas nas fantasias, nos sonhos, nas idéias delirantes e ilusões dos indivíduos que vivem atualmente. A essas imagens e correspondências arquetípicas, (...) [Jung denomina] representações arquetípicas.'¹⁶⁵

Nos mitos, têm-se 'um sistema dinâmico de símbolos, arquétipos e esquemas'¹⁶⁶, sendo o esquema um presentificador dos gestos e pulsões inconscientes. 'Os arquétipos constituem as substantificações dos esquemas'¹⁶⁷, pontos de ligação entre o imaginário e os processos racionais.

'(...) o símbolo pressupõe sempre que a expressão escolhida constitui a melhor designação ou a melhor fórmula possível para um estado de coisas relativamente desconhecido, mas que se reconhece como existente ou como tal é reclamado. (...)

165 Jung, C. G. *Memórias, sonhos e reflexões* ED. Nova Fronteira Rio de Janeiro pág. 352

166 Durand, G *As estruturas antropológicas do imaginário* pág. 63

167 *Ibid.*, pág. 60

Enquanto o símbolo se mantém vivo, é porque constitui a melhor expressão de uma coisa. (...) O modo como são Paulo e a antiga especulação mística manejaram o símbolo da Cruz demonstra que, para eles, tratava-se de um símbolo vivo que representava, *de maneira insuperável, o indizível*¹⁶⁸. 'Podemos designar, sucintamente, a disposição que concebe simbolicamente um dado fenômeno como disposição simbólica. Só está parcialmente justificada pelo comportamento das coisas, uma vez que, também em parte, é o resultado de uma determinada concepção do mundo que imprime certo sentido ao acontecimento, seja ele grande ou pequeno, e atribui a esse sentido mais valor que à pura ordem dos fatos. (...) um símbolo vivo é o que também constitui, para aquele que considera, a máxima expressão possível do pressentido, *mas ainda não conhecido*'¹⁶⁹.

Um dos aspectos do símbolo é acessível à razão mas há outros que não o são.

*Os regimes de imagem segundo Gilbert Durand*¹⁷⁰

Em Durand, o estudo das imagens ou símbolos apoia-se na idéia de que não há pensamento sem imagem e que, portanto, a imaginação simbólica é

base de toda produção humana. Há, das imagens, um imenso universo em que se pode identificar 'constelações'. Durand nos propõe a possibilidade de classificar essas constelações de imagens segundo *Regimes de Imagem*.

Os símbolos 'constelam porque são desenvolvidos de um mesmo tema arquetipal, porque são variações de um arquétipo.'¹⁷¹

As imagens 'brotam' quando arquétipos (explicações essenciais das formas de ser humano) são ativados. As imagens, ou símbolos, são, num certo sentido, 'reduções' dos arquétipos.

A motivação profunda para a produção do imaginário é vencer a angústia original diante do 'tempo mortífero', na busca do sentido de uma vida passageira. Diante dessa angústia, há a postura heróica - a espada que se levanta para matar o monstro, ação projetada para o mundo exterior hiperbolizado, produtora de imagens classificadas como pertencentes ao *Regime Diurno*.

A eufemização da angústia diante da morte, sua 'miniaturização', sua inversão como retorno, como mergulho, é princípio do Regime chamado *Noturno*. Durand, em seu livro 'As Estruturas Antropológicas do Imaginário', classifica outro grupo de imagens, sintéticas ou dramáticas, como

168 Jung, Carl G. *Tipos Psicológicos* ed. Guanabara Rio de Janeiro 1987 em Definições pág. 543-4

169 Ibid., pág. 545-6

170 baseado no livro de Gilbert Durand, *As estruturas antropológicas do imaginário* Martins Fontes São Paulo 1997

171 Durand, G, op. cit., pág. 43

pertencentes ao Regime Noturno. Em especulações posteriores a esse livro, mostrou que acreditava ser mais correto a sua classificação como um terceiro Regime.

Imagens dramáticas são aquelas com antagonismos nas soluções, noção cíclica da existência, procura de conciliação dos contrários. São símbolos em que os contrários são simultâneos numa síntese dinâmica.

Símbolo, uma criação orgânica, ou seja, recriada continuamente pelo 'usuário'; práxis recupera o simbólico

Os símbolos, como vimos acima, são o que há de mais visível dos significados profundos e estão relacionados com a reflexão sobre a existência humana passageira. São, no entanto, recriados continuamente. Orgânicos, os símbolos transformam-se na prática dos seus, por assim dizer, usuários.

'O símbolo é uma tarefa de construção'¹⁷² - é uma produção contínua já que a transformação das contingências é captada pelas representações que são os símbolos.

'O simbólico não só nos remete ao significado como o faz estar presente: representa o significado.'¹⁷³

'Que quer dizer o símbolo? É, em princípio, uma palavra técnica da língua grega e significa "tabela de recordações". (...) Algo com o qual se reconhece um antigo conhecido.'¹⁷⁴

O simbolismo do templo cristão

Segundo o processo tradicional, os templos são instrumentos de elevação, ferramentas de contato com o espírito divino. A própria construção do templo 'imita a criação do mundo. (...) É o espírito que penetra na Substância informe. Analogamente, o arquiteto fabrica um edifício orgânico a partir da matéria bruta e, nessa realização, imita o Criador, ao qual se chamou, como Platão, o grande Arquiteto do Universo (...).'¹⁷⁵

Há uma unidade entre templo e liturgia, não sendo possível separá-los apesar de, 'na concepção tradicional e sagrada, o templo (...) [ser], já em si, e antes de toda a ação litúrgica, uma revelação divina, que continua a revelação cósmica do Verbo, do *Logos*, na criação. (...) O templo (...), pela sua própria construção e estrutura, revela já o Espírito descendo à Substância - o Espírito imanente, pelas Suas energias, à ordem do mundo. O templo é um cosmos sacralizado e oferecido'¹⁷⁶, '(...) é uma

172 Gadamer, Hans-Georg *La actualidad de lo bello* Ediciones Paidós/ ICE-UAB 1996 pág. 14

173 Ibid., pág. 90

174 Ibid., pág. 84

175 Hani, Jean *O simbolismo do templo cristão* edições 70 Lisboa pág.39

176 Ibid., pág. 46

'cristalização' do movimento celeste, do ciclo temporal, numa ordem puramente espacial¹⁷⁷.

'(...) a liturgia e o templo que lhe é destinado exprimem, cada um à sua maneira, a mesma realidade, a da presença divina no mundo, o templo de forma estática e a liturgia de modo dinâmico, e ambos realizam uma prodigiosa integração espiritual do espaço e do tempo, ou seja, condições próprias do criado, relacionando-os e reduzindo-os a sua origem divina, no ponto em que o tempo e o espaço se 'volatilizam' para deixarem surgir o eterno¹⁷⁸. A liturgia cristã reproduz um tempo histórico santificado pela encarnação do Filho de Deus; o tempo sagrado reatualizado, sobretudo nas religiões chamadas arcaicas mas também indiretamente na cristã, é um tempo mítico, de um tempo original não precedido por um outro tempo.

A construção de um templo, que como vimos é sistematicamente atualizado pela liturgia, traz à tona um simbolismo que representa, de várias



maneiras, o princípio básico da revelação do divino. A arquitetura, portanto, sempre afirma uma cosmologia, mesmo que inconscientemente. 'Onde quer que a geometria tenha sido usada, consciente ou inconscientemente, o seu simbolismo ainda se faz presente. Através de todo o universo conhecido, a função da sua geometria é um valor imutável da existência transitória¹⁷⁹.

Paisagem simbólica do Centro Paulistano

Simbolismos no edifício existente no Pátio do Colégio

A seguir, um pouco do simbolismo subjacente no templo cristão, tendo como referência a igreja do Colégio de Jesus em Piratininga, que possui símbolos que explicitam suas raízes.

O templo cristão representa o percurso daquele que vai do mundo profano até a casa de Deus.

*Estudo de relações geométricas
no edifício reconstruído do
Colégio jesuítico*

177 Ibid., pág. 131

178 Ibid., pág. 131

179 Pennick, Nigel *Geometria Sagrada* Ed. Pensamento pág. 15

*Largo do Palácio e igreja
do Colégio dos jesuítas 1847
Miguel Dutra*



Depois de o saudar o campanário familiar, cuja voz o chama ao culto divino, encontra sucessivamente a porta, a pia de água benta, onde se persigna e a nave que o dirige para o altar, centro e fim de todo edifício¹⁸⁰.

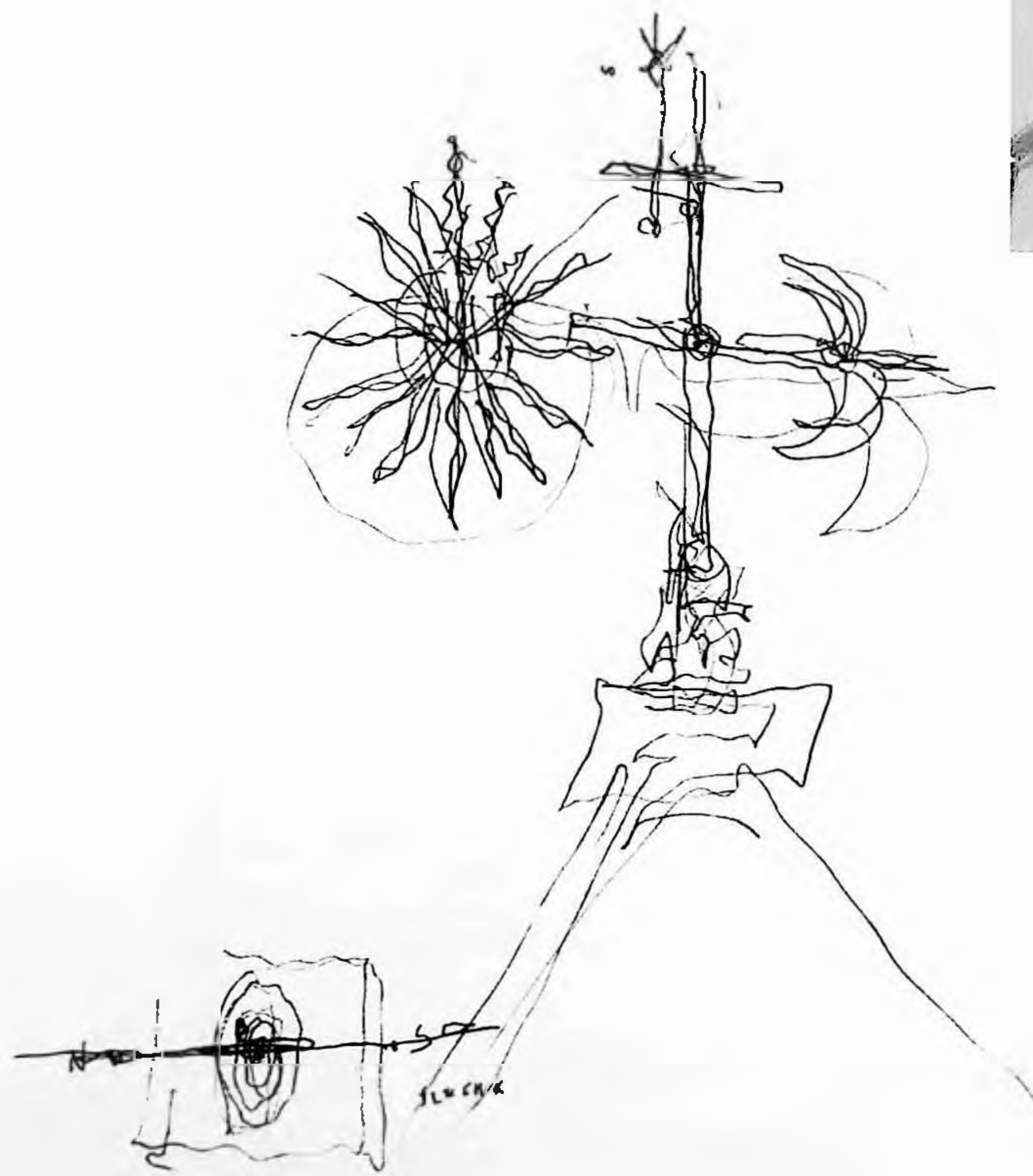
O Campanário com seus Sinos, uma torre: uma montanha simbólica

A torre possui um simbolismo de ascensão: como uma flecha, lança-se para o céu - torna-se uma imagem da montanha cósmica, onde se tocam o céu e a terra. Também as pirâmides no Egito, os *ziggurat* e os edifícios religiosos na Índia são 'templos-montanhas'. No caso das torres duplas, passa a existir uma espécie de arco de triunfo, uma porta por onde o sol se eleva, 'depois de ter inundado o abside com a sua luz'¹⁸¹. Nas torres estão os sinos, ruídos sagrados responsáveis pela difusão das orações no espaço, além da purificação e consequente exorcismo do ambiente onde o divino vai se manifestar.

No topo da igreja do Colégio, vemos uma cruz ladeada pelo sol jesuítico (norte) e por uma espada (sul), símbolo da vigilância da alma que aguarda o espírito divino.

Pia de Água Benta, água, caos que antecede o cosmos

Um templo natural é, em várias tradições, uma colina com uma gruta, pedras, uma árvore e uma nascente. Na transposição desse modelo para os edifícios, a nascente converteu-se numa fonte ou vaso de abluções para o gesto ritual de purificação,



180 Hani, Jean, op. cit., pág. 71

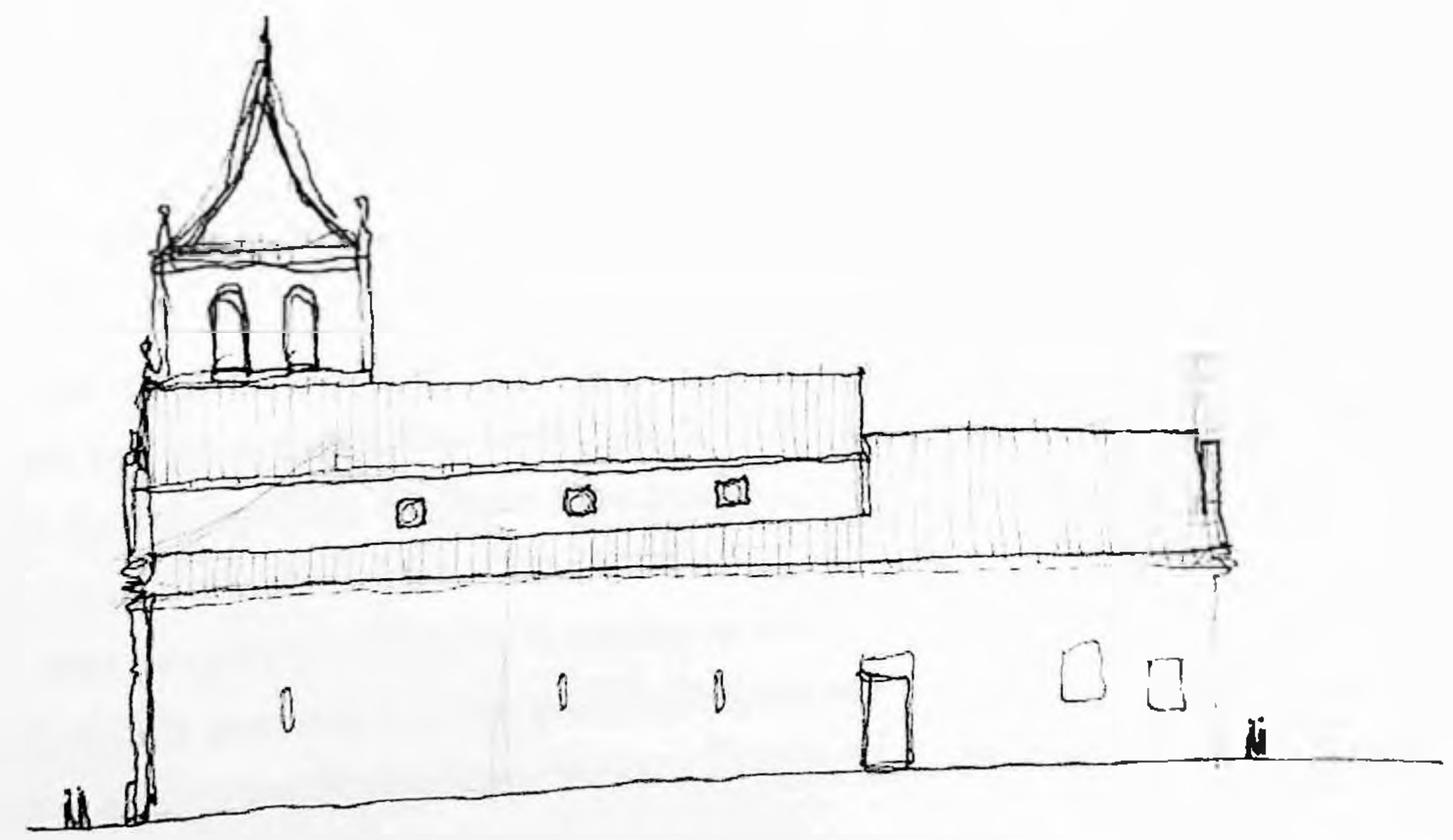
181 Ibid., pág. 73

que se realiza antes da entrada no edifício sagrado. A pia batismal substituiu essa fonte: primeiro no exterior, diante da porta (tornando-se algumas vezes os batistérios), transfere-se para sob o pórtico e, finalmente, para o interior junto à entrada, como a que provavelmente existia na igreja do Colégio. Geralmente são bacias redondas, ovais ou octogonais, por vezes, reproduzem conchas; são símbolo do que antecede a criação. A bacia batismal que faz parte da coleção do pequeno museu existente junto à reconstrução atual da Igreja, utilizada pelos jesuítas na conversão, reproduz uma concha circular, aproximadamente um octógono. Não deve ter sido muito diferente a pia original da Igreja do Colégio. O círculo representa a totalidade, o princípio. O octógono remete ao número 8, 7+1, após os sete céus, atinge-se o Empíreo, o oitavo céu - símbolo da eternidade. A concha, o abismo escuro da energia criadora, também o princípio.

Porta, ritual de transposição

Passagem, através de uma entrada protegida por 'guardiões do limiar', de um mundo para o outro, o templo pode ser entendido como uma *porta* para

Croquis das fachadas do edifício reconstruído do Colégio e Igreja jesuíticos



o divino, que é atingido pela meditação, que tem na construção sagrada uma ferramenta. A *porta*, por sua vez, é um resumo de todo o templo. No seu tímpano, em geral, há a figura do Cristo, o divino manifestado no Homem.

Limiar entre o espaço homogêneo, profano, e o espaço sagrado, a porta é ao mesmo tempo limite, a baliza, a fronteira que distingue e opõe dois mundos. É o lugar paradoxal onde esses dois mundos se comunicam.

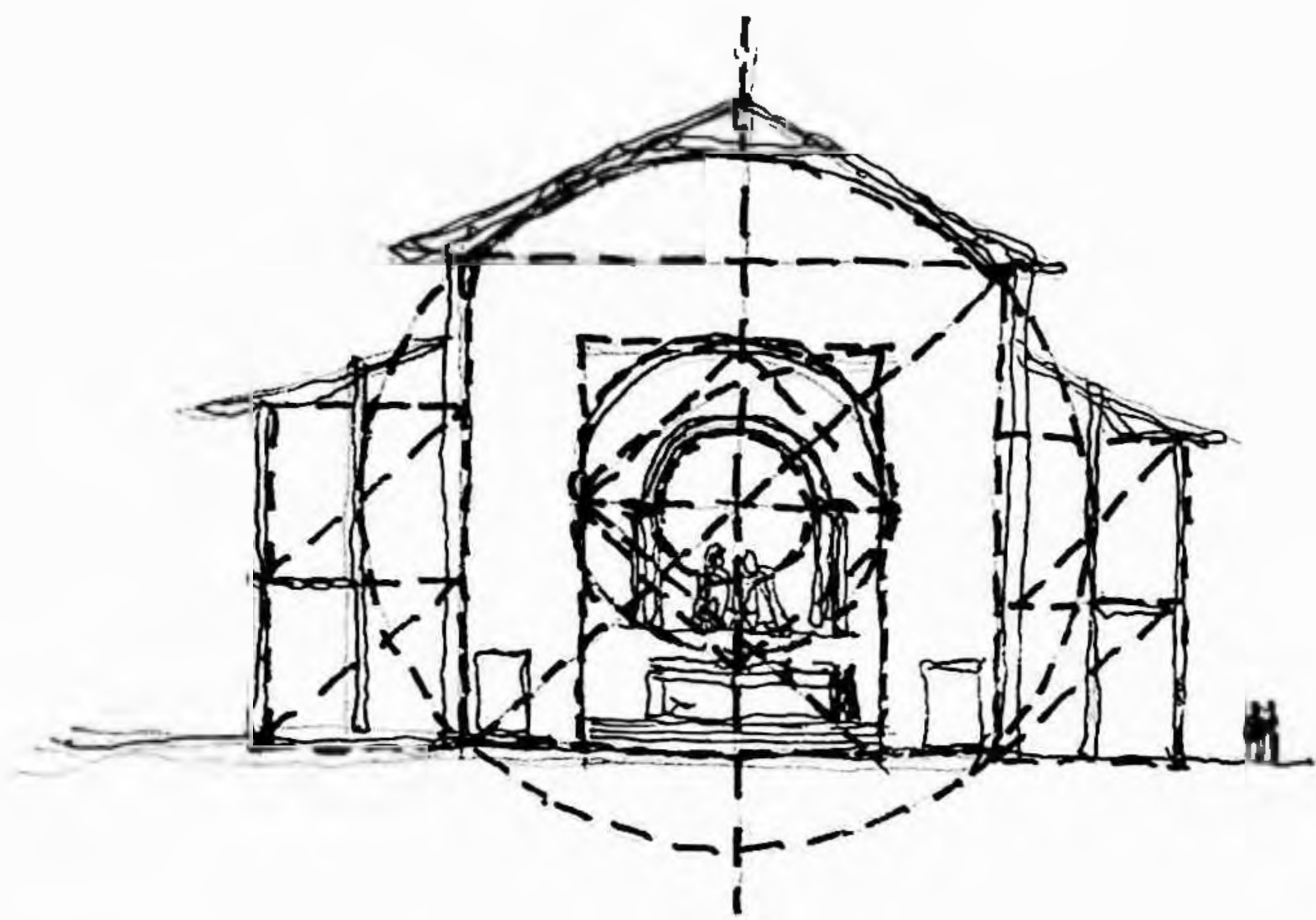
Na igreja do colégio, temos duas portas: a abertura da porta interna está condicionada com rituais que purificam o caminho de acesso ao divino.

Altar

Centro do qual tudo irradia e para onde tudo converge, verdadeiro coração, origem da 'respiração' sutil do organismo de pedra que é o templo.

Mesa, pedra do sacrifício que reestabelece contato com o divino, lugar em que o Verbo desce na Terra, é originário do culto das pedras, entendidas como lembrança de 'algo que excede a precariedade da vida humana'¹⁸².

Eixo do mundo, lugar transcendente em que a Terra se une ao Céu.



Simultaneamente a montanha, a pedra e a árvore dos ritos religiosos:

'o altar é um complexo cultural que herdou das épocas arcaicas algumas componentes de santuário natural, mineral e vegetal: a colina (= os degraus) com a árvore, tornada nas nossas igrejas a árvore da cruz (...) e, no topo da colina, a pedra da oferenda (= o altar) com o fogo sagrado, convertido na (...) luminária'¹⁸³, nas sete luzes (em geral, 6 luzes e o crucifixo central como a sétima luz) que representam o mundo transfigurado pela presença divina de Cristo.

No altar da igreja do Colégio, 6 colunas apoiam o semi círculo que abriga a cruz, sétimo elemento na representação que funde o quadrado e o círculo.



Croquis do altar da igreja do Colégio

182 Ibid., pág. 114

183 Ibid., pág. 124

Symbolismos no espaço urbano envoltório ao Pátio do Colégio

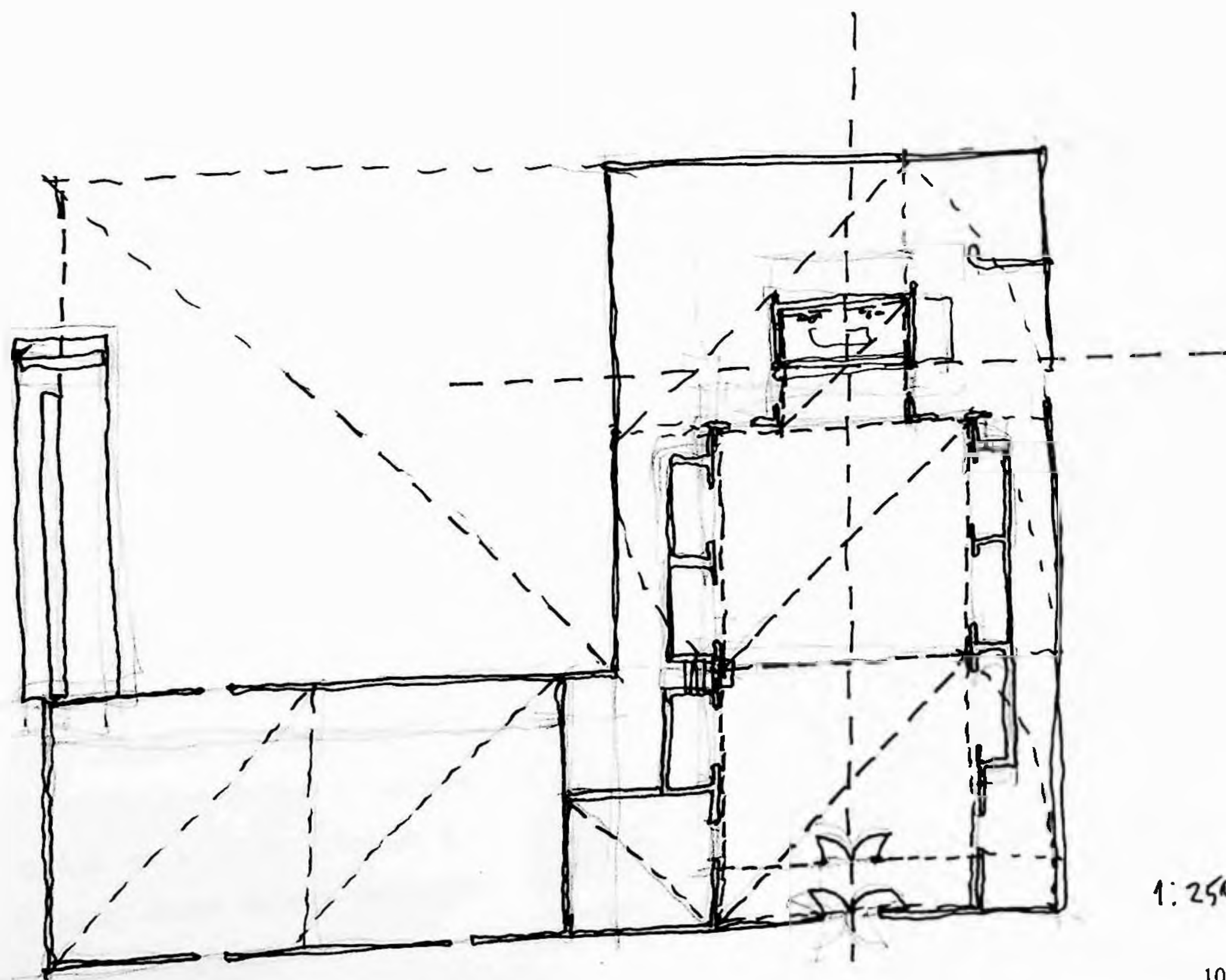
As transformações na colina central paulistana foram extremas, fazendo desaparecer em 130 anos a vila compacta cujos limites eram a várzea do Carmo e o Anhangabaú - além do Tamanduateí haviam algumas chácaras e na outra margem do Anhangabaú o convento da Luz, algum casario disperso no caminho do Zunega e as construções junto ao Saracura, no Piques.

Nesse processo, a Natureza foi sendo alterada e artificializada. É atualmente num canal projetado que correm as águas do Tamanduateí. Não mais cheio de meandros como originalmente, o canal foi traçado o mais retilíneo possível. Há nessa atitude uma clara defesa da linha reta, uma abstração geométrica que se afasta da 'irracionalidade' do ambiente natural.

Com o rio canalizado longe de seu leito natural, o pé da colina passou a ser intensamente ocupado e somente com as obras do metrô na década de 1970 que o aspecto de escarpa foi de certa forma recuperado a partir da demolição de construções cujos fundos montavam no desnível existente entre a baixada da várzea e o patamar onde a vila se iniciou.

As relações espaciais que faziam parte daquele lugar uma situação espacial - a colina, o rio e a orientação - foram quase literalmente aterradas.

Ainda é, no entanto, presente a situação de um plano que se debruça para o leste, para a antiga várzea hoje totalmente drenada e ocupada pelas mais diversas atividades, mas ainda assim para o nascente.



1: 250



Apesar de aviltadas, as relações apontadas acima ainda estão potencialmente no



entorno do atual Pátio do Colégio. Vimos o que significa a orientação para o leste: o eterno renascimento do divino. Acionar novamente essa perspectiva seria recuperar um sentido essencial daquele lugar.

Também a luta contra as águas, contra a várzea imundável, pode ser entendida como simbólica.

Alem de afirmação de algumas abstrações humanas, é a busca de um maior controle sobre algo não controlável, a Natureza.

As igrejas e os conventos no entorno do antigo Colégio jesuítico

Modificados ao extremo, alguns edifícios conventuais ainda se fazem presentes no centro velho paulistano: o mosteiro de São Francisco agora com monumental pórtico de entrada ainda mantém o claustro próximo das proporções originais. São Bento foi totalmente reformulado mas respeita algo da edificação inicial, especialmente a posição da igreja e um pouco das relações entre as partes. O convento do Carmo foi demolido e no seu lugar foi construído o portentoso edifício da Secretaria da Fazenda que sufoca a vizinha igreja da Ordem Terceira do Carmo, única sobrevivente do antigo conjunto.

À esquerda,
São Francisco - foto Militão 1862
e foto 1999 Marcos Freire
Abaixo,
Carmo - imagem de Thomas Ender 1817
e foto 1999 Marcos Freire



1817





Santo Antônio

As sobreviventes igrejas do conjunto de São Francisco somam-se à do Carmo e às remanescentes Santo Antônio, Boa Morte e São Gonçalo e compõem o conjunto dos templos mais tradicionais da cidade.

Sumiram as igrejas da Misericórdia, o convento de Santa Tereza, a Sé antiga e a São Pedro dos

São Bento



Clérigos, demolidas em nome da modernização do centro da metrópole nascente, num grande processo de desencantamento.

As igrejas sobreviventes têm torres que como vimos são símbolos ascensionais, e internamente são compostas de altares por vezes dedicados à Virgem, símbolo da entrega e da Terra. São um



Boa Morte

conglomerado de símbolos os templos e, nesse sentido, são sintéticos apesar de externamente serem muito marcados pelas torres afirmativas. Também devem ser entendidos como torres os grandes edifícios de escritórios que se construiu no centro paulistano. Curiosamente, o edifício do Banco do Estado está



São Gonçalo

Sé nova

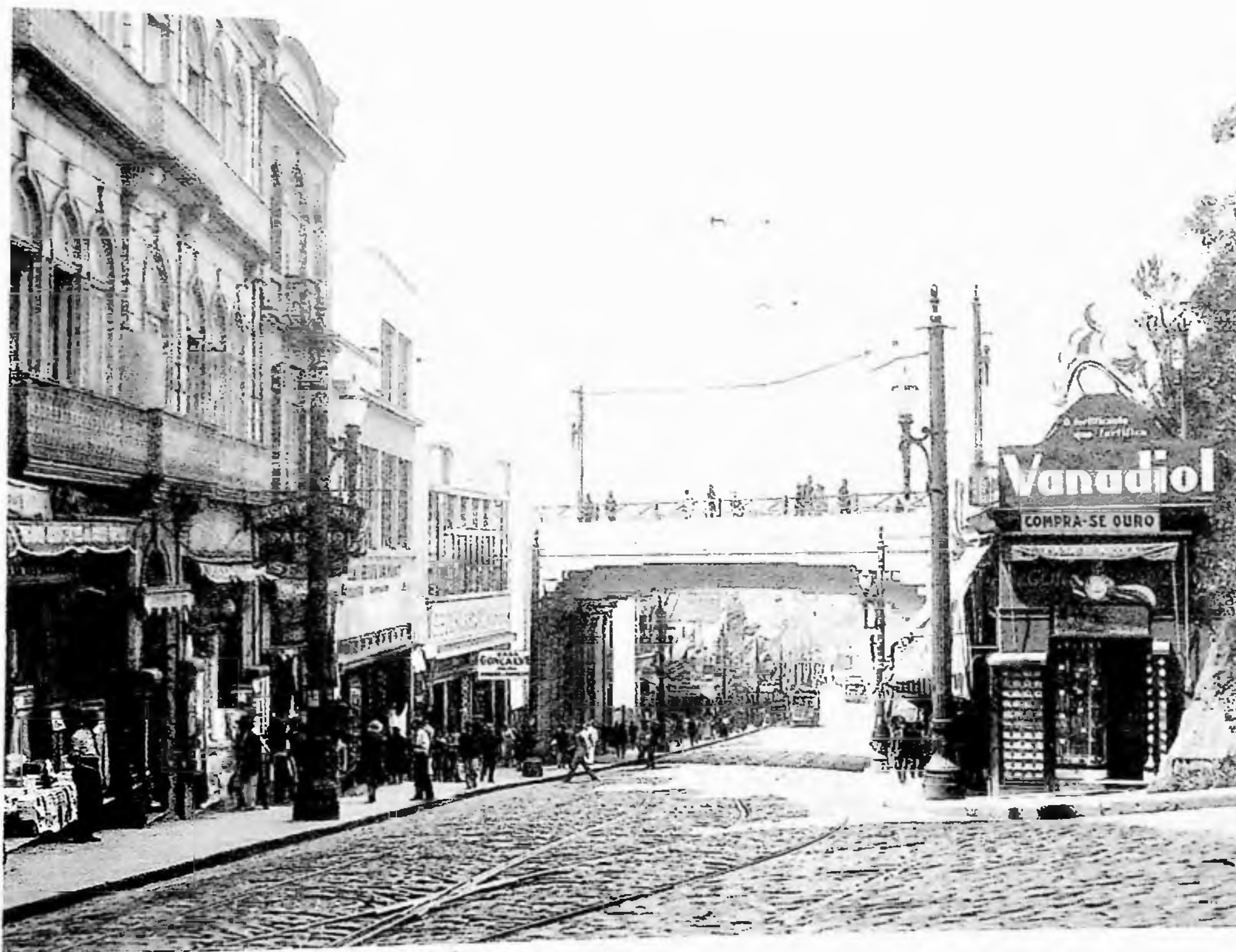


muito próximo de onde estava a antiga igreja do Rosário e, de certa forma, eleva aquele sítio tradicional e o faz visível para grande parte da cidade. Destaca-se como desenho urbano o possível quadrilátero diante da igreja do colégio que, apesar de ocupado por várias quadras de construções, faz pensar num terreiro original gradualmente abandonado. Antigos caminhos se cruzam nas proximidades desse possível terreiro original - o velho Largo da Sé pode ter sido um vértice seu. (ver p. 129)



Vista do Banco do Estado entre torres do Centro Paulistano

Não podemos deixar de falar dos viadutos que estão por todo o centro paulistano, que são símbolos de *ligações* e de *movimento*, que passaram a fazer parte importante do imaginário da cidade de São Paulo. Alguns dos viadutos recentes, no entanto, representam obstáculos visuais que dificultam seu entendimento como elo e caminho.



Viaduto Boa Vista sobre a rua General Carneiro

Viaduto Sta Ifigênia

Viaduto no Parque D. Pedro II



O dia 25 de Janeiro - data da conversão de São Paulo - um projeto já que dia escolhido para fundação de um aldeamento que já existia operacionalmente

É importante lembrar que há na Fundação de São Paulo um claro simbolismo já que a escolha de sua data oficial, quando ali foi rezada a primeira missa, levou em consideração a perspectiva de conversão plena existente na imagem do santo invocado. Operacionalmente podemos dizer que o aldeamento já funcionava. Outra tentativa de aldear os índios já havia sido ensaiada na altura de Itu - Maniçoba - e a atividade dos jesuítas já existia na Bacia do alto Tietê, de forma nômade, há alguns anos. Na borda da colina onde houve a Fundação, a pregação para os índios já acontecia quando foi decidido invocar São Paulo naquele sítio.

São Paulo nasceu por volta do ano 10 dC em Tarso, na Ásia Menor, e estudou em Jerusalém. Era cidadão romano de Cultura grega e sua família era judia. Perseguiu os cristãos quando teve uma visão de Cristo que lhe perguntava o porque

da perseguição. Converteu-se e iniciou a missão de converter judeus e não judeus ao Cristianismo. É a imagem da missão evangelizadora. No início do terceiro milênio cristão, o papa João Paulo II refaz os passos de São Paulo numa clara valorização do seu sentido de renovação, de plena conversão. Em suas constantes viagens, acompanhadas por todos os meios de comunicação, o papa tem visitado mesquitas e templos ortodoxos, anunciado a intenção de um convívio frutífero e pacífico. Apesar de teólogos como Leonardo Boff terem sido silenciados por bispos da Igreja Católica, há um esforço de pacificação nas atitudes recentes do Sumo Pontífice.

Inundação da várzea do Carmo, 1892 Benedito Calixto



A construção do espaço social do Pátio do Colégio e simbolismos ali presentes

Vimos nos capítulos precedentes algo da formação do arcabouço construído do Centro paulistano e um pouco dos símbolos que ali se revelam.

Também se percebeu a necessidade de ampliar a reflexão inicial sobre o Centro Tradicional - o Pátio do Colégio - para o Centro como um todo. Percorre o trabalho, portanto, essa tensão entre expansão da área a ser estudada e aquilo que é específico do Centro Tradicional. Há, pois, o Centro Tradicional e há o Centro da metrópole.

O antigo terreiro dos jesuítas empresta sua carga simbólica ao chamado Centro Velho que hoje representa de maneira ampliada a ocupação tradicional da cidade. Essa centralidade simbólica do Centro Velho é sua característica única, algo que o distingue dos demais centros modernos na metrópole, por mais dinâmicos que estes se apresentem. Essa dimensão simbólica não se perde com a retração na população que habita o Centro, nem mesmo com a mudança de atividades para outras áreas. Assim, toda a discussão do momento atual

de sua reativação não pode ser colocada apenas no nível da dinâmica de novas atividades ou de recuperação de prestígio. Essa sua dimensão orgânico-funcional deverá ser considerada no que se refere à dinamização a ser obtida e, nesse sentido, vale considerar as consequências do desenho radioconcentrico da cidade a partir dos anos 30, que se concretiza tanto no sistema viário como no transporte de massas, levando em consideração tudo o que há de ocioso na infra-estrutura já instalada a partir de uma perspectiva criativa de interpretação da metrópole, seu desenho e seus desígnios. É nesse aspecto que a dimensão simbólica, mesmo que adormecida ou encoberta, surge como dado fundamental. Entendendo o símbolo como elemento orgânico e vivo, cada época recria os seus símbolos. A atitude de considerar menor essa dimensão simbólica central, longe de anular, a entrega como presa fácil de mecanismos simbólicos oportunistas. A consequência desse desamparo, em que apropriações simbólicas desconexas se apropriem ou venham a

se dar no Centro Tradicional paulistano, será a de uma reativação do mesmo de forma caótica e contraditória no que diz respeito aos aspectos orgânico-funcionais decorrentes.

O ponto articulador de caminhos e como isso se marginalizou mas permanece. O projeto de recuperar as articulações em um outro nível.

Desde os primórdios de sua ocupação, existe uma rede de caminhos na Bacia do alto Tietê. Caminhos de índios já muito frequentados antes do quinhentos, eles são adotados pelos ibéricos na sua conquista das terras americanas e que, siste-

maticamente retificados e alargados, são de certa forma ainda visíveis nos dias de hoje.

Há o caminho que, vindo de Carapicuíba - Peabiru ou variante do mesmo¹⁸⁴ - desce para a baixada do Pinheiros (Geribatiba), cruza o rio junto ao antigo aldeamento jesuítico de Pinheiros e sobe o Ka'aguaçu (mato grande em tupi, nome dado ao espigão separador das drenagens do Tietê e do Pinheiros) junto ao vale do Rio Verde (sob a atual av. Rebouças). Mais adiante, este mesmo caminho vai cruzar o Anhangabaú junto ao antigo Piques, subir para o largo de São Francisco, rua Direita, tangenciar o Colégio e, descendo a rua do Carmo, cruzar o Tamanduateí e demandar a Serra do Mar. Na altura de Santo André, inicia-se o chamado

São Paulo from the road to Santos (São Paulo vista do caminho para Santos), 1827 Charles Landseer



184 Para maiores informações das especulações sobre o Peabiru - Gonçalves, Daniel I. *O Peabiru: uma trilha indígena cruzando São Paulo* Cadernos de pesquisa do LAP no 24 FAUUSP São Paulo 1998

Caminho dos tupiniquins - continuação do Peabiru até o lagamar de Cubatão - que avança para o norte acompanhando as cumeeiras das colinas da margem esquerda do Tamanduateí, rio que cruza na altura da Tabatinguera, daí subindo a ladeira de mesmo nome, seguindo pelas ruas XV de Novembro, São Bento, Florêncio de Abreu, Tiradentes e atravessando o Tietê, demandando Guarulhos, Atibaia ou Jundiaí.

'(...) o complexo formado pela rua da Moóca, rua do Oratório, Avenida Vila Ema e Avenida Sapopemba, são muito provavelmente vestígios do velho caminho do mar, ou *Trilha dos Tupiniquins*'¹⁸⁵.

Há caminhos para o leste, para a Penha, indo adiante para nordeste - margeando o Tietê e seguindo para o Rio de Janeiro pela passagem para o vale do Paraíba junto a Mogi das Cruzes. Há o caminho possivelmente também muito antigo para o oeste paulista que, partindo do atual largo Antônio Prado, segue a av. São João até a Lapa e dali para Barueri, Santana do Parnaíba, Pirapora, Itu, Sorocaba e Tietê abaixo.

Todos os caminhos acima descritos e mais alguns outros se cruzavam nas proximidades do Pátio do Colégio, fazendo deste sítio, além de ponto estratégico para a observação (e defesa) da Bacia

do alto Tietê, também ponto de cruzamento, vizinho de importantes sítios de transposição do rio Tamanduateí e do ribeirão Anhangabaú, além de estar próximo dos sítios onde se dava a transposição da várzea do Tietê.

Não é sem razão que os caminhos de ferro instalados na Bacia desde o último quartel do século XIX adotaram as imediações da colina central paulistana para suas estações que demandavam

185 Gonçalves, Daniel I. *O Peabiru: uma trilha indígena cruzando São Paulo* Cadernos de pesquisa do LAP no 24 FAUUSP São Paulo 1998 pág. 69

*Ansicht nach Sorocaba von amphitheater zu São Paulo
(Saída para Sorocaba, vista do relevo em São Paulo que lembra um anfiteatro), 1817
Thomas Ender*



1817 207.
Ansicht nach Sorocaba von Amphitheater zu S. Paulo.

várias direções, transformando a antiga vila num verdadeiro nó ferroviário.

Até os anos de 1870, meio de locomoção principal, 'as tropas de burros predominavam de modo incontestável'¹⁸⁶ na Bacia do alto Tietê, mas dois eventos ocorrem nessa década: 'Um deles é a conclusão da estrutura básica da rede ferroviária extra regional do Planalto Paulistano (...). O outro evento é a instalação nos arredores paulistanos de quatro núcleos coloniais [Santana, Glória, São Bernardo e São Caetano]'¹⁸⁷. Há uma transformação na ocupação do território - os caminhos de tropas, quando 'procuravam as várzeas (...), em geral se limitavam a cruzá-las em sentido perpendicular (...). Com relação às ferrovias (...) é conhecida a sua preferência por terrenos planos, onde possam desenvolver seu traçado com pequena "rampa máxima" e através de longas retas ou curvas de grande raio.'¹⁸⁸ O conhecido Plano de Avenidas levado a cabo por Prestes Maia subverte a lógica dos caminhos utilizados até então em nome de um suposto radio-centrismo presente em qualquer grande concentração urbana. Além de avenidas que circundam o Centro, o referido plano reforça alguns caminhos de fundo de vale e deixa o antigo triângulo à margem do esquema de circulação.

Com o transporte coletivo de massas, a antiga colina central paulistana transformou-se virtualmente numa grande estação de troca de linhas e de meios de circulação. Milhares de pessoas cruzam a região para trocar de condução e ali estão localizadas as principais estações de metrô e grandes terminais de ônibus.

O entorno do Pátio do Colégio ainda conta com um importante acesso ao triângulo que é a rua General Carneiro, ligação do topo da colina com a rua 25 de Março, Parque D. Pedro II e com o Brás. Ainda assim, grande parte da circulação parece ter se afastado do antigo adro da vila, tornando-se este um lugar de certa tranquilidade, sendo visto pelos moradores de rua como excelente para se dormir à noite.



1862



1890

Imagens da antiga rua Municipal, depois rua General Carneiro, ligação da várzea com a colina central nas imediações do Pátio do Colégio

186 Langenbuch, Juergen R. *A estruturação da cidade de São Paulo* Biblioteca Geográfica Brasileira São Paulo 1971 pág. 26
187 Ibid., pág. 78
188 Ibid., pág. 99

Dos primeiros eventos da Prefeitura de Marta Suplicy (início de 2001), destacamos o almoço para os sem-teto que foi oferecido junto ao Pátio do Colégio: manifestações de sem-teto ali ocorridas e invasão de edifícios vazios nos seus arredores fazem do antigo adro da vila um importante campo para decisões sobre o futuro das relações sociais da metrópole como um todo. Um potencial simbólico que não pode ser subjugado.

Análise do que permaneceu e do que se foi - a forma atual

Das escarpas (ou barrancos) no fundo do antigo Colégio, há o desnível de aproximadamente 25 metros que se mantém atualmente com aspecto de talude de aterro promovido pelo movimento de terra realizado durante as obras do metrô.

A contar pela Iconografia que nos chegou, as quadras que circundam o antigo adro da vila já existiam desde pelo menos o início do oitocentos. Sabemos que a vila de São Paulo não teve um crescimento expressivo no seiscentos, momento em que o vale do Paraíba e a região de Itu tiveram impulso inicial urbanizador deixando relativamente estáveis os núcleos quinhentistas da Bacia

do alto Tietê. Tampouco foi grande o crescimento da vila no setecentos, quando chegou inclusive a perder parte de sua população para as Minas.

Acredita-se, portanto, que a área urbanizada do início do oitocentos represente relativamente a mesma área urbanizada do seiscentos.

A partir dessa hipótese, podemos entender que, excetuando-se a ligação com a rua Boa Vista através de um viaduto, efetuada na primeira metade do século XX, os traçados das vias e quadras atuais no entorno imediato ao Pátio do Colégio foram pouco modificados. Os seus edifícios foram sendo substituídos, assim como os usos e materiais construtivos, mas o arruamento manteve seu traçado relativamente intocado, exceto por pequenas retificações e alargamentos.

Dos edifícios ali presentes, é importante destacar a reprodução do antigo Colégio e Igreja jesuítcos. Ainda que a posição do Condephaat¹⁸⁹ em 1977 tenha sido contrária à sua execução, a proposta foi levada a cabo e representa a recuperação ou permanência de certas relações espaciais que, mesmo tendo sido pouco rigorosa a reconstituição no que se refere aos limites precisos das antigas construções e aos materiais empregados, não é desprezível como intenção de reestabelecimento

189 O sítio urbano original de São Paulo - o Pátio do Colégio Publicação no 1 CONDEPHAAT São Paulo 1977

da origem paulistana.

A vista para o nascente ainda é possível apesar da verticalização desordenada do entorno da colina e a presença religiosa ainda se faz sentir apesar de abafada por tantos anos laicos.

Desde o fim do século XIX, as demolições mais significativas junto ao antigo adro da vila foram a retirada da ala que fechava sua face norte, onde hoje há o viaduto Boa Vista, e a demolição da secretaria que conectava a série de edifícios da rua Roberto Simonsen (antiga rua do Carmo) com a igreja do Colégio e fazia com que o antigo complexo de edifícios jesuíticos não estivesse isolado das construções vizinhas, formando com elas um *continuum* construído. Hoje, o edifício está destacado do entorno e não conta com as ampliações realizadas quando abrigou o Palácio do Governo.

O que se restaurou no atual Pátio do Colégio

Depois da demolição do antigo Palácio do Governo iniciou-se uma campanha pela restauração das antigas construções do sítio jesuítico inicial da cidade, que teve no IV Centenário da Fundação (1954) “mais combustível” no sentido

de se ‘reparar o erro’ de ter sido demolido um complexo de construções tão evidentemente essenciais para São Paulo. Gomes Cardim, que era estudioso da arquitetura feita no Brasil, auxiliado por historiadores e jesuítas, encabeçou o projeto de reconstrução. Elegeu, a partir da iconografia existente, uma configuração para ser reproduzida. Há controvérsias quanto à escolha empreendida que aparentemente reproduz uma modificação pouco criteriosa ocorrida na cobertura da nave da Igreja e também é sabido que a posição atual dos edifícios não corresponde rigorosamente à das antigas construções, resultado da intenção de se preservar fundações antigas e novos condicionantes da cidade contemporânea que foram apreendidos no processo.

Um novo fôlego de nacionalismo, embalado pela volta de relíquias de Anchieta ao país, foi responsável pela revalorização do aspecto das construções do período colonial.

A reconstrução dos edifícios no Pátio do Colégio, no entanto, teve um canteiro ‘atualizado’: não era entendido que se deveria reconstruir com os mesmos materiais originalmente utilizados. Patronos da reconstrução estavam de acordo quanto à nova maneira de organizar o canteiro, em função de



Imagens da reconstrução da Igreja do colégio (década de 1970)



custos e de novos materiais. Órgãos de defesa do patrimônio foram contrários à reconstrução mas adotam materiais diferentes dos originais até os dias de hoje para refazer partes consideráveis de antigos edifícios, trazendo à tona uma grande dúvida: em que medida se deve reconstruir o aspecto do passado com novas técnicas?

A cidade eclética arrasou a cidade de taipa - alguns edifícios resistiram por certo tempo, foram remodelados tendo sido a eles aplicados ornamentos ao gosto da época. Dada a dificuldade de a taipa - material utilizado na maioria, senão totalidade, dos edifícios da cidade até o oitocentos - receber aplicações, muitas paredes foram revestidas de novas paredes de tijolos para receber frisos, pilastras etc. Algumas construções de taipa ruíram, como a própria igreja dos jesuítas que não resistiu a um temporal no fim do oitocentos.

Em seguida, nova forma de modernidade, o movimento moderno despreza a cidade eclética: novas demolições e 'limpezas'. Nesse contexto, o IV Centenário da Fundação de São Paulo parece empreender uma busca de um passado glorioso que talvez jamais tenha existido.

De qualquer maneira, o que vemos hoje no sítio

jesuítico inicial é fruto de pensamentos locais e, portanto, legítimo.

Através do Colégio de Piratininga, seus edifícios existentes e em memória, pode-se perceber as transformações ocorridas nas atitudes em relação à cidade de São Paulo

Aproximadamente duzentos anos se passaram entre a Fundação de São Paulo e a expulsão dos jesuítas. Houve nesse período a instituição do Centro jesuítico, sua constituição como espaço construído incluindo a ocupação dos seus espaços envoltórios (eventualmente inclusive do seu terreiro inicial, ver p. 130) pela vila e outras ordens religiosas e o seu abandono forçado no século XVIII.

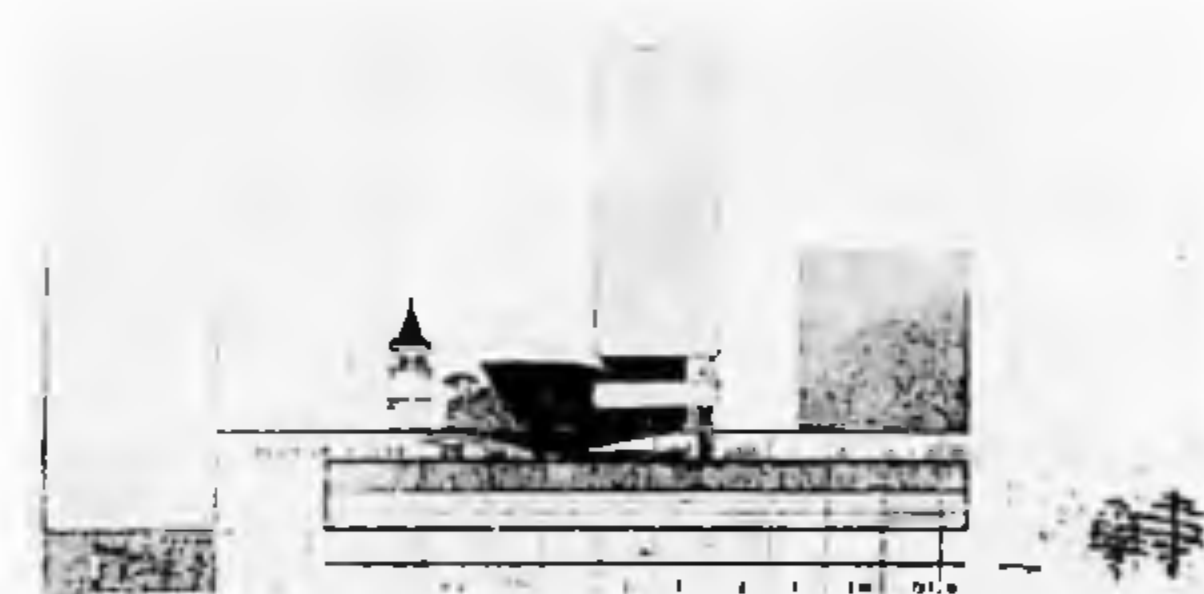
Ao menos parcialmente, a igreja do Colégio foi reconstruída algumas vezes, aparentemente foi alpendrada no seiscentos e passou por uma 'cosmetização' no setecentos.

Nesse período, a maneira de se compreender a propriedade era diferente do domínio absoluto instituído no oitocentos e a ocupação do território se dava na medida da necessidade e segundo as Tradições vigentes.

Podemos entender que nesse período a forma de se



Imagens de proposta para o Pátio do Colégio da década de 1970 - edifícios altos e edifício nos fundos do antigo colégio em cujo teto haveria uma esplanada em nível com o Pátio e a 25 metros do nível do Parque D. Pedro II



transformar o ambiente era tradicional no sentido de não haver a figura do artista moderno, atento a impulsos subjetivos. Tradicionalmente, a transformação do ambiente refere-se a uma Unidade que todos contém, independente das peculiaridades dos indivíduos, reproduzindo símbolos e relações geométricas universais, não particulares. Com a chegada do Morgado de Mateus e transfor-

mação do antigo Colégio em Palácio, inicia-se um novo período do Centro Tradicional. O Palácio do Governo passou por mais de cem anos de ampliações e transformações somadas à gradual utilização de edifícios no seu entorno para funções associadas e chegou ao século XX como um importante Centro Administrativo com um desenho bem definido e escala apropriada.

Alguns momentos do Pátio do Colégio / Largo do Palácio



1862 foto de Militão

fim do século XIX



década de 1930



Teve um jardim, uma cascata representando os principais rios da Província e bondes passaram a cortá-lo intermitentemente.

A transformação do ambiente aos poucos se afastou da atitude tradicional e passou a procurar uma, ao menos aparente, racionalidade desprovida de mistérios. Desde o início desse período, a militarização da Capitania exigiu uma organização do espaço em termos diferentes do que se havia ensaiado até então. O vínculo com as Tradições, a partir de então, se manteve inconsciente já que os construtores ainda eram formados tradicionalmente no ofício.

Na década de 1930 inicia-se a saída das funções político-administrativas do Largo do Palácio. O vínculo com a origem paulistana é virtualmente esquecido no período que ali se inicia. As transformações se inserem numa visão desencantada do mundo - o espaço do antigo terreiro dos jesuítas passa a ser visto como indiferenciado.

A demolição do Palácio é emblemática desse novo fôlego modernizante assim como a demolição da igreja do Colégio o havia sido anteriormente.

Agora, no entanto, o antigo terreiro dos jesuítas está aparentemente esvaziado de qualquer sentido.

A demolição promove um paradoxo já que a

descoberta da parede de taipa de pilão remanescente do Colégio jesuítico dá força ao movimento de reencontrar o sentido daquele lugar. A reconstrução do hipotético conjunto inicial e a remodelação do espaço urbano no seu entorno são curiosas por sua conjunção de uma atitude modernizante e, portanto, racional em sua ênfase na atualização técnica e uma atitude conservadora que recupera parcialmente o sentido tradicional daquele lugar.

A escala do projeto que se efetivou no antigo adro da vila não se refere à metrópole e aguarda uma remodelação e ampliação que o façam ir ao encontro com seu sentido primeiro e ajudar nos rumos a serem adotados por uma das maiores concentrações humanas do planeta.

A atualização do Centro Tradicional paulistano e a reativação de outros Centros Tradicionais da Bacia do alto Tietê são um importante caminho para a compreensão da metrópole e de sua paisagem.

A colina central na Bacia do alto Tietê, o Centro jesuítico, o Centro de Poder da Capitania, o Centro da Metrópole.

Grande cruzamento de caminhos, a Bacia do alto Tietê pode ser entendida como um grande lugar



Largo do Palácio após a demolição da igreja dos jesuítas



Demolição do Palácio e descoberta da taipa remanescente

Taipa remanescente em foto atual mostrando a vitrine que a 'protege'.



central. Suas delimitações relativamente precisas deixam a suspeita de ter sido sempre percebida como um lugar diferenciado.

No seu interior, é um sítio especial a colina central paulistana, de onde se percebe quase toda a extensão da Bacia e de onde se tem uma significativa visão privilegiada do nascente.

Ali se instalou o Centro jesuítico: um templo com altar voltado para o leste e um edifício conventual contíguo utilizado como residência e colégio dos inacianos, tendo à sua frente um terreiro retangular. Inicialmente apenas uma cabana, o complexo de edifícios foi sendo construído no correr dos anos e no que se diz respeito ao terreiro acima referido, sua forma retangular esteve presente desde o início da ocupação ou foi sendo gradativamente assumida. Os aldeamentos missionários na Bacia do alto Tietê são do quinhentos e as regras urbanísticas precisas de que temos notícia nas instalações jesuíticas no Paraguai e no Guairá são já do seiscentos, possivelmente a experiência dos aldeamentos paulistas tendo sido considerada quando foi elaborado o grande projeto jesuítico posterior. A geometria dos aldeamentos paulistas faz pensar que as regras acima referidas já fossem embrionárias apesar de não estarem formalmente

institucionalizadas. É possível, por outro lado, que aqueles primeiros estabelecimentos tenham sofrido influência das poderosas missões posteriores, tendo sido com o tempo adequados seus espaços às regras então claramente definidas.

Carlos Lemos nos diz que a igreja do Colégio foi por algum tempo alpendrada como ainda é a igreja jesuítica de São Miguel. 'A nossa igreja do Colégio também foi alpendrada, como diz uma ata da Câmara de São Paulo, de 21 de dezembro de 1624, quando a Bartolomeu Gonçalves foi ordenado que limpasse o "alpendre da Companhia". (...) Com o passar dos anos ou dos séculos, houve o desaparecimento progressivo dos alpendres das igrejas urbanas, através de reformas sucessivas, o que demonstra a decadência e o esquecimento da justificativa litúrgica que ordenava a separação de castas. Desse alpendre urbano sobrou até nossos dias um único exemplo, o da igreja de São Miguel, nas proximidades de São Paulo'¹⁹⁰.

Do Centro jesuítico se aproximam templos de outras ordens religiosas e a vila que se estabelece a partir da casa dos inacianos pouco se transforma até meados do setecentos.

É quando, a partir da expulsão dos jesuítas, momento importante de inflexão, o antigo terreiro passa a

190 Lemos, Carlos A C *Notas sobre a arquitetura tradicional de São Paulo* publicação da FAUUSP São Paulo 1992 pág. 11-2



São Bento segundo Miguel Dutra em aproximadamente 1847 e foto atual a partir do edifício do Banco do Estado



assumir a função de Centro administrativo e de Poder. Novas alas são acrescentadas ao edifício conventual original e a função religiosa vai se restringindo à persistência da velha igreja do Colégio. A ala norte do Palácio, possivelmente executada no setecentos¹⁹¹, foi retirada no fim do século XIX e houve ali a execução do viaduto Boa Vista.

Demolida essa igreja que no fim do oitocentos já vinha sendo utilizada pela administração para atividades não religiosas e era motivo de contenda judicial do bispo contra o Estado, a função político-administrativa atinge seu ápice. Os edifícios das secretarias são executados com uma mesma escala e surge o importante espaço público com um desenho bem definido.

O abandono sistemático do Largo do Palácio por parte das funções político-administrativas é o momento subsequente de inflexão. De início ainda ficam ali as secretarias mas é finalmente substituído por outros logradouros da cidade como localização dos seus principais edifícios públicos. O edifício do Palácio é então demolido e se descobre a parede de taipa remanescente. Começa o movimento no sentido de reconstruir a configuração primitiva. Após as obras do metrô, a COGEP junto com a Emurb desenvolvem o projeto de reade-

quação do entorno da reconstrução da igreja e edifício conventual hipoteticamente originais que vemos ainda hoje.

A situação atual do antigo adro da vila é acanhada no que diz respeito à metrópole que se formou a partir de São Paulo. Os sem teto adotaram o Pátio do Colégio para dormir, algo que se fazia nos alpendres das igrejas seiscentistas. Invasões de edifícios para ocupação residencial têm acontecido na vizinhança do antigo adro da vila e atos simbólicos ainda são frequentes por ali. São sinais de uma nova condição que se procura para o Centro Tradicional paulistano, um novo momento de inflexão.

O Centro na metrópole, o Centro tradicional no Centro, o antigo terreiro dos jesuítas

A Bacia do alto Tietê, e portanto a Grande São Paulo, tem vários Centros. Há alguns Centros Tradicionais que se mantêm apesar de esmaecidos e há também diversos Centros modernos.

Instituído de acordo com procedimentos tradicionais, o Centro Tradicional paulistano - o Pátio do Colégio - emprestou, como vimos, sua carga simbólica ao chamado Centro Velho ou Centro 'histórico', que engloba o 'triângulo' formado pelas vias

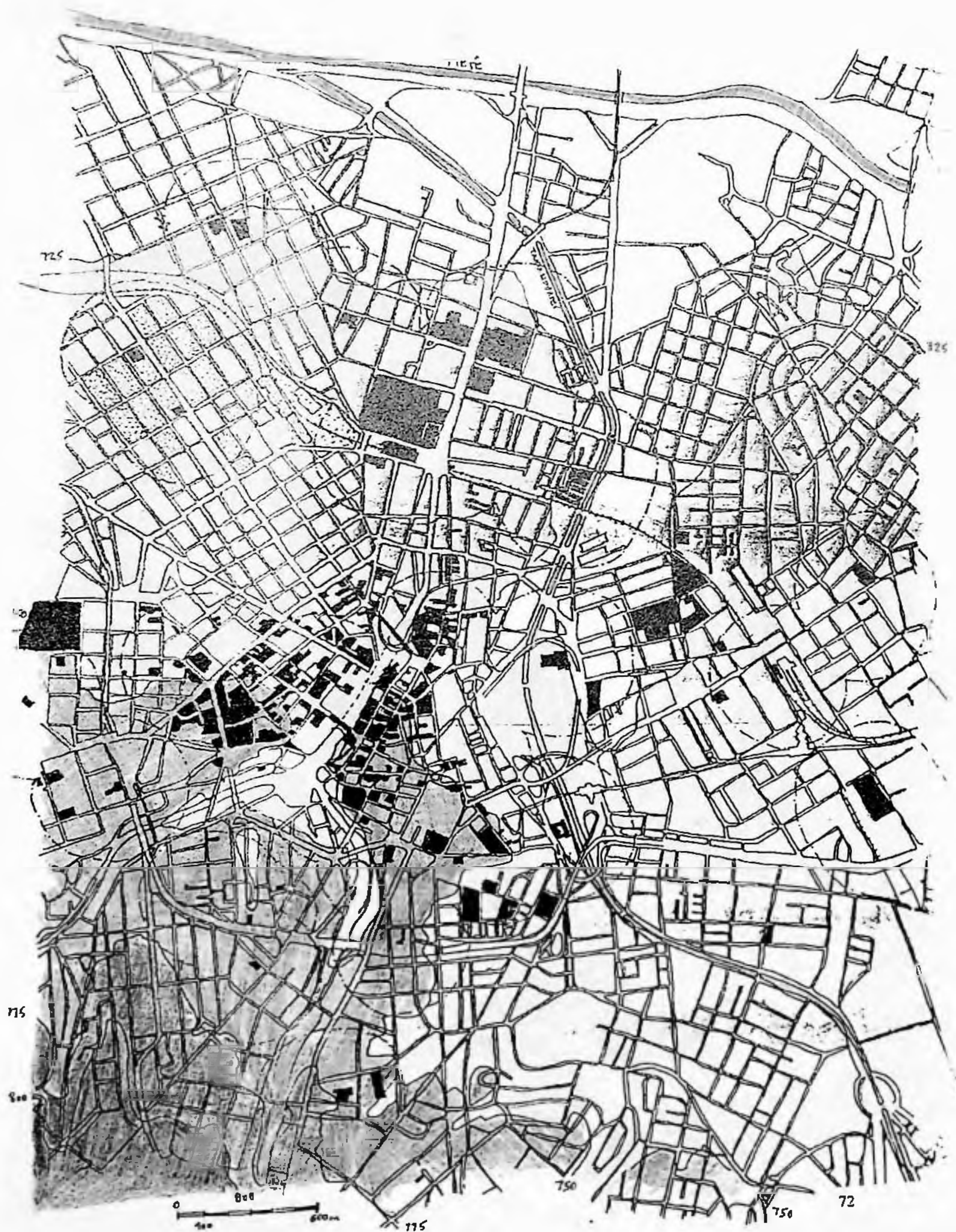
191 É mais plausível que como Palácio e não mais como Convento jesuítico já que este último se encontrava em decadência no setecentos.

entre o largo de São Bento, o de São Francisco e os contíguos largos da Sé¹⁹² e dos jesuítas¹⁹³ (aqui 'fundidos' num só vértice), a 'cidade nova' resultado da expansão de São Paulo quando da transposição do vale do Anhangabaú até o entorno da Praça da República, além dos arredores de ambos como o Parque D. Pedro II, R. Tabatinguera, R. Florêncio de Abreu, o largo do Arouche etc.

Fala-se no Centro da metrópole que se confundiria com o Centro Expandido que inclui a Paulista e imediações do chamado Centro Velho como Luz, Brás, Consolação e Santa Cecília. Na mancha urbana desse Centro Expandido está uma grande concentração de funções centrais e o Centro 'histórico' responde com algumas entre elas.

A situação atual e suas potencialidades

Por tudo o que vimos, o Pátio do Colégio pode ser compreendido como uma ligação física entre caminhos de cumeeira e de várzea e como uma ligação simbólica entre a existência e a Unidade que a transcende. Para se reativar o Centro Tradicional de São Paulo, os dois níveis de ligação acima apontados devem ser reconsiderados - atitude fundamental e necessária para qualquer projeto que



Mapa do Centro Velho com indicação de edificações consideradas Patrimônio histórico e arquitetônico

192 parte da atual Praça da Sé
193 atualmente denominado Pátio do Colégio, tendo já sido terreiro dos jesuítas, o largo do Palácio e Praça João Pessoa)

procure sua atualização.

A dimensão simbólica do Centro não é uma supra-estrutura que se possa marginalizar. Deixando-a à margem, entregamo-nos ao assalto de apropriações sem vínculo com a dimensão simbólica local, elucidativa dos traços distintivos de nossa maneira de ser.

A questão é, pois, a de explicitar o Centro que se deseja com toda a sua carga simbólica para o presente e para o futuro e, assim, encontrar rumos orgânico-funcionais a serem privilegiados. Nessa tarefa, as ações de apropriação do Centro que vêm se realizando a partir da perda de sua primazia para outros centros devem ser consideradas e respeitadas, inclusive e sobretudo, a existência de parques e espaços públicos amplos, bem como o aumento de sua densidade de ocupação, inclusive com hiper verticalizações. Há que se trabalhar com perspectivas como a do surgimento de uma infra-estrutura inteligente, de o Centro vir a ser novamente uma área habitacional, especialmente de baixa renda, de um novo comportamento da ilha em que se transformou a área central no que se refere ao sistema de transportes, seguindo a necessidade urgente de uma definição dos anseios mais amplos e legítimos da sociedade.

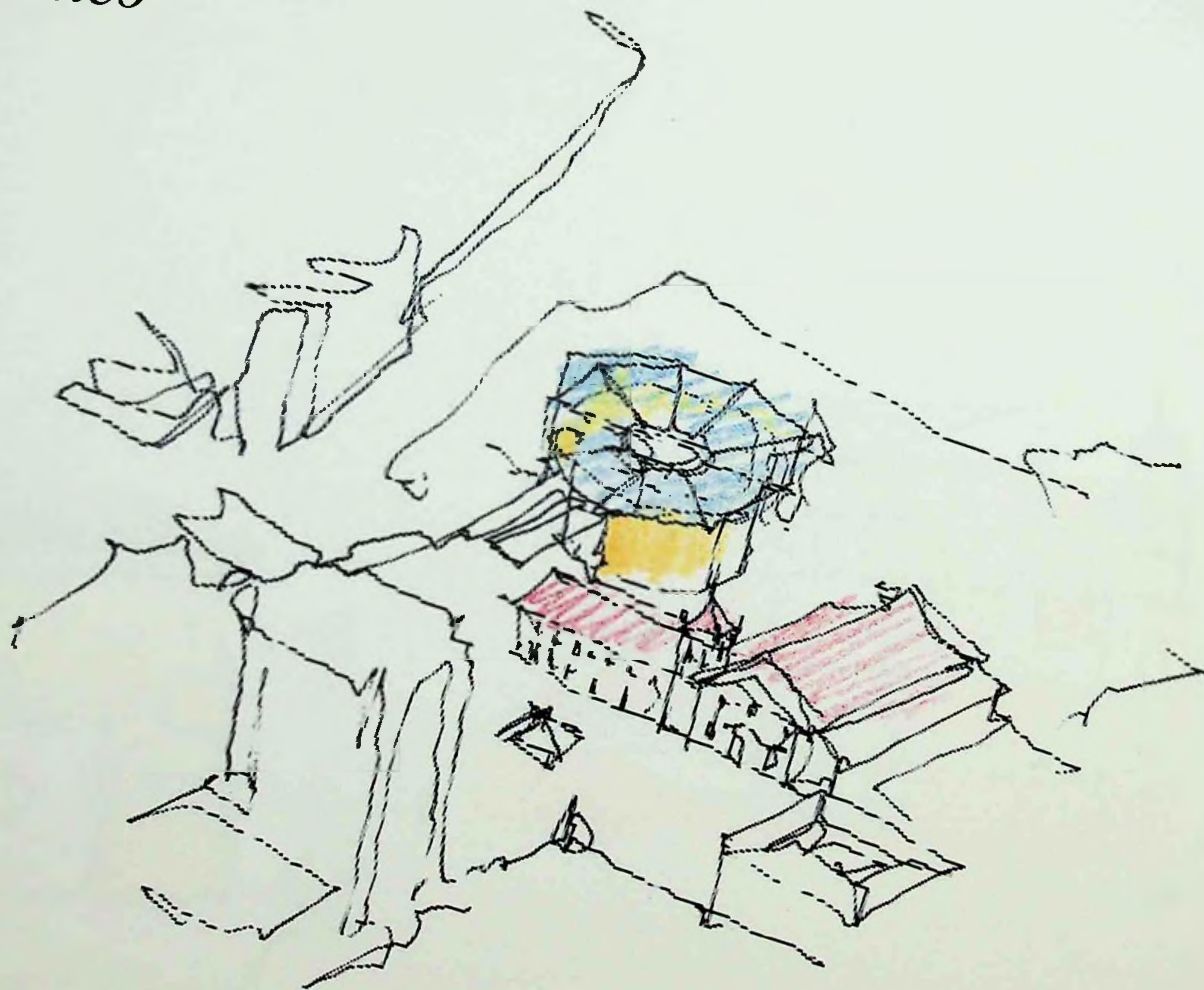


Bases para um Projeto Simbólico do Centro paulistano

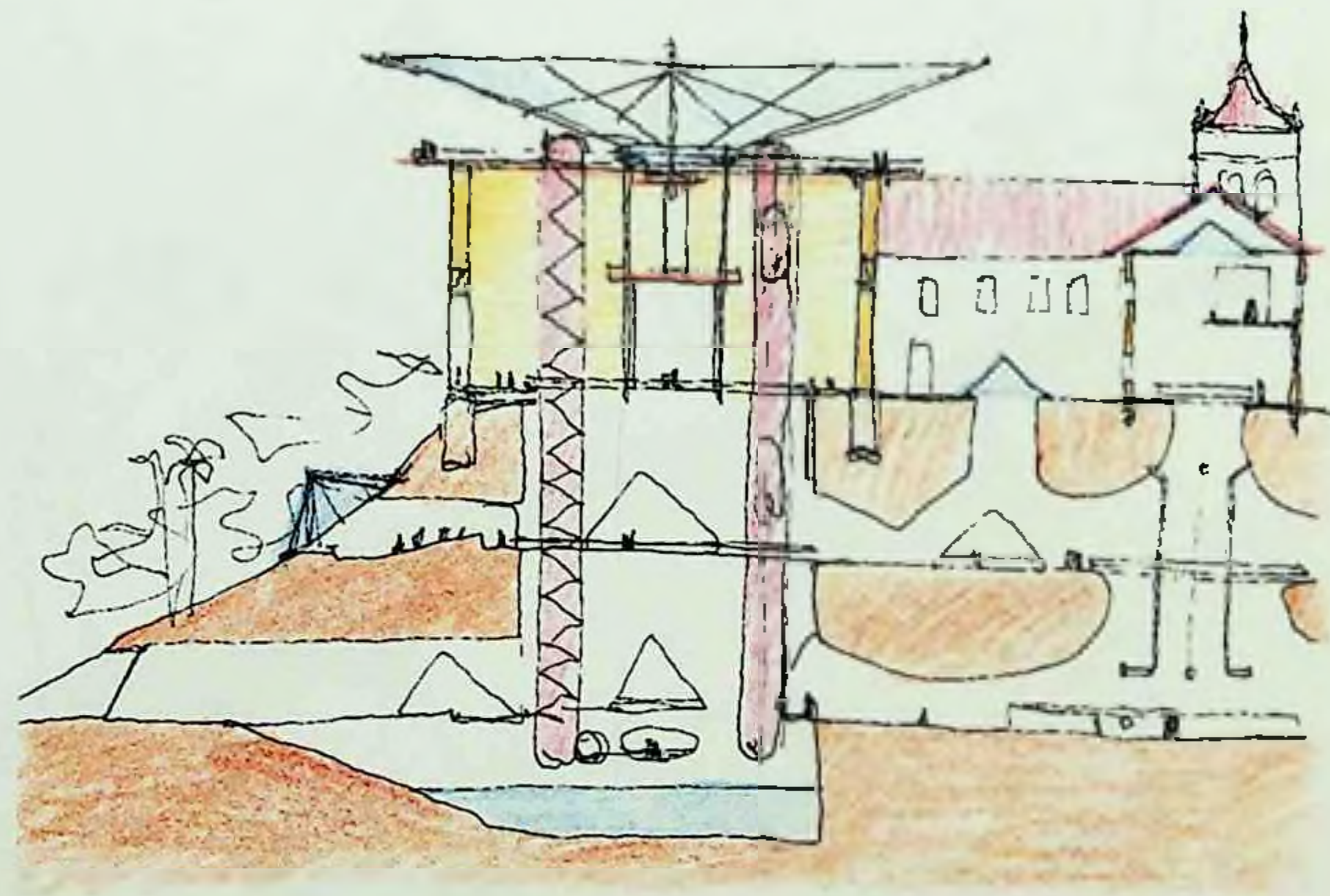
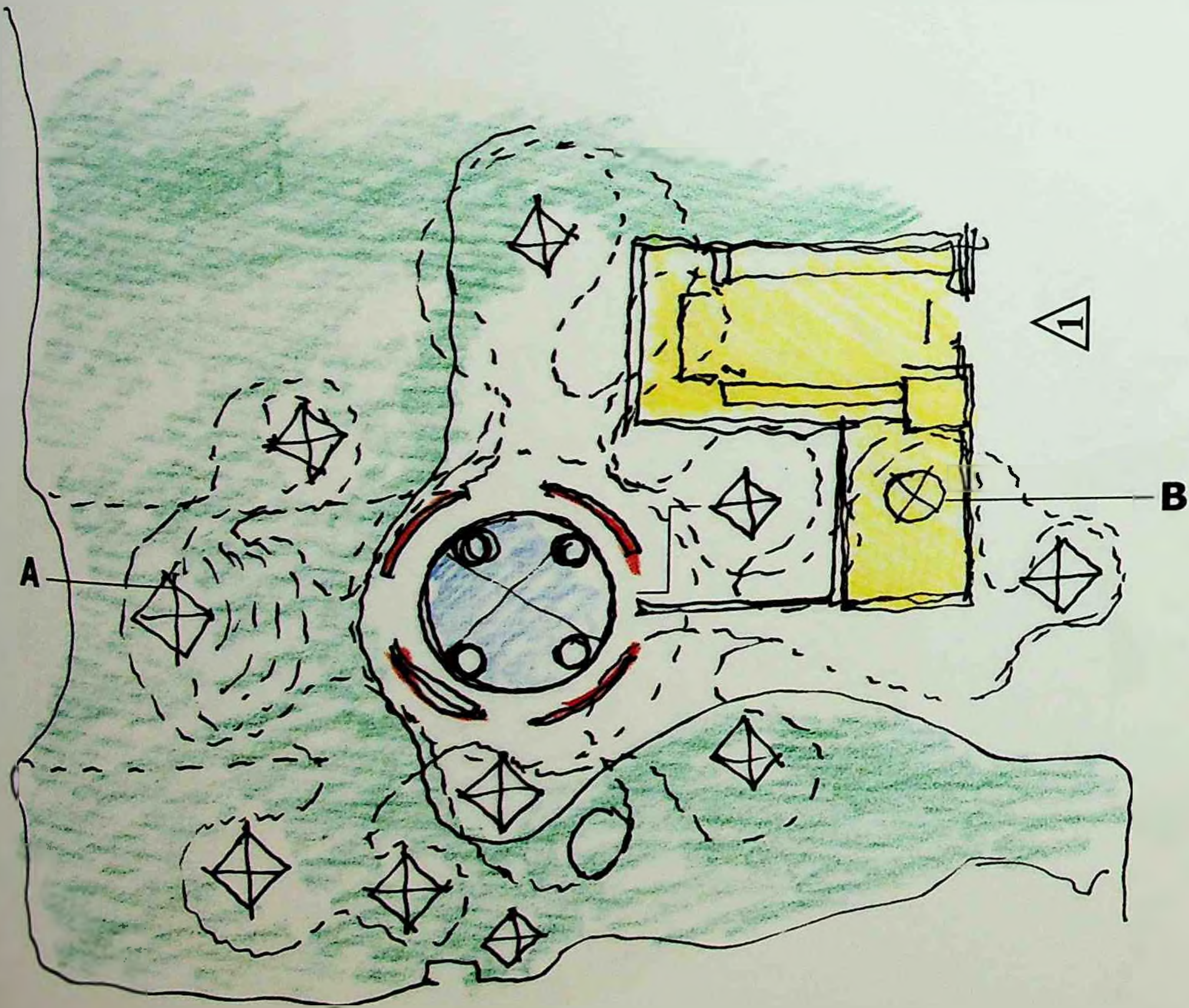
O processo de projeto empreendido, uma aproximação preliminar

Será apresentado a seguir o processo de projeto que vem sendo desenvolvido para o Centro Tradicional paulistano, parte integrante da presente dissertação já que análise e proposição nela têm sido sincrônicas. Objetiva-se, através desse processo, encontrar bases para um possível projeto simbólico para o Centro de São Paulo. Esse processo de projeto, portanto, não se pretende encerrado e, da crítica a ele que aqui também se inicia, surgem conclusões sobre questões pertinentes a um projeto futuro para o Centro paulistano e para o projeto como atitude diante das condições em que vivemos nessa virada de milênio.

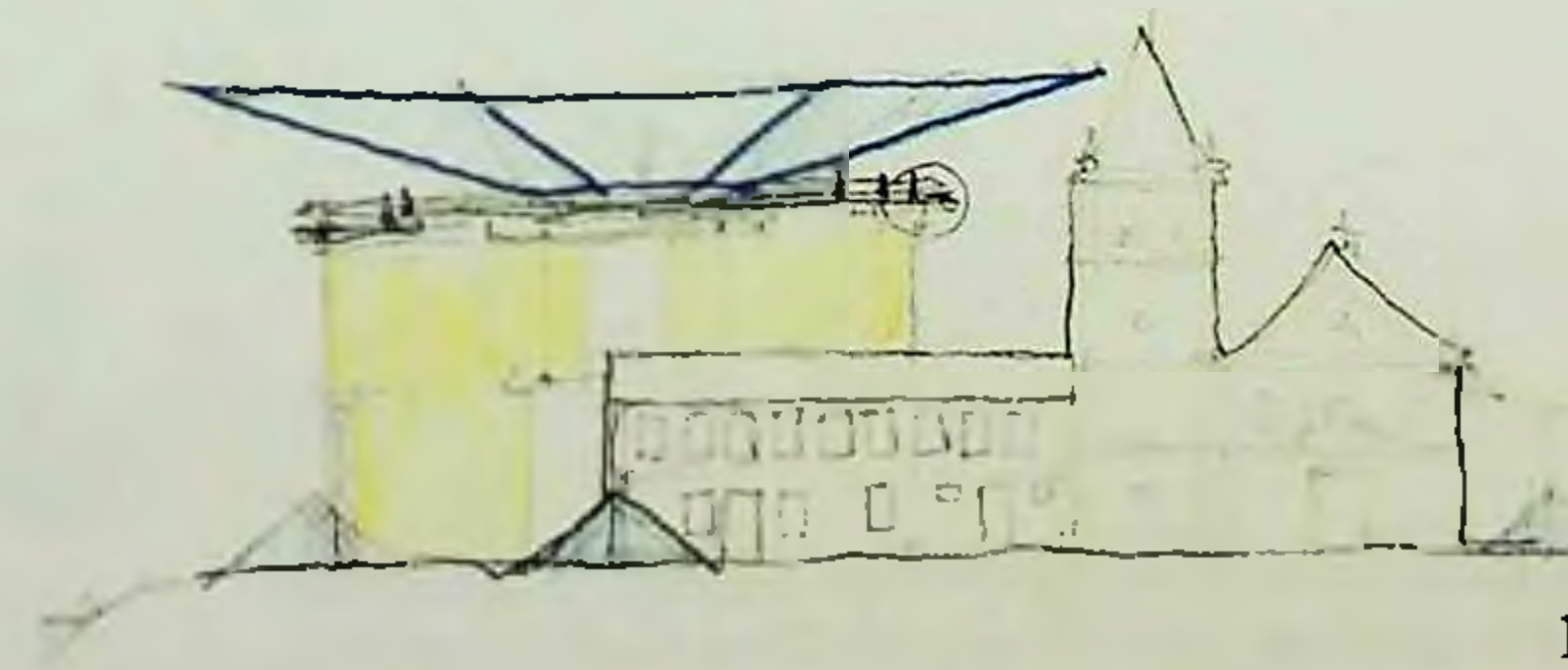
Os primeiros estudos aqui apresentados são resultado da intenção de transformar a face oriental da colina central paulistana num edifício 'escavado' que



se organizasse em torno de uma grande circulação vertical ritual que, à maneira do elevador Lacerda em Salvador, ligasse a cidade baixa (do comércio) à cidade alta (das igrejas, do terreiro dos jesuítas).



AB

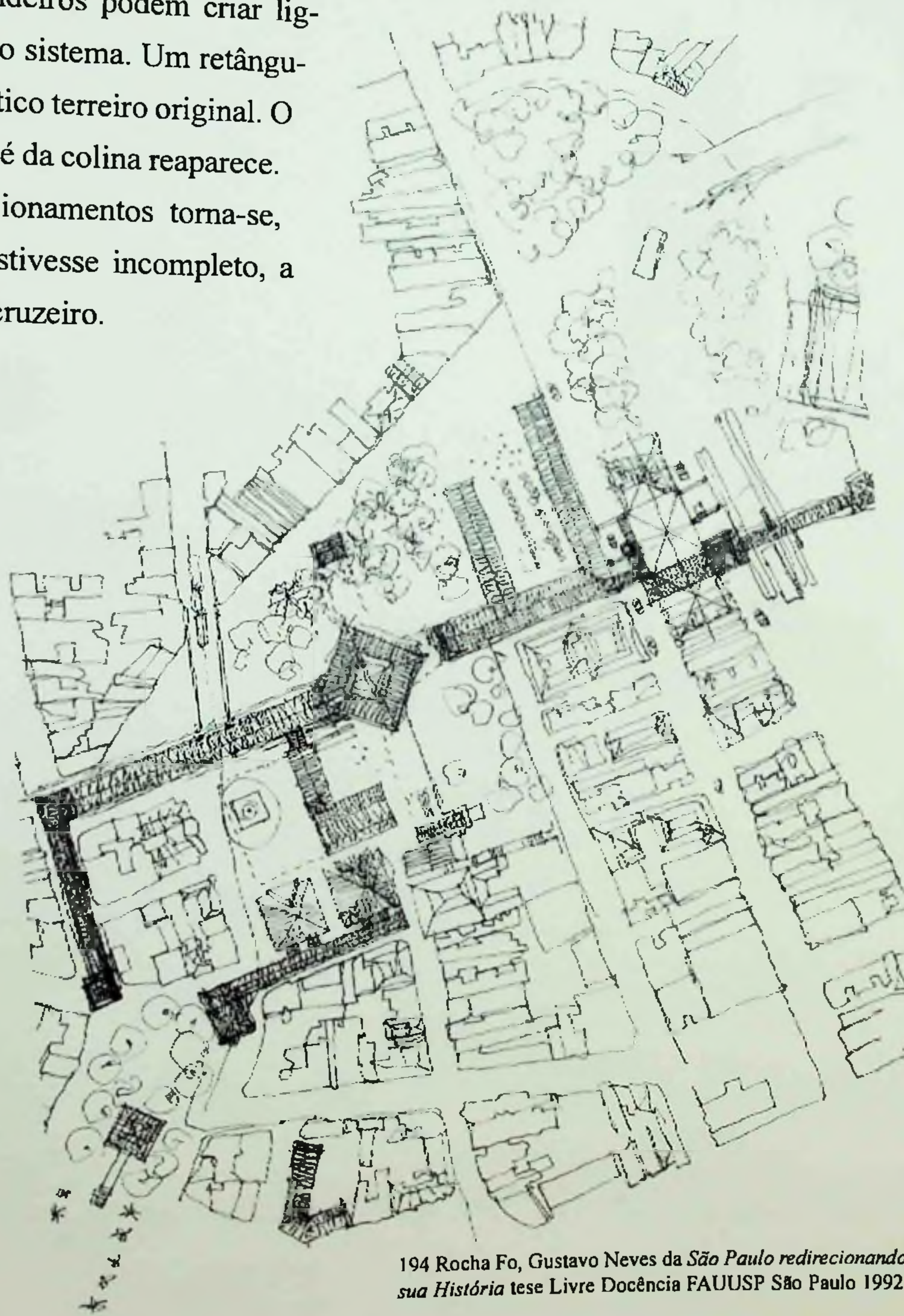
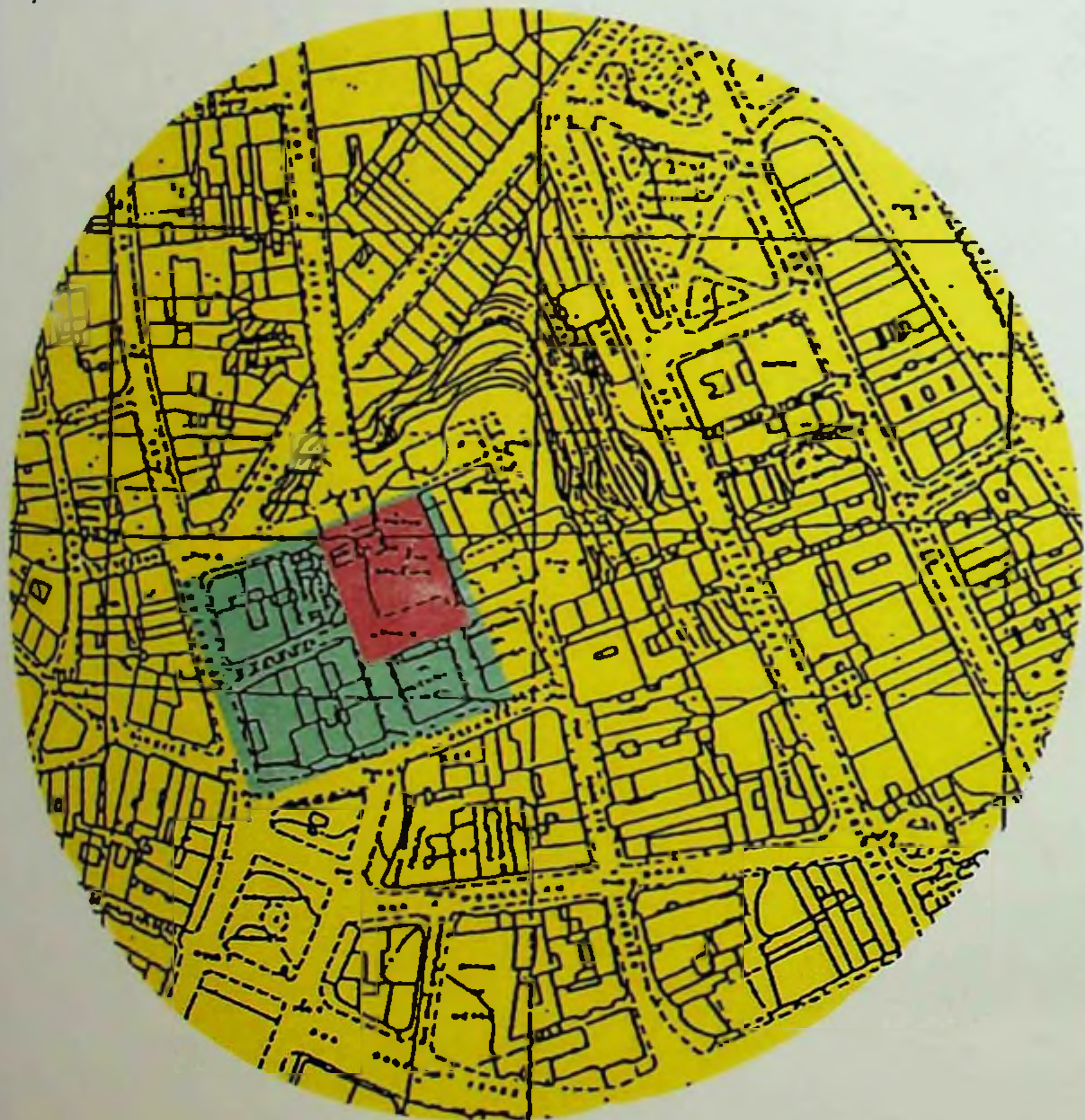


1

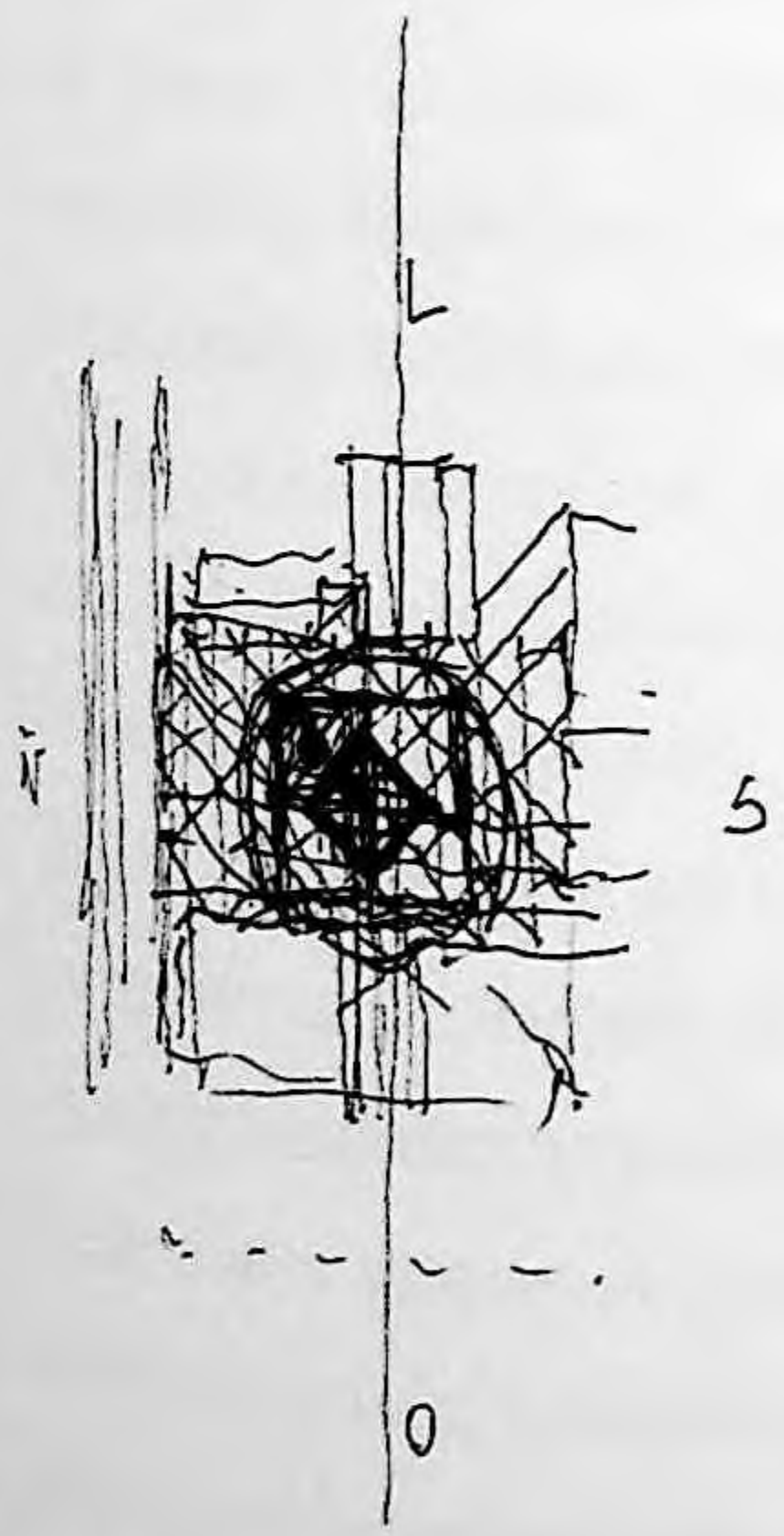
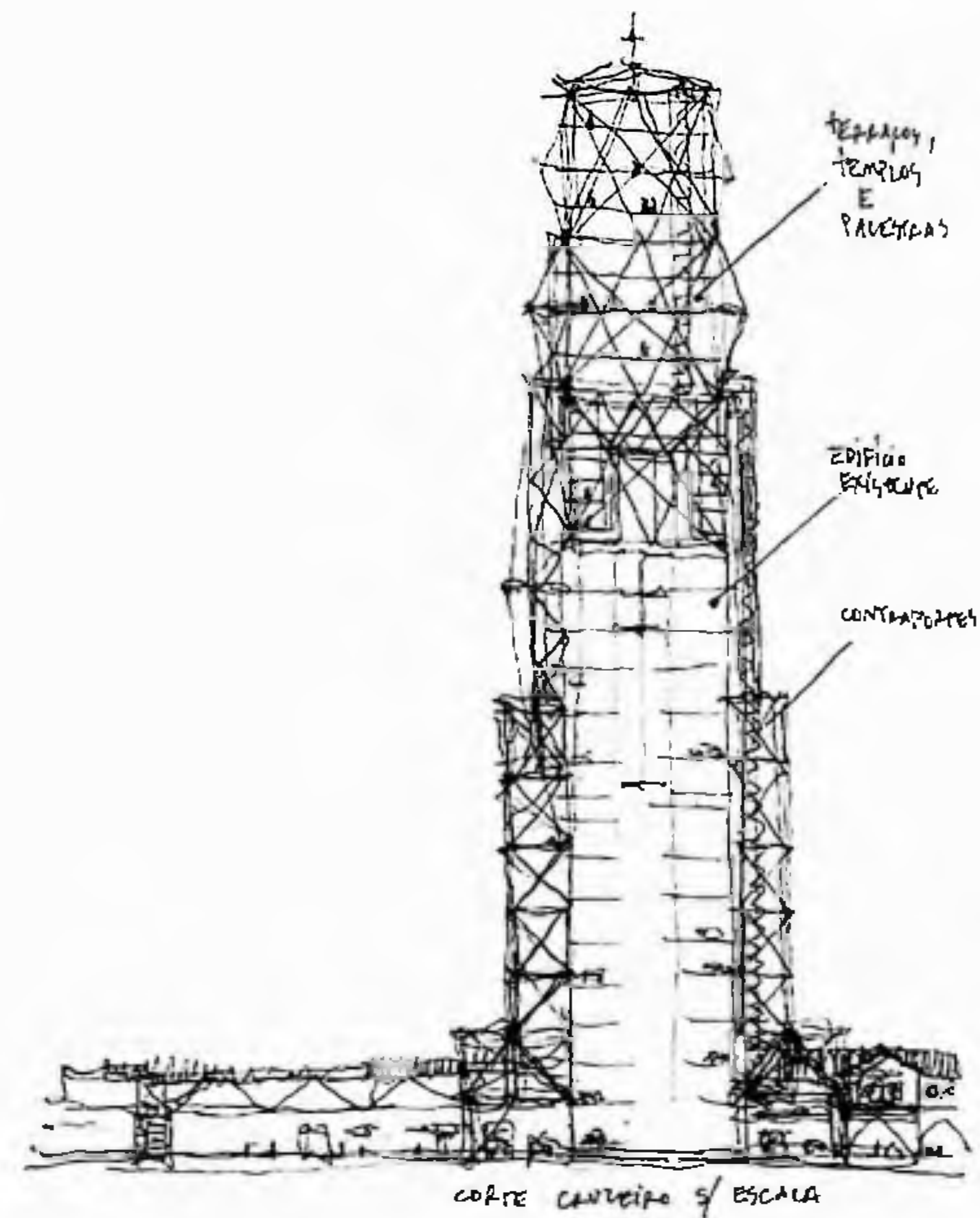
A idéia de que o terreiro dos jesuítas em São Paulo teria sido ocupado posteriormente por edificações¹⁹⁴ foi inspiração para o segundo ensaio de projeto. A circulação ritual se mantém, tornada templo. Edifícios galeria se expandem a partir desse templo central. Templos se relacionam com corredores de comércio para abrigar camelôs e lojistas. Os edifi-

cios existentes e lindeiros podem criar ligações próprias com o sistema. Um retângulo relembra o hipotético terreiro original. O antigo mercado no pé da colina reaparece. O edifício de estacionamentos torna-se, como se até hoje estivesse incompleto, a base de um grande cruzeiro.

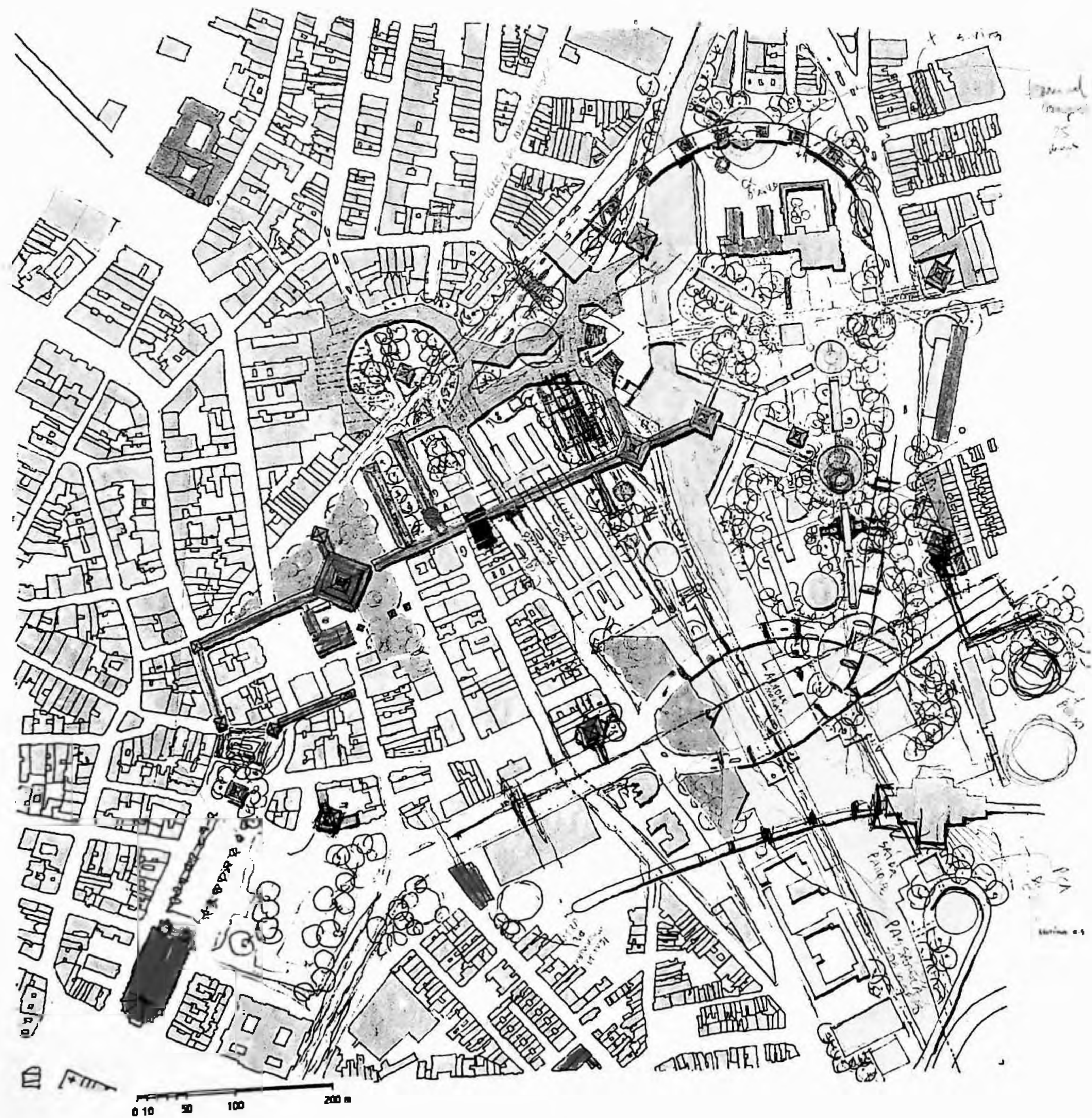
Hipotético terreiro inicial e Pátio atual



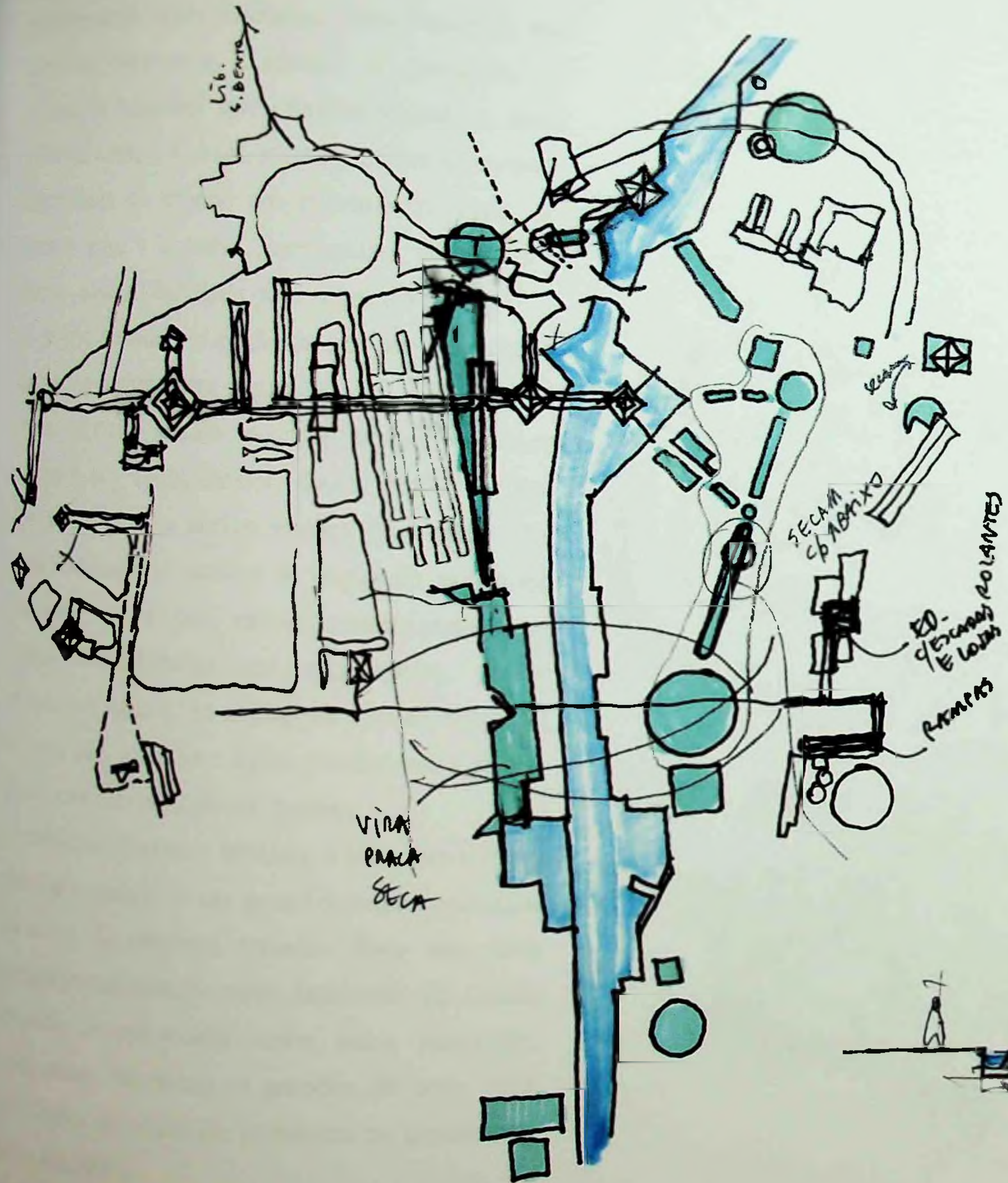
194 Rocha Fo, Gustavo Neves da *São Paulo redirecionando sua História* tese Livre Docência FAUUSP São Paulo 1992



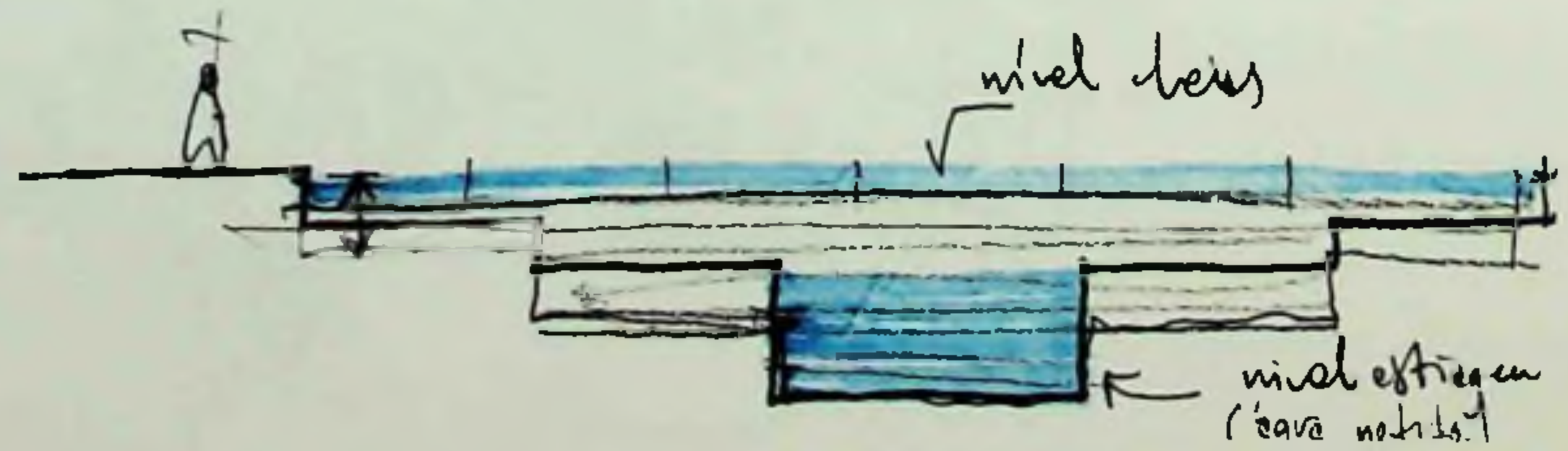
No terceiro ensaio de projeto para o Pátio do Colégio - o *Terreiro de Jesus* paulistano - permanece um organismo espacial que procura colocar lado a lado, com toda a técnica da arquitetura em trabalhar seus limites, suas fronteiras, um *comércio* que se mantém vivo - basta ver a vibração da vizinhança da 25 de Março, dos camelôs - e *espaços de meditação*, passagens para um estado de consciência plena, de Unidade, tornando-se verdadeiro Centro para os templos existentes nos arredores além dos novos espaços sagrados que seriam utilizados por toda e qualquer manifestação religiosa ou igreja constituída. Católicos romanos, seguidores da Renovação Carismática, partidários da *Teologia da Libertação*, educadores jesuítas, beneditinos, dominicanos, carmelitas, franciscanos. Protestantes históricos, pentecostais, neo-pentecostais - o uso da televisão como veículo da palavra de Deus devemos a estes últimos -, os judeus, os budistas, os muçulmanos, os hinduístas, os hare krishna, o candomblé, os espíritas, a umbanda, os mórmons, os seguidores do *Daime*, animistas, os guaranis residentes (e resistentes) na Bacia do alto Tietê, outros grupos indígenas de todo o Brasil - xavantes, pataxós, ianomamis, bororos entre tantos, todos convidados a manter oráculos, altares, festas,



rituais, no complexo do *Terreiro de Jesus*. É certo que o cristianismo é muito forte ali, mas os novos



DESENHO DAS ÁGUAS

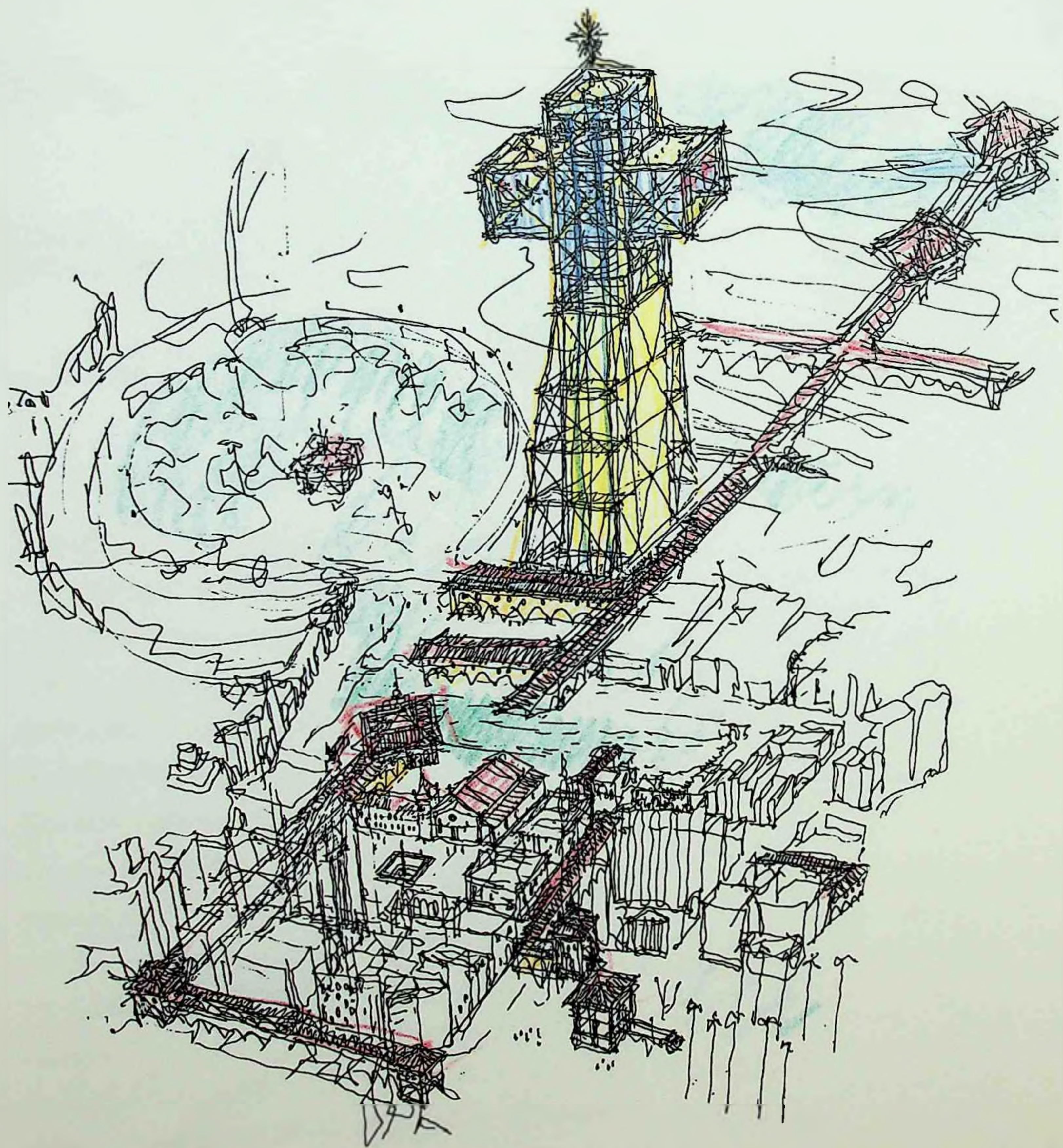


templos serão mais sintéticos, mais baseados em símbolos universais: o círculo, o quadrado, os retângulos baseados nas relações áureas, a cruz, números como o 7, o sol, a lua, os quatro elementos primordiais do mundo em movimento: fogo, ar, água e terra - impulso, movimento, formação e forma - matéria lapidada pelo sopro divino.

O projeto se refere a edifícios que são passagens, concretas e para outra consciência.

Nesse terceiro ensaio, o complexo de edifícios atinge o rio Tamandateí, sendo motor de um redesenho para a antiga várzea do Carmo. As águas novamente podem se expandir como no passado, agora por vasos comunicantes de várias profundidades que, nas cheias, viram espelhos d'água e, na estiagem, praças secas ou tanques que, retendo a água, promovem sua utilização na manutenção do parque.

Os edifícios propostos utilizam a terra crua como material construtivo em grandes taipas apoiadas em arcos de concreto armado. Para isso será necessário um estudo mais detalhado da forma adequada de associação entre esses materiais, tendo como referência as paredes de terra crua sobre bases de pedra tão presentes na arquitetura antiga brasileira.

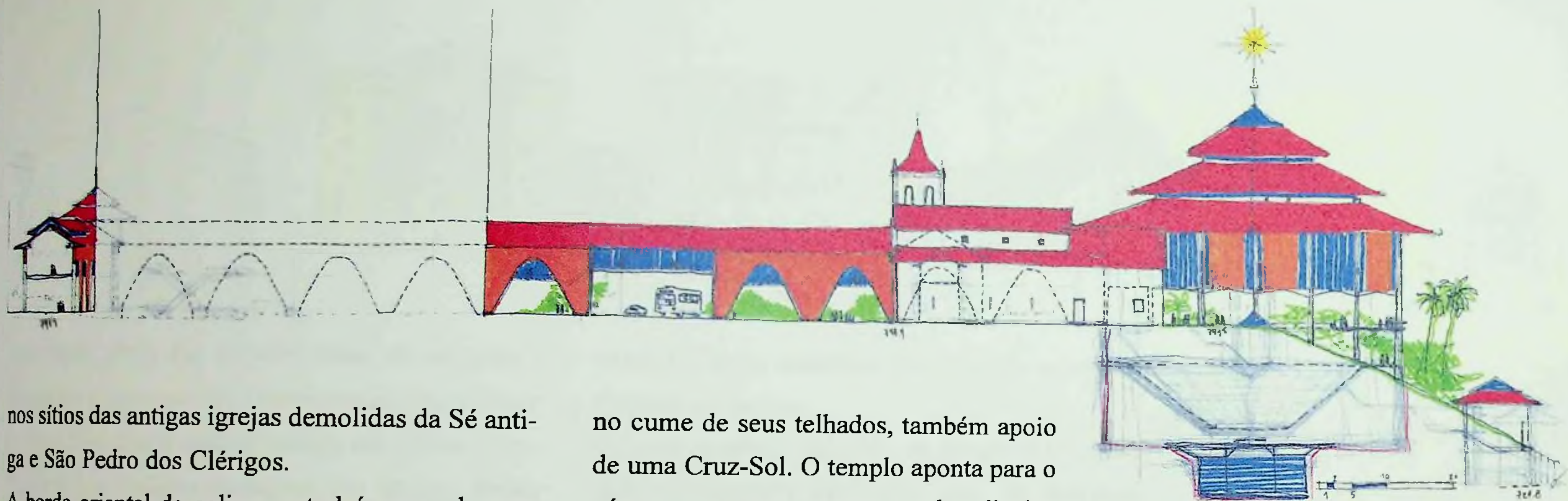




*Crítica ao
processo de
projeto
empreendido*

O processo de projeto aqui apresentado partiu do entorno imediato do Pátio do Colégio e, ao compreender que qualquer proposição para esse lugar tem a ver com o Centro como um todo, foi gradativamente estendendo os limites de sua atuação. Destacam-se passagens para facilitar a circulação das pessoas entre a várzea do Carmo e a colina central e a intenção de recuperar a ligação entre as margens do Tamanduateí sem promover grandes

demolições, apropriando-se dos interstícios e de certa forma 'acatando' as adaptações espaciais ali presentes, sem a imposição de modelos genéricos. Com sua geometria, essas passagens também reforçam o sentido de Centro se irradiando através de edifícios que se cruzam e fazem pensar em Centros contíguos se desenvolvendo a partir de um Centro inicial com uma trama que remete à estrutura de um tecido, cujas linhas podemos entender como cruces em sucessão potencialmente infinita. Os edifícios-passageiro também recuperam antigas relações espaciais com a reproposição da ala norte do Palácio demolida no início do novecentos, do antigo mercado no pé da colina, além de altares

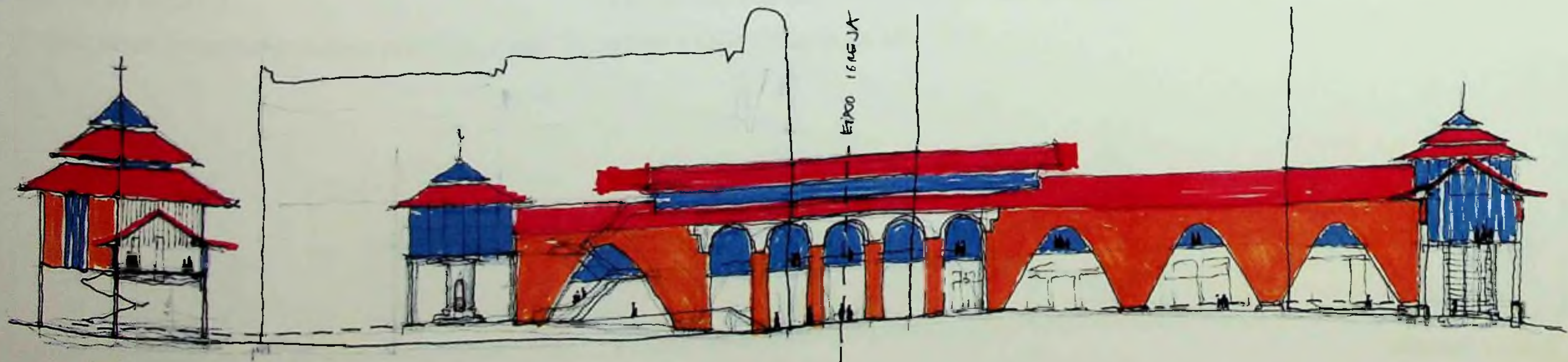


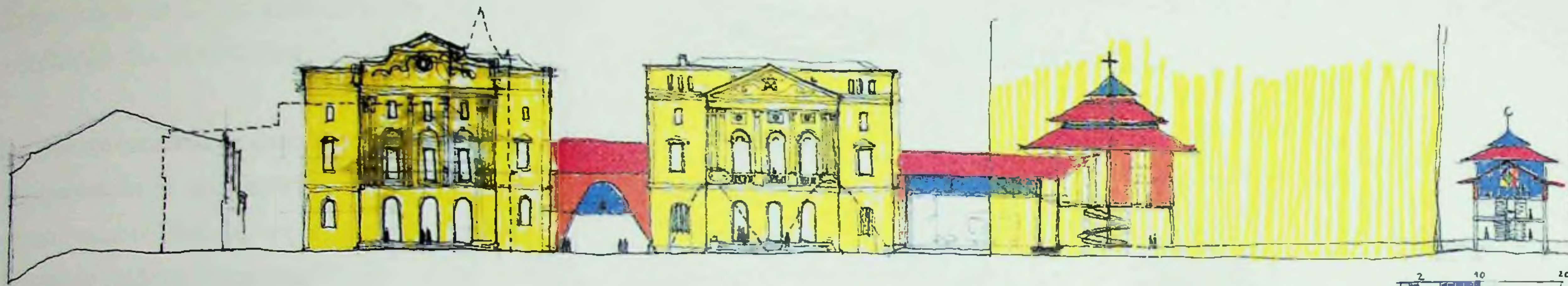
nos sítios das antigas igrejas demolidas da Sé anti-
ga e São Pedro dos Clérigos.

A borda oriental da colina central é escavada para
abrigar um grande templo que nos faz lembrar da
ligação Terra-Céu presente nos templos tradicionais.
Anfiteatro escavado na terra, pode-se perceber o
céu através da pirâmide de vidro que se encontra

no cume de seus telhados, também apoio
de uma Cruz-Sol. O templo aponta para o
céu com o topo transparente do telhado e aponta
para a terra com seu altar circular.

O edifício de estacionamento que foi construído no
fim dos anos 1970 no pé da colina central é uti-
lizado como base de uma grande cruz, símbolo da





realização plena das possibilidades da existência em todos os seus níveis. Outras cruzes são visíveis nos templos que se estabeleceriam em vários cruzamentos dos edifícios-passagem. No interior destes edifícios, há caminhos cobertos com espaços destinados ao comércio fixo e de ambulantes, além de largos cobertos para se contemplar a paisagem.

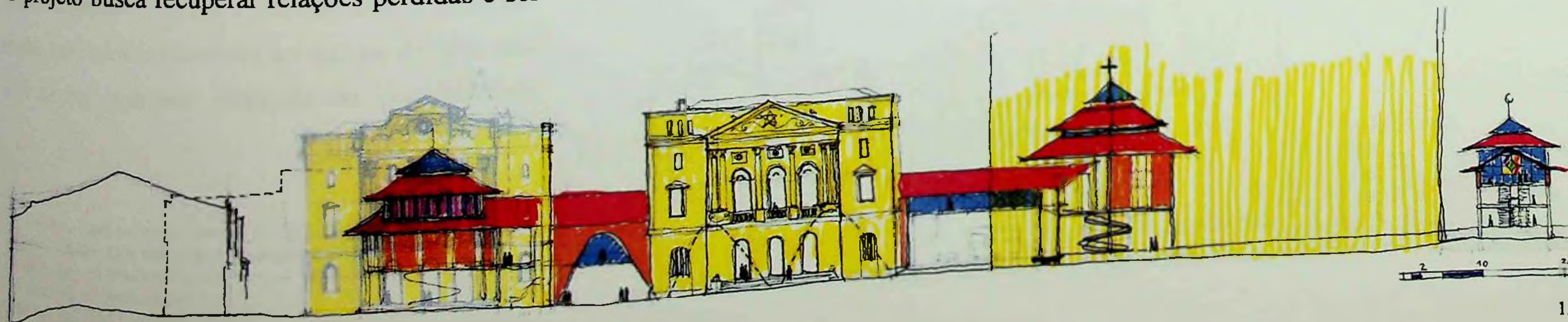
As águas do Tamanduateí voltam a poder se expandir nos tempos de cheias, lembrança da antiga várzea alagável.

O projeto busca recuperar relações perdidas e ser

explicitamente simbólico nas relações espaciais e formais propostas.

Procura destruir o mínimo, no desejo de se contrapor à perspectiva da 'tabula rasa', da destruição total do que existe para a proposição do novo.

A escala da metrópole, no entanto, não foi atingida. Trata-se de um desenho que costura espaços no entorno do Centro Tradicional sem referir-se à mancha urbana como um todo. É ainda uma solução excessivamente local para um sítio que se refere a toda a Bacia do alto Tietê.



*O significado da Cruz; totalização,
conciliação dos contrários*

Há a presença constante da cruz no processo de projeto apresentado já que trata-se de um símbolo comum a todas as Tradições e que, portanto, 'refere-se à grande Tradição primordial'¹⁹⁵.

Seu símbolo metafísico é o da comunhão perfeita da totalidade dos estados do Ser¹⁹⁶: 'Um ser qualquer, seja o ser humano ou todos os outros, pode ser encarado sob diferentes pontos de vista, (...) todos igualmente legítimos em seus domínios respectivos. (...) Se isso é verdade (...) a consideração de um ser sob seu aspecto individual é necessariamente insuficiente (...)'¹⁹⁷. 'A existência universal não é nada mais do que a manifestação integral do Ser (...), realização, em modo manifesto, de todas as possibilidades que o Ser comporta'¹⁹⁸. O Ser total refere-se à manifestação (existência) somada ao que há de não manifestação, domínio ilimitado da possibilidade



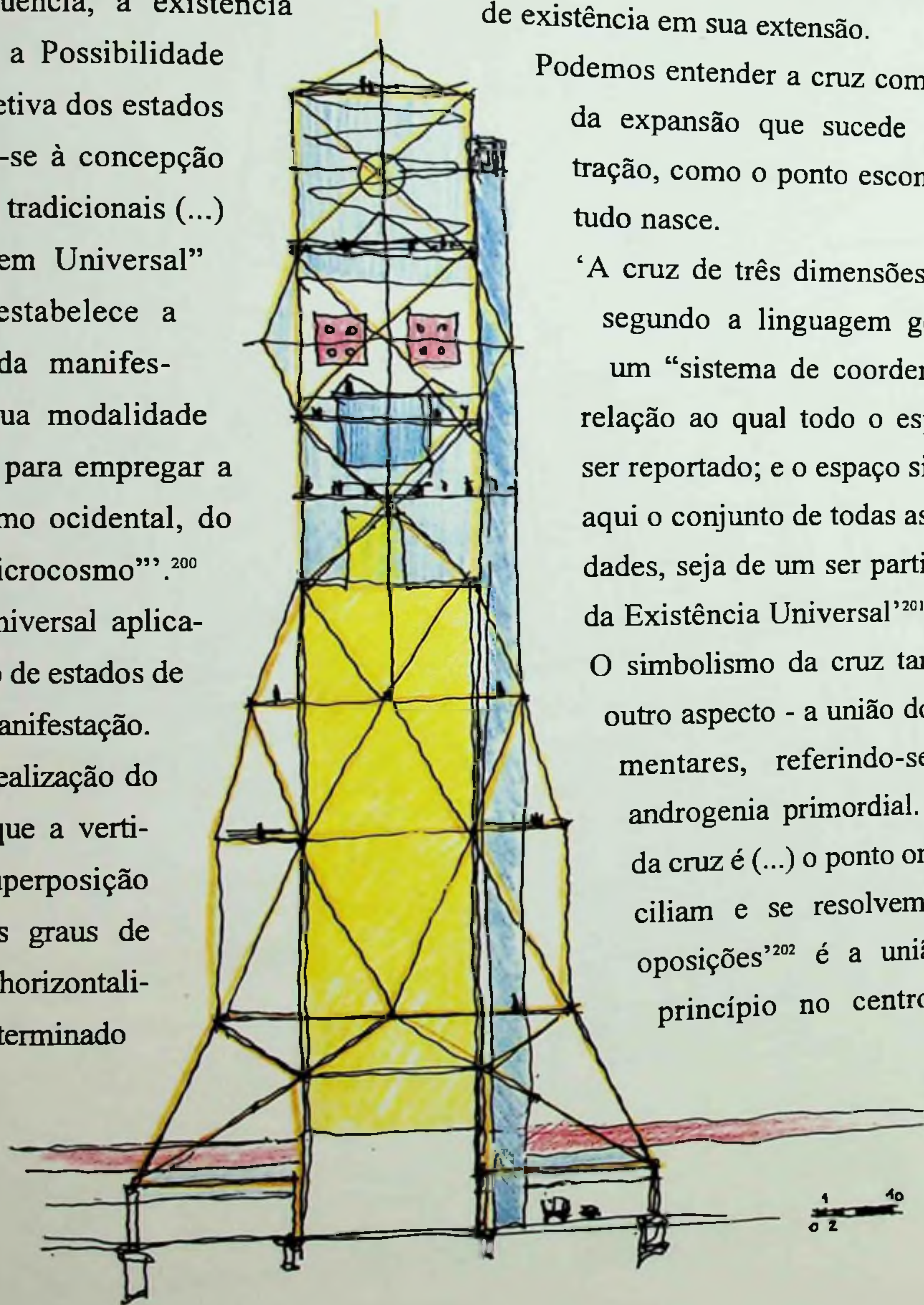
¹⁹⁵ Guénon, René *Le symbolisme de la Croix* Guy Trédaniel Éditeur Paris 1996 pág. 8 (tradução minha)

¹⁹⁶ *Ibid.*, pág. 31 (tradução minha)

¹⁹⁷ *Ibid.* pág. 18 (tradução minha)

¹⁹⁸ *Ibid.*, pág. 20-21 (tradução minha)

universal. 'Por consequência, a existência está longe de ser toda a Possibilidade (...)'.¹⁹⁹ 'A realização efetiva dos estados múltiplos do Ser refere-se à concepção que diferentes doutrinas tradicionais (...) designam como "Homem Universal" (...), concepção que estabelece a analogia constitutiva da manifestação universal e de sua modalidade individual humana, ou, para empregar a linguagem do hermetismo ocidental, do "macrocosmo" e do "microcosmo"'.²⁰⁰ A noção de Homem Universal aplica-se, portanto, ao conjunto de estados de manifestação e de não manifestação. A cruz é o símbolo da realização do Homem Universal em que a verticalidade sugere a superposição hierárquica de todos os graus de existência enquanto a horizontalidade mostra um grau determinado



de existência em sua extensão.

Podemos entender a cruz como símbolo da expansão que sucede a concentração, como o ponto escondido onde tudo nasce.

'A cruz de três dimensões constitui, segundo a linguagem geométrica, um "sistema de coordenadas" em relação ao qual todo o espaço pode ser reportado; e o espaço simbolizará aqui o conjunto de todas as possibilidades, seja de um ser particular, seja da Existência Universal'.²⁰¹

O simbolismo da cruz também tem outro aspecto - a união dos complementares, referindo-se a uma androgenia primordial. 'O centro da cruz é (...) o ponto onde se conciliam e se resolvem todas as oposições'.²⁰² é a união com o princípio no centro do Ser.



Cruz existente nos fundos do edifício reconstruído do Colégio



Edifício de estacionamentos utilizado como base para o Cruzeiro

199 Ibid., pág. 22 (tradução minha)
 200 Ibid., pág. 25 (tradução minha)
 201 Ibid., pág. 47 (tradução minha)
 202 Ibid., pág. 66 (tradução minha)





'Esse ponto central (...) é absolutamente independente do espaço, que não é mais que resultado de sua expansão ou seu desenvolvimento indefinido em todos os sentidos, e que, por consequência, procede inteiramente dele (...)'²⁰³. É o Eixo do Mundo.

O ato fundador do Colégio de São Paulo de Piratininga - a cruz foi uma forma de mediação

Na mitologia analisada por Nimuendaju²⁰⁴, vemos que uma cruz foi colocada no caminho que chega

ao Criador, *Nanderuvucu*, e é a partir de quatro rios que brotam do pé de uma palmeira (uma cruz de três dimensões) que nasce o mundo - '(...) a palmeira pindó no mito da Criação da Segunda Terra (...) [com seu] sentido de centro, escora da Terra e cetro, pelo qual o Criador elabora a Segunda Terra; eixo do mundo criado e ponte entre ele e o Criador.'²⁰⁵

A cruz é carregada de novos sentidos pelo Cristianismo mas o seu sentido primordial de totalização se mantém²⁰⁶. Sendo o símbolo a ativação de um arquétipo, de

²⁰³ Ibid., pág. 73 (tradução minha)

²⁰⁴ ver descrição da Mitologia dos tupi-guarani no início da presente dissertação

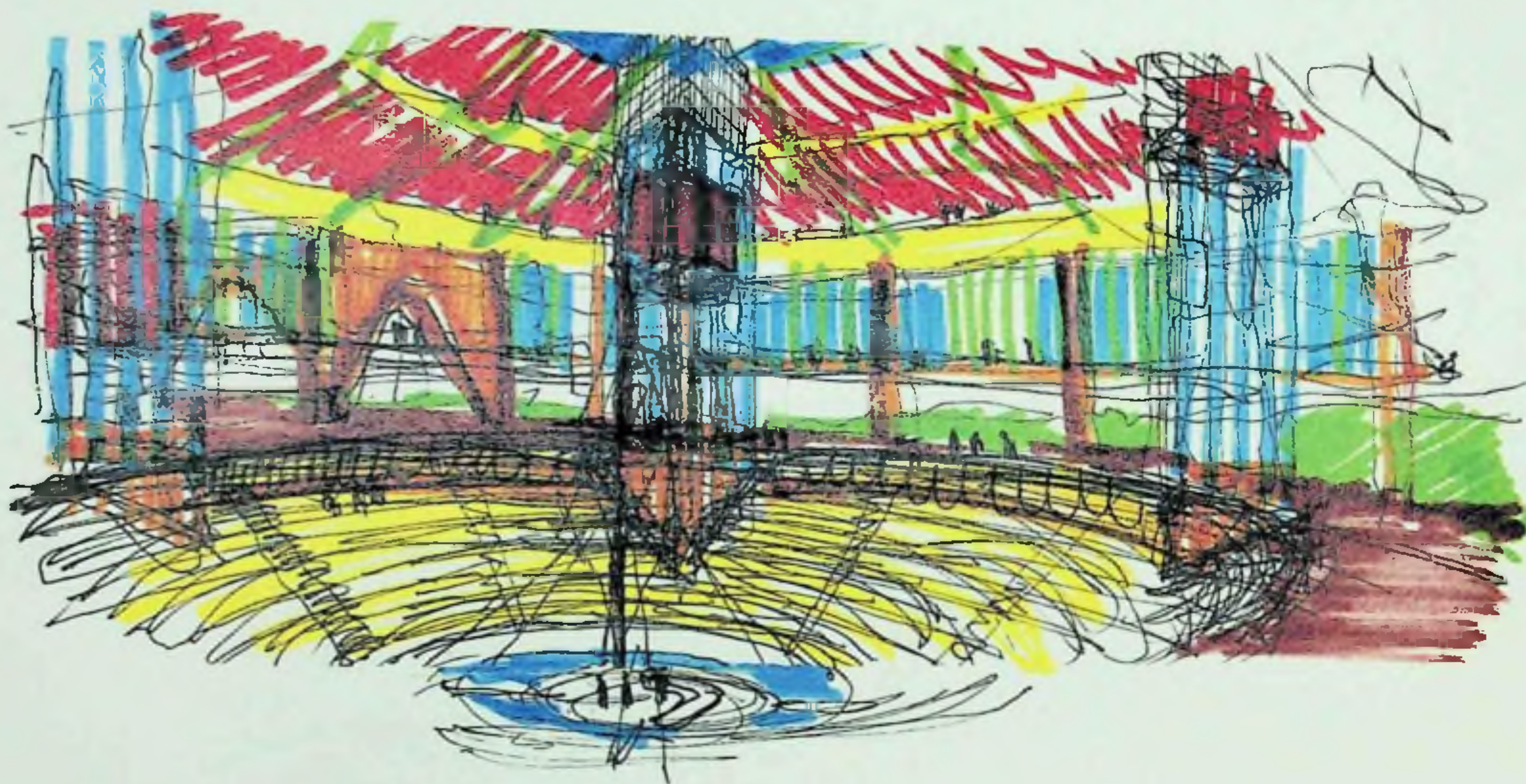
²⁰⁵ Zibel Costa, C. *Habitação Guarani, tradição construtiva e mitologia* tese de doutoramento FAAUSP São Paulo 1989

²⁰⁶ Guénon, René, op. cit., pág. 11 (tradução minha)

motivações essenciais do ser humano, podemos imaginar que a presença da cruz no diálogo inicial estabelecido no encontro entre a Tradição ameríndia e a Tradição européia tenha sido uma reafirmação da transcendência da existência contingente e passageira. Foi possivelmente uma forma de mediação entre mundos distantes que haviam desenvolvido particularidades no que se refere aos símbolos mas que se mostraram diferentes vestimentas de um mesmo significado inicial.

Em respeito a esse simbolismo presente no Centro paulistano, houve com o processo de projeto aqui apresentado a busca de uma ratificação da presença da cruz tanto no templo-cruzeiro levantado sobre o edifício de estacionamentos, edifício violentador de antigas relações transfigurado em suporte de afirmação do que havia sido violentado, como nas várias cruzes presentes nos encontros dos edifícios-passageiro, proporcionando portanto três dimensões de encontros em cruz.

Os muitos templos existentes e os demais propostos são entendidos como Centros contíguos em comunicação constante, ligados como em vasos comunicantes. Também as águas do Tamanduateí estariam ligadas por vasos comunicantes reforçando o simbolismo e sentido acima referido.



Vista interior do Templo junto à reconstrução do Colégio

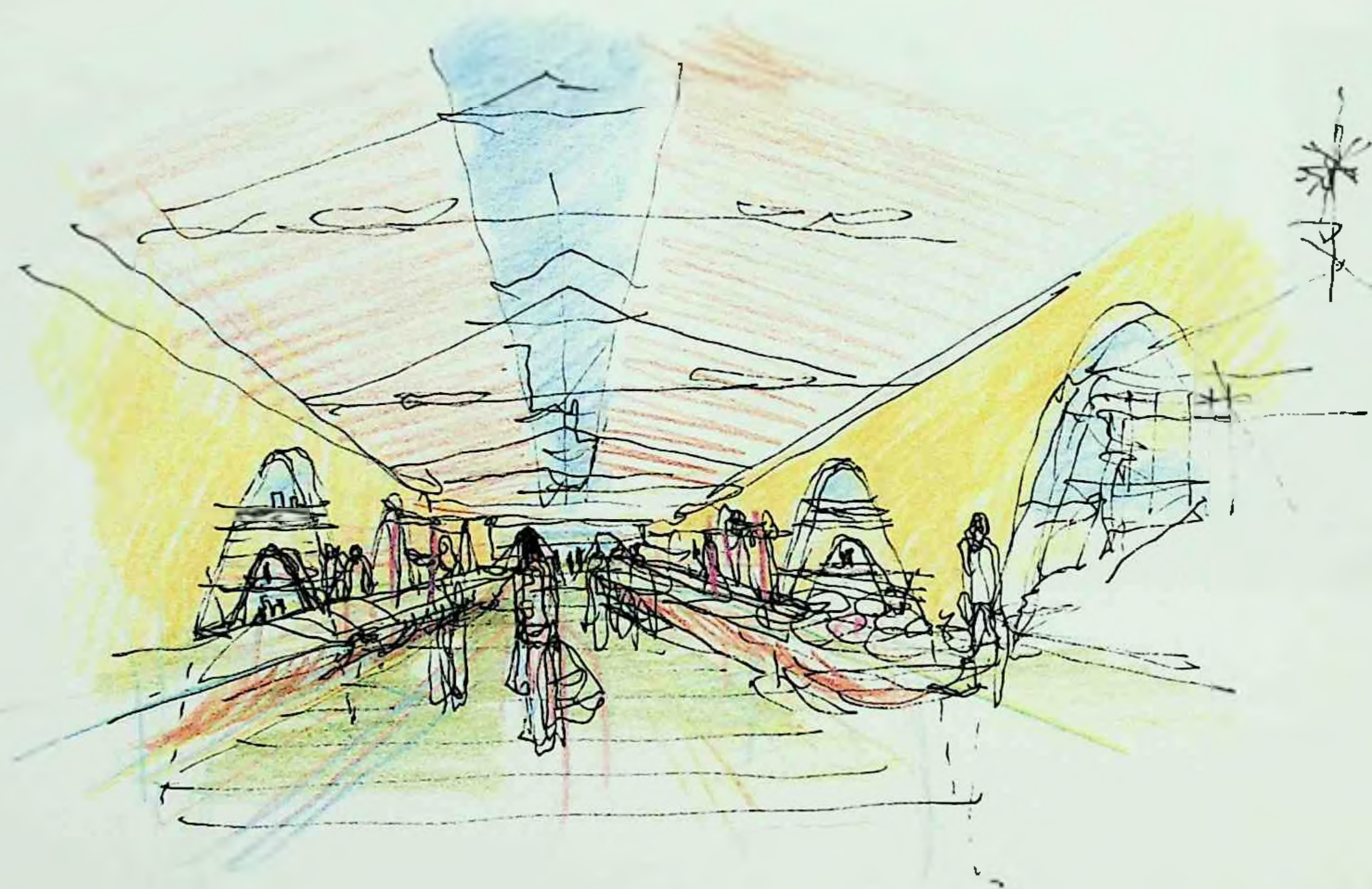
Templos e Mercadores

No centro paulistano, vemos uma vibrante atividade mercantil no entorno da rua 25 de Março (com comércio que muito deve aos imigrantes libaneses, sírios e mais recentemente coreanos) que sobe as ladeiras da colina central como a do Porto Geral e a rua Gen. Carneiro (antiga rua municipal) quando chega a se embaralhar com o sítio do Centro Tradicional. As atividades bancária e comercial no triângulo em que se encontram grande parte dos templos tradicionais paulistanos são também uma

lembrança da relação estreita que se vê continuamente na Humanidade entre Centros religiosos e atividades cotidianas de estocagem e trocas.

Henri Lefebvre nos lembra que também a 'cidade política' - início, por assim dizer, do caminho em direção à sociedade urbanizada - já resistia à presença da troca e do comércio que, 'indispensáveis à sobrevivência como à vida, suscitam a riqueza, o movimento.'²⁰⁷ Nessa 'cidade política', habitavam, segundo o mesmo autor, os guerreiros, os administradores escribas e também os sacerdotes. O espaço de concentração do poder e da ordenação confunde-se, pois, com o Centro sagrado. 'Inumeráveis fatos testemunham a existência, ao lado da Atenas política, tanto da cidade comercial, o Pireu, quanto as interdições em vão repetidas à disposição de mercadorias na ágora, espaço livre, espaço do encontro político. Quando Cristo expulsou os mercadores do templo, trata-se da mesma interdição, com o mesmo sentido.'²⁰⁸

Antigos assentamentos na Mesopotâmia e no Egito apresentam estruturas monumentais para os templos que estão frequentemente rodeados por ocupações outras, mais orgânicas²⁰⁹, utilizadas como habitação e que serviam de teatro para as atividades cotidianas. As trocas possivelmente se



Passagem com mercado

davam ali, fazendo com que possamos imaginar como antiga essa polarização entre templo de um lado e vida cotidiana de outro, representando duas faces de uma mesma moeda, necessárias entre si e dependentes uma da outra.

Da antiguidade greco-romana²¹⁰, temos notícia de cidades como centros de encontro no seio dos quais se abriam espaços de convívio com os deuses. Um exemplo destes espaços é a Acrópole ateniense, junto à qual estava a ágora acima cita-

Colina/acrópole do Partenon em desenho de Le Corbusier

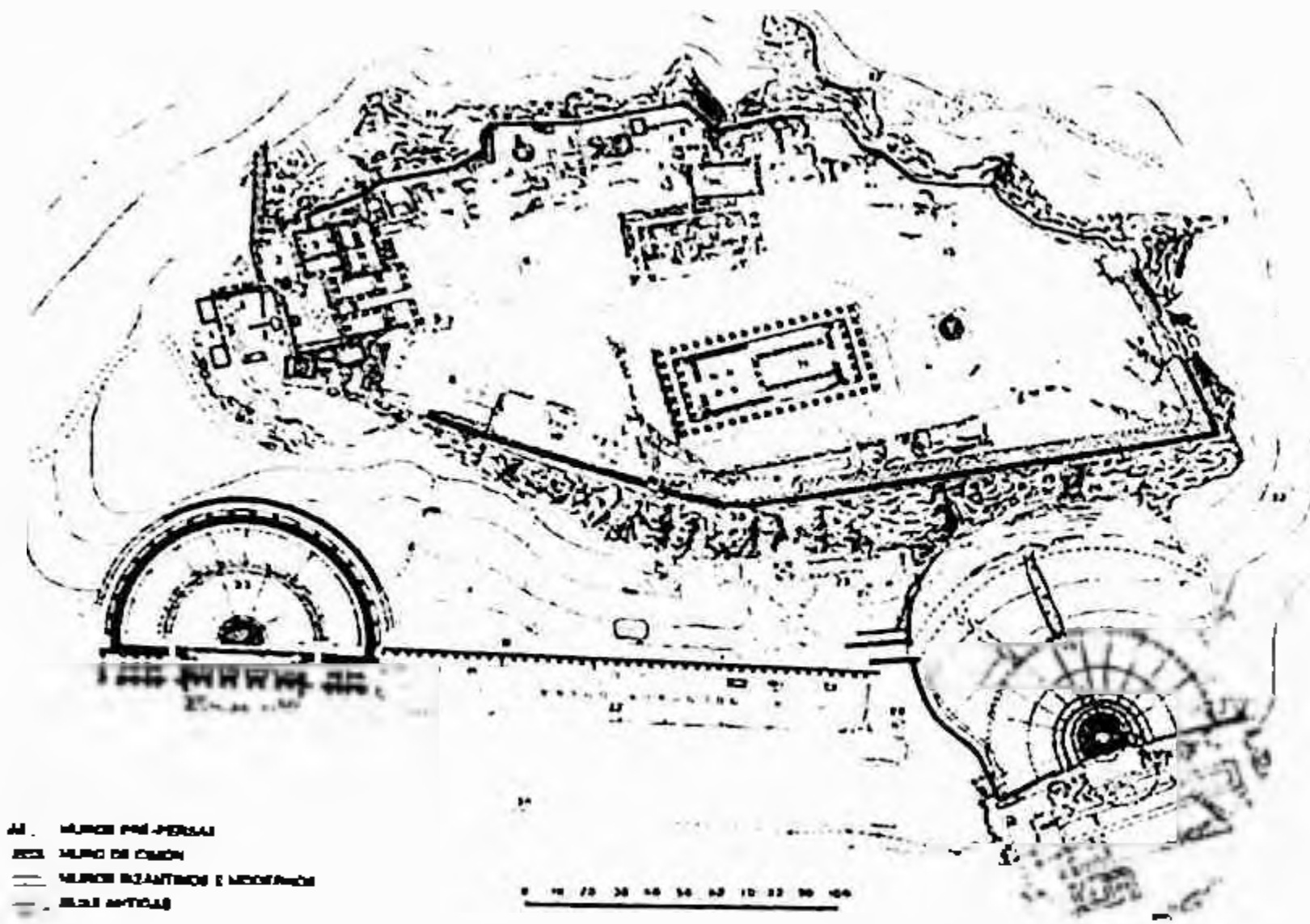


207 Lefebvre, Henri *A revolução urbana* Ed. UFMG Belo Horizonte 1999 pág. 22

208 Ibid. pág. 22

209 Norberg-Schulz, Christian *Arquitetura Occidental* Gustavo Gilli Barcelona 1999 - especialmente as imagens de reconstituições presentes nesse livro

210 ver nota 209

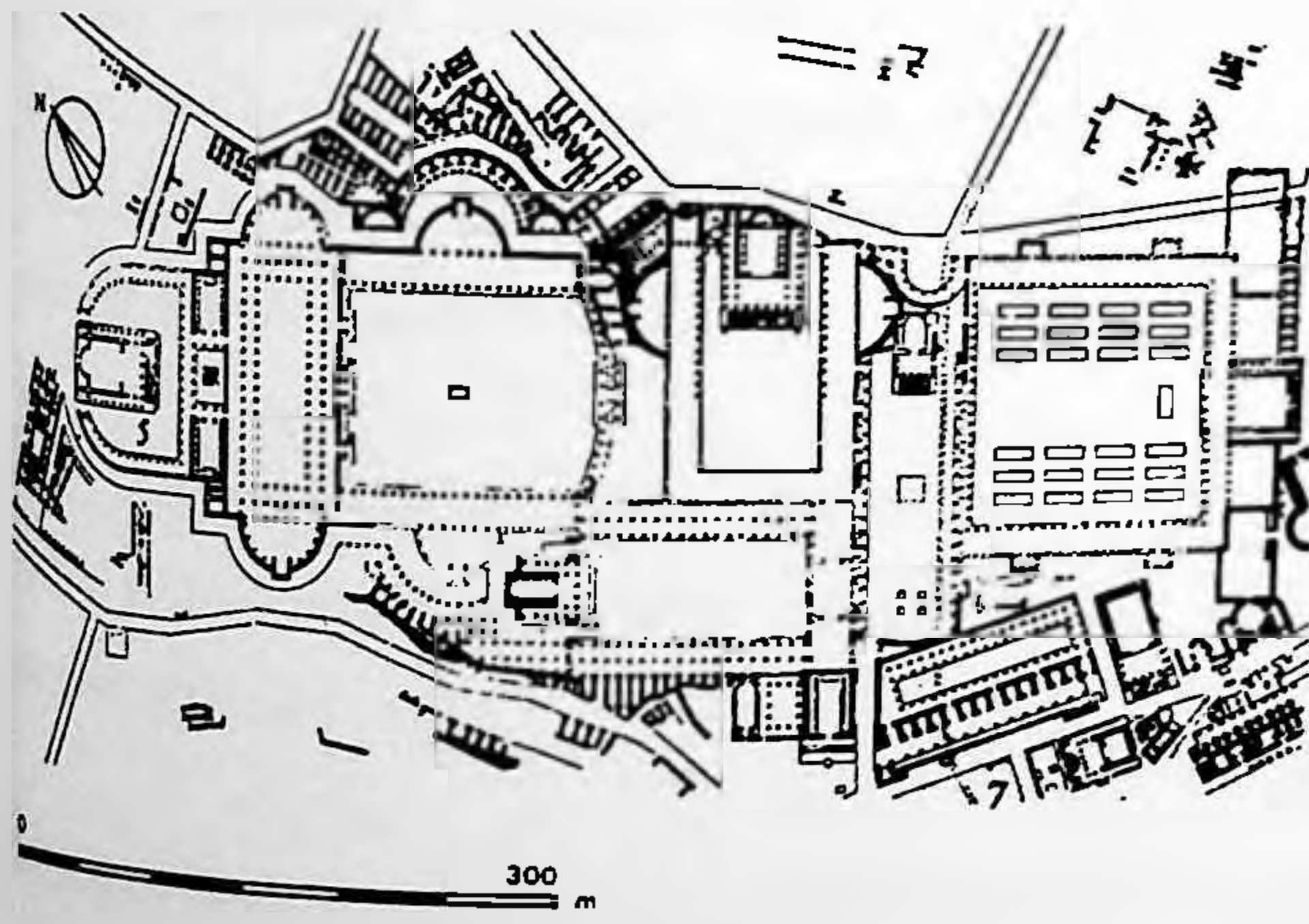


AA ... MUROS PRE-HELLENICOS
 BB ... MUROS DE CLAUDIO
 CC ... MUROS BYZANTINOS E MEDIEVALES
 DD ... MUROS ACTUALES

Acrópole e Partenon



Foro Romano e Templo dedicado a Marte



da. Outro exemplo é o Foro Romano, um sítio central de encontros e trocas que foi gradativamente dando lugar a espaços públicos²¹¹ entre os quais templos para se entrar em contato com o divino.

As cidades medievais na Europa eram verdadeiras feiras²¹² e os mercadores patrocinadores da construção das grandes catedrais. Também as cidades islâmicas podem ser vistas como grandes mercados (bazaar) que se embaralham com mesquitas e minaretes.

As atividades da Igreja Cristã muitas vezes se confundiram com as mercantis. Venda de indulgências, pagamento de promessas, o valor da fé sendo medido pelas riquezas são de certa forma presentes até os dias de hoje..

Diante da constatação dessa ligação contínua, o processo de projeto assumiu essa vizinhança vibrante dos templos e dos mercadores, tratando ambos com o mesmo cuidado, procurando mesmo enfatizar seu entrelaçamento.

Um exemplo panteísta para os novos tempos - convocação para que as Religiões reassumam seu papel

A idéia de pátios contíguos com templos sucessivos

adotada no projeto aqui apresentado é tributária da cidade de Fatehpur Sikri, construída próximo ao rio Jamuna (afluente do rio Ganges na Índia) sob o imperador islâmico Akbar. Este imperador, tolerante no que diz respeito à convivência entre as várias religiões, chamou representantes dos budistas, dos hinduístas, jainistas e mesmo jesuítas para viverem junto de mestres muçulmanos na sua corte trasladada no século XVI para Fatehpur Sikri²¹³. Ali eram promovidos constantemente debates teológicos entre os mestres religiosos. Um exemplo precioso de convívio entre religiões diversas. A cidade abandonada posteriormente possui uma grande mesquita aberta, inúmeros pátios para meditação e espaços para mercadores.

Também é motor da idéia panteísta base do projeto a constatação de que todas as Tradições são variações de uma mesma Verdade Primordial e portanto passíveis de terem espaços sagrados e ritos compostos de maneira a valorizar especificidades simultaneamente à perspectiva de que há uma Unidade que todos contém.

É um chamado para a troca entre as Religiões que devem reassumir seu papel de diálogo com as questões existenciais e abandonar divergências contingentes.



Implantação parcial da cidade de Fatehpur Sikri

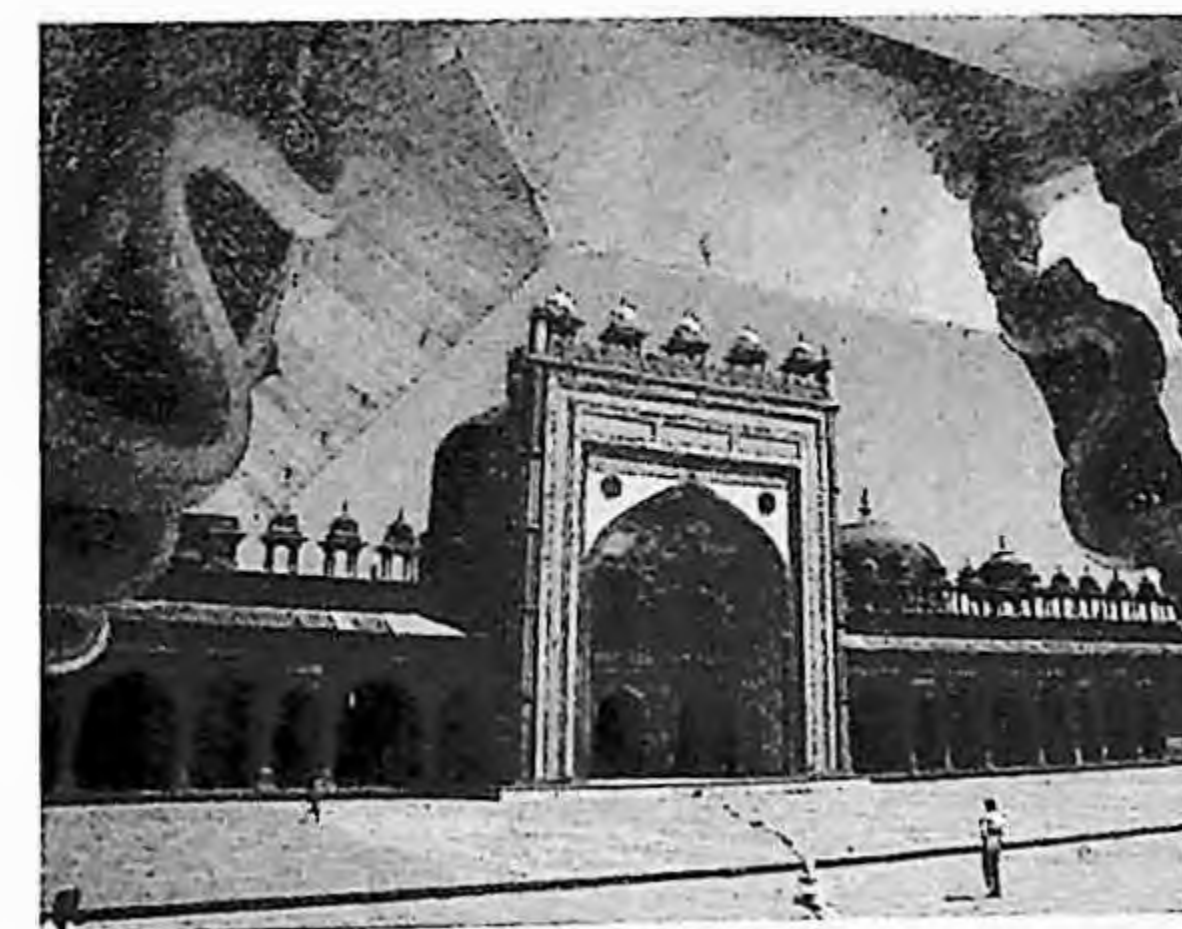


Imagem da mesquita de Fatehpur Sikri

211 Rossi, Aldo *A arquitetura da cidade* Martins Fontes São Paulo 1998 pág. 173

212 Braudel, Fernand *Civilization matérielle, Economie e Capitalisme Xe - XVIIIe siècle* Librairie Armand Colin Paris 1979

213 Koch, Ebba *Mughal Architecture* Prestel Munich 1991



Nossa Senhora da Paz

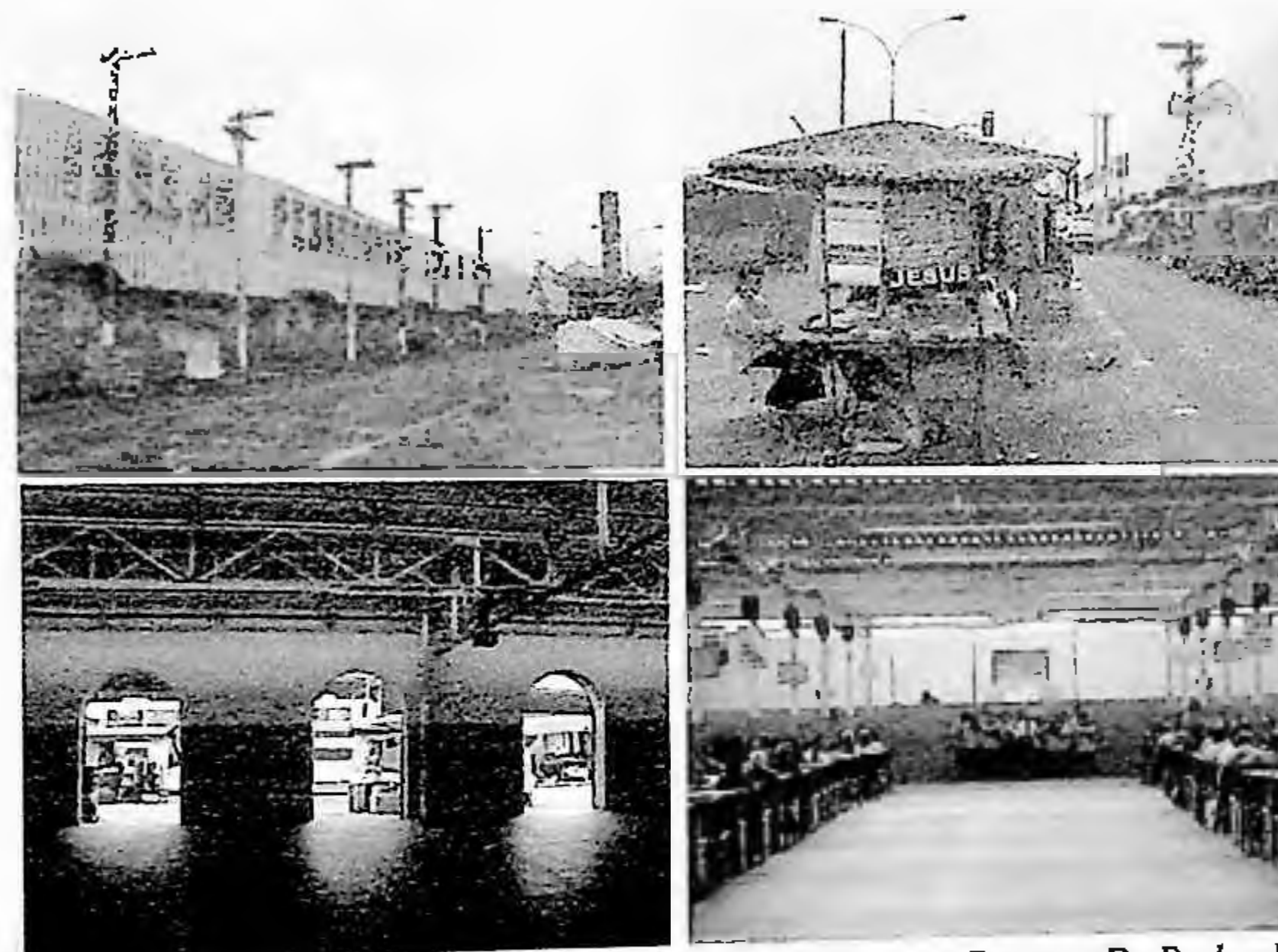
*Templos no entorno do Centro Tradicional de São Paulo
(fotos Marcos Freire)*



Templo evangélico na rua das Flores



Bom Jesus do Brás



Templo evangélico no Parque D. Pedro II



Mesquita na Av. do Estado



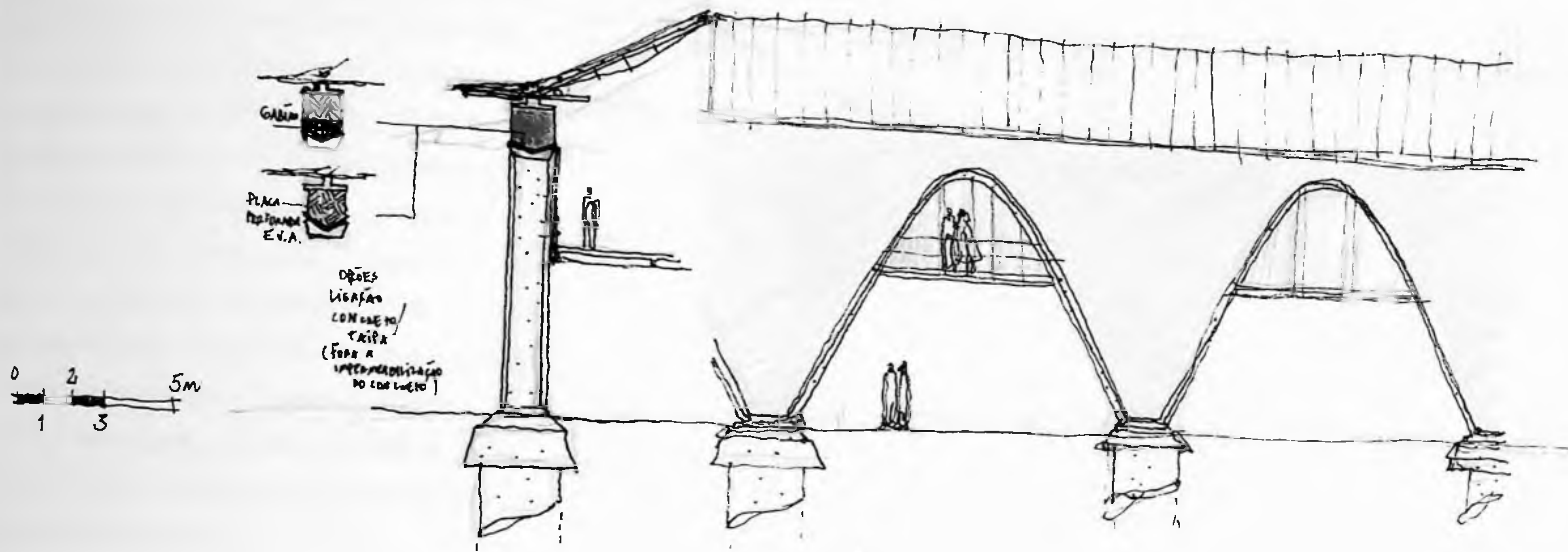
Nossa Senhora

São Vito



*Templo evangélico
na rua do Carmo*





A terra como material na reconstrução do Centro Tradicional de São Paulo

A terra crua é um material amplamente utilizado antes dos materiais industrializados e há uma continuidade na sua utilização em construções até os dias de hoje já que a industrialização e centralização da produção não atingiu diretamente grande parte do planeta, verdadeira lembrança de que o processo promove exclusão.

Uma atualização da arquitetura com terra seria uma crítica à arquitetura do material centralizado,

da produção hegemônica. A terra é um material abundante, reciclável e a produção de edificações que a utilizam é sinônimo de produção participativa e de baixo impacto ambiental. Assim, a questão do fazer na obra e a perspectiva de menor exigência de produção energética são pontos favoráveis no movimento de revalorização desse material numa construção que, cada vez mais, se debate com as reflexões da ecologia.

Dentre as técnicas de utilização da terra crua na construção, optou-se em princípio pela taipa de pilão, técnica milenar que tem como 'epicentro' o

Mediterrâneo. Uma das chaves para a atualização da taipa está no estudo do nosso patrimônio arquitetural, verdadeira memória prática da arquitetura.

Ao se aprofundar no estudo de exemplos da arquitetura antiga entre nós, percebe-se que nunca houve a busca do material único. O uso e a manutenção sistemática promovem atualizações e reparações distantes do moralismo do movimento moderno, com uma 'falta de pudor' em relação ao uso combinado de técnicas e tecnologias. A construção tradicional com terra é uma postura não modernista do fazer e há conhecimentos tradicionais relativos às técnicas que é preciso recuperar.

Os portugueses, na formação de um Império ultramarino, elegeram a taipa como sistema construtivo para seus primeiros estabelecimentos nas costas brasileira e africana. Sabe-se que as muralhas que protegiam a cidade de Salvador foram executadas em taipa.

Os paulistas, longe do litoral onde havia pedra e cal, assentaram-se em construções de taipa, tendo jesuítas e colonos construído suas edificações com essa técnica. Até recentemente, havia os famosos taapeiros de Mogi, sinal da persistência na adoção dessa técnica no 'País dos Paulistas'.

O governo de Morgado de Mateus promoveu no setecentos uma reorganização da economia paulista,

numa estratégia político-militar e econômica que contou com a fundação de cidades e maior frequência na atuação de engenheiros militares em fortificações, igrejas etc e que possivelmente influenciaram partidos adotados para vários usos, promovendo certas tecnologias. A taipa esteve presente nesse momento de revitalização da antiga Capitania de São Vicente - basta ver a arquitetura em São Luís de Paraitinga, cidade fundada e construída sob o Morgado de Mateus, pressão no sentido de ampliar o controle na fronteira agrícola.

No fim do século XIX, a prefeitura de São Paulo impõe o 'fim da taipa' exigindo a demolição de algumas construções com essa técnica e dificultando legalmente as novas. Há uma 'europeização' da construção, desde o sistema de trabalho até os novos materiais. É a adoção de um modelo europeu atualizado, a produção industrial destronando os materiais e técnicas sedimentadas localmente.

O desafio da recuperação de materiais como a terra é o de atualizar materiais e processos tradicionais num projeto contemporâneo; buscar não só um equilíbrio formal mas também o prazer no trabalho. Transcender a situação atual já que enquanto houver dominadores e dominados, somos todos escravos dessa situação.

A terra crua parece permitir uma nova linguagem para o mundo que se está formando, sem a idéia de imposição.

Há questões técnicas como as que se referem às fôrmas para compactação da terra, o uso no Brasil de alicerces em taipa, espessuras mínimas, esquemas de madeiramento das fôrmas, juntas nas taipas, estruturas de beirais que absorvem empuxos oblíquos, problemas como o difícil controle de prumo e a dificuldade da taipa em aceitar agregados. Apesar de consciente dessas questões, o projeto aqui apresentado é ainda preliminar.

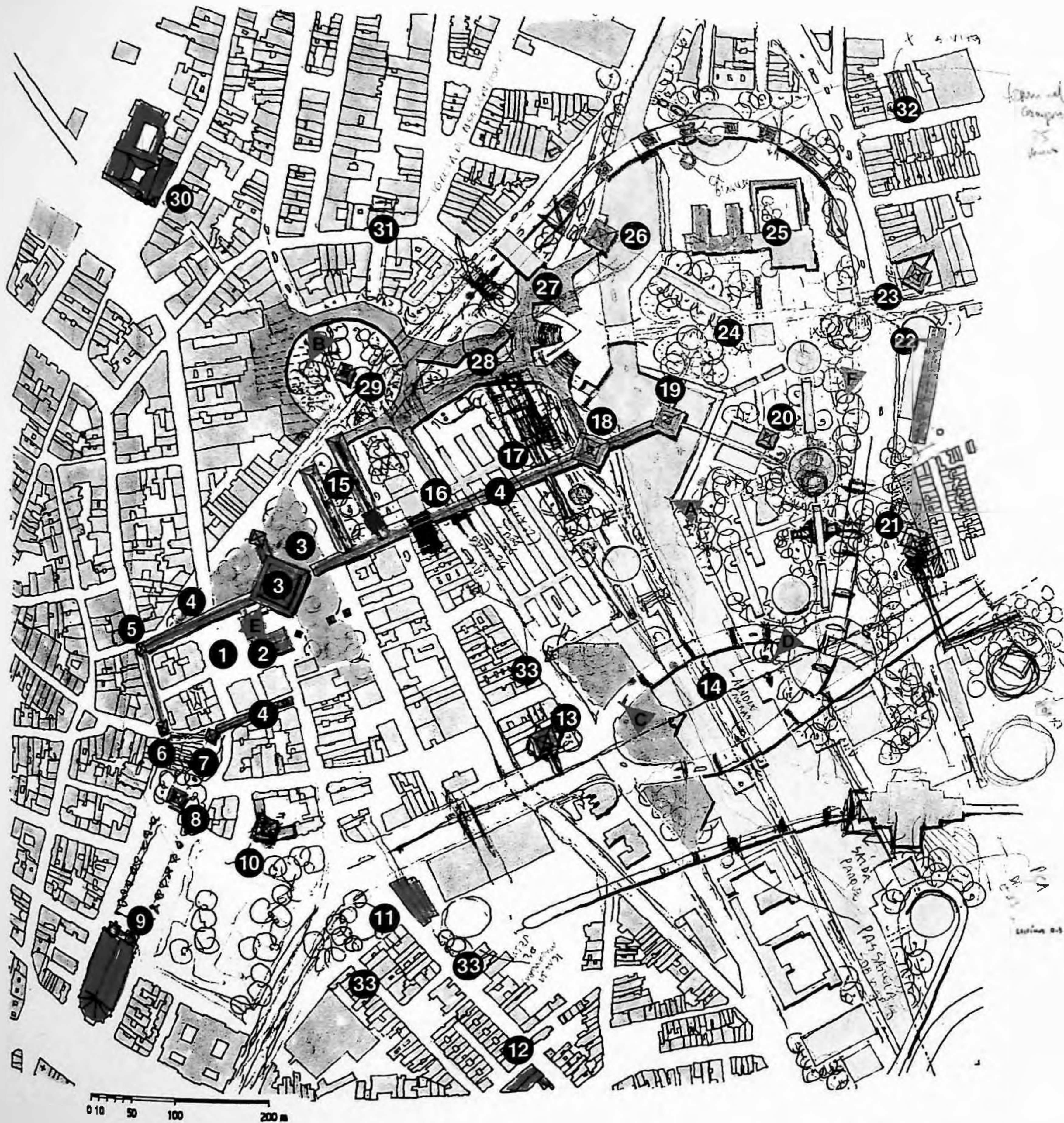
Na adoção da terra crua em construções, é básico evitar a água. A superfície das edificações em terra são porosas e atraem umidade que pode danificá-las. Há que se conhecer a composição da terra que se quer utilizar: há métodos tradicionais em que o manuseio da terra já identifica trata-se ou não de um bom material para construção e há os testes científicos em que uma precisão maior no diagnóstico é alcançada, testes de difração de raio X e o raio X de fluorescência, que identificam a constituição do material analisado. A adição de estabilizantes como CaO, estabilizantes orgânicos e cimento Portland, pode diminuir a sensibilidade à água.

A parede relíquia no atual Pátio do Colégio, restos

de muro externo da construção jesuítica inicial, em taipa de pilão, foi fechada como num aquário para sua proteção. A parede, fechada, funciona como uma esponja devido ao calor e à impermeabilização generalizada do solo da colina. Aquecidíssima e seca, a parede de taipa 'puxa' a água, ocasionando um efeito contrário ao desejado (de proteção contra a umidade) - ela mesma provoca vapor (quase uma chuva) interna a esse 'aquário' já que é 'sorvedouro' de toda a água interna da colina.

A proposição para o entorno do Pátio do Colégio aqui apresentada também procura, portanto, investigar a possibilidade de utilização da taipa de pilão como sistema construtivo. As primeiras construções dos jesuítas na Bacia do alto Tietê foram de madeira e palha, por vezes de taipa de sopapo; ainda no quinhentos, o colégio e a igreja na colina a cavaleiro do rio Tamanduateí foram refeitos em taipa de pilão, técnica que foi repetidas vezes utilizada pelos jesuítas em suas principais construções no Brasil dos primeiros séculos. O exercício de se pensar a utilização da terra crua como material no entorno do Pátio do Colégio é, portanto, parte do esforço de resgate, de recuperação e atualização do organismo jesuítico inicial.

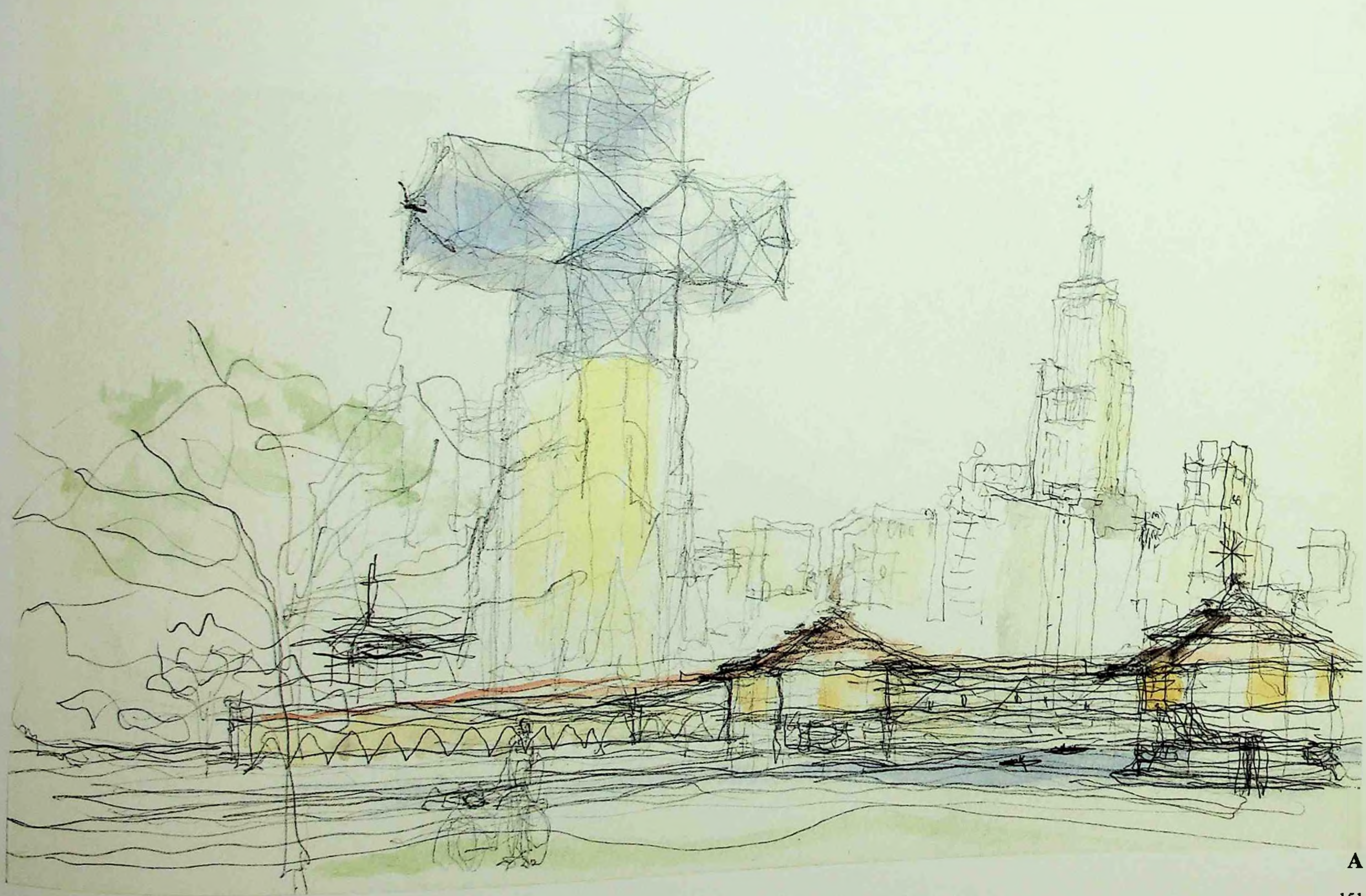




- 1 Pátio do Colégio
- 2 Reconstrução da igreja e colégio jesuítcos
- 3 Templo Principal proposto (ecumênico)
- 4 Passagens propostas com comércio
- 5 Templo proposto
- 6 Templo proposto
- 7 Templo proposto no lugar da antiga S. Pedro dos Clérigos
- 8 Altar externo Sé proposto - no lugar da antiga Sé
- 9 Catedral da Sé
- 10 Edifício proposto com templos, retiro de Santa Teresa, pátio de meditação
- 11 Ordem 3a Carmo
- 12 Boa Morte
- 13 Edifício proposto com templo no topo
- 14 Ponte para pedestres proposta
- 15 mercado reproposto
- 16 Cruzeiro/ Templo proposto
- 17 Estação intermodal
- 18 Templo proposto
- 19 Templo proposto
- 20 Templo proposto
- 21 Templo proposto
- 22 Gasômetro
- 23 Templo proposto
- 24 Parque D. Pedro II com espelhos d'água propostos
- 25 Prefeitura
- 26 Templo proposto
- 27 Secretarias propostas
- 28 Marquise proposta
- 29 Templo proposto
- 30 São Bento
- 31 Nossa Senhora
- 32 São Vito
- 33 Templos evangélicos existentes

Desenhos nas páginas a seguir:

- A vista do Cruzeiro proposto
- B vista do templo principal proposto (ecumênico)
- C vista do Cruzeiro proposto
- D vista da ponte de pedestres proposta
- E vista através do templo principal proposto (ecumênico)
- F vista do parque com espelhos d'água propostos



A

151





C



D



TARA

CANTAGUELA

E

155



VIADUTO

ALVA

FIGUEIRAS
(FICUS)
JUNIO A PUA DA
FIGUEIRA

F

Conclusão

O Pátio do Colégio deve ser entendido como a forma recente do Centro Tradicional paulistano, abafado pela Modernidade que privilegiou centros outros, aparentemente mais dinâmicos, em pontos diferentes da metrópole.

A afirmação acima se apoia no fato de o Centro paulistano ter sido instituído como um diálogo entre a Tradição européia e a Tradição ameríndia.

A posição da borda oriental da colina central em relação ao nascer do sol e em relação às águas vizinhas e à Bacia do alto Tietê como um todo - seus

limites e suas condições típicas - reforçam a hipótese de ser um sítio escolhido a partir de revelação e modelos tradicionais.

A igreja inicial, de certa maneira ainda visível em algumas relações da atual construção que pretendeu sua reconstituição, confirma a orientação ritual e tradicional W-E, sendo seu altar voltado para o nascente.

A gradual secularização do Centro Tradicional, sua transformação em adro da vila e posteriormente em Centro de Poder com a localização ali do Palácio

do Governo da Província depois Estado, reforçam a existência de um valor profundo naquele lugar. Era ali o Centro administrativo do Estado na virada do século XIX para o XX e é apenas a partir do fim da década de 1910 que o Centro Tradicional passa a ser tratado como um lugar indiferenciado. Contrário ao abandono daquele sítio como Centro político é o projeto elaborado por Prestes Maia da década de 1930 que procura um novo desenho, uma nova escala, para o centro político paulistano, mas o antigo adro da vila já havia sido preterido em nome de outros sítios.

Descoberta a antiga parede de taipa durante a demolição do Palácio, a vontade de recuperar as

origens paulistanas reinaugura, por mais que conflituosamente, as funções religiosas naquele que passa a se chamar então Pátio do Colégio - a partir da década de 1950 (mais efetivamente a partir da década de 1970) a igreja e o colégio/residência são reconstruídos apesar da posição contrária de órgãos oficiais de preservação do patrimônio.

Uma leitura dos símbolos ali presentes nos faz pensar em um lugar que não tem sido interpretado adequadamente. Trata-se de uma ocupação pouco consciente de suas possibilidades.

A ligação física entre caminhos que cruzam a Bacia do alto Tietê e a ligação tradicional entre a Terra e o Céu, ou entre as vicissitudes da existên-



Caminho desde a escadaria junto ao Solar da Marquesa até a porta da Igreja do Colégio



cia e a Unidade que tudo contém, precisam ser recuperadas para que possa fluir o Centro Tradicional paulistano, que empresta sua carga simbólica para todo o Centro Velho, cuja reativação ou 'renascimento' seria capital para a compreensão do sentido da metrópole. Somente será possível avançar quando as raízes paulistanas estiverem novamente explicitadas.

A dimensão simbólica surge como essencial para a leitura do Centro paulistano e o projeto como um importante instrumento para se relacionar com o sentido profundo expresso nos símbolos.

Há que se relacionar com os aspectos simbólicos do Centro paulistano para recuperar suas possibilidades.

Projeto como exercício simbólico - há um simbólico criado para cada momento - a crítica ao exercício simbólico 'puro' - a perspectiva de um 'simbolismo laico'

O Centro Tradicional de São Paulo foi aqui objeto de uma indagação de projeto e de um empenho analítico para a verificação do existente.

Foi de um lado compreendido como lugar em que se sedimentaram várias adaptações espaciais e símbolos condizentes e de outro lado pressentido

como suporte potencial para a atualização de símbolos profundamente enraizados, ou seja, um lugar potencialmente importante no processo de 'Renascimento' do Centro paulistano.

O *Projeto* aparece aqui como um importante instrumento, utilizado para encontrar os significados profundos do *lugar* e que, portanto, possibilita a apreensão de seus aspectos simbólicos.

Manifestação da Vontade Humana, a arquitetura é, portanto, simbólica já que como vimos o símbolo é a representação das motivações humanas essenciais: o projeto que investiga a arquitetura encerra, assim, um exercício simbólico.

No decorrer do presente trabalho, pudemos ver que os símbolos são continuamente transformados sem que seu significado profundo se perca e que cada época recria seus símbolos a partir de contingências e especificidades. Exercício simbólico, o projeto deverá ir ao encontro com as motivações essenciais do sítio investigado e só assim será plena a arquitetura.

Houve durante o processo de projeto aqui empreendido, uma forte reação no que diz respeito à atitude explicitamente simbólica adotada. Apontou-se para o risco da possível unilateralidade de certos símbolos, algo que inviabilizaria a idéia panteísta pre-



Edifícios nos limites do atual Pátio do Colégio

tendida. O Panteísmo foi entendido como impossível dado o ódio latente entre as Religiões e houve também a pressão no sentido da adoção de símbolos 'laicos'. A configuração do largo do Palácio com os projetos de Ramos de Azevedo - o vazio no lugar da antiga igreja jesuítica e a escala harmoniosa dos edifícios públicos com seus símbolos derivados da leitura renascentista da arquitetura greco-romana - talvez tenha sido uma representação 'laica' daquele lugar e que estaria mais de acordo com a concepção acima referida.

Há, no entanto, a persistência da função religiosa no Centro e um movimento importante de recuperação de ritos e imagens que faz pensar em uma superação do, por assim dizer, abrandamento simbólico promovido pelo Iluminismo.

A extrema contradição presente na cidade de São

Paulo, onde o precário e o 'bem acabado' convivem sem mediação, parece promover atitudes muito explícitas e nada atenuadas.

O processo de projeto aqui apresentado pressentiu a necessidade de uma atitude com forte e explícita carga simbólica para viabilizar o reencontro com os significados profundos do Centro paulistano.

Necessidade do projeto específico e local para se situar no mundo que ficou mais próximo - as especificidades face a esse projeto; a recuperação das Tradições.

A investigação empreendida no presente trabalho teve o objetivo de identificar significados profundos do Centro Tradicional de São Paulo através dos símbolos (nas formas) que ali se realizaram já

que indicativos das especificidades locais. Para tanto, procurou as Tradições locais que foram deixadas de lado pela Modernidade e promoveu um esforço de recuperação de fios rompidos.

Num mundo que se tornou mais próximo com a circulação vertiginosa das informações, passam a ser importantes as características locais sem as quais não se sobrevive face à homogeneização de ritmo galopante. As resistências passaram a ser consideradas favoráveis e não mais obstáculos incômodos como eram vistos pelo avanço da Modernidade.

Nesse sentido, o processo de projeto empreendido procurou recuperar relações espaciais abandonadas e relacionar-se com todas as manifestações presentes no entorno do Centro Tradicional, algo que se concluiu fundamental e base para qualquer projeto para aquele lugar tão aviltado por atitudes desconexas.

Projeto como conhecimento ativo; Possibilidade vs. Atualidade

Como arquitetos, trabalhamos propositivamente - somos 'propositivos'. Também trabalhamos com as determinações, mas na medida em que estas se

apresentam importantes no processo sensível da proposição, fazendo com que incida a redução lógica e analítica no momento logo subsequente à proposição, tendo em vista a máxima expressão da proposição e a criação de uma dialética consistente entre o possível e o atual e sua dinâmica.

Assim, o projeto tem o papel de *cabeça* no processo que se instaura - as análises das determinações e a verificação daquilo que existe são geradas pelo projeto.

Ao antever as possibilidades, analisamos questões que surgem. Não somos, porém, especialistas nessas questões em que passa a se apoiar o projeto, mas delas nos nutrimos, utilizando tudo aquilo de mais atual e consistente elaborado a propósito.

Não podemos deixar que o raciocínio sobre as determinações subjogue o projeto já que, como se pode depreender da leitura de Bergson²¹⁴, o *possível* é maior que o *atual*, nossa percepção é uma redução da possibilidade do espírito, do possível. Prendendo-se apenas às determinações, estaremos cegos quanto às possibilidades.

Pretende-se que o projeto caminhe no sentido de tornar-se decorrência da apreensão de um desenho urbano nascido do encontro de proposta e análise. Através do projeto, recuperamos uma *presença*

214 Bergson, Henri *Matière et Mémoire* Presses Universitaires de France Paris 1959 (ver pág.199)

concreta - realidade por vezes de difícil apreensão já que velada - e também *modelos originais*, intenções presentes na origem de certo lugar. Em outras palavras, com o projeto desvelamos o *genius loci* a que nos referimos anteriormente.

As análises fazem parte da busca de modelos originais e da presença concreta (as idéias e suas consequências). O projeto, no entanto, não é decorrência dessas análises: ele não se apresenta diretamente - há, dele, vestígios na memória mas há, no seu processo, uma atualização: assumindo o que é presente, o projeto lhe infunde o que é sua dimensão original, seu desígnio.

Entendendo assim o projeto, percebemos na arquitetura a vontade de manter visível algo transcendente. Como nos diz Hegel, em sua reflexão sobre a Estética, '(...) o conteúdo da arte compreende todo o conteúdo da alma e do espírito, (...) o fim dela consiste em revelar à alma tudo o que a alma contém de essencial, de grande, de sublime, de respeitos, a experiência da vida real, transportando-nos a situações que a nossa existência pessoal não nos proporciona nem proporcionará jamais, situações de pessoas que ela representa, e assim, graças à nossa participação no que acontece a essas pessoas, ficamos mais aptos a sentir, em

pôr ao alcance da intuição, o que existe no espírito do homem, a verdade que o homem guarda no seu espírito, o que revolve o peito e agita o espírito humano. Isso é o que compete à arte representar, e ela o faz mediante a aparência que, como tal, nos é indiferente desde o momento em que sirva para acordar em nós o sentimento e a consciência de algo mais elevado.'²¹⁵ Mais adiante, lembra-nos de que 'a primeira realização da arte é representada pela *arquitetura* (...):

Consiste a missão da arquitetura em conferir à natureza inorgânica transformações que, devido à magia da arte, a aproximam do espírito.

(...) cumpre a sua missão trabalhando a natureza objetiva e procurando arrancá-la aos matagais da finitude e às disformidades do accidental. Prepara a vida que deve conduzir a Deus, ergue-lhe templos, cria-lhe espaço, limpa o terreno, elabora e apronta os materiais exteriores, para que eles deixem de ser exteriores, para que o mostrem, fiquem aptos a exprimi-lo, capazes e dignos de o receber. (...)

Noutros termos: graças à arquitetura, o inorgânico mundo exterior é sujeito a uma purificação, é ordenado segundo as regras da simetria, aproxima-se do espírito, e o templo de Deus, a casa da sua comunidade, ergue-se acabado.'²¹⁶

215 Hegel, G.W.F. *O Belo na Arte* Martins Fontes São Paulo 1996 pág. 32
216 *Ibid.*, pág. 107-8



Proposição interpretativa do renascimento do Centro - o que é renascimento: só renasce o que é espiritual, os valores, as significações.

Há atualmente um esforço no sentido de fazer 'renascer' o Centro de São Paulo, sendo que a discussão dos possíveis aspectos orgânico-funcionais a serem enfatizados tem sido frequente em todos os meios de comunicação - especialmente nos jornais.

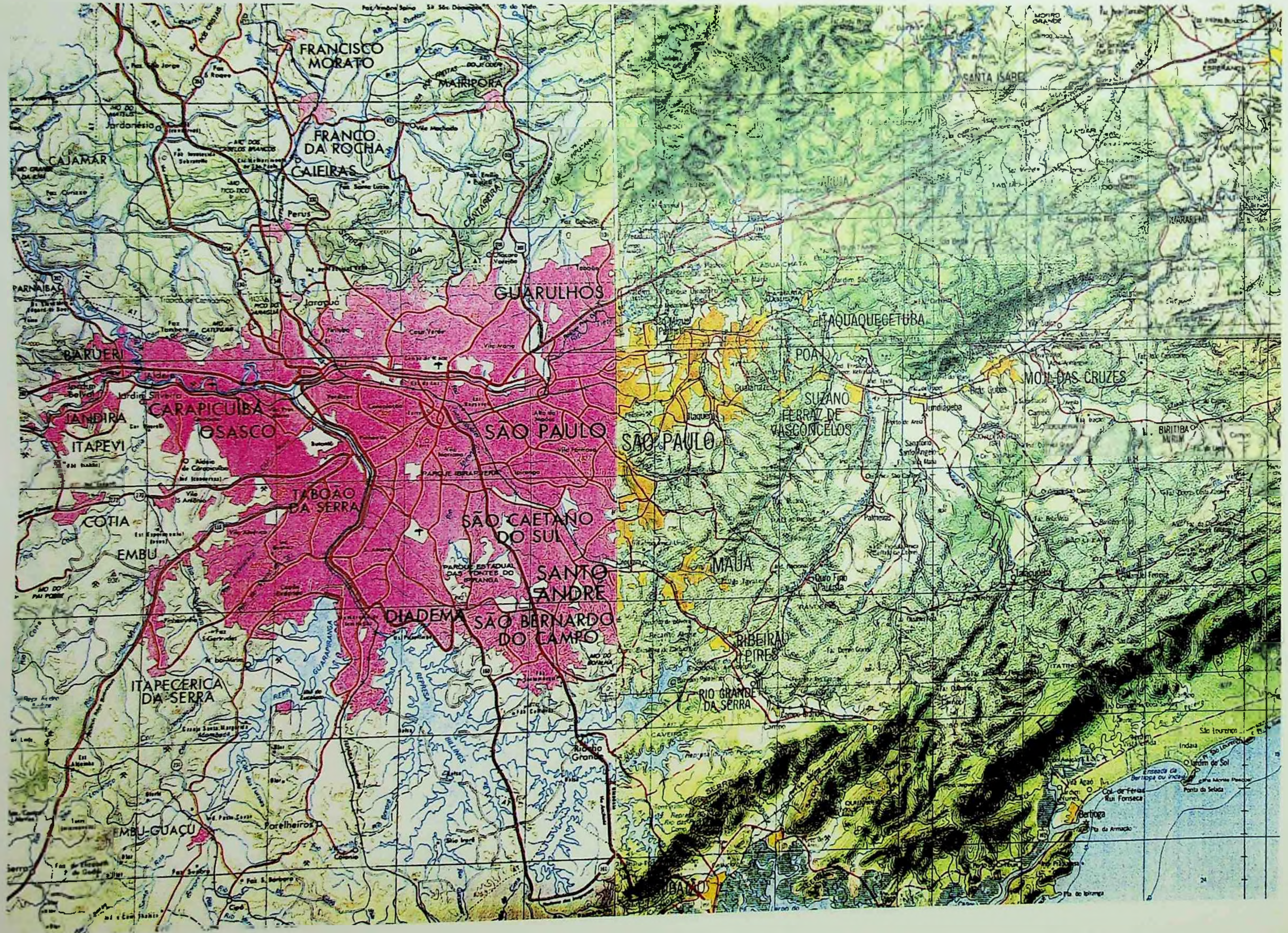
O presente trabalho pretende contribuir para que se compreenda a única possibilidade de renascimento que é a de se atualizar significados profundos, recriando símbolos que são motivações essenciais desse movimento que chamamos São Paulo.

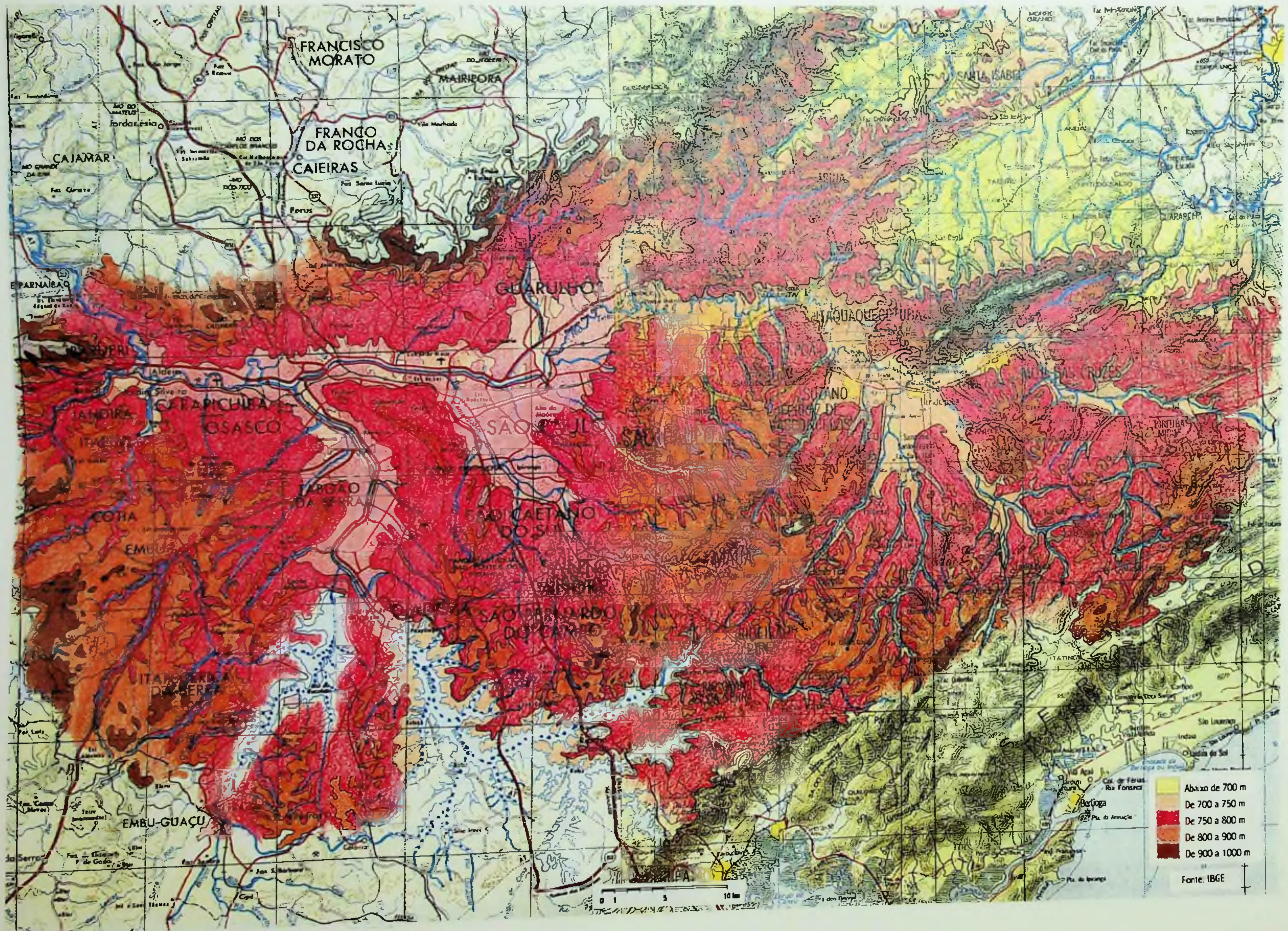
Em poucas palavras, espera-se que seu sentido de *diálogo da existência com sua transcendência* seja considerado nas atitudes projetuais que se assumir daqui em diante para o Centro paulistano.

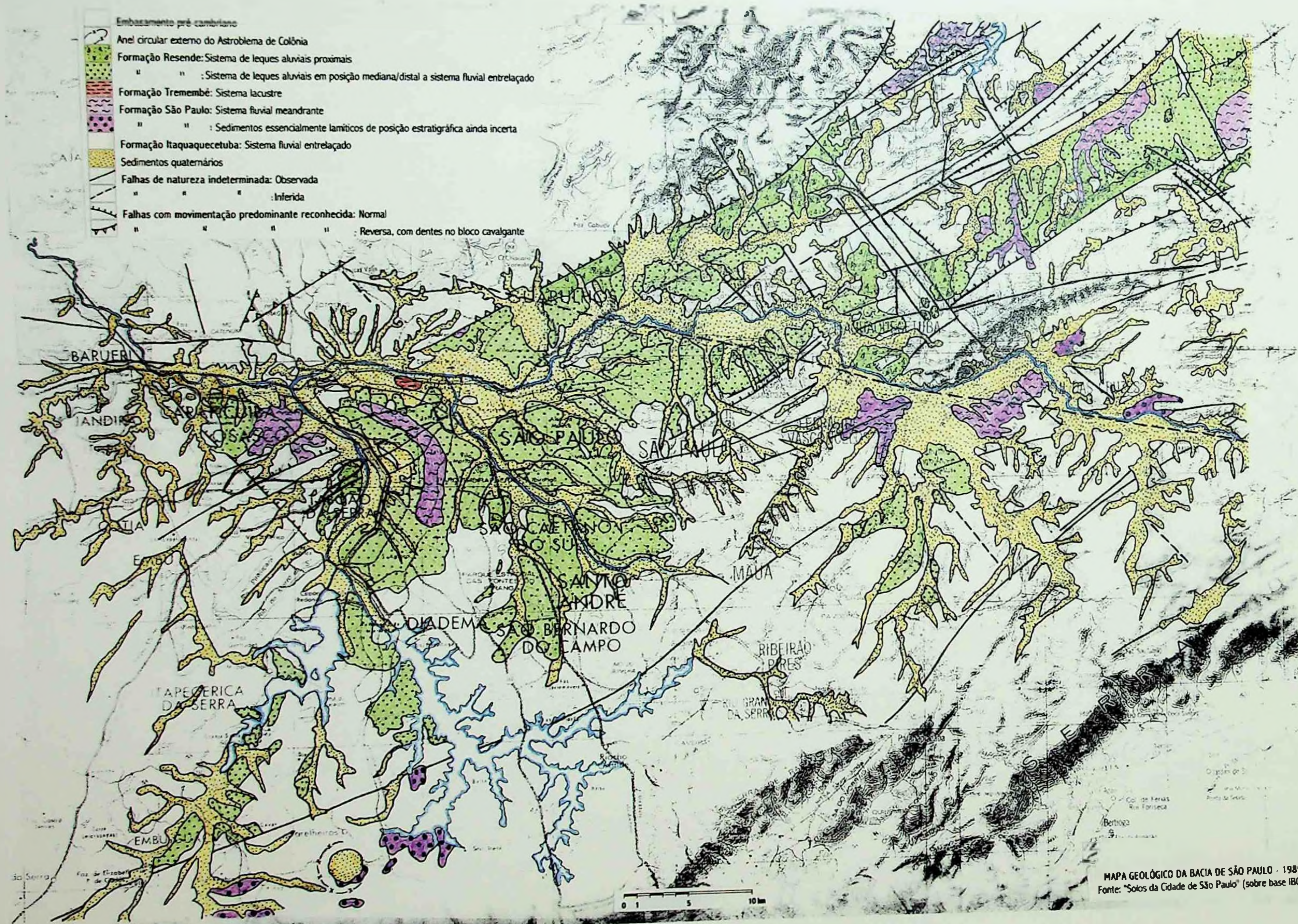
Anexos

Mapas produzidos durante o trabalho

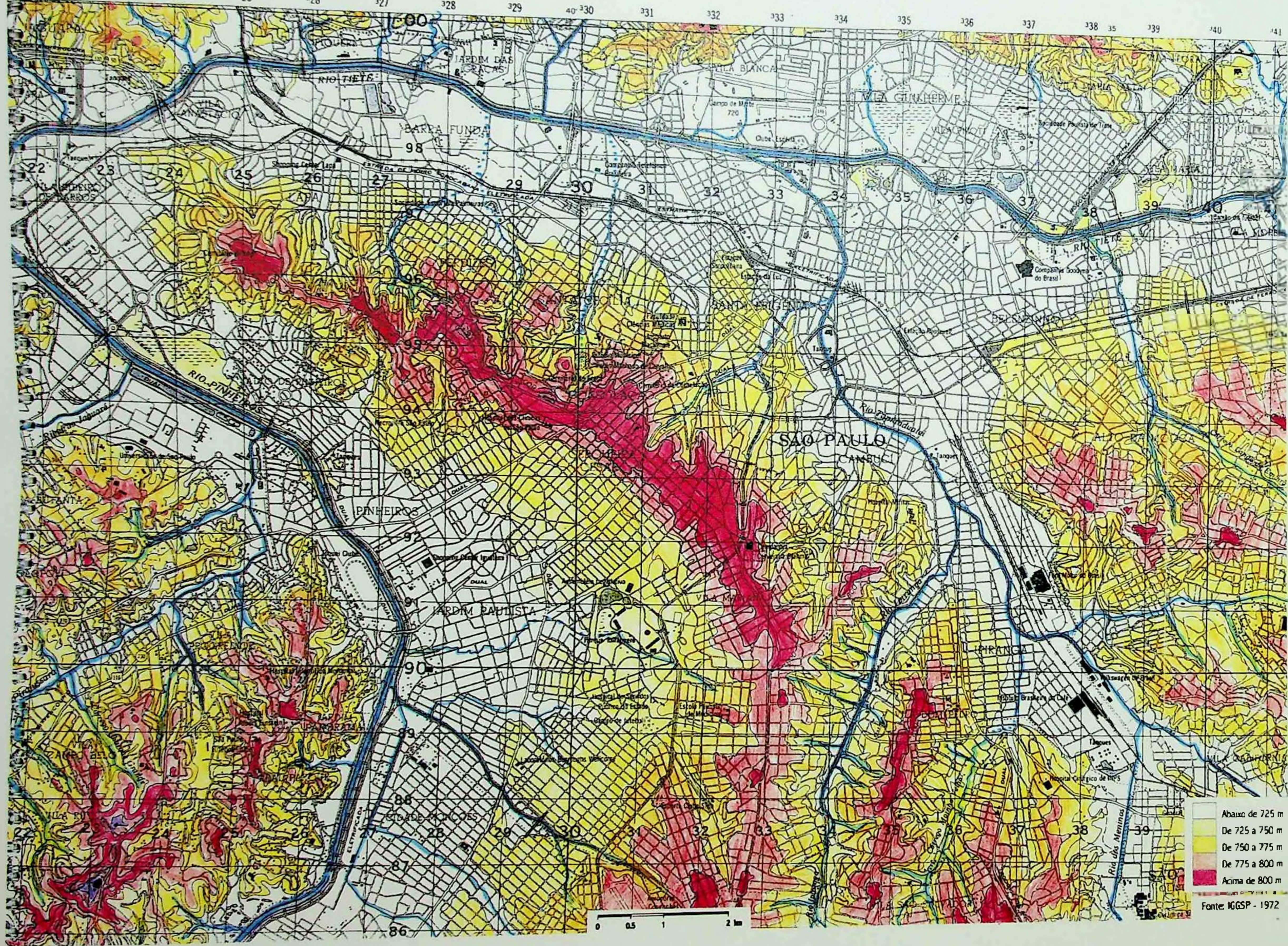
<i>mapa 1 - originalmente 1:250.000 - IBGE Bacia de São Paulo</i>	<i>página 165</i>
<i>mapa 2 - originalmente 1:250.000 - Relevo da Bacia sobre base IBGE</i>	<i>página 166</i>
<i>mapa 3 - originalmente 1:250.000 - Mapa Geológico da Bacia sobre base IBGE</i>	<i>página 167</i>
<i>mapa 4 - originalmente 1:50.000 - área central da Bacia de São Paulo 1980</i>	<i>página 168</i>
<i>mapa 5 - originalmente 1:10.000 - centro da cidade de São Paulo</i>	<i>página 169</i>



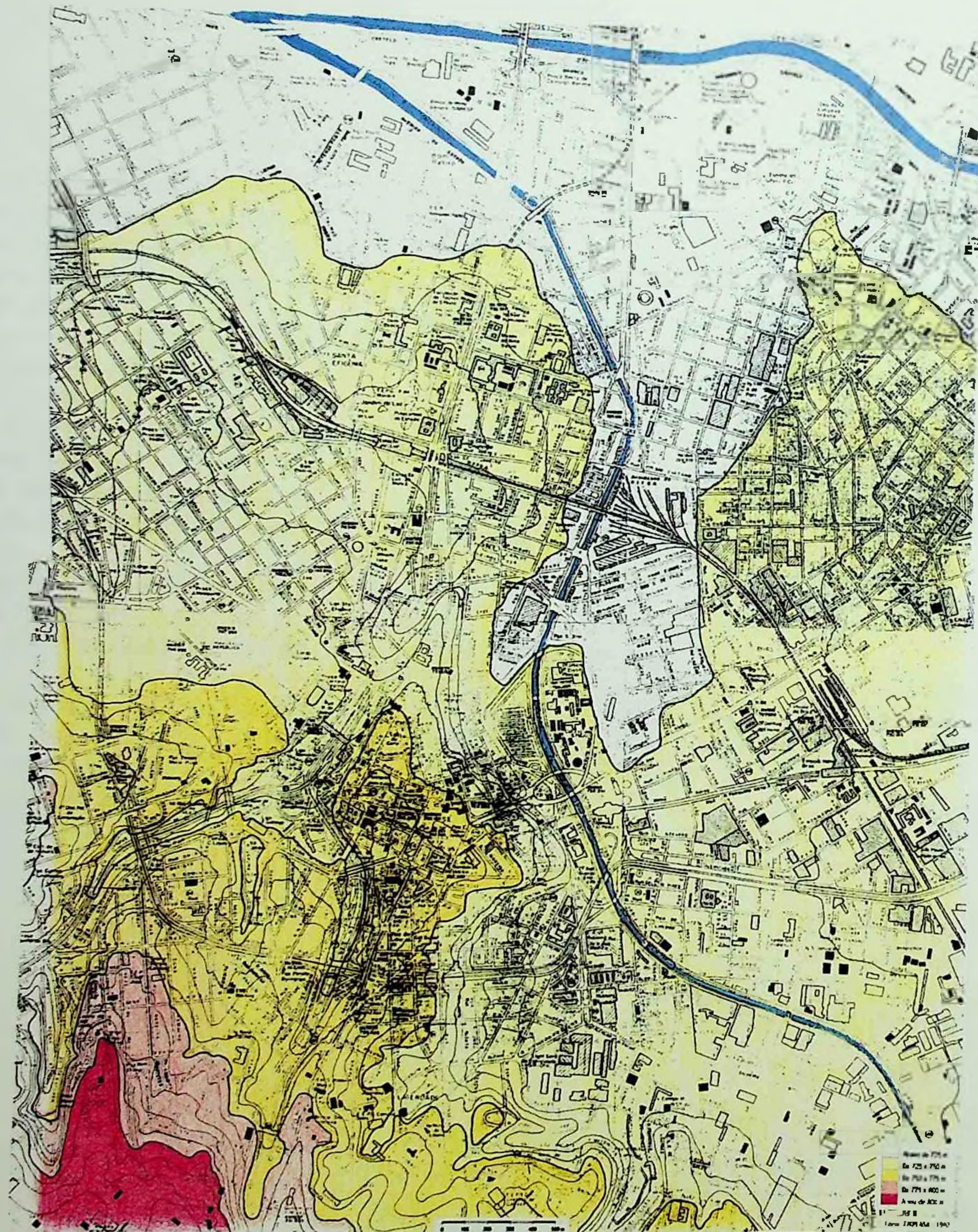




MAPA GEOLÓGICO DA BACIA DE SÃO PAULO - 1989
 Fonte: "Solos da Cidade de São Paulo" (sobre base IBGE)



Abaixo de 725 m
De 725 a 750 m
De 750 a 775 m
De 775 a 800 m
Acima de 800 m
Fonte: IGGSP - 1972



Bibliografia

- Ab'Saber, Aziz *Geomorfologia do sítio urbano de São Paulo* boletim 219 Geografia 12 FFCL/USP São Paulo 1957
- Alho, Getúlio *Três casas indígenas* dissertação de mestrado UnB 1985 (cópia mimeografada pertencente à Biblioteca da FAUUSP Pós Graduação).
- Amadio, Décio *Alguma coisa acontece... Uma investigação sobre o Centro de São Paulo* dissertação de mestrado FAUUSP 1998 or. Adilson C. Macedo
- Anchieta, José de *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões* Editora Itatiaia Ltda 1988
- Andrade, Antônio Luiz Dias de *Um estado que pode jamais ter existido* tese de doutorado orientador Prof. Dr Carlos A C Lemos FAUUSP 1993
- Arantes, Otilia *O lugar da arquitetura depois dos modernos* EDUSP/Studio Nobel São Paulo 1993
- Arroyo, Leonardo *Igrejas de São Paulo* José Olympio ed. Rio de Janeiro 1954
- Artigas, João Vilanova *Caminhos da arquitetura* Ed. Pini Fundação Vilanova Artigas São Paulo 1986
- Artigas, Vilanova - *arquitetos brasileiros* Instituto Lina Bo e P. M. Bardi e Fundação Vilanova Artigas São Paulo 1997
- Associação Viva o Centro *Propostas e compromissos* São Paulo 1996
- Bardi, Lina Bo org. Marcelo Carvalho Ferraz Empresa das Artes São Paulo 1993
- Bellotto, Heloísa Liberalli *Autoridade e Conflito no Brasil colonial: o Governo de Morgado de Mateus em São Paulo* São Paulo Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas 1979
- Bergson, Henri *Matière et Mémoire* Presses Universitaires de France Paris 1959
- Berman, Marshall *Tudo que é sólido desmancha no ar* Companhia das Letras 1986
- Boff, Leonardo entrevista à revista *Caros Amigos* no 3 Junho 1997
- Braudel, Fernand *Civilization matérielle, Economie e Capitalisme XVe - XVIIIe siècle* Librairie Armand Colin Paris 1979
- Bruno, Emani da Silva *História e Tradições da Cidade de São Paulo* Livraria José Olympio Editora Rio de Janeiro 1954
- Bueno, Eduardo *Náufragos, Traficantes e Degredados* Ed. Objetiva 1998 Rio de Janeiro
- Burckhardt, Titus *Principes et Méthodes de l'art sacré* Dervy Paris 1976
- Calixto, Benedito *Os primitivos aldeamentos indígenas e indígenas mansos de Itanhaem* revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo v. X São Paulo 1906
- Cândido, Antônio *Os parceiros do Rio Bonito* Duas Cidades 1987
- Características da Educação da Companhia de Jesus* Edições Loyola São Paulo 1991
- Chardin, Teillard de *O fenômeno humano* Editora Cultrix 1986
- COGEP PMSP PR 071 *Páteo do Colégio - projeto de renovação do Páteo do Colégio* coordenação do projeto de Jorge Wilhelm pref. Miguel Colasuonno
- CONDEPHAAT *O sítio urbano original de São Paulo - o Pátio do Colégio* Publicação no 1 São Paulo 1977
- Cunha, Euclides da *Os Sertões* Livraria Francisco Alves Editora Rio de Janeiro 1995
- Cunha, Manuela Carneiro da (org.) *História dos Índios do Brasil* Companhia das Letras 1992 no qual se inclui Fausto, Carlos *Fragmentos de História e Cultura Tupinambá*
- Dean, Warren *A ferro e fogo* Companhia das Letras São Paulo 1996
- Dean, Warren *A industrialização de São Paulo* Ed. Bertrand Rio de Janeiro 1991
- Dick, Maria Vicentina de Paula do Amaral *A dinâmica dos nomes na Cidade de São Paulo 1554-1897* Annablume 1997
- Duby, George e Laclotte, Michel (org.) *História Artística da Europa* Paz e Terra São Paulo 1997

- Durand, Gilbert *Les structures antropologiques de l'imaginaire* Dunod Paris 1984
- Eliade, Mircea *Traité d'histoire des religions* Éditions Payot 1949
- Eliade, Mircea *O sagrado e o profano* Martins Fontes São Paulo 1992
- Fathy, Hassan *Construindo com o povo* Forense Universitária Rio de Janeiro 1982
- Feitosa, Maria José Gomes *A construção do terreiro de Jesus na Bahia* tese de doutorado orientados Prof. Dr Sylvio Barros Sawaya FAUUSP 1992
- Ferreira, Jardel Borges *Dicionário de Geociências* Ouro Preto Fundação Gorceix 1980
- Ferry, Luc *A nova ordem ecológica* editora ensaio 1993
- Ferry, Luc *Homo Aestheticus* Éditions Grasset & Fasquelle 1990
- Ferry, Luc *L'homme-Dieu* Éditions Grasset & Fasquelle 1996
- Gadamer, Hans-Georg *La actualidad de lo bello* Ediciones Paidós/ ICE-UAB 1996
- Gambini, Roberto *O espelho índio* Rio de Janeiro Espaço e Tempo 1988
- Gonçalves, Daniel I. *O Peabiru: uma trilha indígena cruzando São Paulo* Cadernos de pesquisa do LAP no 24 FAUUSP São Paulo 1998
- Guenón, René. *Le symbolisme de la croix* Édit. Vega, Paris 1950
- Guenón, René *Les états multiples de l'être* Guy Trédaniel Ed. Vega Paris 1984
- Guenón, René *O homem e seu devir segundo o Vedanta* cópia mimeografiada do Prof. Zibel Costa, tradução sob sua orientação
- Guerra, Antônio Teixeira *Dicionário Geológico-Geomorfológico* Rio de Janeiro 1975
- Guerra, Antônio Teixeira e Cunha, Sandra Batista *Geomorfologia, uma atualização de bases e conceitos* Bertrand Brasil Rio de Janeiro 1994
- Ghirardo, Diane *Architecture after modernism* Thames and Hudson New York 1996
- Hani, Jean *O simbolismo do templo cristão* edições 70 Lisboa s/d
- Haubert, Maxime *Índios e jesuítas no tempo das missões* Companhia das letras São Paulo 1990
- Hasui, Yociteru e Carneiro, Celso Dal Ré *Origem e evolução da Bacia sedimentar de São Paulo - mesa redonda Aspectos Geológicos e Geotécnicos da Bacia sedimentar de São Paulo* 1980
- Hegel, G.W.F. *O Belo na Arte* Martins Fontes São Paulo 1996
- Holanda, Sérgio Buarque de *Raízes do Brasil* Livraria José Olympio Editora Rio de Janeiro
- Instituto Cultural Itaú - Banco de Dados Informatizado *Cadernos Cidade de São Paulo - Pátio do Colégio* São Paulo 1993
- Jacobs, Jane *Morte e vida de grandes cidades* Martins Fontes São Paulo 2000
- Jencks, Charles *Modern Movements in Architecture* Penguin Books London 1987
- Jung, Carl G. *O Homem e seus símbolos* Editora Nova Fronteira Rio de Janeiro
- Jung, Carl G. *Memórias, sonhos e reflexões* Ed. Nova Fronteira Rio de Janeiro
- Jung, Carl G *Tipos Psicológicos* Ed. Guanabara Rio de Janeiro 1987
- Koch, Ebba *Mughal Architecture* Prestel Munich 1991
- Lago, Pedro Corrêa do *Iconografia Paulistana do século XIX* Metalivros São Paulo 1998
- Langenbuch, Juergen Richard *A estruturação da cidade de São Paulo* Biblioteca Geográfica Brasileira 1971
- Lefebvre, Henri *A revolução urbana* Ed. UFMG Belo Horizonte 1999
- Leite, Serafim (S.J.) *História da Companhia de Jesus no Brasil* Lisboa 1938 (volume referente à Capitania de São Vicente)
- Leite, Serafim (S.J.) *Os jesuítas na vila de São Paulo* Revista do Arquivo Municipal vol XXI março 1936 São Paulo
- Lemos, Carlos A C *Casa Paulista: história das moradias anteriores ao ecletismo trazido pelo café* EDUSP São Paulo 1999
- Lemos, Carlos A C *Notas sobre a arquitetura tradicional de São Paulo* publicação da FAUUSP São Paulo 1992
- Lemos, Carlos A C *Ramos de Azevedo e seu escritório* Pini São Paulo 1993
- Lery, Jean de *Viagem à terra do Brasil* Editora Itatiaia 1980
- Maricato, Ermínia T. M. *Projeto Sé-Arouche* Prefeitura Municipal São Paulo 1992
- Metraux, Alfred *A religião dos Tupinambás* Brasileira volume 267 Companhia Editorial Nacional 1979 São Paulo

- Miranda, Luiz Bueno *Melhoramentos no Centro da Cidade* S.C.P. São Paulo 1945
- Monteiro, John Manuel *Negros da Terra* Companhia das Letras 1994
- Norberg-Schulz, Christian *Arquitectura Occidental* Gustavo Gilli Barcelona 1999
- Nietzsche, F. *Ecce homo* Alianza Editorial Madrid 1985
- Nietzsche, F. *Além do Bem e do Mal* Companhia das Letras São Paulo 1992
- Nimuendaju Unkel, Curt *As lendas da criação e destruição do mundo* Ed. Hucitec 1987
- Paula Carvalho, J. C. de *Imaginário e Metodologia. Hermenêutica dos Símbolos e Estórias de Vida* Ed. UEL Londrina 1998
- Pennick, Nigel *Geometria Sagrada* ed. Pensamento São Paulo s/d
- Pereira, Batista *Piratininga no século XVI* revista do arquivo Municipal Janeiro/1938
- Pereira, Batista *A cidade de Anchieta* revista do arquivo Municipal Maio/1936
- Petrone, Pasquale *Aldeamentos Paulistas* Edusp 1995
- Piccini, Andrea *Cortiços na Cidade Conceito e Preconceito na reestruturação do Centro Urbano de São Paulo* Annablume São Paulo 1999
- Rendon, José Toledo *Memórias sobre as Aldeias de Índios da Província de São Paulo, segundo as Observações Feitas no Anno de 1798* revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro t.IV Rio de Janeiro 1842
- revista *Caramelo* FAUUSP 1999 especial sobre a torre Maharishi
- Ribeiro, Darcy *O povo brasileiro* Companhia das Letras São Paulo 1995
- Rocha Fo, Gustavo Neves da *São Paulo redirecionando sua História* tese Livre Docência FAUUSP São Paulo 1992
- Rodrigues, José Wash *Documentário arquitetônico* Ed. Tatiana Belo Horizonte EDUSP São Paulo 1979
- Rossi, Aldo *A arquitetura da cidade* Martins Fontes São Paulo 1998
- Sampaio, Teodoro *O tupi na geografia nacional* Companhia Editora Nacional 1987
- Sampaio, Teodoro *A fundação da cidade de São Paulo* Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo vol X 1905 pág. 524
- Sant'ana, Nuto *São Paulo Histórico - Aspectos, Lendas e Costumes* Departamento de Cultura Prefeitura São Paulo 1937
- Schaden, Egon *Os primitivos habitantes do território paulista* revista de História 1954 v.8
- Solos da Cidade de São Paulo*, resultado de um encontro da ABMS (Associação Brasileira de Mecânica dos Solos - Núcleo Regional São Paulo) e da ABEF (Associação Brasileira de Engenharia de Fundações e Serviços Geotécnicos Especializados), editada em 1992, em especial os textos de Milton Vargas 'Evolução dos conhecimentos' e de Cláudio Riccomini e Armando Márcio Coimbra 'Geologia da Bacia Sedimentar'
- Souza, Eudoro de *Mitologia II História e Mito* Editora Universidade de Brasília 1995
- Susnik, Branislava *Dispersión tupi-guarani pre-histórica: ensayo analítico* Asuncion 1975 Museo Etnografico "Andres Barbero"
- Svensson, Frank *Visão de Mundo Arquitetura* Edições ALVA Brasília 2001
- Toledo, Benedito Lima de *São Paulo, três cidades em um século* Duas Cidades ed. São Paulo 1983
- Toledo, Benedito Lima de *Prestes Maia e as origens do Urbanismo Moderno em São Paulo* Empresa das Artes São Paulo 1996
- Tucci, Giuseppe *Teoria e Prática da mandala* Ed. Pensamento s/d
- vários *História da vida privada no Brasil* vol 1-4 Companhia das Letras
- vários *A forma e a Imagem - arte e arquitetura jesuítica no Rio de Janeiro Colonial* PUC Rio de Janeiro s/d
- Venturi, Robert *Complexidade e Contradição em Arquitetura* Martins Fontes São Paulo 1995
- Viveiros de Castro, Eduardo *Araweté, os deuses canibais* Jorge Zahar Editor ANPOCS 1986 Rio de Janeiro
- Zibel Costa, C.R. *O construtor de catedrais* in Nova Stella no 3 março 1985 São Paulo CEFISMA USP
- Zibel Costa, C.R. *Habitação Guarani, tradição construtiva e mitologia* tese de doutoramento FAUUSP 1989

Fonte das ilustrações

As imagens nas páginas 13, 16, 47, 51, 70, 71, 98, 105, 110, 113, 117 (imagens à direita), 121 (foto de Militão) e 123 foram reproduzidas a partir do livro *Iconografia Paulistana do século XIX*, de Pedro Corrêa do Lago, Metalivros São Paulo 1998

As imagens nas páginas 15, 42 e 44 foram reproduzidas a partir do livro *Solos da Cidade de São Paulo*, resultado de um encontro da ABMS (Associação Brasileira de Mecânica dos Solos - Núcleo Regional São Paulo) e da ABEF (Associação Brasileira de Engenharia de Fundações e Serviços Geotécnicos Especializados), editada em 1992, em especial dos textos de Milton Vargas 'Evolução dos conhecimentos' e de Cláudio Riccomini e Armando Márcio Coimbra 'Geologia da Bacia Sedimentar'

As imagens nas páginas 19, 54, 55 e 56 foram reproduzidas a partir do livro *História dos Índios no Brasil* organizado por Manuela Carneiro da Cunha Companhia das Letras São Paulo 1992

As imagens na página 28 foram reproduzidas a partir do livro *Principes et Méthodes de l'art sacré* de Titus Burckhardt, Dervy Paris 1976 - proporções de igrejas medievais apud Moesel, Ernst *Die Proportion in Antike und Mittelalten* C.H. Beck'sche Verlagsbuchhandlung Munchen 1926

As imagens nas páginas 43 e 49 foram reproduzidas a partir do livro Ab'Saber, Aziz *Geomorfologia do sítio urbano de São Paulo* boletim 219 Geografia 12 FFCL/USP São Paulo 1957

As imagens das páginas 48, 79, 83, 86, 87, 112, 117 (imagem

à esquerda), 121 (exceto a foto de Militão) foram reproduzidas a partir do livro *Prestes Maia e as origens do urbanismo moderno em São Paulo* de Benedito Lima de Toledo, Empresa das Artes São Paulo 1996

A imagem na página 59 foi reproduzida a partir do livro *Aldeamentos Paulistas* de Pasquale Petrone Edusp São Paulo 1995

As imagens das páginas 78, 81, 100 e 122 (desenho do Largo do Palácio sem a igreja dos jesuítas) foram reproduzidas a partir do livro *História e Tradições da Cidade de São Paulo* de Ernani da Silva Bruno, Livraria José Olympio Editora Rio de Janeiro 1954

As imagens na página 85 foram reproduzidas a partir do livro *Ramos de Azevedo e seu escritório* de Carlos A. C. Lemos Pini São Paulo 1993

As imagens na página 91 foram reproduzidas a partir do livro *Vilanova Artigas - arquitetos brasileiros* Instituto Lina Bo e P. M. Bardi e Fundação Vilanova Artigas São Paulo 1997

As imagens na página 92 (abaixo) foram reproduzidas a partir do livro *Bardi, Lina Bo* org. Marcelo Carvalho Ferraz Empresa das Artes São Paulo 1993

As imagens nas páginas 119, 120 e 122 (foto da demolição do Palácio) foram reproduzidas a partir da revista do CONDEPHAAT *O sítio urbano original de São Paulo - o Pátio do Colégio* Publicação no 1 São Paulo 1977